

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E
CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

SIDNEY ROBERTO CABRAL

**CARREIRA EMPREENDEDORA NA ECONOMIA CRIATIVA: OS
HONORÁVEIS MESTRES DE ARTES MARCIAIS ORIENTAIS**

**Fortaleza
2015**

SIDNEY ROBERTO CABRAL

**CARREIRA EMPREENDEDORA NA ECONOMIA CRIATIVA: OS
HONORÁVEIS MESTRES DE ARTES MARCIAIS ORIENTAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração e Controladoria.

Área de Concentração: Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas.

Orientador: Prof. Dr. Serafim Firmo de Souza Ferraz.

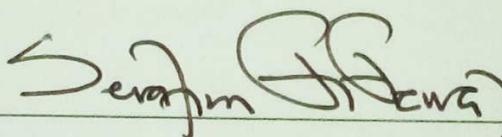
Fortaleza
2015

**CARREIRA EMPREENDEDORA NA ECONOMIA CRIATIVA: OS
HONORÁVEIS MESTRES DE ARTES MARCIAIS ORIENTAIS NO CEARÁ**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Administração e Controladoria (Ênfase em Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas), e aprovada, em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.

Fortaleza, 10 de Setembro de 2015

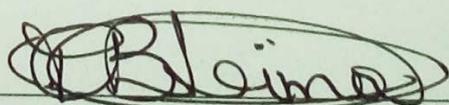
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Serafim Firmo de Souza Ferraz

Universidade Federal do Ceará

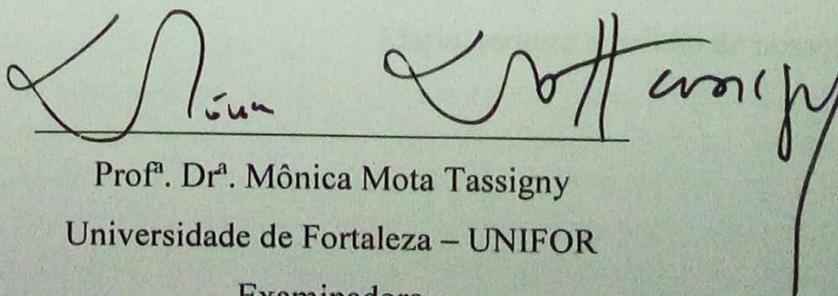
Prof. Orientador



Profª. Drª. Tereza Cristina Batista de Lima

Universidade Federal do Ceará - UFC

Examinadora



Profª. Drª. Mônica Mota Tassigny

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Examinadora

“À minha esposa Andréa, que é o ouro em meu brasão, e aos meus filhos Arthur e Maria, ternura e paixão de nossos dias.”

AGRADECIMENTOS

A Deus, sustento de todas as coisas, capaz de transfigurar nossos sonhos e levá-los à existência. Bendito o que vem em nome do Senhor.

Ao meu pai, José Cabral, porto seguro, homem firme, de caminho reto, companheiro, calado e austero, porque urdiu nosso caráter e nos mostrou o valor da família.

À Vera Cabral, minha mãe, *in memoriam*, rio tranquilo que desaguou na eternidade, por tudo, porque sabia que, no entardecer da vida, a valia seria o amor, este amor que nos ensinou a pôr no dia a dia, na vida, no trabalho, nas pessoas.

A Carlos Cristiano Cabral, irmão íntegro e impetuoso, um exemplo, porque acredita no bem e na família; e a Marcelo Sergio Cabral, irmão mais novo, sábio e sereno, um guerreiro, porque ergueu-se, e com ele tenho aprendido. Com as palavras fraternas, pela ofensiva, iniciei a batalha e a concluirei sob o estandarte de Deus, pátria e família.

À Andrea Kelly Lemos Cabral, minha metade mais bela, mulher e arte, água pura na qual se banha minha família, que dilui o estresse da jornada e revigora minha vida. Como agradecer? Por isso minha gratidão é apenas a primeira parcela de uma dívida amorosa que, pagando, mais recebo e assim quero dever e no amor da bela viver.

Ao Arthur Lemos Cabral, de coração nobre e silencioso, e à Maria Vitória Lemos Cabral, intensa e carinhosa, que, mesmo crianças, ajudaram, de bom grado abandonaram tarefas, pararam de brincar, saíram de casa ou quietos silenciaram para que o pai pudesse produzir ciência.

Aos amigos de inestimável companhia, porque o caminho se faz ao longo da jornada.

Ao Adriano Rinaldi Macedo, tricampeão de clã guerreiro, que abriu as portas das artes marciais. Ao Agildenor Dantas Leite, amigo fiel. À Patricia Groke e Karen Emod, amazonas, raça de guerreiras. Ao Antônio Carlos e à Dayanni, amigos de coração.

Aos amigos que fiz no mestrado e que levo para a batalha da vida, em especial: Álvaro Caldas, Ana Maria Andrezza, Yanna Manso, Jarina Maia, Karina Cavaleiro, Leonardo Brandão, Ligia Carla Souza, Lucia Helena, Priscila Lima de Castro e Urquiagga Lima.

Aos professores, meu agradecimento, com a certeza de que jamais conseguirei retribuir o conhecimento ofertado em cada aula ou conversa. Em especial ao Professor Doutor Augusto César de Aquino Cabral e às Professoras Doutoras Alessandra Carvalho de Vasconcelos e Doutora Tereza Cristina Batista de Lima, porque são exemplos de excelência, e à Professora Doutora Mônica Mota Tassigny, por ter aceitado participar da banca examinadora desta dissertação, contribuindo para o aprimoramento do trabalho.

Ao Professor Doutor Serafim Ferraz, por ter feito a diferença, transformando conhecimento em sabedoria, pelos salgados e cafezinhos que levava a cada aula e nos ensinava e nos alimentava, corpo e espírito. Demonstrou com seu zelo e cuidado o que é instruir. Ainda, gostaria de agradecer por ter aceitado ser meu orientador, sereno e firme, exigente com a busca da verdade científica, disposto a corrigir, mas sempre disponível, um guerreiro pacífico, de extrema seriedade, sempre objetivando extrair o melhor do aprendiz pesquisador. Assim, foi farol neste caminho da ciência.

Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se não o fizerem ali?

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o desenvolvimento da carreira dos honoráveis mestres das artes marciais orientais do Estado do Ceará na concepção empreendedora. Esta análise se justifica, pois visa revelar como ocorreram as jornadas empreendedoras de renomados artistas marciais, tem aspecto diagnóstico e pode elucidar como se deu a carreira de indivíduos que são referência na cadeia dessa área de serviços. Esse fenômeno demonstra relevância à medida que compreende em si aspectos de uma carreira artística, criativa, simbólica cultural, em coexistência com características administrativas e processuais necessárias ao empreendimento. A pesquisa é de natureza qualitativa e analítica quanto aos objetivos. Quanto aos meios, trata-se de uma pesquisa de campo associada ao estudo de múltiplos casos. Os sujeitos foram escolhidos através do cruzamento de diversas fontes e são seis honoráveis mestres das sete artes marciais orientais mais praticadas no Ceará, título sugerido aos artistas por consagração entre os praticantes, entre os demais honoráveis mestres e em meio à sociedade cearense. Os dados foram coletados utilizando-se da técnica de entrevistas semiestruturadas, *in loco*, e os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. O resultado foi a coexistência nos sujeitos dos aspectos relativos à carreira empreendedora e dos aspectos relativos aos mestres das artes marciais em mútuo benefício, impulsionando o indivíduo e o empreendimento. Essa dualidade se reflete em um modelo de carreiras simultâneas, multicíclicas e multicanais, que permanecem em crescimento, sem estagnação, declínio ou saída. Constatou-se que elementos basilares do empreendedorismo, como a inovação e a aceitação do risco, também o são para as artes marciais, como o desbravo e a superação das adversidades.

Palavras-chaves: Desenvolvimento de Carreira. Carreira Empreendedora. Ciclos e Estágios de Carreira. Economia Criativa. Artes Marciais.

ABSTRACT

This study aims to analyze the career development of honorable oriental martial arts masters of the state of Ceará in the entrepreneurial meaning. This analysis justifies itself, since it seeks to reveal how happened the entrepreneurial journeys of the renowned martial artists, having diagnostic aspect and can elucidate how was the career of individuals that are reference in his service area chain. This phenomenon demonstrates relevance while having itself aspects of an artistic career, creative, cultural symbolic, in coexistence with administrative and processual characteristics necessary to the enterprise. The research has the qualitative and analytical nature concerning the objectives. About the means, it is a field research associated to multiple cases studies. The subjects were chosen by the cross-references techniques and are six honorable masters from the seven oriental martial arts most practiced in Ceará, title suggested to the artists consecration among practitioners, among the other honorable masters and in the midst of Ceará society. Data were collected using the semi-structured interview technique, on-site, and was analyzed using content analysis. As the result there was found the coexistence in the subject aspects related to the entrepreneurial career and in the aspects related to the martial arts masters mutual benefits, boosting the individual and the enterprise. This duality reflects in a career model that, while martial master, keeps growing, without stagnation, decline or exit, and while entrepreneur begin new virtuous cycles in new ventures. It was still noticed that basilar entrepreneurship elements, as innovation and risk acceptance, do so in the martial arts as to probe and to overcome adversities.

Keywords: Career Development. Entrepreneur Career. Career Cycles and Stages. Creative Economy. Martial Arts

LISTA DE ILUSTRAÇÕES**(Figuras, Quadros e Tabelas)**

Figura 1 – Bens e serviços na economia criativa brasileira.....	26
Figura 2 –Sistemas de classificação para as indústrias culturais e criativas.....	29
Figura 3 –Modelo dos círculos concêntricos, de David Throsby.....	30
Figura 4 – A economia criativa brasileira e seus princípios norteadores.....	31
Figura 5 – Modelo de Gestão de Carreira.....	50
Figura 6 – Modelo integrado de vida e estágios de carreira de Hall.....	56
Figura 7 – Modelo de carreira baseada em ciclos de aprendizagem.....	57
Quadro 1 – Arte, origem, fundador e princípios essenciais das artes marciais.....	44
Quadro 2 – Estágios de desenvolvimento de carreira.....	54
Quadro 3 – Categorias de análise, unidades de contexto e autores.....	78
Quadro 4 – Caracterização como empreendedor.....	135
Quadro 5 –Fase de exploração das carreiras dos honoráveis mestres.....	138
Quadro 6 –Fase de crescimento das carreiras dos honoráveis mestres.....	140
Quadro 7 –Fase de estabilização das carreiras dos honoráveis mestres.....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABRIESP – Associação Brasileira de Indústria do Esporte
- ANPAD – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração
- C&S – Comércio e Serviços
- DCMS –Department for Culture, Media and Sport
- GEM – Global Entrepreneurship Monitor
- IBGE –Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- FECJU – Federação Cearense de Judô
- MINC – Ministério da Cultura
- MPAC – Mestrado Profissional em Administração e Controladoria
- PIB – Produto Interno Bruto
- PPAC – Programa de Pós-graduação em Administração e Contabilidade
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- UFBA – Universidade Federal da Bahia
- UFC – Universidade Federal do Ceará
- UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
- USP – Universidade de São Paulo
- UK – United Kingdom
- UNCTAD – United Nation Conference on Trade and Development
- UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
- WIPO – World Intellectual Property Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Questão de pesquisa e justificativa.....	15
1.2	Objetivos e pressupostos.....	17
1.3	Metodologia.....	18
1.4	Estrutura da dissertação.....	19
2	ECONOMIA CRIATIVA E AS ARTES MARCIAIS.....	20
2.1	Evolução conceitual da economia criativa.....	20
2.2	Caracterização do campo da economia criativa.....	22
2.2.1	A criatividade como essência da economia criativa	25
2.2.2	Bens e serviços culturais e criativos.....	26
2.2.3	Inovação e propriedade intelectual	27
2.2.4	Atividades e setores componentes da economia criativa.....	28
2.2.5	Economia criativa e estratégia de desenvolvimento.....	33
2.3	As artes marciais na economia criativa.....	34
2.3.1	Importância da arte marcial.....	35
2.3.2	Honoráveis mestres de artes marciais.....	37
2.3.3	Tipologias e estilos de artes marciais.....	38
2.4	Fechamento do capítulo.....	44
3	CARREIRA EMPREENDEDORA.....	45
3.1	A concepção moderna de carreira.....	45
3.2	Processo de desenvolvimento de carreira.....	48
3.2.1	Gerenciamento de carreira.....	49
3.2.2	Inclinações profissionais.....	51
3.2.3	Estágios e ciclos de uma carreira.....	53
3.3	Empreendedorismo.....	58
3.4	Conceito de empreendedor.....	59
3.5	Empreender como carreira.....	60
3.6	O conflito do empreendedor.....	62
3.7	Fases da carreira empreendedora	63
3.7.1	Fase da Exploração.....	64
3.7.2	Fase de Crescimento.....	66

3.7.3	Fase de Estabilização.....	68
3.7	Fechamento do Capítulo	70
4	METODOLOGIA.....	71
4.1	Classificação da pesquisa.....	71
4.2	Seleção dos sujeitos.....	72
4.3	Critério de seleção.....	73
4.4	Estratégia de coleta de dados.....	75
4.5	Estratégia de análise dos dados.....	76
4.6	Limitações.....	79
5	CARREIRA DOS HONORÁVEIS MESTRES DE ARTES MARCIAIS NA ECONOMIA CRIATIVA DO CEARÁ.....	81
5.1	Honoráveis Mestres de Artes Marciais no Ceará	81
5.2	Mestre do Judô.....	82
5.3	Mestre do Jiu-jítsu.....	90
5.4	Mestre do Caratê	99
5.5	Mestre do Muay Thai	111
5.6	Mestre do Kung Fu Wushu.....	120
5.7	Mestre do Aikido.....	129
5.8	Análise geral dos casos.....	135
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
6.1	Quanto aos objetivos e suposições propostos.....	146
6.2	Quanto à questão orientadora.....	150
6.3	Quanto ao prosseguimento da pesquisa.....	152
7	REFERÊNCIAS.....	154
	GLOSSÁRIO.....	166
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	170
	APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	174
	APÊNDICE C – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO.....	175

5 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento social e econômico traz consigo o conceito relativamente recente de economia criativa, amparado na inovação, na comunicação e na criatividade (FLORIDA, 2012). De acordo com a UNESCO (2013), o termo "economia criativa" foi popularizado em 2001, quando o britânico John Howkins aplicou a quinze indústrias o conceito cujo escopo se estende das artes até a ciência e a tecnologia. A entidade, apesar de reconhecer as atividades e os processos culturais como o núcleo dessa economia, também insere manifestações de criatividade em domínios que não seriam entendidas simplesmente como "culturais" (UNESCO, 2013).

No Brasil a economia criativa é a economia do intangível, do simbólico que se alimenta dos talentos criativos para a produção de bens e serviços amparados na criatividade (MINC, 2012). No âmbito do estado do Ceará e da cidade de Fortaleza, a economia criativa segue o mesmo contexto do que está posto pelo Ministério da Cultura brasileiro, ou seja, absorve e foca na carga cultural regional, como no caso dos mestres de cultura do artesanato (DUARTE; FERRAZ; MASCENA, 2010) e mesmo dos humoristas (LIMA *ET. AL.*, 2012).

Para Florida (2012), a transformação da vida cotidiana trouxe às cidades tecnologia e velocidade; entretanto, sobreveio o paradoxo da busca de valores em meio à nova ordenação. O valor primordial na sociedade moderna não seria o conhecimento, ou a tecnologia, mas a criatividade humana. Florida afirma o soerguimento da “classe criativa” como propulsora do desenvolvimento das cidades e dos grupos de pessoas, sendo esse desenvolvimento ambivalente, porque tem viés econômico e viés social. A classe criativa, o artista, além de dar vazão à sua arte, há que pensar em como estabilizar suas finanças ou acumular riqueza.

A economia criativa procura desenvolver os grupos, classes e indivíduos nos aspectos econômico, criativo e humano, nos quais procuram sobreviver, mas também obter bem-estar e vida saudável. Esse contexto econômico-criativo tem um dos eixos principais nas atividades ligadas às artes e aos fenômenos culturais (UNCTAD, 2010).

Entre os fenômenos artísticos culturais, destacam-se as artes marciais que, como arte, compõe o núcleo da economia criativa (UNESCO, 2013). A expressão artística marcial, presente de forma ampla e atuante na sociedade, pode passar despercebida enquanto atividade social e econômica; entretanto, sua característica é mais facilmente

percebida quando honoráveis mestres, pessoas legitimadas como os mais expoentes mestres pelos praticantes dessas artes, emergem e reúnem aspectos que são comuns à economia criativa e à cultura inerente ao fenômeno (PATER, 1988; HYAMS, 1992). Para Marta (2009), as artes marciais orientais, com seus elementos culturais bastante diferentes dos elementos culturais ocidentais, estabeleceram-se rapidamente na cultura brasileira, baseadas principalmente nas características únicas de seus mestres e em suas atuações desbravadoras.

Um dos aspectos elementares da indústria criativa que se destaca nas escolas de artes marciais é a relação a um só tempo necessária e ambígua, entre o desenvolvimento econômico e o pessoal do indivíduo (HYAMS, 1992). Para Florida (2012), a indústria criativa gira em torno de um centro, que é o sujeito criativo e inovador. Essa pessoa é referência entre seus pares e impulsiona a cadeia criativa e produtiva. Florida (2012) expõe que o papel do mestre artista é abordado como referência na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano dos indivíduos dos quais ele é ícone.

A preocupação com as relações entre os indivíduos, suas carreiras e as instituições já coexistem há bastante tempo e remontam ao século XIX (CHANLAT, 1995). As transformações nas relações entre empresas e pessoas, na gestão das empresas e na vida cotidiana elevaram a importância do debate e do estudo sobre a carreira desde o final do segundo milênio, até que se chegou ao pensamento atual sobre o fenômeno.

Na concepção contemporânea, as carreiras estão associadas à trajetória profissional de cada indivíduo, independentemente da área de formação ou da organização onde essa trajetória se desenvolva a cada momento (BALASSIANO; COSTA, 2006). Nesse contexto, Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000) propõem uma carreira bem mais ampla que na abordagem tradicional, entendendo-a inserida na sociedade e no tempo em que o indivíduo a desenvolve. Esses autores a entendem como o conjunto de experiências relacionadas ao trabalho, durante o curso de vida de uma pessoa. A nova carreira está relacionada às escolhas do indivíduo que definirão a trajetória profissional ao longo da sua vida (HALL, 2002).

Um dos tipos de carreira passíveis de escolha seria a carreira empreendedora, que incorpora a capacidade de criação e de inovação, de originar novos valores e serviços, mas se limita às capacidades do indivíduo e às contingências do ambiente (CHANLAT, 1995).

O estudo de Oliveira (2011) ressalta a importância de novas modalidades de carreira no contexto criativo e inovador, as quais ela chama de exóticas. A autora inclui

o professor de artes marciais na categoria que denomina de prestadores de serviços pessoais ou profissionais; entretanto, respeitando a classificação, os honoráveis mestres de artes marciais poderiam ainda ser categorizados em mais duas categorias: a) carreira artística autônoma; b) atletas e/ou esportistas.

É provável que honoráveis mestres tenham iniciado nas artes marciais como praticantes, buscado trabalho como instrutores assalariados ou em outras ocupações e, em algum momento posterior, começaram empreendimentos enquanto se tornavam reconhecidos no meio especializado (HYAMS, 1992). Por isso, deve-se observar diferença substancial entre a carreira de um praticante, de um instrutor e de um honorável mestre de arte marcial, uma vez que a carreira evolui com o decorrer da vida do indivíduo (MARTINS, 2001). Acredita-se que nos três modos de transitar pela arte marcial há a presença da prática, que tanto o professor artista marcial quanto o “honorável mestre” se dedicam à transmissão do conhecimento prático e filosófico, mas supõe-se que o “mestre de honra” detém características que o fizeram ultrapassar a linha comum nos quesitos materiais e nos simbólicos (NUNES, 2011; FERREIRA, 2013).

O estudo da carreira para a possibilidade de uma investigação satisfatória encontra amparo em modernas teorias que propõem para fins de análise a divisão de uma carreira em estágios e ciclos. Simplificando, esses estágios normalmente apontam uma fase inicial, uma fase de crescimento e uma fase final, nos quais os eventos cotidianos se sucedem formando a carreira (GREENHAUS, CALLANAN, GODSHALK, 2000; HALL, 2002, HARRINGTON E HALL, 2007).

O honorável mestre de arte marcial antes de desenvolver os ciclos de sua carreira, necessariamente passa por um período de formação da arte, após o qual poderá optar pelo trabalho assalariado, dentro ou fora do campo das artes marciais, ou decidir-se por atuar como empreendedor em um negócio próprio.

5.1.1 1.1 Questão de pesquisa e justificativa

Na economia contemporânea, o setor de serviços representa a maior parcela do Produto Interno Bruto (PIB) de qualquer economia (VARGAS *ET AL.* 2013). No contexto da economia de serviços, há elevada importância nos estudos que visam a compreender o desenvolvimento de carreira dos indivíduos, especialmente quando líderes e formadores de opinião (MALVEZZI, 1999; SILVA, QUINTAIROS E ARAÚJO, 2014).

Conforme Schumpeter (1985), uma atividade tem sua importância potencializada à medida que, além do cunho monetário, efetiva-se o cunho social. Artes marciais são atividades de conotação social, cultural, filosófica e espiritual, imbuídas de valores e de modelos de vidas a serem estudados (SEVERINO, 1988; HYAMS, 1992). Porque a arte marcial está impregnada de conceitos econômicos e humanos (SEVERINO, 1988; HYAMS, 1992), gera uma série de atividades de negócios, como academias de ginástica; escolas de atletas marciais e esportistas; lojas de suplementos alimentares, vestuário e moda; práticas medicinais e de saúde; produção em diversas mídias; enfim, ampla e valiosa cadeia econômico-social que requer investigação.

A carreira de um honorável mestre de artes marciais é um fenômeno rico que reflete uma interiorização na cultura e no mundo ocidental de conceitos individuais e empresariais, mas ainda é escasso o debate acadêmico envolvendo esse campo, principalmente quando se trata de conteúdos que ultrapassam o limite da simples prática marcial.

Uma importância do estudo decorre da raridade de pesquisas que relacionam a carreira dos honoráveis mestres e os negócios que viabilizam o sustento material dessas carreiras. Ainda mais, quando se propõe analisar os ciclos nos quais essas carreiras são construídas e se há crescimento paralelo entre a atividade de mestre e os diversos empreendimentos explorados.

Uma questão relevante a ser tratada sobre a carreira na economia criativa diz respeito à dicotomia frequente entre as atividades relativas ao negócio e as relacionadas aos valores pessoais e atividade de gosto. O artista criativo encontra dificuldades em conduzir esses dois campos em concomitância (YÚDICE, 2004, DOLABELA, 2008, LIMEIRA, 2008). Essa análise faz parte do escopo da pesquisa elevando a sua importância.

Os honoráveis mestres têm várias possibilidades de carreira em negócios próprios ou em organizações de terceiros, apesar disso é necessário investigar, ao lado das concepções subjetivas das atividades de artes marciais orientais, o paralelo das questões substantivas no desenvolvimento dos negócios a elas concernentes. Isso é associado ao desenvolvimento da carreira empreendedora, portanto é preciso compreender a dinâmica das carreiras e empreendimentos dos honoráveis mestres das artes marciais orientais.

O estudo se justifica porque a carreira empreendedora dos honoráveis mestres na economia criativa evidencia elementos valorizados para a aplicação na vida prática.

Princípios relacionados à dissociação pautada entre as práticas e a espiritualidade dessas artes e o empreendedorismo e a visão negocial, entre outros. Mas também soluções advindas de uma visão transcultural que mescla elementos do Oriente e do Ocidente. As relações elementares entre a carreira empreendedora, a maestria em artes marciais e os negócios precisam ser conhecidas, pois podem trazer respostas a problemas enfrentados nas empresas. As carreiras desses honoráveis mestres possuem elementos que se suspeita atenuados e por isso podem contribuir com as organizações e seus problemas de rotatividade, de falta de permanência, de baixo compromisso dos funcionários, de necessidade de paixão e sentido pelo trabalho.

Então, os honoráveis mestres de artes marciais, por serem empreendedores relevantes no campo da economia criativa, enquanto tomam suas carreiras em consonância com empreendimentos e vida, são relevantes para a pesquisa da ciência. Por isso importam neste estudo os ciclos e as fases da carreira de honoráveis mestres em suas vidas e empreendimentos.

Dessa forma, este estudo investiga: como se desenvolve a carreira dos honoráveis mestres das artes marciais orientais no Estado do Ceará?

5.1.2

5.1.3 1.2 Objetivos e pressupostos

Este estudo tem como objetivo geral analisar o desenvolvimento da carreira dos honoráveis mestres das artes marciais orientais no Estado do Ceará.

O pressuposto geral deste estudo é que o desenvolvimento profissional desses honoráveis mestres se realiza em uma concepção empreendedora, no campo da economia criativa.

Para a consecução do objetivo geral estabelecido, propõem-se quatro objetivos específicos, relacionados com a condição de honoráveis mestres de artes marciais que optaram por uma ou diversas vias de desenvolvimento profissional.

O primeiro objetivo específico é caracterizar os sujeitos na condição de honorável mestre de artes marciais e na condição profissional atual. Esse objetivo parte do pressuposto de que os sujeitos optaram pela via empreendedora desde o início nas artes marciais sem outras mediações profissionais.

O segundo objetivo específico é analisar os fatores pertinentes à fase de exploração na carreira dos sujeitos da pesquisa. Esse objetivo pressupõe que ocorrem sentimentos de independência, de enfrentamento de riscos e certo orgulho de realização

nos honoráveis mestres, reforçando a escolha de criar negócio próprio e não se subordinar a outros indivíduos menos qualificados nas artes que professam.

O terceiro objetivo específico é analisar a fase de crescimento das carreiras dos sujeitos da pesquisa. Esse objetivo parte do pressuposto de que nessa fase se agregam valores econômicos e simbólicos favorecidos por cessar o conflito e iniciar o acordo entre atividade de gosto e atividades relacionadas ao empreendimento.

O quarto objetivo específico é analisar a fase de estabilização das carreiras dos sujeitos da pesquisa. Esse objetivo pressupõe que o honorável mestre e empreendedor não sai nem se aposenta da carreira, mas usa dessa fase como estabilização para ciclos em novos empreendimentos.

5.1.4 1.3 Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo em virtude do fenômeno estudado e dos objetivos perseguidos, pois se propõe analisar o desenvolvimento da carreira dos sujeitos amparados nas conexões e características das perspectivas artística e empreendedora, em diversos ciclos das trajetórias profissionais e individuais.

Tem caráter analítico quanto aos fins e objetivos, pois se propõe a ir além da descrição de aspectos e muito adiante do recolhimento de informações para dar sentido e inteligibilidade, busca a compreensão do fenômeno, investigando relações entre as diversas perspectivas envolvidas (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Quanto aos meios, é pesquisa de campo associada à técnica do estudo de caso múltiplo, uma vez que busca as evidências do fenômeno onde ele acontece, possibilitando coletar elementos que estão dispostos e conservados no ambiente (YIN, 2001; GIL, 2002; VERGARA, 2007).

Os casos e sujeitos foram escolhidos levando em conta a representatividade que detêm no meio. Procurou-se uma amostra que considerasse amplitude e diferenciação e que ao mesmo tempo tivesse força para representar o universo.

Para a seleção dos sujeitos foi importante centrar foco nos indivíduos essenciais à pesquisa, com capacidade de esclarecimento do fenômeno estudado, que foram apontados pelo uso da técnica das referências cruzadas. Essas referências foram solicitadas ao meio especializado, aos praticantes, às federações e aos outros mestres, e normalmente apontam um único indivíduo por categoria de arte marcial investigada. Encontraram-se 11 artes marciais de maior relevância no Ceará. Entre essas 11, foram

excluídas Capoeira, Boxe e *Kickboxing* por não terem origem oriental e guardarem substanciais diferenças culturais. Excluiu-se também o *Krav maga*, arte israelita do Oriente Médio, pelas mesmas razões. O honorável mestre do *Tae kwon do* se encontrava fora do Brasil durante o período da pesquisa, não podendo participar. Restaram 6 (seis) das 7 (sete) artes marciais orientais de maior relevo no Ceará: Judô, Jiu-jítsu, Caratê, *Muay thai*, *Kung Fu* e *Aikido*. Assim, o estudo cobre 6 (seis) dos 7 (sete) sujeitos apontados como os honoráveis mestres de artes marciais no Ceará pela sociedade cearense.

A coleta de dados ocorreu mediante entrevistas semiestruturadas elaboradas com amparo no conteúdo que construiu o referencial teórico, realizadas pelo próprio pesquisador, nas dependências de trabalho dos sujeitos, como recomendam Trivinos (2007) e Creswell (2010). Após transcrição das entrevistas, utilizou-se para análise dos dados a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1995) por se mostrar apropriada à pesquisa proposta. A análise foi feita inicialmente caso a caso, em consonância com os objetivos, e seguida por uma análise geral dos casos e das relações entre eles.

5.1.5 1.4 Estrutura da dissertação

Além desta introdução, esta dissertação está dividida em mais cinco seções, conforme detalhado a seguir.

A seção 2 discorre acerca do campo da economia criativa e das artes marciais, apresentando a evolução conceitual acerca do tema, suas principais abordagens, características e composição do setor. Nesta seção, também se demonstra a arte marcial como atividade interior à economia criativa, apontando o seu relevo e as categorias de artes estudadas.

A seção 3 aborda a carreira empreendedora, por meio da apresentação de temas relacionados à noção contemporânea de carreira e sua concepção processual e os elementos caracterizadores do empreendedorismo e da carreira empreendedora. Ainda nesta seção, abordam-se as fases da carreira empreendedora e as diversas concepções dessa dinâmica.

Na seção 4, está apresentada a metodologia utilizada quanto à natureza e classificação da pesquisa, coleta, tratamento e análise de dados, além de limitações do método.

Na seção 5, são apresentadas e analisadas as informações coletadas em campo, com o objetivo de caracterizar o desenvolvimento de carreira dos honoráveis mestres de artes marciais.

Na seção 6, encontram-se expostas as considerações finais acerca da pesquisa. Nela se procura apresentar a forma como os objetivos da pesquisa foram atendidos. Ainda, são sugeridos diversos caminhos para a continuidade da pesquisa.

Por último, encontram-se as referências e outras informações contidas em apêndices e anexos, como o roteiro de entrevista.

6 2 ECONOMIA CRIATIVA E AS ARTES MARCIAIS

Este capítulo discorre sobre a economia criativa, campo em que estão insertos os Honoráveis Mestres de Artes Marciais, que são sujeitos deste estudo. Para tanto, definem-se, caracterizam-se e delimitam-se o campo e as atividades que o compõem; procura-se perscrutar o núcleo da nova economia e encontrar sua relação com a cultura e com as artes marciais. Depois, manifesta-se o conceito das artes marciais, apresenta-se a relevância dessa atividade e de seu conteúdo simbólico; procura-se trazer os tipos e os pormenores das artes componentes deste estudo.

6.1.1 2.1 Evolução conceitual da Economia Criativa

O novo milênio trouxe consigo o discurso de que a criatividade tornar-se-ia a chave para um novo arquétipo de desenvolvimento econômico, cultural e social (UNESCO, 2013). Raros conceitos sobrevieram à construção econômica de uma sociedade pós-industrial, no entanto, emergiram as concepções de economia criativa, economia cultural e indústria criativa, amparadas em uma classe também emergente, denominada de classe criativa (CAVES, 2000; FLORIDA, 2012). De acordo com Costa *et al.*, (2006), esses conceitos – que se disseminaram tanto na vida acadêmica, quanto na sociedade – ganharam vultosa influência e popularidade, sobrepondo-se aos conceitos mais tradicionais, convencionalmente legitimados, como indústrias culturais, atividades culturais, atividades artísticas ou outros.

Para que os conceitos de economia criativa, economia cultural e indústria criativa alcançassem o século XXI, foi premente a contribuição de autores como Charles Landry (2000), Richard Florida (2012) e Richard Caves (2002), bem como de agências governamentais ou estados como o Reino Unido (DCMS, 2001). Com tantas vertentes intelectuais, o campo é prolífero e muitos termos e abordagens diferentes tornaram-no terreno para animado debate dos especialistas. Recentemente, o Relatório da Economia Criativa da UNESCO (2013) incluiu as “indústrias baseadas em conteúdo ou de direitos autorais” e a “economia cultural ou cognitivo-cultural” – as quais eram consideradas de menor importância anteriormente – como núcleo no campo da economia criativa.

O debate sobre economia criativa e sobre a recente economia cultural iniciou-se em 1947, quando Theodor Adorno e Max Horkheimer, cientistas da Escola de

Frankfurt, dispuseram a obra *Dialética do Esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). Esses autores, em um cenário de pós-guerra, quando se fortaleceu o capitalismo, definiram o termo indústria cultural como referência à massificação e à comercialização da arte e da cultura; arguíram que a indústria cultural se emancipou com o domínio do efeito, do tangível e do detalhe técnico, sobre a obra que transportava a ideia, o imaterial e que foi liquidada (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). Na concepção antiga, a indústria cultural era reducionista da cultura e tinha como fim o lucro, a produção para lucro, contrapondo indústria e cultura.

Ao final dos anos 1950, Horkheimer e Adorno revisaram ideias e reverteram a tendência do pensamento de que o processo de mercantilização necessariamente conduziria à degradação da expressão cultural. Naquela época, puderam afirmar o contrário: que bens e serviços culturais industrializados também estariam carregados de qualidades positivas, como a possibilidade de distribuição e de acesso das massas populares (UNESCO, 2013). Com isso, segundo Lima (2007), no período após 1960, houve expansão da indústria cultural alicerçada no marcante desenvolvimento da comunicação, que asseverou a base de bens culturais, assim como a ampliação e a diversificação dos campos de produção, gerando uma arte que ultrapassou fronteiras. Destarte, segundo a UNESCO (2013), na década de 1980, o conceito de “indústrias culturais” desapegou-se das conotações pejorativas, começando a ser usado nos círculos acadêmicos e políticos com rótulos positivos, passando a ser compreendido como as formas de produção cultural e de consumo cujo núcleo possui um elemento simbólico ou expressivo.

Nos anos 1990, findando o segundo milênio, o conceito mais amplo de indústrias culturais começou a integrar políticas governamentais dos estados. Na Austrália, serviu de sustentáculo para a política cultural nacional, sendo depois replicado para o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido (DCMS – *Department for Culture, Media & Sports*) (DCMS, 2001).

Segundo a UNESCO (2013), de forma diversa à produção de bens e serviços, naquele horizonte da cultura que constitui o campo das indústrias culturais, a dimensão que engloba a interseção entre cultura e economia formou o conceito de “economia cultural”. Essa abordagem de grande significância abrange também as formas mais amplas de compreensão da vida cultural, manifestando como as identidades e os estilos de vida estão interligados com os bens e serviços produzidos, distribuídos e consumidos. A definição ultrapassa os limites produtivos da indústria cultural e

movimenta toda a cadeia produtiva ligada à cultura, manifestando, além de aspectos produtivos, a capacidade de multiplicação e expansão cultural, porque a cultura remete a aspectos e lugares onde nem se entende que esteja presente (UNESCO, 2013). A economia é um fenômeno interno à cultura humana, portanto, investigar a economia cultural adentra o campo da humanidade, em que todos os seres humanos detêm seus ritmos, movimentos, relações e trocas de recursos. Cada ser que vive é guiado por normas culturais e tem suas predileções. Esse tipo de investigação detém alto valor simbólico e especificidades que variam de acordo com os grupos e lugares em que são observadas (THE ECONOMIST, 2013).

Embora a economia seja um fenômeno cultural, o campo da economia criativa é mais abrangente que o da economia cultural que lhe está inserta (THROSBY; 2001, 2008). Nos anos de passagem ao terceiro milênio, o campo cultural criativo continuou a expansão, já que novos estudos foram delimitando e estabelecendo as divisas entre os conceitos (CORAZZA, 2013).

Um primeiro impulso significativo para o entendimento da economia criativa foi dado pelo britânico Charles Landry (2000), em sua obra “A Cidade Criativa” (*The creative city: a toolkit for urban innovators*). Para Landry (2000), as cidades são como o cadinho das civilizações e culturas, uma vez que são polos de criação de riqueza; entretanto, enfrentam enormes desafios em suas infraestruturas, em seus setores econômicos e sociais. Nesse contexto, mudanças dramáticas estão ocorrendo. Se os centros urbanos florescem, é necessário haver uma mudança de paradigma na forma como são geridos, a fim de se aproveitarem talentos e criatividade dos moradores, grupos, empresas e autoridades municipais (LANDRY, 2000).

Um segundo impulso fluiu na América do Norte, onde emergiu Richard Florida (2012), criador do termo “classe criativa”. Esse influente pesquisador arguia que cidades criativas precisavam atrair uma classe criativa que faria girar e crescer toda uma nova cadeia política e econômica. Esse círculo econômico da classe criativa seria o conjunto de trabalhadores criativos, de profissionais criativos, de gerenciamento criativo, de autoridades criativas, de técnicas e soluções que se utilizavam da criatividade e da inovação (LANDRY, 2000; UNESCO, 2013). De outra forma, a economia criativa se diferenciava da economia cultural por englobar não só indivíduos, grupos e organizações da cadeia econômica cultural, mas quaisquer desses que se utilizassem dos princípios criativos e inovadores (MARKUSEN *ET AL.* 2008; UNESCO, 2013).

6.1.2 2.2 Caracterização do Campo da Economia Criativa

A caracterização do campo da economia criativa é bastante difusa, pois as linhas que demarcam suas diferenças em relação aos conceitos de economia cultural, de indústria cultural e de indústria criativa são tênues e, às vezes, confundem-se (MARKUSEN *ET AL.* 2008, UNESCO 2013, CORAZZA 2013). Segundo Markusen *et al.* (2013), na definição do setor criativo, quanto ao seu núcleo cultural e suas artes, o que mais importa é que os formuladores de políticas econômicas criativas possam usar uma combinação de métodos, objetivando enriquecer a caracterização da economia cultural regional e refletir sobre a importância da política e da economia cultural, além da formação de uma região criativa.

Há um entendimento novo de que a compreensão e a emancipação de uma economia criativa estão associadas à economia cultural, cujas atividades, além de estimularem a criatividade e a inovação, são núcleos da economia criativa (UNESCO, 2013). Segundo Florida (2013), a compreensão dessa associação divide a economia criativa entre vencedores e perdedores.

Um aspecto importante a ser compreendido na economia criativa é que muitos trabalhadores das indústrias culturais não desenvolvem tarefas criativas. Outro aspecto é que muitos trabalhadores que fazem parte da cadeia produtiva criativa não estão ligados diretamente à produção cultural. Todos os indivíduos, entretanto, vivem imersos em suas culturas e por elas são influenciados, e muitos indivíduos, mesmo que não desempenhem uma tarefa criativa, estão inseridos nessa nova economia impulsionada pela criatividade (MARKUSEN *ET AL.* 2008).

Para Ross (2009), nessa nova economia, são necessários parâmetros e abordagens diferentes, díspares dos modelos industriais genéricos. Há que se compreender a especificidade de cada parte que se estuda dessa economia, ou do campo onde se quer atuar. A economia criativa é diferente de outros setores por suas formas de organização e pelo risco de mercado associado com novos produtos. Nesse tipo de economia, as microempresas, os empresários individuais e os empreendedores são mais comuns que em outros (UNESCO, 2013).

De acordo com Reis (2009), o tema da economia é bastante valioso, tanto na forma simbólica, quanto na econômica, além de ser bastante amplo e complexo. Tudo isso porque se percebe que os caminhos culturais são paisagens com tantas nuances

quanto mais ricas forem suas identidades e mais valiosa a consciência de seu arcabouço estratégico. Para essa autora, a economia criativa é um caleidoscópio com facetas culturais, econômicas e sociais, que se interseccionam, formando ainda mais imagens e símbolos do desenvolvimento.

A economia criativa é, simultaneamente, ligada ao público e aos setores informais e não objetiva unicamente o lucro, isso a torna híbrida e complexa. Além disso, muitos dos parâmetros críticos de seu sucesso estão ligados a valores intrínsecos e identidades (UNESCO, 2013). Para Procopiuck e Freder (2013), a economia criativa é o espaço aberto pela incorporação gradativa da dimensão intangível à economia. Desse espaço, emerge a criatividade cognitivo-cultural, consubstanciada no capital intelectual, que se converte em capital físico ou financeiro.

Mesmo sendo bastante abrangente, trazendo em seu escopo as concepções subjacentes de cultura e indústria (MACHADO 2009), é um conceito em formação, cuja produção bibliográfica iniciou-se na definição das indústrias criativas e cuja evolução alcança a economia criativa (REIS, 2008). Nesse contexto evolutivo, utilizando-se da análise dos padrões conceituais e de definições, delimita-se esse campo como aquele em que as atividades e setores:

1. Têm como parâmetros atributos humanos, como criatividade (DCMS, 2001; RATZENBOCK *ET AL.*, 2004; LIMA, 2005; FLORIDA 2006; BENDASSOLLI *ET AL.*, 2009), talento, habilidades (MIGUEZ 2007) e capital intelectual, sendo esses os principais recursos produtivos dessa economia (MINC, 2012; UNESCO, 2013);
2. Produzem bens e serviços criativos (MINC, 2012; UNESCO, 2013), cujo valor tem características simbólicas (THROSBY, 2001), e que lidam, direta ou indiretamente, com a arte e a cultura (LIMA, 2005; MIGUEZ, 2007; MINC, 2012);
3. Têm largas possibilidades de gerar propriedade intelectual (DCMS, 2001; GASPAR *ET AL.*, 2010), pois trazem, em seu bojo, o conceito da inovação (MIGUEZ 2007, BARRETO, 2013);
4. Mesclam diversos setores, linguagens e áreas, através de um modo criativo de interagir e comunicar (FLORIDA, 2012; SANTOS; REIS, 2014). Têm como características a transversalidade e a intersectorialidade, enfim, é uma tessitura social e cultural conjunta e multidisciplinar (MINC 2012).
5. Oferecem potencial para a geração de ocupação e renda (DCMS, 2001; REIS,

2008; UNESCO, 2013).

De acordo com Miguez (2007), a definição mais corretamente utilizada e reconhecida pelos países que adotam a economia e a indústria criativas é a formulada pelo *Task Force*, grupo originado pelo UK – DCMS (*United Kingdom- Department for Culture Media and Sports*), que é o Ministério da Cultura do Reino Unido. A tradução dessa definição, que direta ou indiretamente condensa os padrões acima descritos, é apresentada a seguir:

As indústrias criativas são as indústrias originárias na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm um potencial para geração de empregos e riquezas por meio da geração e da exploração da propriedade intelectual. Estão inclusas propaganda, arquitetura, as artes, o mercado de antiguidades, artesanatos, *design*, moda, filmes e vídeos, *softwares* de lazer interativo, músicas, artes cênicas, publicações, *softwares* e jogos de computador, televisão e rádio. (BRITISH COUNCIL, 2005, p.5, tradução nossa).

Nas subseções que se seguem, algumas dessas nuances serão esmiuçadas.

6.1.3 2.2.1 A criatividade como essência da economia criativa

Para Florida (2012), a força motriz do progresso, da mudança tecnológica tão facilmente percebida é a ascensão da criatividade humana como agente central na economia e na sociedade. A criatividade une vividamente as forças de mudança deste mundo, é a criatividade presente nas classes criativas que plasmaram a presente sociedade e que formarão a sociedade do futuro (FLORIDA, 2012).

A nova economia, a economia criativa, tem como núcleo a criatividade (HOWKINS, 2001; DCMS, 2001; MIGUEZ, 2007). Para Reis (2008), o modelo global de criatividade é a mais poderosa força motriz econômica do futuro. De acordo com Bendassolli *et al.* (2009), a criatividade é o elemento central das indústrias criativas, sendo percebida como indispensável para gerar propriedade industrial. Esses autores enfatizam que a criatividade – mais que um elemento abstrato – tornou-se uma *commodity*, um produto altamente precificado e valioso, na medida em que se enfatiza seu potencial de comercialização.

Os produtos comercializados são produzidos nas indústrias através da transformação de insumos. Nas instituições que compõem a indústria criativa, a criatividade é um insumo que acarretará um produto final (DCMS, 2001; HOWKINS, 2001; PETERS; ARAYA 2010). As indústrias criativas valorizam outras características humanas atreladas à criatividade, que compõem os verdadeiros insumos dessas

indústrias, como é o caso do talento e das habilidades individuais (DCMS, 2001; MIGUEZ, 2007) e do capital intelectual (DALLA COSTA; SOUZA SANTOS, 2011; UNESCO, 2013).

De acordo com o Ministério da Cultura Brasileiro (2013), a criatividade, para o setor criativo, tem como principal função ser geradora de um bem ou serviço cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social. Dessa forma, o ato criativo é o ponto essencial e motor da economia criativa (PETERS; ARAYA, 2010; UNESCO, 2013).

A criatividade, portanto, tornou-se força motriz da economia criativa, é seu principal insumo, cujo produto ou serviço proveniente incorporou propriedades imateriais criativas e agregou valor por meio de suas características simbólicas e culturais.

6.1.4

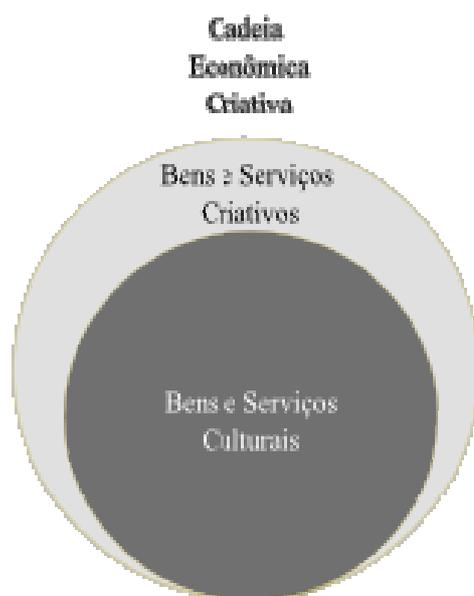
6.1.5

6.1.6 2.2.2 Bens e serviços culturais e criativos

O ato criativo, a habilidade e o talento individuais e o capital intelectual resultam em bens e serviços no contexto da indústria criativa (UNESCO, 2013). Conforme a UNCTAD (2008), uma característica singular dos bens criativos produzidos pelo homem é a exigência de um nível significativo de criatividade. Essa instituição entende que inúmeros e variados são os bens criativos; nesses bens, estão inclusos os bens culturais e artísticos, além de muitos outros produtos e serviços produzidos sob o insumo da criatividade. Assim, de acordo com a UNESCO (2013), os principais bens e serviços produzidos na economia criativa são os culturais, com destaque para as artes.

No Brasil, os setores culturais formam o núcleo dos setores criativos. Para o governo brasileiro, os setores criativos são provenientes de uma expansão dos setores culturais; no mesmo contexto, os setores criativos compõem internamente a força motriz de toda a economia criativa brasileira (MINC, 2012).

Um modelo de círculos concêntricos é apresentado abaixo, na Figura 1, e representa como se circunscrevem os bens e serviços na economia criativa brasileira.



251658240

6.1.7 FIGURA 1: Bens e serviços na economia criativa brasileira.

6.1.8 Fonte: Desenvolvida pelo autor com base em MINC (2012).

Tanto no Brasil como no restante das nações que valorizam a economia criativa, os produtos advindos das artes e da cultura formam o tecido central dessa economia (MINC, 2012; UNESCO, 2013). Entretanto, há uma ambivalência de apropriação quando são discutidos os bens e serviços da economia criativa; isso porque existem bens e serviços na cadeia da economia criativa que não necessariamente são produzidos em uma indústria criativa ou cultural (MARKUSSEN *ET AL.* 2008). De qualquer forma, bens e serviços resultantes das artes são alguns dos principais produtos da nova economia, deles derivam muitos outros bens e serviços que compõem a cadeia produtiva da economia cultural e, por conseguinte, da economia criativa (DCMS, 2001; MIGUEZ, 2007; REIS, 2009; TOWSE, 2011; MINC, 2012; UNESCO, 2013).

Conforme Reis (2008, p. 30), “o intangível da criatividade gera valor adicional quando incorpora características culturais, inimitáveis por excelência”. Os bens e serviços resultantes da indústria cultural possuem tanto um valor econômico como um valor cultural (THROSBY, 2001). É intrínseco ao bem criativo um valor simbólico que representa conceitos intangíveis, filosóficos. Nesses bens, ocorre a sobreposição do valor puramente econômico pelo valor dos significados (OCONNOR, 2000; RATZEMBOCK *ET AL.*, 2004).

O valor simbólico agregado ao bem ou serviço criativo o torna único, novo, inovador, inimitável em inúmeros atributos. Dessa faceta, resulta a riqueza que pode ser nominada ou registrada como propriedade intelectual.

6.1.9 2.2.3 Inovação e propriedade intelectual

Para a concepção de um bem nos termos da economia criativa, os valores simbólicos são agregados na produção, fazendo com que esses produtos tenham uma característica única e nova (THROSBY, 2001). Especialmente na economia cultural, o produto criativo pressupõe a inovação quando agrega valores imateriais, espirituais, filosóficos ou simbólicos, oferecendo um produto diferenciado à percepção do consumidor (HOWKINS, 2001; THROSBY, 2001; REIS, 2008; TOWSE, 2011). Para Druker (1986, p. 39), a inovação “é o ato que contempla os recursos com a nova capacidade de criar riqueza. A inovação, de fato, cria um recurso”; nesse contexto, inovar faz parte do ato criativo.

O trabalho intelectual e criativo, que resulta em inovação, cria um conjunto de ativos não materiais ou intangíveis, como invenções técnicas, *know-how*, marcas, desenhos, criações literárias e artísticas. Esses ativos, resultantes da inovação, expressão e criatividade, têm papel preponderante na geração de valor e movimentação da economia mundial (LIMA 2007).

Para Lima (2006), desses elementos geradores de riqueza, surge o direito de propriedade. A autora entende que, ao passo que são produzidos os bens e serviços e que geram valor, esse valor deve remunerar a pessoa criativa; essa remuneração deve ser garantida pela propriedade intelectual. A discussão sobre a propriedade intelectual revela enorme importância: uma vez que a pessoa criativa é cerne da nova economia, essa pessoa deve receber o fruto econômico de sua criatividade (TOWSE, 2011).

De acordo com Reis (2008), a criatividade associada à cultura é capaz de gerar produtos tangíveis com valores intangíveis, por isso a ideia é vista como força que potencializa a criatividade: a unicidade entre criatividade e cultura confere valor agregado e proporciona vantagem competitiva inimitável. Dessa forma, torna-se premente proteger a criatividade, conferindo à pessoa criativa o fruto de suas ideias (LIMA, 2006), principalmente porque há um conflito interno ao artista, no que diz respeito a ir além do simbólico e receber o sustento monetário através de sua arte (FLORIDA, 2012).

A usurpação dos direitos autorais é um problema a ser resolvido. Principalmente no âmbito das indústrias criativas, que são grandes geradores de inovação, urge reforçar a legislação e o direito nacionais, para que o desenvolvimento criativo não seja impactado pela burla do direito de criação (SANTOS E DUISENBERG, 2008). De

acordo com Wink (2007), no âmbito da economia criativa, ocorrem a virtualização da propriedade, a interdependência dos setores e áreas e o advento das tecnologias na construção e na distribuição do bem cultural. Tudo isso torna o campo criativo bastante complexo, inclusive no tocante à sua proteção (UNESCO, 2013).

Garantir o direito de propriedade ao artista, ao inovador, ao empreendedor resulta de um direito que surgiu da criatividade e que a protege, conferindo-lhe subsistência, fomentando e expandindo os setores criativos e a economia.

6.1.10 2.2.4 Atividades e setores componentes da economia criativa

A complexidade e a tessitura das áreas e setores que compõem a economia criativa são aspectos de diferenciação dessa nova economia; no entanto, sabe-se que a presença da criatividade remete à borda delimitadora dos setores e áreas dessa nova economia (MINC, 2012). Para o UNESCO (2013), a fim de que se consiga delimitar os setores componentes da economia criativa, é preciso que se entenda que essa nova economia surgiu em concernência com políticas de condução de grupos, de cidades, de estados, e que as funções presentes nos setores da nova economia diferem dos modelos setoriais genéricos.

Diversos modelos foram desenvolvidos a fim de fornecerem uma compreensão maior do sistema que compõe as indústrias criativas e culturais, bem como para que se possam visualizar as características estruturais e o intercâmbio fluido entre as inúmeras partes. Os termos em que são normalmente compreendidos os conceitos para “indústrias criativas” e “indústrias culturais” podem variar significativamente de um contexto para outro, principalmente em virtude das alternâncias em cada contexto. Dessa forma, mesmo os termos delimitadores se encontram em contínua evolução e adaptação, precisando de revisão a cada análise (DCMS, 2001; MINC, 2012; UNESCO, 2013).

Compreendendo esse contexto dinâmico e fluido, a edição especial de *Creative Economy Report* (Relatório da Economia Criativa) – com o tema “Ampliando Caminhos do Desenvolvimento Local” (*Widening Local Development Pathways*), da UNESCO (2013)– trouxe uma ampla gama de modelos, destacando-lhes diferentes sistemas de classificação. A Figura 2, apresentada na página seguinte, traz as terminologias, os setores e como são classificadas as atividades nos mais importantes modelos consubstanciados pelo mundo, inclusive englobando tanto a indústria cultural quanto a indústria criativa. (UNESCO, 2013).

Modelo do DCMS Publicidade Arquitetura Mercado de arte e antiguidades Artes Design Moda Cinema e vídeo Música Artes performáticas Publishing Software Televisão e rádio Vídeos e jogos de computador	Modelo Symbolic Texts Indústrias Culturais Centrais Publicidade Filme Música Música Publishing Televisão e rádio Vídeos e jogos de computador Indústrias Culturais Periféricas Artes criativas Indústrias Culturais Limitadas Eletrônicos de consumo Moda Software Espaço	Modelo dos Círculos Concêntricos Artes Núcleo Criativo Livrarias Música Artes Performativas Artes visuais Outras Indústrias Culturais Filme Museus e bibliotecas Indústrias Amplificadoras Culturais Serviços de Patrimônio Publicação Gravação de som Televisão e Rádio Vídeos e jogos de computador Indústrias Relacionadas Publicidade Arquitetura Design Moda
Modelo de Copyright WIPO Indústrias Núcleo de Copyright Publicidade Sociedades de gestão coletiva Cinema e vídeo Música Artes Publishing Software Televisão e rádio Arte visual e gráfica Indústrias Copyright Parcial Arquitetura Versuários e Criação Design Moda Banco de consumo Bens físicos	Modelo American For The Arts Publicidade Arquitetura Escolas de artes e serviços Design Filme Museus, Jardins zoológicos Música Artes Publishing Televisão e rádio Artes visuais Indústrias Copyright Interdependentes Material em branco para gravação Eletrônicos de consumo Instrumentos musicais Livro Fotocópiadoras Equipamentos fotográficos	Modelo UNESCO Indústrias em Domínios Culturais Centrais Museus, galerias, bibliotecas Artes Espetáculos Artes manuais e artesanato Design Publishing Televisão, rádio Cinema e vídeo Fotografia Mídia interativa Indústrias em Domínios Culturais Expandidos Insuportes musicais Equipamentos de som Arquitetura Publicidade Equipamento de impressão Software Hardware audiovisual

Figura 2. Sistemas de classificação para as indústrias culturais criativas.

Fonte: UNESCO (2013, p. 22). Tradução nossa.

David Throsby (2001, 2008) apresenta um modelo dos mais respeitados e usuais, principalmente por realçar as bordas separatórias entre as indústrias culturais e criativas. O autor utiliza um diagrama visual, no qual dispõe círculos concêntricos. Na próxima página, na Figura 3, é apresentado o modelo desenvolvido por esse autor.

De acordo com a UNESCO (2013), dois pontos que enriquecem a abordagem de Throsby (2001, 2008) devem ser observados: o primeiro é que as fronteiras entre os círculos são porosas e cada circunferência sucessiva, no sentido do centro, é mais permeada de atributos simbólicos e estéticos, potencializando o valor imaterial; o segundo ponto implica o termo “artes criativas centrais”; nesse modelo adaptado, “Expressão Cultural Cerne” não revela que artistas individuais estão isolados no ápice de uma hierarquia criativa, pois tanto artistas isoladamente como trabalhadores criativos são, por vezes, parte de um empreendimento mais amplo, cujo sistema é iniciado por terceiros, como gestores, empresários, produtores e intermediários, dentre outros. Esses atores dependem de comunidades de prática. Isso se mostra com maior evidência em contextos não ocidentais, onde a expressão cultural surge como processo social. A

própria criatividade é elaborada em contextos sociais, resultando em um núcleo central reformulado em seu nome para “expressão cultural cerne”.

251658240

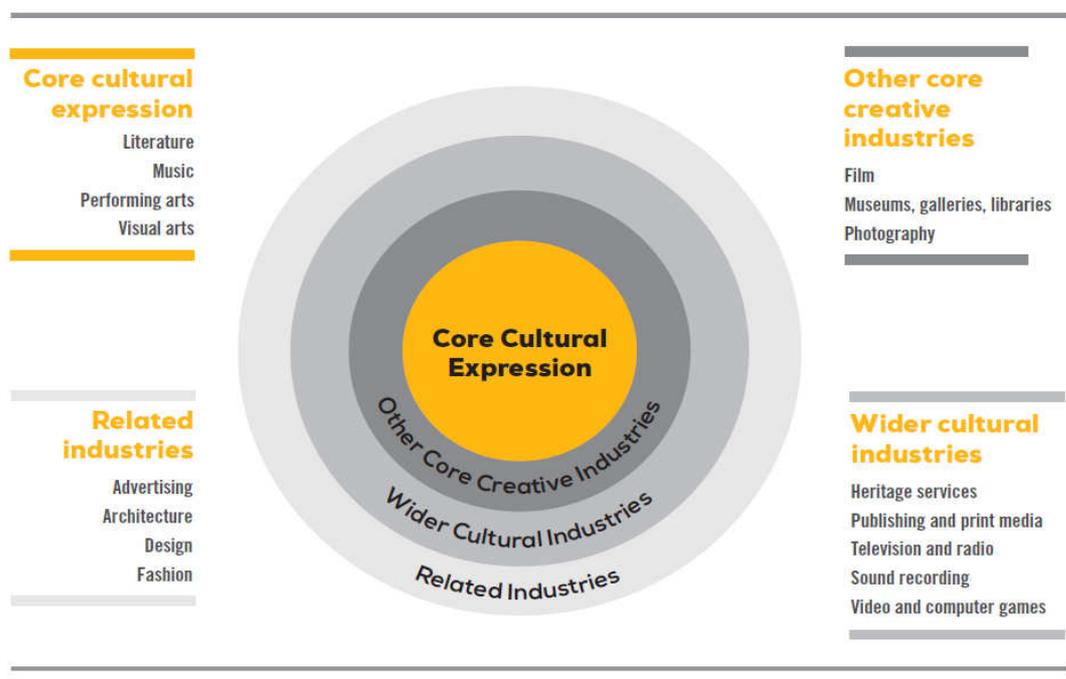


Figura 3. Modelo dos círculos concêntricos, de David Throsby

Fonte UNESCO 2013, p. 23.

No Reino Unido, uma abordagem mais recente, que utiliza os círculos concêntricos, foi proposta pela fundação do trabalho britânica. Essa abordagem tem como ponto nuclear os campos das “atividades criativas cernes”, que trazem a noção ambivalente de valor expressivo, tanto pelo poder significativo como pelo poder financeiro, incluem-se aí os elementos estéticos, sociais, espirituais, simbólicos e de autenticidade; esses valores, segundo o modelo, invocam a proteção da propriedade industrial (UNESCO 2013).

No Brasil, alguns entraves estiveram à frente da construção conceitual do campo da economia criativa. Um primeiro ponto foi reconhecido como a barreira linguística: como as definições de maior força e aceitação são provenientes da cultura anglo-saxã, ao menos o termo *industries* precisava ser interpretado como nos países de língua inglesa, como setor, ou seja, em vez de indústrias criativas, seriam setores criativos ou empresas criativas (MINC, 2013). Um segundo ponto deveu-se à compreensão brasileira de que a formação do conceito não deveria partir dos insumos, como a criatividade e o conhecimento – que nesse argumento estariam presentes em todas as atividades – nem da geração de propriedade intelectual por parte do bem ou serviço, o

que limitaria a visão processual. Compreendeu-se que o escopo formal seria consequente da análise dos processos de criação e execução (MINC, 2013).

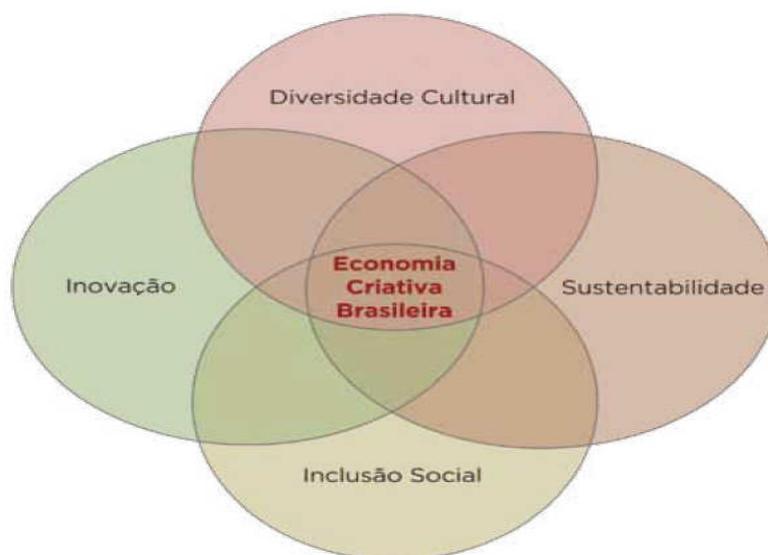
Nesse contexto, o Ministério da Cultura, MINC (2013), aborda a economia criativa, utilizando-se do seguinte escopo:

Os setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social. (MINC 2013, p. 22).

A intersectorialidade dessa nova economia foi compreendida, e a Secretaria de Economia Criativa – SEC, MINC (2013) definiu que:

Economia Criativa Brasileira somente seria desenvolvida de modo consistente e adequado à realidade nacional se incorporasse na sua conceituação a compreensão da importância da diversidade cultural do país, a percepção da sustentabilidade como fator de desenvolvimento local e regional, a inovação como vetor de desenvolvimento da cultura e das expressões de vanguarda e, por último, a inclusão produtiva como base de uma economia cooperativa e solidária. (MINC 2013, p. 33).

Dessa forma, a Economia Criativa Brasileira tem sua força constituinte nestes quatro princípios basilares, conforme se pode ver na Figura 4.



251658240

Figura 4. A economia criativa brasileira e seus princípios norteadores.

Fonte: MINC 2013, p. 33.

O Brasil pensou a sua economia criativa sustentada no conceito de diversidade cultural, devido à amplitude e à diversidade da cultura brasileira. Essa economia deve se amparar na valorização, proteção e promoção da diversidade das expressões culturais nacionais, procurando a manutenção e a expansão de sua originalidade, força e potencial (MINC, 2013). De acordo com Rodrigues (2013, p. 36), “a riqueza de cada país, nação ou região é sua diversidade cultural”.

Para Yúdice (2007), o Brasil uniu-se às nações quando ratificou, em 18 de março de 2007, a Convenção para Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais. O autor relata que essa legislação resulta em um marco abrangente das políticas públicas, que se compromete a proteger e promover a diversidade das expressões culturais. Um desafio peculiar dos líderes de políticas nesse âmbito é conseguir revelar os tesouros históricos e culturais escondidos em cada cidade. Com essa forte tessitura cultural, metrópoles podem acolher e inclusive auxiliar na propagação nacional de aspectos culturais até mesmo de outras regiões (HADDAD *IN* UNESCO 2013).

Leitão *et al.* (2010) se utiliza da ótica metafórica das bacias hidrográficas: refere-se à visão de diversos rios, que confluem em um amplo leito, que orienta e dá forma ao fluxo criativo de um território; nessa visão, unem-se as bacias semânticas, reservatórios primordiais que nutrem os imaginários coletivos. Os autores propõem uma nova cartografia para a Região Nordeste, pela identificação das bacias criativas que seriam fontes de desenvolvimento duradouro e sustentável. No Estado do Ceará, esses conceitos são aplicados e a economia criativa é vista como amparo à cultura própria do Estado – como no caso da renda de bilro (SOARES, 2013) e dos mestres de cultura do artesanato (DUARTE; FERRAZ; MASCENA, 2010) – ou como sustento de atividades culturais extraterritoriais que aqui se abrigaram – como a indústria em quadrinhos (BATISTA *ET. AL.*, 2010) e os humoristas (LIMA *ET. AL.*, 2012).

Para Hisrich e Peters (2004), o conceito de inovação pode ser entendido por fazer o novo, inovação comum, mas também pode ser compreendido como aperfeiçoar o que está posto, inovação incremental, ou renovar, ou desenvolver. O conceito de inovação está fortemente ligado ao de crescimento (BESSANT; TIDD, 2009). Nesses aspectos, tanto a inovação radical quanto a incremental são imprescindíveis à economia criativa brasileira (MINC, 2013).

Segundo o MINC (2013), em alguns setores da economia, a inovação se relaciona à identificação de soluções que sejam aplicáveis e viáveis, sobretudo nos setores em que bens e serviços resultam da interação da nova tecnologia com os conteúdos culturais, em que se pode atuar na criação do novo como aperfeiçoando, ou idealizando caminhos mais eficientes no fluxo processual. Para Amorim e Frederico (2008), as relações entre criatividade, inovação e desenvolvimento econômico são cada vez mais discutidas em virtude da necessidade de potencializar o ganho pelo conhecimento do processo produtivo capitalista contemporâneo. Esses autores afirmam

que as empresas inovaram em processos, com a finalidade de elevar produtividade e competitividade, e ainda foram além, alterando o capitalismo industrial moderno para um contexto no qual o valor do simbólico sobrepuja o valor de troca e uso.

No campo das artes, o valor simbólico é preponderante (TOWSE, 2011; UNESCO, 2013). Nesse campo, a inovação reveste-se de significados de força distintiva dos demais segmentos (MINC 2013). De acordo com o MINC (2013, p. 35), no campo cultural, “a inovação pressupõe a ruptura com os mercados e o *status quo*. Por isso, a inovação artística deve ser apoiada pelo Estado, o qual deve garantir, através de políticas públicas, os produtos e serviços culturais que não se submetem às leis de mercado”.

O ambiente criativo amplia a condição inclusiva humana, ao passo que a inclusão faz prosperar a criatividade (UNESCO, 2013). O capital cultural está referenciado não em valores de produção ou monetários, mas no valor simbólico, na importância que tem para a sociedade (THROSBY, 2001). Dessa forma, não distingue classe, raça, gênero ou quaisquer grupos: pode, por exemplo, estar presente em um grupo de pessoas excluídas; por isso, deve ser protegido por uma teia legal e social, porque é proveniente do legado do processo criativo de qualquer ser humano (YÚDICE, 2007).

Mesmo com algumas divergências e incongruências, principalmente porque restringiu o campo da economia criativa brasileira (PROCOPIUC; FREDER, 2013), o modelo posto da economia criativa brasileira se alinha aos caminhos propostos no resto do mundo; mesmo porque as políticas de amparo e desenvolvimento criativos devem seguir caminhos diferentes de acordo com os arranjos locais (DE MARCHI, 2014).

O significado mais importante da economia criativa decorre não só das indústrias criativas primárias, que produzem valor econômico e de significados, mas da alavancagem de toda a sociedade e da economia, através do estímulo às novas ideias e tecnologias e da mudança que movimenta a sociedade (POTTS AT AL., 2008; MINC, 2013; UNESCO, 2013).

Dessa forma, as atividades culturais e artísticas compõem o núcleo da economia criativa, tanto no Brasil, como nos demais países. Essas atividades são condutoras e mantenedoras da criatividade e da inovação, ao passo que convivem em um ambiente artístico e cultural de transformação e renovação.

6.1.11 2.2.5 Economia criativa e estratégia de desenvolvimento

Para Reis (2008), as indústrias criativas são potencialmente valiosas em si mesmas, entretanto fornecem valores simbólicos e intangíveis a toda a sociedade. São assim geradoras de riqueza, ao passo que aglutinam e desenvolvem a sociedade. Nesse contexto, tanto os administradores como os estudiosos desfrutam de uma nova fronteira, potencialmente promissora, tanto para a investigação como para o efetivo desenvolvimento social (MARKUSSEN *ET AL.* 2008).

Em termos gerais, a economia criativa e a economia cultural oferecem enorme potencial para a geração de ocupação e renda. De acordo com a UNESCO (2013), o comércio mundial direto de bens e serviços criativos saltou de 536 bilhões de dólares em 2009 para 559,5 bilhões de dólares americanos em 2010, chegando ao patamar de 624 bilhões de dólares em 2011.

Entretanto, considerados os benefícios econômicos da cadeia de valor da indústria criativa, ou seja, inclusive os labores indiretos, o potencial de criação de emprego e renda seria ainda maior: é através de toda a cadeia de valor que deveria ser considerado o poder de geração de ocupação e de renda dessa economia (SCHREINER, 2014). Para Yúdice (2007), a ideia da economia criativa vai além do sentido industrial, uma vez que inclui todas as atividades criativas, sobretudo aquelas que contribuem com o desenvolvimento da sociedade mediante a participação, a reprodução das identidades, a memória e a criação de inovações para solucionar problemas, ou seja, deve ser considerada o tesouro da genialidade humana.

No entanto, os críticos sentenciam que os mecanismos que permitem essa criatividade aflorar e irradiar nunca são claramente identificados, por isso a necessidade de desbravar, pesquisar, seguir a evolução e o desenvolvimento (PETERS; ARAYA, 2010; UNESCO 2013; SCHREINER, 2014).

Desse imenso manancial de criatividade e combinações culturais, o valor, o novo, a abertura à transformação e à composição, o tesouro criativo depende da multiplicidade, da miscigenação da possibilidade de entrarem em um sistema forças novas, ideias novas, novas culturas, novas artes.

6.1.12 2.3 As Artes marciais na economia criativa

Se os mecanismos de desenvolvimento da economia criativa no Ocidente ainda estão permeados da novidade e têm difícil compreensão, o entendimento do florescer dessa nova economia no Oriente é uma tarefa ainda mais complexa, se assomarmos o

interposto cultural. Para Keane (2004), a fim de se entender a visão criativa na China, há que se considerar, como coração de sua indústria criativa, a cultura chinesa. Esses cientistas apontam a necessidade de seguir os exemplos de Japão, Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan e Singapura, cujas indústrias criativas se têm centrado nas culturas nativas. No Oriente, o desenvolvimento das artes marciais está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento das culturas dos países (FROSI, 2012; ACEVEDO E CHEUNG 2012), sendo inclusive uma disciplina escolar desde a infância (RATTI E WESTBOOK, 2006; ANDRAUS *ET AL.*, 2011).

Segundo a UNESCO (2013), uma observação se faz necessária quando são estudados os aspectos culturais orientais no modelo da economia criativa ocidental: deve-se recordar que a concepção inicial da economia criativa foi idealizada sob ótica cultural ocidental, por cientistas e governos ocidentais, e com predomínio do norte sobre o sul, mas seja onde for, baseia-se nos aspectos culturais dos povos em estudo. Dessa forma, o vernáculo artes marciais, em sua forma textual, é desconhecido dos modelos de economia criativa ocidentais, entretanto a abordagem de economia criativa ocidental traz como coração a cultura e a arte, e esse entendimento basilar deve ser amálgama da economia criativa, mesmo no Oriente (UNESCO, 2013).

Esse contexto aponta uma natural inserção das artes marciais como partícipes da economia criativa e, assim, essas artes estão presentes em seis modelos dos mais importantes que classificam o setor (THROSBY, 2001; MARCUS, 2005; UNCTAD, 2008; 2010; UNESCO, 2013; AMERICAN, 2014).

As artes marciais são expressões puramente culturais (SEVERINO, 1988; RATTI E WESTBOOK, 2006) e infiltram-se através do tecido social, tornando complexa a tarefa de limitá-las ou defini-las como estanques (UNESCO, 2013). Talvez, na maioria dos métodos ocidentais de classificação da economia criativa, as artes marciais possam ser consideradas como artes performáticas (THROSBY, 2001; UNESCO, 2013; GREINER, 2013) ou esportes (UNCTAD, 2008; UNESCO, 2013; NUNES, 2011; SILVA NETO *ET AL.*, 2013), mas também poderiam ser classificadas como escolas de arte (FERREIRA, 2013; AMERICAN, 2014) ou artes (GOMES, 2008; UNESCO, 2013; FROSI, 2012). É que, no Oriente, elas englobam esse conjunto de expressões artísticas simbólicas (HYAMS, 1992; SEVERINO, 1988; FROSI, 2012). Afora que sua cadeia produtiva ainda participa do mercado de filmes e vídeos (THROSBY, 2001; MARCUS, 2005; MINC, 2013; AMERICAN, 2014), do mercado de *games* (THROSBY, 2001; MARCUS, 2005; MINC, 2013) e do mercado de serviços

(FLEW, 2002; UNESCO, 2013; COSTA, 2012; AMERICAN, 2014), todos eles pertencentes à economia criativa.

6.1.13 2.3.1 Importância da arte marcial

Erigida do pensamento científico moderno, a economia criativa tem como coração as artes. De acordo com Pater (1988), as artes marciais podem ser consideradas como arte ou como ciência, mas foi só recentemente que o Ocidente pôde desvendar-lhe os benefícios.

No mundo ocidental, as artes marciais possivelmente estariam localizadas no setor dos serviços. Para Mendonça e Antunes (2012), as artes marciais têm grande valia no sentido de fundamentar a ética humana e a construção da educação de si mesmo. Gasparotto e Santos (2013), em um estudo bibliométrico, apontam diversos artigos que relatam a importância dessas artes na educação física e na pedagogia e os benefícios a elas imputados. Greiner (2013) orienta o uso dessas artes na dança, na expressão corporal, enfim, nas artes e culturas do corpo. Pater (1988) relaciona o emprego das artes marciais nas artes gerenciais e mesmo no *coaching*. Lautert *et al.* (2005) alerta sobre a importância das artes marciais para o resgate da identidade do indivíduo e para seu equilíbrio psíquico e sua autodisciplina: o autor argui que essa arte ultrapassa as barreiras do *dojo* (local onde se pratica a arte marcial). Existem ainda estudos sobre sua aplicação na medicina (TAMBORINDEGUY *ET AL.*, 2011; MILANEZ *ET AL.*, 2012), na genética e na antropometria (OLIVEIRA, 2013; SANCHES, 2013), no universo psíquico e simbólico (COSTA, 2012; ASSIS, 2013), na televisão e no cinema (ANDRAUS *ET AL.*, 2011; NUNES, 2004) e na construção social (FROSI 2012), dentre outros.

A diversificação das abordagens encontra congruência no setor econômico dos serviços. Para Flew (2002), qualquer que seja a discussão sobre a importância e a amplitude do setor de serviços, ele incorpora diversos problemas conceituais e analíticos. O autor relata a enorme complexidade para a medição do tamanho do setor de serviços, principalmente porque os métodos de medição são normalmente aplicados na indústria, que é muito menos maleável e fluida. Outro problema elencado pelo autor é que o setor de serviços engloba diversas indústrias diferentes, com características mutáveis e permeáveis. Os serviços se ampliam, agregam-se, mudam, enfim, são de difícil determinação. Castells e Aoyama (1994), utilizando-se da diferenciação e da associação de fatores comuns, agrupam os serviços em quatro modalidades: a. serviços

de produtores, tais como serviços profissionais e de negócios, serviços financeiros e de seguros e imobiliários; b. serviços de distribuição, ou os serviços associados ao transporte e comunicação; c. serviços sociais, incluindo serviços governamentais e outros serviços de saúde, serviços de educação e de assistência social; d. serviços pessoais, como o turismo e o lazer, o *personal training*, o *coach*, entretenimento e hospitalidade, serviços associados com a aparência pessoal e bem-estar.

Nesse contexto, pelo amplo espectro de abordagens possíveis no serviço das artes marciais, esses saberes podem encontrar referência em qualquer uma das modalidades referenciadas por Castells e Aoyama (1994), entretanto, a produção dos mestres marciais parece encontrar maior similaridade com os serviços sociais e com os serviços pessoais. Percebe-se a relevância das artes marciais tanto para a sociedade como para a economia, sem deixar de lembrar o conceito de desenvolvimento individual e espiritual, que está no bojo de suas definições e que encontra amparo mais correlato nos serviços sociais e pessoais (SEVERINO, 1988; HYAMS 1992; RATTI E WESTBOOK,2006).

Dessa forma, a arte marcial está presente na sociedade, entretanto, sua personificação é manifestada através dos honoráveis mestres, que descendem de uma longa linhagem de concessão para incorporarem e transmitirem a honra desse caminho e de suas técnicas.

6.1.14 2.3.2 Honoráveis mestres de artes marciais

As artes marciais já estão incorporadas na sociedade do Ocidente e já são amplamente empregadas no Ocidente como referência nas artes (GREINER, 2013), na estratégia de mercado (MUSACHI, 2010), na gestão empresarial (PATER, 1988), no crescimento pessoal e no desenvolvimento humano (HYAMS, 1992). Entretanto, para se compreender essa arte, deve-se estar fundamentado na tradição e na cultura oriental (SEVERINO,1988).

Para os povos sino-nipônicos, no que diz respeito à cultura e ao modo de transmissão da tradição, os conceitos de família, clã, professor e mestre estão interligados. Nessas nações, a disciplina marcial era e é, costumeiramente, ensinada como valor e legado ainda na infância, quando os discípulos passam a residir na casa de seus *Sifus* (professores chineses) e, mesmo ali, desenvolve-se o sentido de família. São transmitidos ensinamentos, tradições, filosofias culturais e espirituais, em meio aos treinamentos diários (ANDRAUS ET AL., 2011).

Além da transmissão cultural familiar, em que conceitos espirituais, filosóficos, unidos a um modo e disciplina de vida, são transmitidos de pais para filhos e de mestres a discípulos em um clã, em países orientais, as artes marciais são disciplinas curriculares, em que o respeito aos professores é de mais elevado nível (RATTI E WESTBOOK, 2006). Os professores de artes marciais são denominados *Sensei* no Japão e *Sifu* na China. *Sen* quer dizer “antes” e *Sei*, “nascido”; assim, o instrutor é aquele que nasceu primeiro na sabedoria oriental, mas não necessariamente na idade cronológica (HYAMS, 1992). Alguns mestres – quando precursores de sua arte, quando mestres dos *Sensei* ou dos *Sifus* – detêm notável reconhecimento como honoráveis, cheios de honra, e são como patriarcas daquelas artes de combate e de vereda de vida (RATTI E WESTBOOK, 2006).

A arte genérica do combate, em japonês: *bujutsu* (transcrição fonética dos ideogramas chineses *bu* – combate e *jutsu* – técnica), está relacionada aos aspectos práticos e técnicos das artes marciais. Quando essas especializações são disciplinas com um propósito mais ético, espiritual, educativo, o *jutsu* converte-se em *do* (senda ou caminho) e o *bujutsu* (a arte do combate) converte-se em *budo* (o caminho do guerreiro). Os honoráveis mestres são guardiões do *bujutsu* e do *budo*, da arte de defesa do indivíduo, do clã e da pátria, mas também do caminho de desenvolvimento humano e espiritual dos praticantes (RATTI E WESTBOOK, 2006).

6.1.15 2.3.3 Tipologias e estilos de artes marciais

De acordo com Nunes (2011), as artes marciais, fenômeno cultural, citadas como arte, ciência, esporte, técnica e caminho de vida, tiveram sua gênese nos combates que sempre existiram nos grupos humanos. Desenvolveram-se como forma de lutar pela sobrevivência ou como atividade de sustento e manutenção da forma física.

Essas artes – nascidas dos primórdios humanos que intuíram a sobrevivência e desenvolvidas em inúmeras sociedades – fizeram surgir, com o tempo, formas sistemáticas e diferenciadas de combates corporais baseados em filosofias que agregaram valores e significados à autodefesa e à defesa da sociedade. Com o aparato das armas de fogo e suas sucessoras, resultaram diminuídas as aplicações das artes marciais no cunho específico da guerra e do combate, cedendo lugar à prática esportiva ou de simples lazer, mas nunca dissociada de um corpo filosófico cheio de significados e valores (CASTRO PINTO ET AL., 2009). No Ocidente, esse processo é naturalmente chamado de amadurecimento ou desenvolvimento dessas artes e carrega consigo o

desenvolvimento biopsicossocial do homem contemporâneo, ao passo que se enquadra no âmbito cultural e educativo (FIGUEIREDO, 1998).

Assim, enquanto arte, já não tanto empregada no combate, traduz a herança cultural do Oriente e, com seus movimentos elegantes e de extrema eficácia, tem fascinado o Ocidente. Nessas artes de defesa, grande parte das pessoas busca um meio de aprender defesa pessoal, outras nelas procuram vencer o medo ou a timidez, outros ainda esperam manter a saúde física e mental. Entretanto, nas filosofias das artes marciais, há quem encontre respostas aos anseios da alma, como para completar o seu lado espiritual (SOUZA JUNIOR, 2007).

O *Budo* Japonês se desenvolveu da miscigenação das culturas guerreiras dos povos nativos e das transmissões culturais devido aos intermináveis combates com o povo chinês. Na China, os historiadores atribuem uma grande influência no desenvolvimento das artes marciais chinesas a um monge de uma classe de guerreiros indianos chamados *Kshatriyas*. Recebido como igual no monastério de *Shao Lin*, ensinou a dominar o corpo e o espírito (SEVERINO, 1988). De uma forma geral, as artes marciais orientais estão ligadas às permutas culturais entre aqueles povos e à espiritualidade e busca de perfeição dos monges chineses, dos monges coreanos e dos *samurais*. As artes marciais resultaram em vestuário, música, dança, expressão corporal, espiritualidade e linguagem particulares, acarretando um fenômeno que caracteriza a identidade do Oriente e de cada povo. Essas ocorrências estão relacionadas aos combates e às trocas culturais, filosóficas e simbólicas (HYAMS 1992; SEVERINO, 1988; RATTI E WESTBOOK, 2006; NUNES, 2011).

Mesmo com pontos comuns, como é o caso da constituição da espiritualidade e do corpo do indivíduo do extremo Oriente, os aspectos culturais de cada nação e de cada clã plasmaram os tipos e estilos de artes marciais que lhes referenciaram (ALVES E MARIANO, 2011; RATTI E WESTBROOK, 2006; MUSASHI, 2013).

A saga das artes marciais iniciou-se em tempos remotos; no entanto, há um elo de congruência por volta dos anos 500 a.C., quando monges budistas indianos que enfrentavam salteadores mongóis, para disseminar a doutrina de Buda, precisaram desenvolver uma técnica que lhes possibilitasse defesa, apesar do biótipo baixo e franzino. Nessa técnica de luta, estava o embrião das artes marciais orientais (Robbe, 2011).

Segundo Robbe (2011, p.20), a filosofia Zen Budista é o elo entre aquela antiga técnica de defesa monástica e os variados estilos de *Jiu-jítsu*, que séculos mais tarde

tornar-se-ia a principal arte marcial japonesa, restrita à classe dos guerreiros, sendo chamada de “arte das técnicas suaves” ou “arte suave”. Uma alegoria é proposta para se compreender o princípio filosófico dessa arte. Ao se observar alguns galhos fortes e rígidos de uma árvore que, com o acúmulo de neve, acabam por partir, não resistindo ao peso; enquanto outros ramos mais fracos e flexíveis curvam-se ao peso, jogando a neve ao solo, sem se quebrar, e voltam então à posição original, pode-se entender quais ramos resistem até em condições extremas (ROBBE, 2011; VELTE, 1981). Segundo Ratti e Westbrook (2006, p.429), não há dúvida de que quase todas as principais escolas de *Jujútsu* (denominação tradicional do *Jiu-jítsu*) estão baseadas no princípio da “flexibilidade estratégica” e do “*haragei*”.

Para Ratti e Westbrook (2006, p. 435), o “*haragei*” é considerado o “centro da vida” ou o “centro de gravidade do corpo”, que se localiza na parte inferior do abdômen humano, aproximadamente cinco centímetros abaixo do umbigo. Esse ponto concentra o poder e coordena a energia do ser. No *Judô*, o princípio do *haragei* é também o princípio do equilíbrio que coordena a vida do praticante (RATTI E WESTBROOK, 2006).

Por volta de 1880, o Imperador Japonês Meiji iniciou grandes transformações sociais, propiciando abertura para os povos ocidentais. Essa ocidentalização poderia pôr em risco a nação, com a divulgação do grande segredo marcial japonês, que era o *Jujútsu*. Foi então que o Ministério da Cultura Japonês subsidiou um funcionário seu, Jigoro Kano, para criar uma modalidade de luta semelhante ao *Jiu-jítsu* que não deixasse revelar todos os conceitos da secreta arte. Nascia então o sistema Kano de *Jiu-jítsu*, mais tarde *Judô* (ROBBE, 2011).

Jigoro Kano foi um grande estudioso da antiga arte do *Jiu-jítsu*, tendo sido mestre em inúmeros estilos. Unindo técnicas de diferentes escolas dos clãs samurais, criou o estilo *Yoshinryu* (alma de salgueiro), que utilizava a força do adversário para arremessá-lo, como na metáfora da neve nos galhos do salgueiro. Kano praticou esse e outros estilos, mas permanecia insatisfeito, em busca de um estilo que potencializasse o aproveitamento da força do adversário. Nascia o *Judô*, para ir além da técnica, para ser o “caminho suave” (VELTE, 1981; RATTI E WESTBROOK, 2006). Para Velte (1981, p. 21), “mais que uma mera técnica de defesa pessoal, o *Judô* – o caminho suave – é uma arte marcial na verdadeira acepção do termo, buscando educar o praticante através do desenvolvimento de todos os seus potenciais psicossomáticos”. Ratti e Westbrook (2006) afirmam que o judoca, além do princípio do *Haragei*, busca o desenvolvimento

do conceito do *Ki* (ou *nai-ki*), ou seja, busca desenvolver sua “energia interna” e fazer com que a energia do oponente se volte contra ele.

Conforme Nishida, Cremona e Bueno (2011, p. 12), mestre Jigoro Kano, fundador do *Judô*, após assistir a uma demonstração da nova arte de Mestre Morihei Ueshiba, o *Aikido*, “declarou que aquele era o seu ideal de *Budo* – caminho do guerreiro e essência da Arte Marcial”. O *Aikido* surgiu na primavera de 1925, após o *Kaiso* (Criador do *Budo Aikido*) ter combatido um mestre em *Kendo* (arte marcial de luta com a espada – o caminho da espada) e alcançado a iluminação. Ainda naquela época, o governo japonês considerou formalmente a arte como um *Budo* – uma arte marcial dotada de filosofia própria e verdadeira e de caminho espiritual (NISHIDA, 2011).

Para Hyams (1992, p.63-65), o ponto fundamental do *Aikido*, conhecido como a “arte gentil”, é o *Ki*, “a força ou energia da vida invisível (...) e, quando a mente e o corpo estão em sintonia, o *ki* se manifesta”. Essa arte se diferencia das demais por não permitir competição alguma (NISHIDA, 2011), busca a honra da natureza e a força infinita do equilíbrio e da energia. Daí não busca luta ou vitória, a não ser a evolução espiritual sobre si mesmo (SEVERINO, 1988). Para Ratti e Westbrook (2006), entre todas as disciplinas modernas de combate derivadas dos estilos de *bujutsu* (técnica do guerreiro), praticadas pelos *bushi* (samurais) no Japão feudal, o *Aikido* é a que melhor reflete a doutrina do *Haragei*, considerando essa doutrina como chave para a estabilidade mental e para o poder coordenado do qual depende a solução dos problemas. No *Aikido* (os caminhos do *Ki*), todos os movimentos giram em torno do “centro da vida” ou “centro de equilíbrio”. O praticante dessa arte se move com esquivas circulares, aproveitando as forças centrípetas e centrífugas inerentes ao ataque do adversário, arremessando-o pelo uso de sua própria força (VELTE, 1981). O deslocamento e os golpes são chamados de movimento de esfera e consistem na troca de energia entre o mundo exterior e o interior, canalizando o *ki* e utilizando o *haragei*. Nessa arte, há em conceito a razão para se ceder, ou para a não resistência, pois não existem adversários: os praticantes são contribuintes no desenvolvimento espiritual de cada um (SEVERINO, 1988; HYAMS, 1992; RATTI e WESTBROOK, 2006; NISHIDA, CREMONA E BUENO, 2011).

Caratê é um vocábulo japonês que significa “mãos vazias” (SILVA NETO ET AL. 2013). O *Karate Do* representa o caminho (no sentido de vereda espiritual) das mãos vazias. O Caratê surgiu na ilha de Okinawa, hoje parte da nação japonesa, mas essa ilha do arquipélago RyuKyu mantém uma cultura própria, pois há poucos séculos

pertencia à nação chinesa (FROSI, 2012). Sob o domínio chinês, obrigara-se a cumprir uma lei que impedia o porte de armas, então o povo da ilha praticava artes marciais chinesas de mão vazias, desprovido de armas, como o *Tai chi*, o *Pa Kua* e o *Kung Fu* (VELTE, 1981). Quando o domínio chinês foi substituído pelo japonês, foi mantida a lei que proibia o uso de armas, e as práticas marciais daqueles povos evoluíram para uma arte denominada de “*Okinawa Te*” (mão de Okinawa). No ano de 1936, em meio a um conflito sino-nipônico, surge a palavra e a arte do Caratê. Gichin Funakoshi (Pai do moderno Caratê) resolveu mudar o nome de seu estilo e os nomes dos *katas* (movimentos formais) para nomes japoneses, devido à aversão aos chineses (VELTE, 1981; FROSI, 2012).

O Caratê possui dezenas de estilos, que têm em comum golpes dinâmicos, desferidos com as mãos e os pés; entretanto, baseia-se na ética budista, que pode ser chamada de *Zen*, para os japoneses, ou *Ch’na*, na China. Segundo Funakoshi (1994), para o carateca, o que importa não é a vitória nem a derrota, mas o aperfeiçoamento, a elevação do próprio caráter. Essa arte agrega, além do esforço para a formação do caráter, a fidelidade ao verdadeiro caminho (*do*) da razão, o intuito do esforço, a contenção do espírito de agressão e o respeito acima de tudo. É propício ao artista o convívio com a dor (HYAMS, 1992; SILVA NETO, ET AL., 2013).

O indiano Bodhidharma, conhecido por Ta Mo (Chinês) e Daruma Taishi (Japonês), 28º patriarca do budismo, é considerado o pai lendário do Caratê e de quase todas as artes marciais orientais. Esse monge chegou ao Templo chinês de *Shaolin* (Templo da Jovem Floresta) e desenvolveu uma nova modalidade de *Kung Fu*, baseada nas antigas técnicas marciais da China e no *Vajramushti* (*Vajra* = real, *Mushti* = soco) indiano (VELTE, 1981).

Kung Fu é uma palavra de origem chinesa e significa “tempo da habilidade”. A cultura da antiga China está repleta de histórias em que se encontram presentes as artes marciais; seu povo, apesar do espírito guerreiro, vivia em plena harmonia com a natureza, donde retirava sua sobrevivência. Essa relação criou uma visão de mundo que aproxima o homem do universo. Para esse povo, o homem é uma mini cópia do cosmo e é da harmonia entre o microcosmo (homem) e o macrocosmo (universo) que resulta a saúde perfeita; dessa harmonia, surgem os conceitos do *Kung Fu* (TORRES, 2011).

Os chineses creem no “*Chi*” (energia universal), para os japoneses, “*Ki*”. A sapiência dessa energia e de como equilibrá-la ao universo é a base de toda arte marcial: acupuntura, *tuinah*, *chi kung*, *shiatsu*, dentre outros. No entanto, a simples existência do

“*Chi*” não implica seu domínio: suas tradições explicam que o “*Chi*” flui pelo corpo humano, percorrendo canais que, no Ocidente, são denominados de meridianos. Desse conhecimento, os chineses criaram práticas físicas e respiratórias baseadas nas observações da movimentação do “*chi*” pela natureza, pelos animais e pelos seres humanos (TORRES, 2011).

Segundo Velte (1981), existem centenas de estilos de Kung Fu – para os chineses, *Wu Shu* (arte marcial de qualquer origem) ou *Kuo Shu* (arte marcial de origem chinesa). Somente em Hong Kong ocorrem mais de 360 tipos. Entretanto, para Torres e Bueno (2011), existe uma diferenciação entre os estilos marciais chineses internos (*nei Chia*), baseados no Taoísmo, e os externos (*wai chia*), ligados ao Budismo. Os internos se distinguem por movimentos lentos, centrados na respiração profunda, tendo por essência o controle do “*Chi*” e a completa interiorização energética. O *Tai Chi Chuan* é um dos estilos internos. Os estilos externos têm características de movimentos rápidos para a defesa do corpo: o *Wing Chun* é um exemplo.

De acordo com Torres e Bueno (2011), existe, ainda, uma notável diferenciação entre o *Kuo Shu*, oriundo do norte da China, com prevalência do uso dos pés, e o advindo do sul chinês, que se utiliza mais das mãos. Mesmo assim, os praticantes do Kung Fu buscam o estilo que melhor se adéque ao seu desenvolvimento e à sua harmonização com o universo. Esses autores relatam que, do templo de *Shaolin*, cinco estilos chegaram aos tempos modernos: a. o estilo do Dragão é usado para manter o estado de alerta contínuo e a elevação espiritual, através da centralização do “*Chi*”, em todos os setores do corpo e da mente, e da respiração correta, direcionada para baixo do abdome; b. as formas do Tigre se voltam ao desenvolvimento e fortalecimento de ossos, músculos e tendões, visando a plena saúde corporal humana; c. o estilo do Leopardo almeja o domínio da força com uso de movimentos rápidos, inteligentes e precisos; d. as formas da Serpente buscam a potencialização do “*Chi*”, usando inclusive a ponta dos dedos nos combates e denotam respiração pausada, buscando profundidade e consciência universal; e. o estilo do Grou (espécie de garça) almeja o autocontrole e o equilíbrio interior.

O legado de *Shaolin* e das artes marciais se relaciona à cultura do Oriente, suas artes, música, dança, expressão corporal, pintura, *bonsai*, *ikebana*, cerimoniais (como o do chá), conceitos simbólicos, filosóficos e espirituais, enfim, é parte integrante da história oriental (VELTE, 1981; SEVERINO, 1988; TORRES E BUENO, 2011).

O *Muay Thai*, conhecido como Boxe Tailandês, é considerado como o esporte nacional da Tailândia e caracteriza-se por um estilo de luta em que são usados socos, pontapés e joelhadas. A origem do *Muay thai* remonta à do povo tailandês, que emigrou de uma província na região central chinesa, denominada Yunnan. Em busca de liberdade e terras férteis, as tribos que viriam a formar o povo tailandês se deslocaram em direção ao sul, enfrentando inúmeras dificuldades, como ataques de animais, de bandoleiros e de inimigos. Como reação, criaram um método de defesa chamado *Chupasart*, que eram técnicas de combate com ou sem o uso de armas. Essa prática visava, além da proteção, à manutenção da saúde física, através de exercícios físicos extremados e combates armados (ALVES; MARIANO, 2011).

O *Muay Thai* sofreu influência de diversos povos e de suas artes guerreiras. Nos primórdios, assemelhava-se ao *Kung Fu* chinês, inclusive com golpes em forma de garra; mas, devido ao treinamento, às características dos povos que se iam miscigenando, aos territórios e trocas culturais, tornou-se uma técnica de luta bastante diferente. A partir de 1920, incorporou técnicas, regras e utensílios adaptados do *Boxe* inglês, mantendo, entretanto, o uso dos ataques com qualquer parte do corpo. Com a disseminação recente das competições de vale-tudo, fez-se ver, principalmente, pelo seu aspecto agressivo; entretanto, mantém ainda um revestimento da cultura específica tailandesa, em sua música, dança, saudação, artesanato e símbolos (ALVES E MARIANO, 2011). Para Oliveira, Gomes e Suzuki (2008), o Boxe Tailandês é classificado dentre as lutas folclóricas e culturais, pertencentes diretamente à tradição de seu país.

As técnicas de ataque e de defesa ensinadas no *Muay thai* são conhecidas como "arte dos oito membros", pois o praticante pode utilizar as mãos, os cotovelos, as pernas e os pés para atacar o adversário e defender-se dele (DELP, 2012).

O Quadro 1, a seguir, resume as artes marciais abordadas neste estudo, explica seu significado, traz sua origem e seu fundador e reporta seus princípios artísticos essenciais.

ARTE	ORIGEM/FUNDADOR	PRINCÍPIOS/ESSENCIAIS
Jiu-Jítsu ou Jujútsu <i>Ju</i> = suave, <i>Jutsu</i> = técnica/arte (Técnica suave ou arte suave)	Japão Samurais	Flexibilidade Estratégica, <i>Haragei</i> - Equilíbrio
Judô <i>Ju</i> = suave, <i>Do</i> = caminho espiritual (Caminho Suave)	Japão Jigoro Kano	Energia(ki) interna(nai) Uso da força do adversário Princípio do Equilíbrio

Aikido <i>Ai</i> = harmonia, <i>Ki</i> = Energia <i>Do</i> = caminho (Caminho da harmonia através da energia universal)	Japão Morihei Ueshiba	Canalização da energia (<i>ki</i>) <i>Haragei</i> – Centro da vida Movimentos esféricos Princípio da não resistência e a razão de ceder, não há disputa.
Karate Do <i>Kara</i> = vazio, <i>Te</i> = mão <i>Do</i> = caminho (Caminho das mãos vazias)	Ilha de Okinawa - Japão Gishin Funakoshi	Formação do Caráter, Caminho da Razão, Contenção da agressividade, Respeito acima de tudo.
Kung Fu (Tempo de habilidade)	China - Tem origem nos patriarcas dos antigos clãs chineses Bodhidharma (Ta Mo)	Harmonização entre o homem e o universo, controle e canalização do “ <i>Chi</i> ” (Energia Universal). Uso da respiração e meditação.
Muay thai <i>Thai</i> = Siamês, <i>Muay</i> = boxe	Tailândia	Arte dos oito membros.

QUADRO 1 - Arte, origem, fundador e princípios essenciais das artes marciais.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na literatura.

Conforme visto no Quadro 1, as artes marciais estão intimamente ligadas ao fenômeno cultural das civilizações que lhes deram origem; mas também estão relacionadas à busca de respostas do ser humano acerca de sua vida, do desenvolvimento de seu corpo e de seu espírito. Para Velte (1981, p.13), “todo o segredo da arte do *Budo* está na concepção moral e na posição que o praticante assume em relação a ela”, dessa forma, o que distingue essas artes é a concepção interna do praticante. Portanto, a arte reúne técnicas variadas, mas é a expressão íntima, criativa e inovadora do artista que a produz, enquanto é por ela moldado.

6.1.16 2.4 Fechamento do capítulo

Nesta parte, abordou-se a economia criativa, a economia cultural e as atividades que lhes são nucleares, em destaque as artes marciais e seus aspectos correlatos. Embora haja diversidade de conceitos e construtos, eles convergem para o ponto cultural e revelam a força da criatividade como propulsora da mudança e de uma nova economia. O aspecto de mudança, de inovação não está afastado das raízes históricas, mas antes calcado no bem imaterial das artes e da cultura. Estabelecidas na economia criativa, essas raízes produzirão bens e serviços criativos, cujo valor agregado maior não é o monetário, mas o simbólico, capaz de conferir mais valia e desenvolvimento.

A carreira empreendedora é uma vertente das abordagens modernas de carreira, como as carreiras “proteanas”, sem fronteiras, inteligentes, caleidoscópicas, dentre outras, entretanto, advêm de longo processo constitutivo e evolutivo do tema “carreira”.

Esse tema, que acompanha as mudanças da sociedade, precisa adaptar-se e atualizar-se na medida em que é parte integrante de conceitos imprescindíveis à vida, como o trabalho, a subsistência e a dignidade humana. Assim, o assunto vem sofrendo profundas e velozes mudanças, culminadas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. De acordo com Schein (1996), as organizações de hoje vêm passando por uma metamorfose, as mudanças nas carreiras vêm ocorrendo, como vêm ocorrendo as mudanças no ambiente organizacional e nas sociedades. A carreira passou da responsabilidade e dominância preponderantes das organizações para a responsabilidade e o domínio mais voltados ao âmbito individual (MARTINS, 2001, BALASSIANO; COSTA, 2006).

Neste capítulo, são abordados os aspectos subjacentes ao desenvolvimento das concepções de carreira e empreendedorismo, bem como é explanado o conceito de carreira empreendedora. Segue-se por caracterizar aspectos comportamentais e processuais das carreiras empreendedoras, com foco na abordagem do indivíduo. Depois, o foco passa aos estágios e ciclos da carreira empreendedora, procurando caracterizar-se cada estágio e os aspectos a eles relacionados; a essa carreira vincula-se a carreira do honorável mestre de artes marciais, como empreendedor no contexto da indústria cultural, núcleo da economia criativa.

7.1.1 3.1 A Concepção moderna de carreira

Segundo Chanlat 1995, inicialmente, carreira estava relacionada a uma profissão ou ofício que se apresentava em etapas, era desenvolvida em progressão. Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), Hall e Mirvis (1995) e Chanlat (1995) divisam dois modelos de carreira, sendo um tradicional e outro moderno.

No formato tradicional, a carreira se associa ao percurso do sujeito no interior de uma organização, e três quesitos formam o conceito (MARTINS, 2001):

- a. A noção de ganho de posições, com certa sequência, elevação de *status quo* e salário;
- b. A noção de profissão, de acordo com funções e atributos exercidos nas instituições;

- c. O pressuposto da estabilidade, sendo rara a saída, normalmente amparada em continuidade.

Com o passar do tempo e as mudanças sociais, os quesitos que sustentavam a antiga abordagem de carreira foram perdendo força. Chanlat (1995) aponta, como causas do declínio da carreira tradicional e consequente soerguimento da carreira moderna, os seguintes acontecimentos:

- Entrada e ascensão crescente das mulheres no mercado de trabalho;
- Elevação dos graus de instrução;
- Cosmopolitização (*sic*) do tecido social;
- Afirmação dos direitos dos indivíduos;
- Globalização da economia, competitividade e turbulência social;
- Flexibilidade e adequação do trabalho.

Balassiano e Costa (2006) afirmam que a antiga rigidez inerente às carreiras tradicionais em mercados flexíveis tornou-as insustentáveis. Chanlat (1995) explica que, na concepção moderna, as carreiras são menos estáveis e lineares do que antes.

As profundas transformações sociais das últimas décadas criaram uma sociedade com novas características, que refletiram no mundo do trabalho e nas carreiras (GRENHAUS, CALLANAN E GODSHALK, 2000). Dessa forma, os pressupostos do modelo tradicional, que se centravam na carreira com decisivas características de estabilidade e progressão linear vertical, já não se tornaram tão adequados; sobreveio o modelo moderno, trazendo como características principais a instabilidade e a progressão descontínua vertical e horizontal (CHANLAT, 1995). Para Bernardes (2006, p.25), no modelo contemporâneo, “a responsabilidade pelo desenvolvimento de carreira passa por uma perspectiva individual. Não é uma empresa quem determinará o percurso de trabalho da pessoa, apesar de influenciar na tomada de decisão”.

Diversos autores destacaram que as mudanças sociais e no mundo do trabalho resultaram na carreira em sua versão contemporânea. Esses cientistas – entre eles Arthur, Hall e Lawrence (1989), Arthur, Claman e DeFillippi (1995), Chanlat (1995), Grenhaus, Callanan e Godshalk(2000), Arthur e Rousseau (2001) e Hall (2002), Citrin e Smith (2003) – produziram os conceitos pertinentes aos novos contextos sob o domínio da descontinuidade, da horizontalidade, da instabilidade, mas também da nova sociedade.

Entre esses conceitos, Hall (1996) desenvolveu o construto da Carreira Proteana, termo derivado do deus Proteus, da mitologia Grega, que possuía a capacidade de mudar de forma. O vocábulo é escolhido para reforçar o entendimento de que o indivíduo, na carreira moderna, deve adaptar-se às exigências do ambiente, gerindo sua própria trajetória (MARTINS, 2001).

Arthur e Rousseau (2001) propuseram as carreiras sem fronteiras, cujo título refere-se ao indivíduo e suas carreiras, que devem extrapolar as fronteiras de uma organização, emprego, atividade ou conhecimento. O tema ultrapassa as fronteiras, mas aproxima as ideias de mudança e superação das carreiras contemporâneas.

As carreiras inteligentes, de Arthur, Claman e DeFillippi (1995), propõem que os indivíduos acumulem competências e as desenvolvam de forma que, responsáveis pelos seus crescimentos, assemelhem-se às competências das organizações de que participam e por isso nelas estejam engajados.

A carreira caleidoscópica, de Mainiero e Sullivan (2006), afirma que o indivíduo cria sua carreira por meio de seus valores e escolhas de vida. Para as autoras, as pessoas que antes viviam para trabalhar agora trabalham para viver. Essa carreira se caracteriza por ser dinâmica e relacionada com as diversas esferas da vida de seus sujeitos.

Citrin e Smith (2003) investigaram as características das novas carreiras, demonstraram em seu estudo que a responsabilidade pelo gerenciamento da carreira deve ter como condutor o próprio indivíduo, e não a organização. Para os autores, já não existe mais aquela ascensão profissional linear; nos novos tempos, o sujeito escolherá as trilhas de carreira a seguir, suas decisões e escolhas serão definidoras de sua carreira.

A carreira empreendedora encontra-se no seio da moderna abordagem de carreira, assume diversas características das demais concepções; no entanto está imbuída dos aspectos fundamentais do empreendedorismo, como a inovação e a criatividade (CHANLAT, 1995).

Para Schein (1996), a criatividade é a essência da âncora de carreira empreendedora. Esse pesquisador conceituou as âncoras de carreira, que são autoimagens individuais elaboradas a partir dos seguintes aspectos: as competências pelas quais se distingue o indivíduo, os valores básicos e motivações relacionados à carreira de uma pessoa. A criatividade empreendedora diz respeito a uma das âncoras conceituadas por Schein. Os indivíduos identificados com essa forma de criatividade encontram facilidade e predisposição para obterem o próprio negócio. O mundo tornou-se mais dinâmico e complexo, daí a necessidade eminente de inovação, de produtos e

serviços satisfatórios para a nova realidade, essas carreiras e indivíduos são ancorados no empreendedorismo (SCHEIN, 1996).

A carreira empreendedora, para Chanlat (1995), tem como principais recursos a capacidade de criação e inovação, sua ascensão deve se dar pela criação de novos valores, de novos produtos e serviços. Pequenas e médias empresas, empresas artesanais, culturais e comunitárias são palcos propícios para empreendedores, que mais crescem em ambientes sociais que valorizam a iniciativa individual. Entretanto, empreendedores têm como limitadores a capacidade individual de seus atores e as exigências adversas do ambiente externo.

Para Bridges (1995), a nova abordagem de carreira tem em comum o fato de o indivíduo ser o sujeito de seu caminho, ele passa a ser o responsável pelo seu desenvolvimento profissional. Esses conceitos, presentes nessa atual responsabilidade do indivíduo pelo seu desenvolvimento profissional, tecem a relação entre a carreira e o perfil do novo trabalhador, seus pensamentos, comportamentos e competências. Esse especialista centra-se no estudo de características que implicam o desenvolvimento de carreira em relação com o “eu empreendedor” do indivíduo (BRIDGES, 1995).

Dessa forma, o indivíduo, na carreira empreendedora, além da estrita relação com a capacidade de empreender, deve investir seus recursos e tempo e deve, sobretudo, ser senhor de sua carreira, empreender e investir em seu desenvolvimento.

7.1.2 3.2 Processo de desenvolvimento de carreira

Para Milkovich e Baudreau (2000), o desenvolvimento de uma carreira moderna deve-se ao próprio indivíduo e à sua capacidade de criar seu caminho. Assim, o desenvolvimento das carreiras decorre das escolhas resultantes das pressões que o próprio indivíduo e o ambiente proporcionam. Hall (1996) coloca o indivíduo como principal sujeito construtor do desenvolvimento de sua carreira e atribui ao sucesso psicológico da pessoa o desenvolvimento bem-sucedido da carreira. De acordo com Duarte, Ferraz e Mascena (2010), na concepção contemporânea, a organização exerce papel importante no desenvolvimento da carreira dos indivíduos, no entanto, o foco principal centra-se na perspectiva individual, o foco no papel do indivíduo vem ganhando cada vez mais relevância.

A fim de que se possa compreender o desenvolvimento da carreira na concepção moderna, é preciso que se entenda a premente necessidade de gerenciamento dessa

carreira, que o indivíduo escolhe baseado em suas inclinações profissionais; por vezes, tem inclinações interiores na criatividade empreendedora, então irá vivê-la e passará por fases ou ciclos de carreira.

7.1.3

7.1.4 3.2.1 Gerenciamento de carreira

De acordo com Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), gerenciar a carreira é um processo pelo qual o indivíduo desenvolve, implementa e monitora metas e estratégias de carreira, essa visão processual diz respeito a tomar decisões assertivas na vida profissional. Martins (2001) ressalta que essa gestão de carreira deve ser permanente e regular, de modo a levar à sua evolução.

Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), trazendo à tona a visão focal no indivíduo, argumentam que gerir a carreira é um processo no qual a pessoa: (1) reúne informações importantes a seu respeito e a respeito do ambiente externo e do mundo de trabalho; (2) traça um perfil detalhado de suas características de personalidade, aptidões, interesses, valores, estilo de vida desejado, bem como possibilidades de ocupações e atuação em empregos alternativos; (3) com base nos dados e informações encontrados, estabelece metas realistas, para sua carreira - uma meta de carreira resulta do que se deseja atingir em relação à carreira; (4) estabelece e implementa uma estratégia de carreira para que as metas sejam alcançadas; e (5) avalia a eficácia da estratégia seguida e a relevância das metas.

Dessa forma, Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000) conceituaram a carreira como um processo contínuo, em que as pessoas progridem através de uma série de estágios, os quais são caracterizados por um conjunto único de questões, temas e tarefas. Percorrendo essa sucessão de graus, o indivíduo se adéqua ao macroambiente da carreira, obtendo uma gestão estruturada de sua carreira e resultando em produtividade e autorrealização.

O processo de gestão da carreira é manifesto na Figura 5. Nela, Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000) desenvolvem um modelo em que esse processo tem como passo primordial participar da exploração de carreira (A), ou seja, deve-se começar a recolher informações sobre si mesmo – como o que se gosta de fazer, onde se desenvolvem ou falham seus talentos – sobre a importância do trabalho em sua vida global e sobre o ambiente – como a possibilidade de empregos alternativos dentro e fora da organização, o sistema de gestão organizacional, enfim, o mundo dentro do trabalho

e fora dele – tudo isso objetivando soerguer a consciência individual sobre si e sobre o ambiente (B). Deve-se ter visão acentuada de seus valores, interesses e talentos, tanto no trabalho como na vida pessoal. Precisa-se tomar premente consciência das opções de trabalho e suas necessidades e das oportunidades e obstáculos oferecidos pelo ambiente. Para Martins (2001, p. 46), a exploração da carreira refere-se à “coleta e análise de informações relacionadas (...) com o objetivo de gerar consciência (*awareness*) em dois níveis: autoconsciência e consciência do ambiente”.

251658240

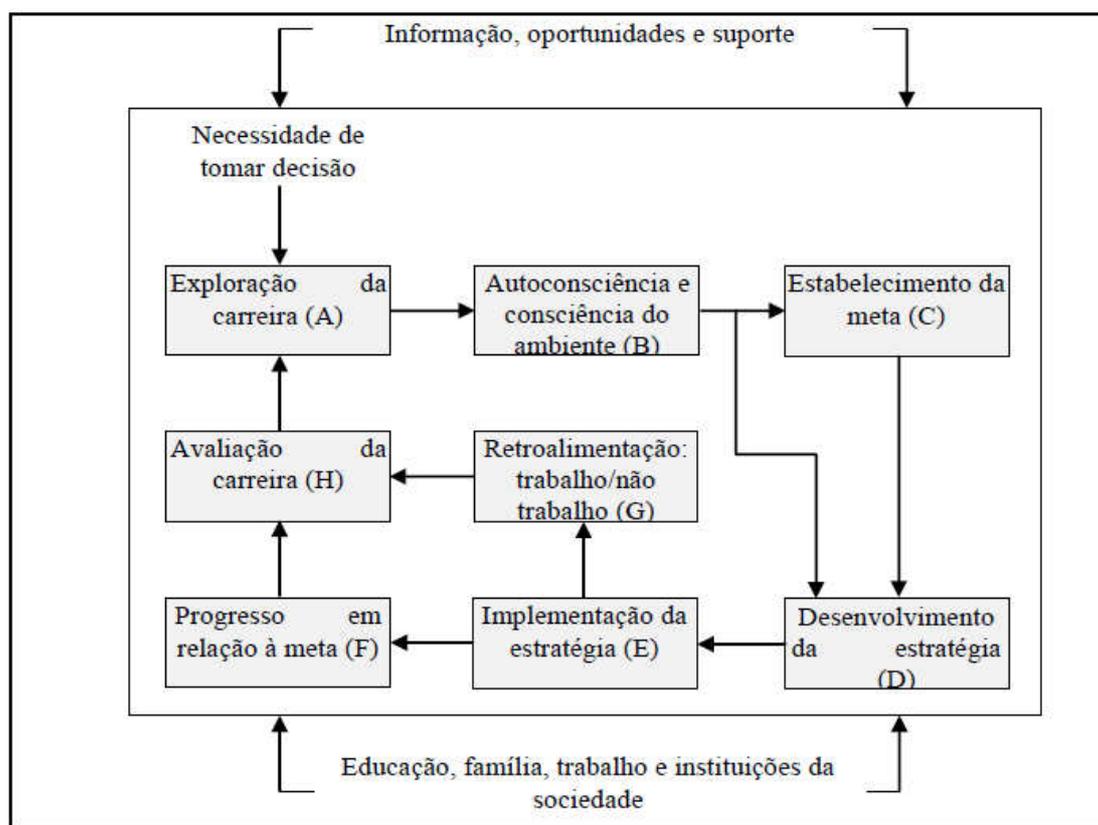


Figura 5 – Modelo de Gestão de Carreira

Fonte: Grenhaus e Callanan e Godshalk (2000, p. 24), tradução nossa.

De acordo com Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000), uma maior consciência de si mesmo e do ambiente implica facilitação na escolha dos objetivos a serem perseguidos (C). As metas, nesse caso, podem se basear em galgar uma promoção imediata, por algum tempo, ou definitiva, ou se pode posicionar para uma elevação futura. Esses autores defendem que o estabelecimento de uma meta realista (ou um conjunto de metas) pode facilitar o desenvolvimento (D) e a execução (E) de uma estratégia de carreira. Martins (2001) afirma a importância da estratégia de carreira para o processo, alude a uma sequência de ações planejadas para consecução dos objetivos.

A implementação da estratégia de carreira apropriada deve produzir progresso na consecução do objetivo de carreira proposto (F), conforme propõem Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000) e Martins (2001); deve também fornecer *feedback* útil para a pessoa. Esse *feedback*, em conjunto com o *feedback* de outros trabalhos e fontes não relacionadas ao trabalho (G), pode permitir ao indivíduo avaliar a sua carreira (H). Essa informação adicional derivada da avaliação da carreira se torna outro veículo para a exploração da carreira (vide a seta de H para A), que perfaz e retroalimenta o ciclo de gestão de carreira.

Dessa forma, urge uma observação atenta e uma interferência atuante do indivíduo na gestão de carreira, uma vez que esta se transferiu para sua responsabilidade. Essa gestão deve ser regular e permanente, com o trabalho ocupando um dos papéis centrais na vida (MARTINS, 2001). Para Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000), precisa-se entender essa gestão como cíclica e fundada na resolução de problemas e tomada de decisões. Em suma, informações são coletadas, acarretando consciência das pessoas sobre si e sobre o ambiente ao seu redor; daí as metas são estabelecidas, o planejamento e as estratégias são desenvolvidos e implementados; é obtido o *feedback* para fornecer mais informações para a gestão de carreira pertinente.

7.1.5 3.2.2 Inclinações profissionais

A gestão de carreiras tem como ponto inicial a reunião de informações acerca de si e do ambiente. Isso se deve à necessidade de encontrar um objetivo que se deve perseguir, uma carreira baseada nas características individuais. (GRENHAUS, CALLANAN E GODSHALK, 2000). Assim, cada indivíduo escolhe seus objetivos e trilha sua carreira, ancorado na visão primeira de seus aspectos pessoais, de suas inclinações profissionais.

De acordo com Schein (1993, 1996), as inclinações profissionais ou âncoras de carreira são a reunião das percepções relativas aos talentos e habilidades, motivos, necessidades, atitudes e valores que as pessoas possuem, relacionadas ao trabalho em que já atuam ou que buscam desenvolver. Essas âncoras simbolizam os valores essenciais para o indivíduo, os quais o indivíduo reteria, mesmo na contraposição e dificuldade, e que o auxiliariam nas decisões e escolhas de carreira. As âncoras são de tamanha relevância que as pessoas norteiam suas autoimagens em função delas, são o que preponderara nas etapas da carreira (SCHEIN, 1996).

Dessa forma, Schein (1993; 1996) elencou oito âncoras de carreira, a saber:

- Competência técnico-funcional – É uma âncora de carreira que referencia os indivíduos que, em suas trajetórias profissionais, sentem-se motivados e respondem ao estímulo de deter uma aptidão específica, ou seja, através da atividade profissional escolhida, utilizam-se de conhecimentos técnicos *sui generis*. Os indivíduos, nessa inclinação, abrem mão de cargos gerenciais ou diversos que os afastem de sua aptidão ou de seus talentos. Assim, segundo Schein (1996), ao passo que progridem na carreira, focalizam em suas áreas de competência e satisfação, que normalmente abrangem áreas técnicas e funcionais de serviços especializados.
- Competência gerencial – É a âncora referencial dos indivíduos com capacidades e aptidões analíticas (para identificar e solver problemas). É pautada no relacionamento interpessoal (habilidade de liderar, influenciar, coordenar) e no equilíbrio emocional (lidar com responsabilidades elevadas e resistência às pressões). Normalmente as pessoas desse grupo visam às esferas organizacionais responsáveis pela tomada de decisão e diretrizes que nortearão o futuro organizacional. Para esses indivíduos, importa galgar posições hierárquicas, liderar e auferir rendas superiores, condignas com suas responsabilidades.
- Segurança e estabilidade – Os indivíduos aqui identificados normalmente orientam suas trajetórias objetivando segurança monetária e estabilidade no emprego. Esses profissionais preferem renegar salários e cargos mais elevados em troca de longevidade e estabilidade de vínculo empregatício.
- Autonomia e independência – Essa âncora é orientação de pessoas que não se adequam a regras, métodos, expedientes de trabalho e muitas das normas preceituais das organizações. Os indivíduos aqui dispostos tornam-se produtivos quando realizam da sua própria forma, em seus ritmos e padrões. Buscam abordagens de carreiras mais independentes, com autonomia, distribuindo horários e afazeres como lhes apraz.
- Estilo de vida: nessa âncora, os indivíduos não são aqueles que desvalorizam sua carreira; ao contrário, são pessoas que compreendem suas carreiras estritamente relacionadas à vida integral; procuram agregar as diversas áreas do indivíduo com suas necessidades interiores, sua família, sociedade e

trabalho. Essas pessoas estão motivadas em relação às suas carreiras, mas a entendem relacionadas a um estilo de vida próprio, daí a necessidade de carreiras flexíveis e adaptadas às suas crenças.

- Puro desafio – As pessoas dessa âncora encontram motivação em transpor obstáculos difíceis, solucionar problemas aparentemente insolúveis, ou vencer adversários implacáveis. São extremamente competitivas e seu trabalho é entendido como oportunidade constante de provarem suas capacidades e valores. Movem-se não para superar dificuldades, mas para o desafio. Sua ocupação precisa proporcionar oportunidades constantes de provarem sua capacidade, já que são motivadas pela vontade de superar as dificuldades.
- Vontade de servir – Os indivíduos desse grupo encontram satisfação na causa social, na contribuição para o outro e para a melhoria da sociedade, procuram tornar o mundo um lugar melhor para viver, ajudando aos outros, à natureza e ao meio ambiente. As pessoas dessa âncora sentem atração pela contribuição em causas correlatas ao bem comum e abraçam as atividades onde se reconheçam tais valores.
- Criatividade empreendedora – Indivíduos relacionados com essa âncora são aqueles que incansavelmente perseguem a criação do novo, de novos empreendimentos, da inovação; mais que isso, essas pessoas perseguem esse comportamento ao longo de suas carreiras. Para Schein (1996)), são pessoas que compreendem que possuem uma imperiosa necessidade de ter e criar seus próprios negócios, desenvolvendo produtos e serviços inovadores, ou mudando o que estava posto, organizando novas empresas. Existem também os que assumem a direção de empresas existentes, moldando-as de acordo como entender ser melhor. Aqui há inclinação para empreender algo novo, mesmo sobre o antigo; criar novos negócios, produtos ou serviços. São pessoas que possuem grande necessidade de autonomia e são aficionadas pela necessidade de criar, o que lhes causa até inquietação. Esses indivíduos precisam continuamente de novos e criativos desafios; são autocentradas, necessitam de projeção, procuram reconhecimento e consideram que a questão mais importante é o seu empreendimento, seguido do acúmulo de riquezas. Entretanto, alguns indivíduos dessa âncora acabam por fracassar, isso porque, segundo Schein (1996, p.54), “gastam a maior parte de suas carreiras em busca de soluções criativas, mas ao mesmo tempo ganham a vida

com empregos tradicionais”, daí a importância de os indivíduos, de forma real, darem vazão às suas inclinações profissionais.

Para Martins (2001), as âncoras de carreira reforçam a noção de que o autoconhecimento favorece a tomada de decisão, pois foca as escolhas do indivíduo que sabe o que lhe é essencial, ao passo que enfatiza o caráter processual.

De acordo com Kilimnik, Castilho e Sant’anna (2006), as âncoras de carreira devem ser utilizadas de forma a organizar experiências, identificar áreas de atuação ao longo de sua trajetória, gerar critérios e subsidiar os tipos de trabalho, identificar padrões de ambição e sucesso que a pessoa pode determinar para si mesma. Elas servem como norteadores, sendo úteis para guiar, balizar, estabilizar e integrar a carreira de uma pessoa.

7.1.6 3.2.3 Estágios e ciclos de uma carreira

A carreira, numa perspectiva contemporânea, pode ser desenvolvida em um processo cíclico e contínuo, com a presença de diferentes estágios (ou etapas) evolutivos, caracterizados por singularidades, como questões, tarefas, temas e escolhas próprias.

Segundo Milkovich e Boudreau (2000), tradicionalmente, pensa-se sobre carreira em termos biológicos: na juventude, há o início da vida profissional; ocorre uma fase de exploração, daí o indivíduo prossegue até tornar-se estável na organização e ocupação; em seguida, ocorre o período de manutenção de realizações produtivas e estáveis e, por final, passa para um estágio de declínio ou transição para fora do trabalho, ocorrendo a aposentadoria. Por sua vez, Evans (1996) explica que, no passado, a grande maioria das pessoas via a carreira como uma escada. Argumenta que a pessoa, ao ingressar no mercado de trabalho, procuraria a sua “escada”. Usa dessa alegoria, referindo-se ao desenvolvimento de carreira, representando que as pessoas deveriam galgar níveis superiores de *status*, salário e consequentes responsabilidades. De maneira diversa, Evans (1996) argumentava que as carreiras estavam mudando de trajetória; por conseguinte, apontou uma nova metáfora para seu desenvolvimento: as carreiras estariam sob a forma de espiral, ou de ziguezague, em que as pessoas não teriam apenas uma única carreira no curso de suas vidas, mas várias. Aposentar-se seria apenas uma mudança de espiral, uma nova carreira e oportunidade, às vezes, novos caminhos em novas direções.

Milkovich e Boudreau (2000, p.306) explicam que “uma visão mais moderna e precisa mostra que as carreiras se movem em ciclos ao longo do tempo e que todas as pessoas podem passar por esses estágios várias vezes”.

Alguns estudos começaram a relacionar as carreiras ao desenvolvimento da vida adulta e ao desenvolvimento psicossocial, como ocorreu a Erick Erikson (MARTINS, 2001). Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000), nessa vertente, propõem um modelo de desenvolvimento de carreira amparado nos estudos de Levinson, que o relaciona ao desenvolvimento da pessoa adulta. Esse modelo encontra aplicação nas corporações, uma vez que estabelece aquela carreira longilínea; entretanto, para Martins (2001), pode ser aplicado tanto na carreira profissional quanto na proteana. Para Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000), cinco são os estágios de desenvolvimento nesse modelo.

No Quadro 2, a seguir, conforme o modelo de Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000), estão dispostos os cinco estágios, as faixas etárias típicas correspondentes a cada um desses estágios e as características principais desenvolvidas em cada estágio.

ESTÁGIO	FAIXA ETÁRIA TÍPICA	TAREFAS PRINCIPAIS
1. Escolha Ocupacional: preparação para o trabalho	No início 0-25 anos, depois variável	Desenvolver a autoimagem ocupacional, avaliar as ocupações, desenvolver a escolha de ocupação inicial, possuir a formação educacional necessária.
2. Entrada na Organização	No início 18-25 anos, depois variável	Receber as ofertas de emprego das organizações desejadas, selecionar o trabalho apropriado, baseado em informações precisas.
3. Carreira Inicial (<i>Early Career</i>): estabelecimento e realização	De 25 a 40 anos	Aprender o trabalho, aprender as regras e normas organizacionais, focalizar na ocupação e organização escolhida, elevar as competências e buscar os sonhos.
4. Carreira Intermediária (<i>Midcareer</i>)	De 45 a 55 anos	Reavaliar a carreira inicial e o período adulto inicial, reafirmar ou modificar o sonho, fazer escolhas apropriadas à meia-idade, permanecer produtivo no trabalho.
5. Carreira última (<i>Late Career</i>)	55 anos – saída (aposentadoria)	Permanecer com produtividade, manter a autoestima e preparar-se para a aposentadoria.

QUADRO 2 – Estágios de desenvolvimento de carreira.

Fonte: Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000, p. 119), tradução nossa.

Semelhante ao modelo de desenvolvimento de carreira abordado por Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000) com cinco estágios, Hall (2002) elaborou o modelo integrado de desenvolvimento de carreira, uma abordagem processual da carreira, que encontra amparo em modelos de ciclo de vida e de espaço de vida, como os estudos de Erick Erikson, Daniel Levinson e Donald Super. Esse modelo é um dos construtos basilares deste estudo. Nesta abordagem, ocorrem quatro ciclos ou estágios, conforme Figura 6.

O autor trata de um modelo cuja fase inicial é denominada de exploração ou carreira inicial. Essa fase vai do nascimento aos vinte e cinco anos de idade e representa o período no qual ocorre o início da vida profissional de uma pessoa. No estágio chamado de desenvolvimento –que corresponde à faixa etária entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos – o indivíduo usa de treinamentos e aprendizados, até se estabelecer na profissão. Segue-se a fase de manutenção, ou carreira intermediária, que vai dos quarenta e cinco aos sessenta e cinco anos; nessa fase ocorrem pessoas que continuam no crescimento e desenvolvimento profissional; outras apenas buscam a manutenção das conquistas já efetivadas, o que denota uma fase de raras mudanças; outras podem ainda iniciar uma estagnação e posterior declínio. Por último estágio, tem-se o declínio, iniciado na faixa etária que perfaz dos 65 anos até a aposentadoria, ou iniciado no momento de afastamento do trabalho. Esse afastamento derradeiro pode se dar de diferentes maneiras e em momentos diversos, havendo alguns indivíduos que continuam trabalhando, o que caracteriza a carreira tardia (HALL, 2002).

Segundo Hall (2002), as decisões de carreira não estão limitadas à escolha da ocupação, elas são mais oportunidades ao longo da carreira. Dessa forma, as pessoas tomam decisões ou fazem escolhas durante toda a trilha da carreira, sendo que essas decisões formarão um molde de desenvolvimento dessa carreira ao longo do tempo. Então, as carreiras perderam aquela visão retilínea e ascendente de escada (EVANS, 1996; MARTINS, 2001), passando a uma concepção mutável proteana (HALL, 2002), descontínua e em espiral (EVANS, 1996). Nesse contexto, Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000), apesar de modelarem as carreiras em diversos estágios, reforçam que a carreira mais se liga às experiências relacionadas ao trabalho e ao curso da vida da pessoa. Então, Hall (2002) explica que a noção de estágios é ainda relevante para a compreensão do desenvolvimento das carreiras atuais; no entanto, urge entender que as interações entre o ciclo de vida e os estágios se tornaram mais intensas e complexas.

251658240

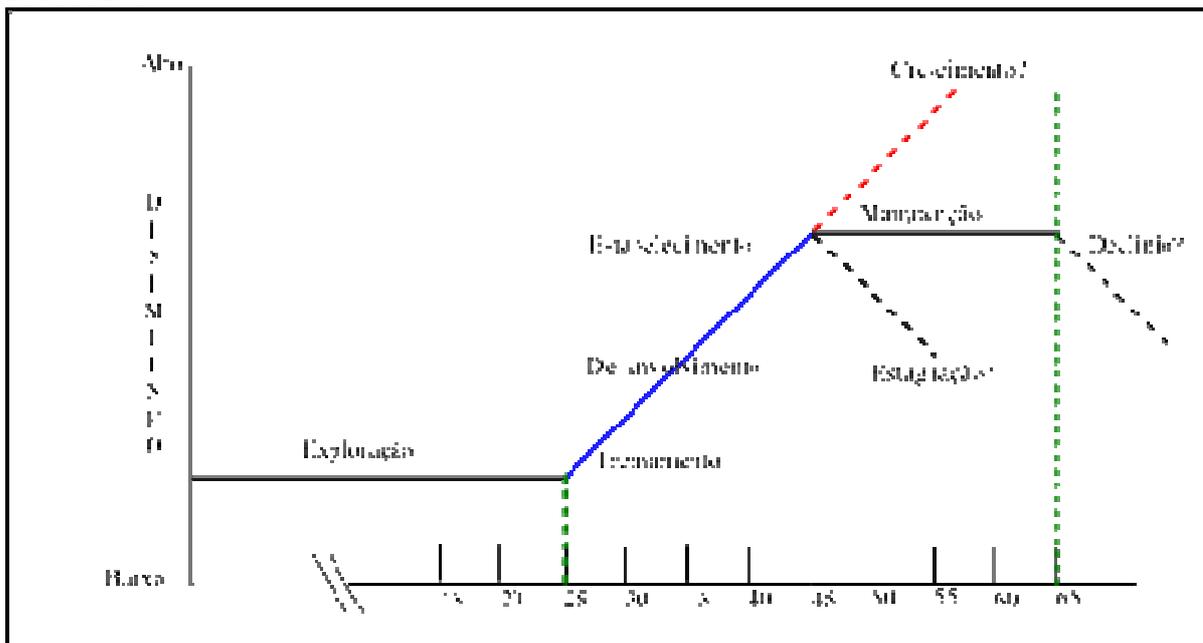


FIGURA 6 – Modelo integrado de vida e estágios de carreira de Hall.

Fonte: Hall (2002, p. 103), tradução nossa.

Em concepção mais recente, as carreiras se afastam de um único ciclo ao longo do tempo, e não se decompõem em estágios fechados, ao contrário, são flexíveis, adaptando-se a novos começos e transições; seus estágios são menos demarcados em relação à faixa etária. As carreiras atuais são vistas como um conjunto de ciclos de aprendizagem, que transcorrem com a vida das pessoas (HARRINGTON E HALL, 2007). Elas não mais estão ordenadas naquelas formas rígidas, verticais e conforme as teorias tradicionais – explica Duarte, Ferraz e Mascena (2010) – mas se estabelecem de maneira horizontal, buscando metas e objetivos que permitam alcançar o sucesso psicológico, o crescimento, o aprendizado e a expansão da identidade.

Harrington e Hall (2007) entendem que as carreiras modernas são formadas por uma sucessão de pequenos estágios (com curtos ciclos de aprendizagem) de exploração, treinamento, estabelecimento, domínio e saída; nos quais as atividades profissionais do indivíduo são desenvolvidas em várias áreas de produtos, tecnologias, funções, organizações e outros ambientes de trabalho, inclusive alguns estágios e atividades podem ocorrer simultaneamente, como está apresentado na Figura 7, a seguir:

251658240

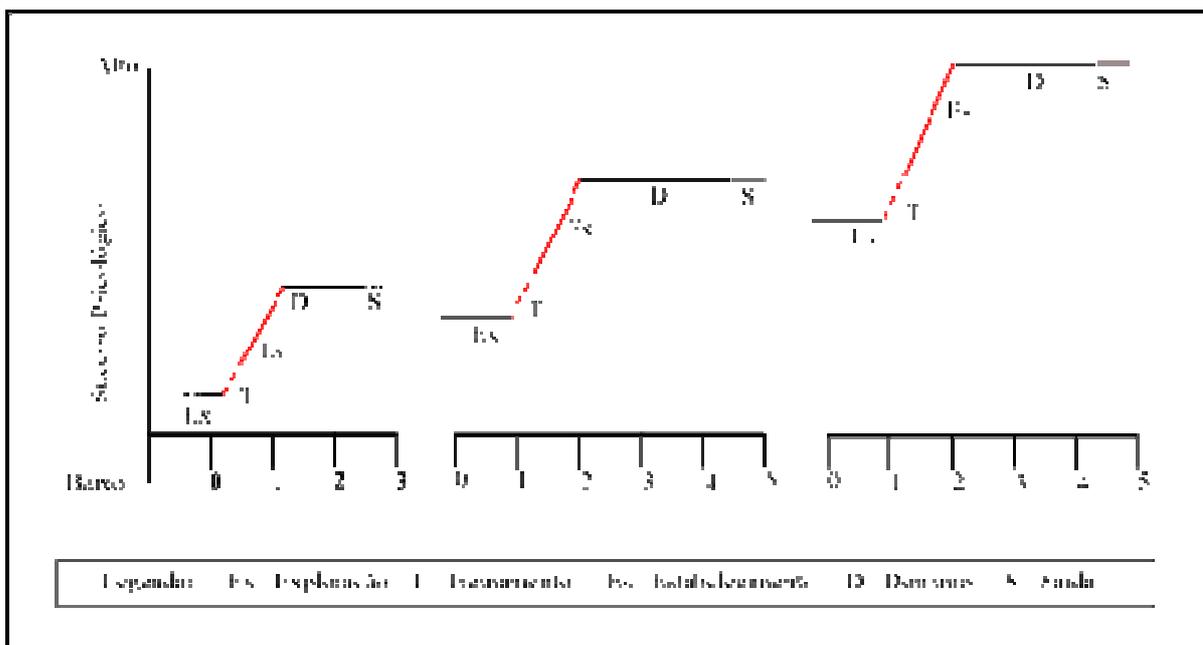


FIGURA 7 – Modelo de carreira baseada em ciclos de aprendizagem.

Fonte: Harrington e Hall (2007, p. 187), tradução nossa.

Uma questão chave dessa abordagem é determinante do estado e do momento em que o indivíduo se encontra na carreira deslocou sua referência da idade cronológica do indivíduo (GRENHAUS, CALLANAN E GODSHALK, 2000) para a idade da carreira (HARRINGTON E HALL, 2007). Nestes tempos, talvez cinco anos de desenvolvimento de determinada atividade já possa permear subsídios para se considerar uma carreira intermediária, naquela especialidade.

Harrington e Hall (2007) explanam ainda que as carreiras em estágio intermediário, ou mesmo a carreira tardia das pessoas, podem ser interrompidas por diversos gatilhos relacionados à vida pessoal ou ao ambiente, levando à exploração consciente de caminhos alternativos possíveis e a novos ciclos de aprendizado.

Dessa forma, no mundo atual, existem indivíduos compatibilizados com a forma tradicional de carreira (CHANLAT 1995): aquela nos moldes de escada (EVANS, 1996); mas existem pessoas que já estão inseridas nos novos modelos de carreira (HARRINGTON E HALL, 2007). Os indivíduos compatibilizados com a carreira no estilo moderno, entretanto, podem desenvolver seus ciclos em diferentes momentos da vida (faixas etárias), tempos de carreira e amplitudes (duração); alguns podem continuar a desenvolver as carreiras em longos ou em pequenos ciclos sucessivos, ou desenvolver algumas carreiras concomitantes, remetendo a carreira ao curso da vida de uma pessoa (GRENHAUS, CALLANAN E GODSHALK, 2000).

7.1.7 3.3 Empreendedorismo

Empreendedorismo é uma palavra já consolidada no vocabulário da Administração e da Economia, bem como no senso comum. O vocábulo provém do verbo *entrepeneur*, da língua francesa, que significa “intermediário” ou mesmo “aquele que está entre, ao meio”. Uma vez que o vocábulo empreendedorismo assume diversos conceitos, os estudiosos procuraram uma definição cabível, entretanto, não se encontrou consenso para o termo.

De acordo com Hisrich e Peter (2002), já na Idade Média, o termo empreendedorismo tinha uso para apontar administradores ou intermediários em grandes projetos; inclusive o clérigo, quando se tratava de projetos arquitetônicos. Com o passar do tempo, o termo vem sendo utilizado por diversos autores. Schumpeter (1985) introduz o conceito de empreendedor na vertente econômica, interligado ao de inovação e afirma ser preponderante para o desenvolvimento. Davidsson (2004) o define como um comportamento competitivo direcionado ao mercado. Para Dornelas (2003, p. 35), as definições para empreendedorismo são variadas, entretanto, “sua essência se resume a fazer diferente, empregar os recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos calculados, buscar oportunidades e inovar”.

A abordagem empreendedora tem caracterizado o mundo moderno. No entendimento de Dornelas, Spinelli e Adams Jr. (2014, p.3), em conjunto com a *internet*, o empreendedorismo ajudou a horizontalizar o mundo, “espalhando campos férteis de oportunidade que estão sendo cultivados e aproveitados em todos os continentes”. Fillion e Dolabela (2000) completam, afirmando que descobrir oportunidades de negócio é o ponto central do empreendedorismo.

De fato, diversas foram as abordagens a respeito do empreendedorismo, entretanto, essas visões se consubstanciam voltadas para determinadas áreas do conhecimento. Neste trabalho, contudo, constam apenas as duas escolas que mais aproximam o fenômeno ao contexto estudado: a escola econômica e a escola comportamentalista.

Segundo Fillion (1999), os primeiros autores que abordaram o empreendedorismo com teor econômico foram Cantillon e, depois, Say e eles estavam mais interessados nos aspectos administrativos e negociais que nos econômicos. Cantillon, em 1755, era um homem de negócios, um banqueiro em busca de oportunidades de negócios; Say, em 1803, acreditava que a criação de novos

empreendimentos resultaria em maior desenvolvimento econômico (FILION, 1999; HASHIMOTO, 2013).

Entretanto, foi Schumpeter (1985) o maior expoente e aglutinador dessa visão empreendedora: para ele a essência do empreendedorismo está em perceber e aproveitar as oportunidades de negócios e está relacionada ao uso dos recursos, sujeitando-os a novas modalidades e combinações. Assim Schumpeter (1985) caracteriza a inovação no campo do empreendimento e, em sua teoria, aponta a importância do empreendedorismo no desenvolvimento das nações.

A abordagem comportamental teve como autor de referência McClelland. Esse estudioso pesquisou diversas civilizações, de diferentes culturas, procurando fatores que justificassem seu desenvolvimento econômico. Entre os fatores encontrados, entendeu que a necessidade de realização era o mais importante (GUEDES, 2009). Essa escola busca centrar-se em características do comportamento e da personalidade dos empreendedores, assume-se que os sujeitos desenvolvem um conjunto de crenças e valores que moldam suas personalidades e está circunscrito a três áreas de atenção: valores pessoais, propensão ao risco e necessidade de realização (HASHIMOTO, 2013).

A abordagem econômica busca o entendimento do empreendedorismo a partir de sua função; os comportamentalistas estudam o empreendedor enquanto indivíduo, com características intrínsecas e pessoais, no contexto do sistema de valores de sua formação (FILION; DOLABELA, 2000).

7.1.8 3.4 Conceito de empreendedor

Aproximando a definição de empreendedor dos tempos atuais e da disciplina administrativa, surgiram diversos conceitos aplicáveis às ciências social e administrativa.

De acordo com Guedes (2009), o empreendedor é compreendido como o sujeito que identifica oportunidades, assume o risco do empreendimento, enquanto procura transformar oportunidades em resultados; para isso, faz uso adequado dos recursos a fim de criar novas empresas, produtos, serviços ou processos.

Alguns autores preferem conceituar o empreendedor ancorando-o na atividade que desenvolverá. Nesse norte, ele é um indivíduo que, de forma especial e inovadora, dedica-se às atividades, as quais podem estar imersas em uma organização (sendo então denominado de intraempreendedor), podem ser de uma atividade iniciante ou ainda a

atividade de um inovador que concretiza um sonho (STADLER; ARANTES; HALICKI, 2011).

Outros estudiosos amplificaram o conceito da pessoa empreendedora, afirmando que qualquer indivíduo pode empreender. Nesse âmbito, Razzolini Filho (2010) afirma que o empreendedor é qualquer pessoa que tem a coragem de ser condutora de sua própria história, de criar fatos novos com base na realidade existente, por mais que essa realidade possa parecer nebulosa e difícil, sem perspectivas e insegura. São pessoas empreendedoras aquelas que acreditam ser possível mudar e realizam as mudanças, apesar de tudo e de todos.

Aspectos administrativos e sociais serviram para balizar o termo. Para Ramsey (2014), o conceito de empreendedor está associado ao de liderança; assim prefere definir o líder-empreendedor como aquele que é capaz de liderar, enquanto faz um projeto crescer e prosperar. Fillion (2000, p. 31) afirma que o empreendedor pode ser definido como “uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”.

Alguns conceitos procuram ampliar o escopo do empreendedor para a economia de serviços, ou mesmo para a figura do profissional liberal; assim, para Bulgacov, Camargo e Cunha (2008, p. 115), o empreendedor é “a pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios”.

Portanto, o empreendedor encontra realização no empreendimento e nele buscará realização à medida que o desenvolverá. O empreendedorismo seria um caminho de carreira encontrado pelo empreendedor, pelo inovador, pelo indivíduo que deseja e tem características criativas de constituir produtos e serviços.

7.1.9 3.5 Empreender como carreira

Imerso nos húmeros da nova sociedade e baseado no conceito moderno de carreira, delineia-se o empreendedorismo como carreira. Para Bendassoli (2007), entre as novas formas ocupacionais, encontra-se o empreendedorismo. O autor destaca também o crescimento do trabalho autônomo-informal, dos trabalhos de cuidado ao indivíduo, dos empregos temporários, dos trabalhos de consultoria, dos empregos no mercado virtual e do subemprego (BENDASSOLI, 2007).

A carreira empreendedora, segundo Chanlat (1995), está ligada a um tipo diferente de empresa, uma empresa independente, com foco na pessoa do empreendedor

e com traços dele derivados. O autor explica que, nesse tipo de carreira, o sucesso resulta do talento unido ao trabalho; sendo assim, em sua essência, a pessoa empreendedora é o núcleo dessa carreira, que se desenvolve através da criação e da ascensão de valores, através de um sistema de inovação de produtos, processos e serviços.

Segundo Dornelas (2001), um estudo do GEM originou duas definições do empreendedorismo, que estão relacionadas à forma de ingresso na carreira empreendedora. A primeira seria o empreendedorismo de oportunidade, em que o indivíduo, fruto de um planejamento prévio, torna-se empreendedor, objetivando gerar lucro, empregos e riqueza. Nessa modalidade, o empreendedor é um visionário e é senhor de sua vontade e carreira. A segunda definição seria o empreendedorismo de necessidade, em que a pessoa ingressa na jornada empreendedora por falta de opção, por desemprego e falta de alternativas de trabalho. Nesse caso, os negócios não são planejados de forma adequada e boa parte fracassa.

Chanlat (1995, 2005) afirma que, em uma concepção mais ampla, a carreira empreendedora é sobremaneira reforçada pelos artistas, os fundadores de empresas culturais, comunitárias e beneficentes, além dos antes considerados empreendedores, os artesãos, os comerciantes e os proprietários de pequenas empresas. O autor relata que a atual sociedade lhe deu o título de carreira *magna*, a grande carreira por excelência, uma vez que as condições sociais desfavoráveis de precarização do trabalho e desemprego resultaram na busca das pessoas por uma carreira possível.

Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000) explicam algumas características da carreira empreendedora, que a diferem das carreiras tradicionais:

- Compromisso pessoal – as carreiras empreendedoras são marcadas por um grau mais elevado de compromisso pessoal com o sucesso do empreendimento, pois a carreira e os negócios estão interligados. O sucesso ou insucesso em um desses universos implica o sucesso ou insucesso no outro. Assim, a carreira empreendedora envolve, substancialmente, um grau de risco elevado (falha pessoal, perdas financeiras e turbulências na carreira). Sob esse prisma, a carreira é o negócio próprio e este é, em suma, a carreira.
- Baixo grau de estruturação, previsibilidade e suporte - isso se comparada ao emprego tradicional e ao que uma organização poderia oferecer. Segundo os autores, é claro que, para alguns, estrutura e previsibilidade são as razões

exatas para evitar uma carreira organizacional; todavia, para indivíduos que não estão preparados para o empreendedorismo, a falta de infraestrutura corporativa e sistema de apoio pode ser desconcertante.

- Direcionamento para a ação e a inovação - os empreendedores devem possuir uma grande tendência para a ação e a inovação; por extensão, o empreendedor deve mostrar a capacidade de responder rapidamente às mudanças ambientais.
- Realização de diversos papéis funcionais simultaneamente - mais precisamente, o empreendedor pode estar envolvido com operacionalização, *marketing*, recursos humanos e planejamento de todas as funções ao mesmo tempo, o que difere da carreira tradicional, em que se obriga apenas a uma função por vez.

Essas características relatadas por Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000) sintetizam e se unem a diversas outras dos teóricos que tratam de empreendedorismo; elas divisam a carreira empreendedora das demais. Segundo Filion (2005), a carreira empreendedora é um modo de se desenvolver em meio a um campo de especialidade do indivíduo; ela é particularmente precípua, porque vai elevar as atividades de trabalho em um campo familiar, de maior domínio da pessoa.

7.1.10 3.6 O conflito do empreendedor

Imerso em uma atividade com a qual guarda afinidade, normalmente o empreendedor deve aprender a conduzir e desenvolver as funções administrativas e negociais, uma vez que, à medida que avança com a carreira, os empreendimentos devem avançar. Dolabela (2008) dedica um livro inteiro demonstrando diversos conflitos que Luísa, uma empreendedora nata, passa. De forma geral, esse conflito resulta da ambivalência em que está inserido o empreendedor: necessidade de dar vazão às suas características pessoais e naturais, artísticas, espirituais, em contraponto às necessidades do mundo real, como sobreviver e gerar riqueza (DOLABELA, 2008).

Segundo Limeira (2008), a própria noção de empreendedorismo cultural estabelece relação entre dois conceitos de campos distintos, que devem coexistir: o de empreendedor, centrado na economia e na administração, e o de cultura, tema da Antropologia e da Sociologia. Para Schumpeter (1985), economista e um dos pioneiros do tema, o empreendedor é um agente de inovação, atuante na expansão econômica. No

campo da Psicologia, McClelland afirma, em obra intitulada *The Achieving Society* (1961), que o empreendedor é estudado enquanto pessoa, com características simbólicas, afinidades e com alta necessidade de realização. Essas duas correntes expõem a premente necessidade de análise da carreira empreendedora sobre a ambivalência econômica e pessoal (LIMEIRA, 2008).

O conflito entre a atividade de gosto e o empreendimento, entre os preceitos espirituais e os materiais, convive dentro do empreendedor e deve coexistir em relativa harmonia para a concepção da carreira de forma satisfatória. É, em parte, o que traz a obra *O Segredo de Luísa* (DOLABELLA, 2008). No entanto, como explica Yúdice (2004), nem sempre é fácil conciliar esses aspectos polarizadores, há complexidade em fazer com que tanto os aspectos sociopolíticos quanto os econômicos cheguem ao consenso, sem problemas e contradições.

Para Garcia (2012), em qualquer empreendimento eficaz, dois aspectos se sobressaem: de um lado, a necessidade de se conhecer sobre a atividade escolhida, que está associada à paixão, ao gosto, ao entusiasmo e a muito trabalho; de outro, as características negociais, o profissionalismo na condução com planejamento, com mecanismos administrativos e aprendizado contínuo.

Em suma, há no empreendedor o embate dos conceitos espirituais e materiais. Dessa relação conflituosa, vai-se configurando a carreira empreendedora. Observa-se que o câmbio dessas vertentes se faz presente em todas as fases do empreendedorismo. Quando uma potencializa a outra, uma reforça a outra, é que o empreendedor encontra maior velocidade no desenvolvimento.

7.1.11 3.7 Fases da carreira empreendedora

De acordo com Fillion (2005), a carreira empreendedora tem suas especificidades e deve ser tratada como algo particular, enxertado em um campo de atividade existente; nesse contexto, para estudar seu desenvolvimento, como nas demais carreiras, é preciso analisar os fazeres e os aspectos pertinentes às suas etapas. Citrin e Smith (2003) realçam a necessidade de criação de valor e de inovação em cada fase da carreira, asseguram que as pessoas com carreiras extraordinárias entendem como o valor é criado no local de trabalho e traduzem esse conhecimento criativo em ação, construindo valor pessoal sobre cada fase de uma carreira.

Segundo Chanlat (2005), a carreira empreendedora é um dos tipos de carreira inseridos na concepção moderna de carreira, na qual o indivíduo procurará desenvolver-se tanto em seu aspecto ocupacional, quanto em relação à sua vida (FILION, 1999). Hall (2002) explica que as carreiras contemporâneas se tornaram instáveis e flexíveis, o que acarretou mudanças nos estágios e ciclos de carreira, antes mais rígidos e relacionados à idade cronológica. O autor argumenta que a compreensão da noção dos estágios ainda é relevante para se entender o desenvolvimento das carreiras, mas é preciso perceber as interações entre os ciclos de vida e as carreiras, pois essas interações se tornaram intensas e complexas. London e Stumpf (1982) reforçam que as transições entre os estágios da carreira são reflexos das necessidades, motivos e aspirações individuais, bem como derivam de ordenações sociais.

As transições entre os estágios da carreira são impulsionadas por uma série de dificuldades e oportunidades, além de dependerem das personalidades do indivíduo e de sua resiliência e adaptação ao novo. O ciclo dessa carreira moderna e menos delimitada percorreria estágios de informação, transição e estabelecimento de subidentidade, aumento da adaptabilidade e da autoconfiança e, então, poderia ser impulsionado um novo ciclo (HALL, 1995). Os estágios inerentes às carreiras são amplamente reconhecidos pela pessoa que a trilha e, de certa forma, aceitos e estudados pela sociedade; no entanto, o período de tempo associado a cada um deles varia muito em função da profissão ou da pessoa que a exerce (SCHEIN, 1996) e não se relaciona mais à idade cronológica, mas à da carreira (HARRINGTON E HALL, 2007).

De acordo com Hall (2002), existem provavelmente mais teorias e estudos envolvendo a escolha de uma ocupação do que estudos em qualquer outro tema dentro do campo de desenvolvimento da carreira. Seja como for, há uma grande variedade de definições dos termos e estágios do empreendedorismo e da carreira empreendedora; porém, para começar a entendê-la, é necessário entender primeiramente os fatores que levaram à sua escolha e à carreira inicial (GRENHAUS, CALLANAN E GODSHALK, 2000).

7.1.12 3.7.1 Fase de exploração

Segundo Hall (2002), as carreiras têm normalmente seu período inicial chamado de exploração ou carreira inicial. Esse período teria início no nascimento e poderia

chegar aos vinte e cinco anos de idade – se tomada a idade cronológica – e representa a fase na qual ocorre o início da vida profissional de uma pessoa.

Uma carreira pode ter seu nascedouro muito antes de se estar consciente dela. Alguns fatores sociais, econômicos e familiares podem marcar o caminho de vida de uma pessoa, o que pode resultar em uma carreira (MILKOVICH; BOUDREAU, 2000). Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000) argumentam que o primeiro estágio de uma carreira, chamado de “escolha ocupacional”, ocorre muito antes da escolha da instituição; essa etapa seria a preparação para o trabalho, ocorrendo na faixa etária de zero a vinte e cinco anos, havendo variações.

Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000) afirmam que cientistas procuraram precisar o momento em que as pessoas se decidem pela carreira empreendedora, e muitas pesquisas foram desenvolvidas para se compreender do que depende essa decisão: se de traços e características dos indivíduos, ou se da influência do meio em que vivem ou, ainda, se da combinação de ambos os fatores. O empreendedorismo pode ocorrer em qualquer área, local e momento (DORNELAS, SPINELLI E ADAMS, 2014). Assim, é complexo determinar qual contexto– ambiental ou pessoal– aliado ao indivíduo resulta em uma carreira empreendedora. Filion (1999) afirma que ainda não se pode avaliar uma pessoa e afirmar, com certeza, se ela vai ser bem-sucedida ou não como empreendedora, mas se podem encontrar características e aptidões que a relacionem ao grupo dos empreendedores.

Segundo Hisrich e Peters (2004), as razões mais frequentes que levam o indivíduo a ingressar na carreira empreendedora são os sentimentos de independência e necessidade de realização. Esses sensos estão relacionados ao sentimento de controle sobre sua vida e sobre o ambiente. O empreendedor é impulsionado por uma necessidade interna de chegar ao sucesso e vencer; isso acarreta necessidade de sustentar a força e a energia não só para superar a inércia, mas para crescer e manter o crescimento (DEGEN 1989; HISRICH e PETERS, 2004).

Outra característica nata ao empreendedor, que se julga necessária para iniciar e manter uma carreira empreendedora, é a aceitação do risco. Aceitar riscos e superá-los, desbravar, iniciar, inovar reflete a definição de empreender, em que se deixa um estilo de viver rumo a outro modo ainda mais desafiador (HISRICH e PETERS, 2004; DEGEN 1989).

De acordo com Degen (1989), o empreendedor tem, acima de tudo, uma necessidade por realizar coisas novas, pôr em prática ideias, características de

personalidade e de comportamento; dessa necessidade aflui a força para vencer barreiras e dificuldades, para construir o novo. Assim são pessoas com características especiais, são visionários, fundadores, que questionam, que ousam, que querem o diferente, que fazem acontecer, ou seja, que empreendem (DORNELAS, 2003).

Na abordagem de Hall (2002), ao adentrar no período de exploração e ao ingressar de fato em uma organização, ocorre um tempo de aprendizagem inicial e experiencial marcante. A fim de capturar as nuances da fase e ingressar nesse meio, o indivíduo investe substancialmente recursos econômicos e emocionais. Para Kolb (1984), aprendizagem experiencial é o processo pelo qual o conhecimento é criado por meio do que agregam as experiências do indivíduo. Dessa forma, os valores do conhecimento são agregados através de um processo de transformação, em que estão presentes a criação e a recriação. Nessa abordagem, a aprendizagem transforma a experiência, tanto no seu aspecto objetivo, como no subjetivo. A pessoa passa por experiências de imitação e de comunicação com outras pessoas. Ocorre também a interação com o ambiente físico. Assim, as potencialidades de desenvolvimento são estimuladas e postas em prática, daí são internalizadas e transformam-se em desenvolvimento efetivo.

Hall (2002) explica que os estudos no campo do desenvolvimento das carreiras abordam, em sua maioria, a escolha da carreira como evento único, normalmente na adolescência ou na fase adulta inicial, e os demais anos de desenvolvimento da carreira serão resultados da escolha feita. Entretanto, o autor também acredita que as decisões de carreira não estão limitadas a esse momento inicial e entende que, na realidade, escolhas e decisões perfazem toda a vida das pessoas: as decisões influenciam e desenham a carreira dos indivíduos.

7.1.13 3.7.2 Fase de crescimento

Na literatura sobre ciclos e estágios de carreira, ocorrem dois períodos sucessivos, que são o estágio de desenvolvimento e o estágio de manutenção (HALL, 2002; GREENHAUS; CALLANAN E GODSHALK, 2000). Para os fins deste estudo, esses dois estágios foram agrupados em uma única fase, denominada de crescimento, principalmente porque o ponto essencial presente nesses dois estágios é o crescimento tanto das características simbólico-espirituais, como das características monetárias e do empreendimento (HALL, 2002; GREENHAUS; CALLANAN E GODSHALK, 2000; HISRIC; PETERS, 2004; DOLABELA, 2008).

A fase de crescimento se inicia com o período de desenvolvimento da carreira, que se superpõe à fase de exploração. Caracteriza-se por um período em que o indivíduo vai passar por uma série de treinamentos e aprendizados, além daquele experiencial da exploração, que objetivam incorporar à pessoa o conhecimento e as habilidades necessárias ao crescimento (HALL, 2002). Segundo Milkovich e Boudreau (2000), nessa etapa, ocorre uma transição de subidentidade, pois é tempo de socialização e orientação. A socialização é o aprendizado para compreender uma nova conjuntura e a decisão de como se ajustar aos relacionamentos socialmente aceitos, no meio que escolheu e onde está seguindo a carreira. A orientação significa tomar consciência das regras e das expectativas sociais e organizacionais do ambiente.

Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000) relatam esse período de crescimento e de realização na faixa etária típica de 25 a 40 anos. A grande vantagem dessa fase é o desenvolvimento da aprendizagem sobre as atividades da área em que se está inserido e sobre a estrutura organizacional, o que une as vertentes ambivalentes da área de gosto e das rotinas organizacionais. Nessa etapa, devem estar relativamente sanados os conflitos entre o que se tem paixão por fazer e a materialidade do empreendimento, o que se tem de fazer para sobreviver e dar suporte a essa paixão.

Essa fase exige um grande esforço pessoal para se desenvolver em consonância com características pessoais e ambientais, para lidar com a ambiguidade dos conceitos materiais e simbólicos (DOLABELA, 2008; GRENHAUS, CALLANAN E GODSHALK, 2000). De acordo com Kanaane e Ortigoso (2001), o autodesenvolvimento é um processo contínuo, que institui o indivíduo como principal gestor de sua carreira, a fim de que ele possa corresponder, de forma eficaz, às demandas de mercado, otimizando seu potencial e desempenho, contribuindo para alavancar a realização de sua carreira e o sucesso profissional”. Para Galinski (2013, p. 3), “cada vez mais o profissional percebe o quanto é importante desenvolver suas competências para iniciar um processo de autodesenvolvimento”.

Nesse período, como nos demais, devem ser incentivadas as forças propulsoras da carreira; o “*locus* de controle”, que deve sustentar as motivações empreendedoras e pode determinar o desenvolvimento da carreira (HISRICH e PETERS, 2004). Na carreira empreendedora, segundo Chanlat (1995), o foco deve estar no indivíduo e na possibilidade de sucesso com base em seus talentos e capacidades individuais. Essa carreira, para o autor, tem como elemento central a ascensão da pessoa através da

criação de novos valores, produtos e serviços, sendo a criatividade e a capacidade de inovação seus principais recursos.

Talvez a criação de valor pela inovação seja o aspecto essencial e vital à realização com sucesso de uma carreira empreendedora e criativa (UNESCO, 2013; BESSANT E TIDD, 2007; ENZIO, 2003; DEGEN, 1989). Dornelas, Spinelli e Adams (2014, p. 85) explicam que a definição de empreendedorismo, por si só, “implica a promessa de expansão e de construção de valor de longo prazo”.

Para Milkovich e Boudreau (2000), após a fase de desenvolvimento, o indivíduo começa a estabilizar-se, a qualificar-se dentro de seu papel funcional e a conquistar uma posição de influência e competência, dando início a um momento de menores mudanças e crescimento mais lento. Segundo Hall (2002), nessa etapa, entre os quarenta e cinco e os sessenta e cinco anos, o indivíduo encontra-se na fase de manutenção, na qual ocorre uma trifurcação: alguns indivíduos permanecem crescendo e desejando maior elevação profissional; outros se resumem ao que já fizeram e tendem apenas a viver e manter suas conquistas laborais, tendendo à estabilidade, com poucas mudanças; outros, ainda nessa etapa, poderão entrar em um processo de estagnação descendente, iniciando o estágio de declínio (passando antecipadamente ao estágio final).

Numa abordagem diversa, Harrington e Hall (2007) informam que as carreiras de alguns indivíduos não respondem à feição cronológica da carreira, mas estão associadas com maior precisão à idade da carreira, em que talvez o período de três a cinco anos de desenvolvimento de uma determinada atividade ou especialidade possa ser entendido como carreira intermediária naquela área ou atividade. Tomada essa abordagem, a fase de manutenção seria alcançada em menor tempo, sendo que os estágios da carreira estariam satisfeitos de acordo com um nível intermediário de competência em determinada especialidade ou campo de atuação profissional.

Tomando por base o modelo de Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), esse estágio, denominado Carreira intermediária (*Midcareer*), ocorreria entre os 40 e os 55 anos de vida, cujas atividades reavaliam a carreira inicial e a fase adulta inicial. Nesse momento, busca-se uma avaliação para reafirmação ou modificação do sonho de carreira. Ampara-se em adequação à meia-idade e às atividades mais possíveis à maturidade adquirida, mas se procura permanecer produtivo no trabalho. É caracterizada por ser um período de amadurecimento profissional e pessoal; nessa etapa, o indivíduo já tem maturidade suficiente para corrigir rumos ou mesmo mudar a direção da carreira. Muda de empreendimento, não muda a carreira enquanto empreendedora.

Dornelas, Spinelli e Adams (2014) acreditam que, para o empreendedor, a consumação da carreira está na jornada, e não no destino, isso faria com que o empreendedor permanecesse na carreira empreendedora por toda a vida.

Na fase de manutenção, o indivíduo percebe que houve em sua vida aquela sonhada criação de valor, esse valor passa a ser percebido e valorizado pela sociedade (HISRICH e PETERS, 2004). O empreendedorismo é capaz de oferecer recompensas tanto materiais como espirituais quando atinge o êxito; normalmente, no momento em que a carreira empreendedora se encontra solidificada, é que há o reconhecimento por parte da sociedade (CHANLAT, 1995). Dornelas, Spinelli e Adams (2014) afirmam que os empreendedores enfrentam paradoxos e desafios ímpares à medida que seus empreendimentos se expandem; entretanto, entre todos os desafios extremamente difíceis e estimulantes enfrentados, alguns vencidos com heroísmo, nenhum é mais libertador e estimulante que o êxito de colher os frutos de seu empreendimento, benesses sociais e financeiras.

Ao aproximar-se da fase final da carreira, normalmente após os 50 anos, o empreendedor deveria estar com os conceitos de experiência empresarial, habilidades técnicas e administrativas, sabedoria e julgamento em patamar altíssimo, ao passo que vê diminuir o impulso e a energia de sua atuação (DORNELAS, SPINELLI, ADAMS, 2014). Garcia (2012) explica que o empreendimento se torna eficaz e, a essa altura, deve existir acordo entre a atividade de paixão e o arcabouço negocial que viabiliza o empreendimento na sociedade.

7.1.14 3.7.3 Fase de estabilização

Em sequência à fase de crescimento, ocorre a fase de saída. Para Hall (2002), nesse período, o indivíduo se prepara para sua aposentadoria; no entanto, o mundo moderno admite, nessa fase, o reinício para uma nova carreira, o que o autor denomina carreira tardia. Segundo Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), alguns indivíduos desenvolvem a propalada carreira tardia (*Late career*) antes do declínio e afastamento da atividade, numa faixa etária típica, indo dos 55 anos à aposentadoria. Essas pessoas objetivam a permanência da produtividade no trabalho e a manutenção da autoestima, até que chegue a saída do trabalho que, em alguns casos, pode não acontecer.

De acordo com Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), o último estágio, denominado de declínio, inicia-se aos sessenta e cinco anos e segue até o momento em

que o indivíduo interrompe suas atividades laborais definitivamente. Para esses autores, essa fase já seria precedida de uma existência ou não de carreira tardia. Ao final da fase do declínio, ocorreria o afastamento das atividades laborais. Para alguns autores, não haveria momento temporal final para a fase descendente, uma vez que a pessoa poderia, a qualquer tempo, iniciar uma carreira tardia ou, como se supõe para a carreira empreendedora, jamais buscar a aposentadoria (DORNELAS; SPINELLI E ADAMS, 2014).

Uma grande parte das carreiras recentes, segundo Harrington e Hall (2007), teriam ciclos de carreira mais curtos e que se sucederiam em um crescimento contínuo. Nessa abordagem – com curtos ciclos compostos das fases de escolhas de carreira, estabelecimento de confiança, competências e novos papéis, maestria ou excelência do desempenho – a conclusão do ciclo aponta para uma nova inserção no ciclo subsequente. Nessa abordagem não haveria sentido falar em carreira tardia: o que ocorre é um reinício, não havendo saídas, apenas novas atividades ou novos rumos.

Para Hirich e Peters (2004), como em todos os processos, o processo empreendedor implica movimento, de algo para algo – um movimento que parte de um estilo atual de vida para formar uma nova empresa. A decisão de iniciar, de modificar ou mesmo de abandonar a carreira ou o estilo de vida não é fácil. Tanto a fase de saída como o início de um novo ciclo exigem muita energia e coragem do empreendedor para mudar e fazer algo novo e diferente.

Há a possibilidade de se iniciar o empreendedorismo após uma carreira tradicional, após seu declínio ou no momento de saída. Para Hirich e Peters (2004), um forte incentivo para superar a inércia e renegar o atual estilo de vida a fim de criar o novo vem de uma força contrária – a ruptura. Um número significativo de empreendimentos advém de pessoas que se aposentaram ou foram demitidas. Nota-se que a necessidade é motriz e, provavelmente, não há força maior que o deslocamento pessoal para potencializar a vontade de agir de uma pessoa.

Kanaane e Ortigoso (2001) relatam que um novo aspecto relevante é proveniente da capacidade de administrar relacionamentos, formatar redes sociais que contribuam para a expansão da área de atuação e prospecção do indivíduo. A carreira empreendedora é profícua e exige a constituição de uma teia de relacionamentos que oferecerá subsídio ao seu crescimento e aprendizagem, mormente nesse período (DOLABELA, 2008). Dolabela (2008) e Dornelas, Spinelli e Adams (2014) demonstram a necessidade de o empreendedor consumado buscar continuidade; há que

se perpetuar sua arte e seus negócios; mesmo antes de a carreira alcançar o patamar de magistral, o empreendedor busca sucessão para seus negócios e sua arte.

A carreira empreendedora parece superar o momento estaque do fim da vida. Percebe-se, portanto, que o indivíduo busca estar nela até o final da existência material, mas arvora-se em deixar resíduos de sua arte e atuação para que outros o sucedam. Dessa forma, a carreira empreendedora, na economia criativa, parece devolver a essa nova economia talentos e empreendimentos, tanto na presença de seus mestres, como através de seu legado.

7.1.15 3.8 Fechamento do Capítulo

Neste capítulo, foi abordada a carreira empreendedora em suas características e nuances. Iniciou-se por aspectos relevantes da concepção moderna de carreira em distinção com a carreira tradicional; passou-se a entender o processo de gerenciamento da carreira e a conhecer as inclinações profissionais dos indivíduos, principalmente a âncora da carreira empreendedora. Depois, veio o estudo dos estágios e ciclos de uma carreira, de acordo com a literatura concernente; passou-se ao empreendedorismo com relevo ao empreender como carreira, quando as características da carreira empreendedora puderam ser estudadas, inclusive a mentora. O capítulo se completa convergindo para as etapas da carreira empreendedora, que vêm a ser o núcleo desta pesquisa.

8 4 METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos e considerações metodológicas da pesquisa. Diante da importância da metodologia na elaboração de trabalhos científicos, são abordados tópicos como a natureza da pesquisa, seu universo e os sujeitos considerados, o instrumento, o processo de coleta e análise de dados e as limitações do estudo.

A pesquisa científica precisa de organização, requer rigorosos critérios, com os quais se poderá obter resultados válidos e confiáveis, de forma que se atenda ao objetivo geral, através do atingimento dos objetivos específicos escolhidos. Por isso se faz necessário investigar utilizando-se do método, de forma cuidadosa e rigorosa. A investigação da realidade tornará possível encontrar a essência dos seres e fenômenos, revelando a propriedade das coisas e os processos naturais, com a finalidade do bem comum (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Considerou-se a abordagem qualitativa propícia para o estudo, em virtude do objeto investigado e dos objetivos a serem alcançados, pois o contexto remete a um fenômeno holístico, com detalhes e inter-relações humanas e sociais complexas. Uma abordagem metodológica quantitativa captaria superficialmente o fenômeno, reduzindo-lhe a riqueza e a profundidade de seus aspectos sociais.

8.1.1 4.1 Classificação da pesquisa

Diversas são as formas de se categorizar as pesquisas. Seguindo-se a taxonomia de Collis e Hussey (2005), quanto aos objetivos, este estudo seria classificado como analítico ou explanatório, entretanto, para Gray (2012) poderia ser classificada como interpretativa.

A pesquisa analítica sucede a uma pesquisa descritiva. Essa investigação objetiva ultrapassar a descrição das características, indo analisar e explicar porque os fatos se manifestam (COLLIS; HUSSEY, 2005). Para Collis e Hussey (2005, p. 24), “a pesquisa analítica tem como objetivo entender fenômenos, descobrindo e mensurando relações causais entre eles”. Gray (2012) nomina de forma diferente um entendimento semelhante, relata que os estudos interpretativos são adequados às abordagens

qualitativas e aos fenômenos sociais, procurando manifestar as experiências e perspectivas relacionadas às pessoas.

Quanto aos meios ou procedimentos técnicos utilizados, classificação adotada por autores como Gil (2002) e Vergara (2007), a pesquisa é de campo, com escopo associado ao estudo de caso múltiplo ou multicaseos.

De acordo com Vergara (2009), a pesquisa é de campo quando é realizada no local de ocorrência do fenômeno, ou no local que conserva os elementos que podem explicar o fenômeno estudado. Dessa forma, o estudo de campo é importante nas organizações, porque *in loco* buscará avaliar aspectos internos e relacionados às instituições (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Para Sampieri, Collado e Lucio (2013), o “trabalho de campo significa sensibilizar-se com o ambiente ou lugar, identificar informantes que tragam dados essenciais, entrar e concentrar-se na situação de pesquisa, além de verificar a viabilidade do estudo”.

A característica deste estudo de buscar analisar aspectos relacionados à vida real dos grandes mestres classificam-no como estudo de casos múltiplos, segundo Yin (2001, p.32):

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de um estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir à coleta e análise de dados.

Dessa forma, Goddoy (1995) alude que o estudo de caso é preferido quando se procura elucidar questões “como” e “por quê”, revelando a ocorrência dos fenômenos. São preferidos quando é difícil o controle de eventos e o foco são fenômenos atuais dentro do contexto da vida real. Godoi, Melo e Silva (2006) afirmam que o estudo de caso tem sido amplamente utilizado em estudos organizacionais, ajudando essa grande área científica. Uma das qualidades desse tipo de estudo reside na versatilidade e possibilidade de aprofundamento.

Decidiu-se pela estratégia de coleta baseada em entrevistas semiestruturadas. Segundo Creswell (2010), o pesquisador na abordagem qualitativa assume papel primordial, pois coleta os dados pessoalmente através do exame de documentos, de observação do comportamento e do campo e de entrevista com os participantes. Essa múltipla fonte de dados logra o enriquecimento do estudo. Gray (2012) afirma que o desenho de pesquisa qualitativo é emergente, deve ser considerado menos como um

caminho reto e sequencial e mais como uma série de interações, o que fez decidir por entrevistas e semiestruturadas.

8.1.2 4.2 Seleção dos sujeitos

Sujeitos de pesquisa são os indivíduos que fornecerão os dados necessários à realização da mesma (VERGARA, 2009). Segundo Godoy (1995), há grande importância na pesquisa qualitativa em se compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos que lhes possibilita existência.

O universo e os sujeitos da pesquisa são os honoráveis mestres de artes marciais orientais no Estado do Ceará, tomando-se como conceito não obrigatoriamente os nascidos no Estado, mas os que desenvolveram suas carreiras reconhecidamente no Estado e aqui se estabeleceram. A cuidadosa seleção dos sujeitos se faz necessária, uma vez que, em todo o processo da pesquisa qualitativa, o foco é mantido na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema. A ideia fundamental que alicerça esse método é a de aprender sobre o problema com os sujeitos e obter informações que extrapolem aquele local e virem ciência (CRESWELL, 2010).

Na particularidade desta pesquisa, em que cada caso é um indivíduo, e não um grupo ou organização, as unidades de observação e análise confundem-se com os sujeitos. Os sujeitos do estudo são os honoráveis mestres de 6 (seis) das 7 (sete) artes marciais orientais mais praticadas no Ceará: Judô, Jiu-Jítsu, Caratê, *Muay thai*, *Kung Fu* e *Aikido*.

8.1.3 4.3 Critério de seleção

De acordo com Trivinos (2007), a pesquisa qualitativa pode se utilizar de diversos recursos, mesmo aleatórios, para fixar a amostra. O desafio é encontrar na seleção da amostra força que possa representar o universo, ou seja, encontrar representatividade dos sujeitos. Para que isso ocorra, nesse tipo de pesquisa, urge considerar uma série de condições, como centrar foco em sujeitos essenciais para a pesquisa (do ponto de vista do investigador), encontrar pessoas com capacidade de esclarecimento do fenômeno estudado, tempo para realização de entrevistas, dentre outras, ou seja, acertar nos critérios de seleção dos sujeitos.

A origem cultural tão divergente entre as culturas orientais e ocidentais demarcou o primeiro critério para seleção. Em um primeiro momento, excluíram-se as artes marciais que não têm origem oriental. Foram excluídas: Capoeira, *Boxe*, *Kickboxing*. Um segundo critério, ainda sob o arcabouço cultural, resultou na exclusão do *Krav Maga* que, mesmo sendo radicado em Israel, guarda substanciais diferenças culturais, filosóficas e espirituais em relação às artes marciais que delimitam o campo deste estudo. Entendeu-se que a permanência de quaisquer dessas artes poderia enviesar o perfil dos sujeitos. Para Gray (2012), os dados qualitativos são abertos a múltiplas interpretações e são amplamente influenciados pelo ambiente e cultura. O autor entende que o estudo de caso é propício à pesquisa qualitativa, e o ambiente cultural, a relação entre o fenômeno e o contexto em que ocorre são particularmente o que se procura compreender no estudo de caso.

Depois, por um senso comum presente nos praticantes e por serem consideradas as mais populares e acessíveis no Ceará, tanto no conceito de luta, como no conceito desportivo, restaram aceitas: o *Jiu-Jítsu*, o *Judô*, o *Muay thai* (Tailândia), o *Tae kwondo*, o *Caratê*, o *Kung Fu* e o *Aikido*.

Por último, foram selecionados os considerados pela sociedade cearense os portadores da honra, do caminho e da técnica, os honoráveis mestres de cada uma dessas artes, ditos sujeitos, através de uma técnica em que se cruzaram diversas referências.

Assim, com a finalidade de mapear os honoráveis mestres que residem e desenvolvem seu trabalho no Ceará, primeiramente foram consultadas as federações no estado do Ceará representantes das federações brasileiras e das mundiais de cada arte marcial que apontaram os sujeitos deste estudo.

Outras fontes de referência foram os dois jornais de maior circulação no estado do Ceará, que citam os sujeitos em diversas matérias como expoentes em cada arte.

A internet e as mídias sociais serviram como uma terceira fonte de referência para a escolha dos sujeitos. Na rede se encontram sítios, páginas, organizações fundadas ou em homenagem aos sujeitos, o que veio a reforçar a representatividade dos mestres em suas artes.

Além do que se pediu referência aos diversos instrutores e demais agentes do meio das artes marciais, também em eventos, e entre os demais mestres, e se decidiu pelas indicações resultantes do cruzamento dessas referências. Quando consultados os sujeitos das pesquisas, também estes indicaram uns aos outros como que se utilizando

da técnica da bola de neve, entretanto, suas indicações serviram de confirmação do cruzamento das referências.

Nas artes marciais, ocorre certo consenso entre as pessoas que referendam os mestres, ou seja, as referências cruzadas normalmente apontam apenas um único considerado honorável mestre e indutor da luta/esporte no Estado, o que na maioria dos casos também é o mestre mais graduado e respeitado. Ademais, foi considerada também a acessibilidade a esses honoráveis mestres.

A principal dificuldade da pesquisa esteve relacionada a conseguir a entrevista com esses mestres. De uma forma geral, são cercados de cuidados por parte dos discípulos e estão constantemente em viagens ou participando de eventos. Através da indicação de praticantes e porque houve apoio de um praticante de Jiu-Jítsu que houvera sido tricampeão brasileiro, um faixa preta de Judô terceiro *dan*, e um campeão brasileiro de *Kung Fu*, conseguiram-se os contatos iniciais. Após essas três entrevistas terem sido marcadas, as demais foram agendadas com menores resistências pelo simples fato de os sujeitos se conhecerem e se respeitarem mutuamente. A participação de uns acabou por viabilizar a aceitação do convite por parte dos demais. Outro fato decisivo foi o apoio da Universidade, cujo nome acabou por abrir acesso ao pesquisador. No caso do *Tae kwon do*, o mestre apontado estava fora do Brasil durante o período da pesquisa, e sendo público bastante específico, não se pode incluir outro.

Ao final das entrevistas, os honoráveis mestres das artes marciais entenderam por bem assinar um documento autorizando que se publicassem seus nomes para o âmbito deste estudo, mas resultou decidido para maior efeito de preservação se omitir, mesmo porque estudos futuros oriundos deste estariam livres de quaisquer problemas quanto à citação de nomes.

Assim, foram selecionados os mestres das artes que denominamos na forma seguinte:

- a. Judô - denominado “Jud”;
- b. Jiu-Jítsu - denominado “Jiu”;
- c. Caratê - denominado “Kar”;
- d. *Muay thai*- denominado “Mua”;
- e. *Kung Fu Wushu* -denominado “Kun”;
- f. *Aikido* - denominado “Aik”.

8.1.4 4.4 Estratégia de coleta de dados

Uma dificuldade considerável deste estudo disse respeito à obtenção de entrevistas de indivíduos de elevado reconhecimento social e tempo diminuto. Entretanto, em certo ponto, seus compromissos com as artes que versam puderam se manifestar como um facilitador.

Segundo Creswell (2010, p. 208), na abordagem qualitativa, os pesquisadores tendem a coletar os dados no campo e local em que os sujeitos vivenciam a questão-problema: “eles não levam os indivíduos para um laboratório (uma situação artificial), nem enviam instrumentos para os indivíduos preencherem”. A coleta de dados da pesquisa foi efetuada através da realização de entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas possuem ao menos duas vantagens significativas para o estudo proposto: oferecem maior grau de liberdade ao sujeito, deixando-o mais à vontade, favorecendo que indagações, perspectivas e histórias tão profundas nos sujeitos possam emergir e facilitar a compreensão do fenômeno (GRAY 2012). Também por terem certa estrutura, puderam ajudar a conduzir os sujeitos, facilitando-lhes o entendimento das perguntas e o foco nos objetivos do estudo.

As entrevistas foram feitas no ambiente do empreendimento do sujeito ou onde se sentiram à vontade e fizeram convergir lembranças, sentimentos e realizações, sempre *in loco*.

A entrevista é a forma mais usual e difundida de coleta de dados orais nas ciências sociais (CLOSS, 2009). Lakatos e Marconi (2003) definem entrevista como encontro entre dois indivíduos com intenção de um deles em obter informações sobre um assunto escolhido, mediante conversação de natureza profissional. Para Collis e Hussey (2005, p. 160), a entrevista pode ter mais de um entrevistado ou entrevistador e trata-se de um método de coleta que permitirá saber o que os participantes “fazem, pensam ou sentem”. É, portanto, um processo de interação entre entrevistadores e entrevistados, cujo objetivo é obter informações acerca do fenômeno. Para Yin (2001, p.114), as entrevistas “constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas”.

De acordo com Roesch (1999), entrevistas desprovidas de estrutura não devem ser empregadas, pois podem resultar em situações de perda de foco e controle, em que o entrevistado fala livremente, podendo resultar em acúmulo de informações difíceis de analisar.

Dessa forma, optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas porque favorecem o alcance dos objetivos propostos. Nessa modalidade, um roteiro serve como guia, estabelecendo um caminho a ser seguido, entretanto, um caminho flexível. O pesquisador terá liberdade de incluir, excluir e modificar perguntas, de acordo com o andamento da entrevista. Pode-se, ainda, mesclar perguntas fechadas e abertas, para que o entrevistado alcance a espontaneidade necessária e possa discorrer sobre o assunto desejado, dessa forma se enriquecerá a investigação (TRIVINOS, 2007).

Trivinos (2007) recomenda que as perguntas utilizadas na entrevista semiestruturada devam ter como base a teoria e o referencial propostos, pois os eles alimentam o referencial no qual se apoiará a pesquisa. Portanto, o protocolo de entrevista foi elaborado tendo como referência, forma e sequência a consecução dos objetivos específicos a serem alcançados.

O protocolo de pesquisa foi elaborado em quatro blocos, que são quatro categorias de análise e que correspondem aos quatro objetivos propostos no estudo. O roteiro consta de perguntas principais e algumas questões de controle, que visam checar a completude das respostas em meio ao referencial teórico estudado. Uma proposta inicial contava com vinte questões principais, mas depois essa proposta foi reduzida para quinze, como forma de tornar à objetividade e simplificar a extensão do questionamento.

Os blocos estão distribuídos da seguinte forma:

- BLOCO 1 – Caracterização dos Sujeitos;
- BLOCO 2 – Fase de Exploração;
- BLOCO 3 – Fase de Crescimento;
- BLOCO 4 – Fase de Estabilização.

Com a estratégia geral de coleta de dados se espera encontrar um conjunto de dados que possam viabilizar a análise do desenvolvimento da carreira dos honoráveis mestres das artes marciais dentro da economia criativa, objetivo geral do estudo.

Uma entrevista prévia de teste ocorreu no ambiente do honorável mestre “Kun”, primeiro contatado. Essa etapa se mostrou necessária para que fosse desenvolvido o procedimento de aplicação, refinando a linguagem ao meio e realidade dos sujeitos e,

principalmente, para assegurar dados mais precisos, capazes de conduzir a resultados que satisfizessem os objetivos propostos (GIL, 2002).

Por ocasião das entrevistas, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa aos honoráveis mestres e aos demais intervenientes. É que para esses mestres de honra há sempre um respeito e uma proteção suplementar de discípulos, para que se cumpram certas formalidades. Solicitou-se a permissão para publicação que consta no Apêndice C e se ofereceu a carta de apresentação, que se encontra no Apêndice B.

Cumpridas as primeiras formalidades, foi solicitada a gravação de áudio, para garantir mobilidade ao entrevistador e entrevistado, bem como para que os dados coletados preservassem a integridade. Outros métodos poderiam corromper dados importantes.

As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2015, na cidade de Fortaleza, sede do Estado do Ceará, onde estão concentrados os empreendimentos dos honoráveis mestres de artes marciais, sujeitos do estudo.

8.1.5 4.5 Estratégia de análise dos dados

Uma vez de posse dos dados coletados em todas as entrevistas, esses dados foram confrontados com a pesquisa bibliográfica efetuada. Foi realizada uma triangulação das informações, objetivando a melhoria da análise dos dados, que resultaram em informações concernentes aos objetivos do estudo (YIN, 2001).

As gravações das entrevistas foram transcritas, na íntegra. Decidiu-se pelo tratamento dos dados através da técnica de análise de conteúdo, por se ter mostrado a mais adequada ao estudo corrente. A Análise de Conteúdo é o nome dado à técnica, ou mesmo ao conjunto de técnicas de análise de comunicações, que objetivam a descrição do conteúdo de mensagens, utilizando-se de procedimentos sistemáticos, de indicadores quantitativos ou qualitativos que possibilitem a indução de conhecimentos advindos dessas mensagens (BARDIN, 1995).

Segundo Gray (2012), uma das abordagens mais usuais na análise de dados qualitativos é a análise de conteúdo, que em sua essência trata de fazer inferências sobre os dados, identificando de forma sistemática e objetiva características especiais (classes ou categorias) entre eles. Trivinos (2007) e Collis e Hussey (2005) apontam a relevância da análise de conteúdo no campo de convergência qualitativa. Laville e Dionne (1999) entendem que essa técnica é adequada aos estudos qualitativos e permite investigar

diversos objetos como valores, ideias e atitudes. Assim, entende-se que a técnica é propícia ao estudo em questão.

Gray (2012) e Creswell (2010) recomendam a categorização dos dados coletados em seleção prévia, agrupados por classes que representem pontos comuns. Gil (2002) entende que a classificação dos dados permite ao pesquisador efetuar a análise e obter conclusões. As categorias podem estar fundamentadas no referencial teórico, entretanto, é comum emergirem conceitos e elucidações no decorrer do processo (GRAY, 2012).

Nesta pesquisa, inicialmente, as categorias foram definidas com base no referencial teórico que remete aos objetivos. No entanto, abriu-se para novas possibilidades e correções de rumo que surgiram durante todo o processo; assim, a análise de conteúdo incorreu nas seguintes categorias de análise:

- Caracterização dos Sujeitos;
- Fase de Exploração;
- Fase de Crescimento;
- Fase de Estabilização.

O Quadro 3, exposto a seguir, dispõe as categorias de análise e suas unidades de contexto amparadas no referencial teórico.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	UNIDADES DE CONTEXTO	AUTORES
1. Caracterização	Presença da inovação e da criatividade.	UNESCO (2013), MINC (2012), Grennhaus, Callanan e Godshalk (2000).
	Presença de talentos e habilidades especiais propícias.	UNESCO (2013), MINC (2012), Míguez (2007).
	Criação de riqueza e propriedade intelectual ligada à arte e à cultura. Produção de bens e serviços criativos cujo valor tem caráter simbólico.	UNESCO (2013), Barreto (2013), MINC (2012), Lima (2005), DCMS (2001), MINC (2012), Throsby (2001).
	Alto grau de compromisso pessoal e realização de múltiplos papéis, com carreira e negócio interligados.	Florida (2012), Míguez (2007), Lima (2005), Grennhaus, Callanan e Godshalk (2000), Lima (2005).
	Potencial para gerar ocupação e renda, apesar de baixos níveis de estruturação, previsibilidade e suporte.	Santos e Reis (2014), UNESCO (2013), Barreto (2013), MINC (2012) Grennhaus, Callanan e Godshalk (2000), Ross (2009).
	Coexistência de aspectos simbólicos da atividade de gosto e aspectos econômico-negociais.	UNESCO (2013), Barreto(2013), Garcia (2012), MINC (2012), Dolabella (2008), Limeira (2008), Lima, (2005).
2. Exploração	Ocorrência de sentimentos de independência e necessidade de realização.	Hirish e Peters (2004), Degen 1989.
	Aceitação do risco.	Hirish e Peters (2004), Degen 1989.
	Ingresso sob o regime do empreendedorismo por oportunidade.	Dornellas (2001), Degen (2008), GEM (2014).
	Investimento de recursos emocionais e econômicos.	Henderson, Robertson (2000), Hisrich, Peters (2004); Dornelas (2005); Dolabela (2008).

3. Crescimento	Paradoxo do conflito entre a subjetividade do artista e a necessidade de monetizar a arte, até que ocorra relativa conciliação entre arte e negócio.	Dornelas, Spinelli, Adams (2014), Garcia (2012), Dolabella (2008), Yúdice (2004), Grennhaus; Callanan; Godshalk (2000).
	Agregação de valores econômicos e simbólicos através da criatividade e inovação.	UNESCO (2013), Beessant e Tidd (2007), Enzo (2003), Chanlat (1995), Degen (1989).
	Expansão da cadeia de valor, dos bens e serviços e dos resultados. Materialização do reconhecimento social.	Dornelas, Spinelli, Adams (2014), Dolabella (2008), Hisrich e Peters (2004), Milkovich e Boudreau (2000).
4. Estabilização	Busca de permanecer em atividade, em detrimento do declínio, da estagnação ou da inatividade laboral.	Dornelas, Spinelli, Adams (2014), Hirich e Peters (2004).
	Maturidade para procura de continuidade/sucessores para o legado e patrimônio.	Hirich; Peters (2004), Harrington; Hall (2007).
	Presença de um gatilho para novo início. Começo de novo negócio, produto ou serviço, nova forma de conceituar a carreira.	Kanaane e Ortigoso (2001), Harrington e Hall (2007), Dolabella (2008), Dornelas; Spinelli; Adams (2014).

QUADRO 3 – Categorias de análise, unidades de contexto e autores.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na literatura do estudo.

A partir da coleta e análise dos dados são apresentados os resultados inicialmente dispostos caso a caso e depois na sequência das categorias abordadas. Posteriormente, o estudo traz um quadro síntese com realce nas similaridades e disparidades entre os sujeitos.

8.1.6 4.6 Limitações

O Método Qualitativo apresenta limitações quanto à confiabilidade e validade dos instrumentos em uso. Nesses métodos, os procedimentos são nada uniformes, mesmo que sejam seguidas estratégias mais rígidas (CRESWELL, 2010).

Se por um lado o método qualitativo perscrute informações profundas, ricas e detalhadas sobre um pequeno número de sujeitos, permitindo compreensões mais essenciais do fenômeno, por outro lado os críticos a acusam de carecer de rigor metodológico se comparado ao método quantitativo (GRAY, 2012).

Entretanto, Yin (2001) propõe que o estudo de caso visa expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística). Mais ainda, quando se trata de múltiplos casos, tornando mais fortes as constatações (YIN, 2001).

Uma limitação específica deste estudo trata de seus sujeitos. Muitas das interrogações remetem a instantes de outrora, e muitos dados podem ter se perdido no tempo, mesmo que se tenha preparado com cautela e naturalidade a coleta dos dados. Gray (2012) salienta que a pesquisa qualitativa é contextual e propícia à vida real, indo além de um instantâneo ou de um recorte transversal, por isso consegue capturar o

fenômeno no tempo. Assim, a raridade e riqueza do fenômeno estudado reforçam a necessidade da realização, apesar de suas limitações. Outro aspecto limitante diz respeito ao ambiente de proteção em que os sujeitos estão inseridos, dificultando sobremaneira a coleta de dados em um tempo mais alongado.

Tanto os métodos qualitativos como os quantitativos têm suas limitações; assim, é o pesquisador que deve escolher qual utilizar, baseado no fenômeno a ser investigado. Nesta pesquisa se escolheu esse método por se julgar mais adequado para a análise do fenômeno.

9 5 CARREIRA DOS HONORÁVEIS MESTRES DE ARTES MARCIAIS NA ECONOMIA CRIATIVA DO CEARÁ

O objetivo geral deste estudo é analisar o desenvolvimento da carreira dos honoráveis mestres das artes marciais orientais no Estado do Ceará. Neste capítulo, encontram-se as informações coletadas em campo mediante uso de entrevistas semiestruturadas *in loco*, elaboradas no ambiente dos mestres.

Este capítulo tem seu início com a caracterização do conceito de honorável mestre de arte marcial, seguida da apresentação individual de cada conteúdo das entrevistas semiestruturadas, dispostas de forma a seguir um histórico na linha do tempo das carreiras dos mestres. Para possibilitar a análise, este estudo agrega as seguintes categorias, definidas a partir dos objetivos específicos e da literatura consultada:

- Caracterização dos sujeitos na condição de honorável mestre e na condição profissional atual;
- Fase de exploração da carreira de empreendedor;
- Fase de crescimento da carreira de empreendedor;
- Fase de saída da carreira de empreendedor.

Ao final do capítulo, são apresentados quadros-síntese de condensação dos resultados.

9.1.1 5.1 Honoráveis Mestres de Artes Marciais no Ceará

Para o estabelecimento das unidades de análise desta pesquisa, partiu-se do conceito de “honoráveis mestres de artes marciais”. O conceito provém da cultura oriental que se encontra arraigado no Ocidente e no Estado do Ceará. Na escolha dos mestres, levou-se em conta a opinião de praticantes e a opinião de outros mestres.

No Estado do Ceará, as artes marciais tiveram uma entidade administradora comum, a Federação Cearense de Pugilismo (FCP), cujos departamentos técnicos comandavam isoladamente o Jiu-Jítsu, o Judô, o Caratê, o *Kung Fu* e as demais artes de luta. Essa organização, fundada em meados de 1955, trouxe como virtude a coexistência e a colaboração entre praticantes de diversas modalidades no plano estadual. Aglutinados sob a mesma agremiação, os praticantes mais graduados da época que

perseveraram, ou seus aprendizes, tornaram-se os mestres de agora, quando cada arte de luta tem sua própria federação (FERREIRA, CARDOSO, CARDOSO, 2013).

9.1.2 5.2 Mestre do Judô

Mestre Jud nasceu em 24 de janeiro de 1917, em Fortaleza-CE. Exerceu a profissão de alfaiate e comerciante, depois se tornou instrutor de Jiu-Jítsu, migrou para o judô, no qual foi professor e se tornou proprietário de academia de artes marciais. Aos 98 anos, Jud é considerado uma lenda viva das artes marciais no Ceará.

Licenciado em Educação Física (Universidade Unigranrio), especializado em Educação Física Militar (Marinha do Brasil). Foi proprietário de rede de 18 academias e núcleos de Judô atuantes na capital e em outros municípios do Ceará. Foi um dos fundadores (1969) e presidente (2001 a 2004) da Federação Cearense de Judô (FECJU).

Hoje em dia, em homenagem ao mestre, campeonatos, copas, troféus, academias, ONGS, fundações e times levam seu nome. Ainda atua na formação e exames de graduação de mestres menos graduados, profere palestras e apresenta aberturas de eventos. Devota seu tempo e sua imagem à expansão do Judô na sociedade. Afirma que grande parte dos judocas mais graduados do Estado foram seus discípulos. Tem filhos, netos e bisnetos praticantes e destaques no Judô.

Recebeu o título de *Shihan* ou *Shiran*¹ (Mestre dos Mestres) com a graduação no Judô 9º dan¹ – *Kyodan*² – Faixa vermelha, sendo a graduação máxima mundial o 10º Dan.

A entrevista foi realizada na casa do sujeito em 14/05/2015.

9.1.3 5.2.1 Caracterização como empreendedor

Shihan Jud entrou no Judô em uma idade avançada, recebeu sua faixa preta aos 39 anos e tornou-se o primeiro judoca do Estado do Ceará promovido à faixa preta. Iniciou sua carreira em uma época em que ainda não se falava em inovação no campo das artes marciais, que até hoje mantém conceitos tradicionais e que se estabelece em rígido padrão cultural. Mesmo assim, mestre Jud encontrou espaço para trazer o novo. Segundo o Mestre, nos anos iniciais do Judô, as competições e lutas envolviam atletas faixa preta, independentemente do peso. Então, sua atuação foi preponderante para que se estabelecessem novos parâmetros de

¹*Dan* – Equivalente a grau, equivale a um grau a mais após atingir a faixa preta.

²*Kyodan* – Equivale ao nono *dan* após ser mestre dos mestres, recebe a faixa vermelha equivalente ao 9º *dan*. No Judô são 8 faixas (*kyu*) e após a faixa preta, 10 graus, *dan*. Os 8º, 9º e 10º *dan* são recomendados pelo Conselho Nacional de Graduação ao presidente do CBJ, somente aos professores que ao longo da vida contribuíram expressivamente para o progresso do Judô Nacional, respeitando os aspectos desportivo, filosófico, cultural, pedagógico, científico, técnico e a prática do Judô. O *Kyodan* faixa vermelha representa a flor de cerejeira, símbolo do Judô e da busca da perfeição. (CBJ, 2011)

classificação por faixa de peso. Hoje são raras as modalidades de combate que independem de peso.

Na época o sujeito era faixa preta, (...), não tinha esse negócio de peso até tantos quilos. Um sujeito tinha 100kg e eu tinha 60kg, os sujeitos se pegavam (lutavam), não tinha esse negócio não. Daí eu propus, fui lá e discuti na Confederação (CBJ). Daí eles disseram, vocês lá podem fazer o que vocês quiserem. Então, todos os que vieram para cá tinham de ser neste método (divisão por peso), isso aí começou aqui. Eu sei que eu fui lá e não me lembro como eles chegaram a esse ponto. Não fui eu? Que não sou dos famosos daquele tempo no Rio de Janeiro! Mas fui eu que percebi, pois sim, aí era, aí apareceu esse método. Você veja, desde o Japão se percebeu (a modificação que se estava fazendo), aí começou-se a estudar, a estudar isso daí, e aconteceu no Brasil e em outros cantos.

Outro fato pioneiro citado pelo honorável mestre diz respeito à sua produção de quimonos (traje próprio para luta). Naqueles tempos, a roupa utilizada no Jiu-Jítsu e no Judô inicial era importada para o Rio de Janeiro, de onde eram distribuídas, portanto, caras (FELIX, 2010). O então *sensei*¹ propôs confeccionar e depois comercializar os quimonos utilizados, tanto para o Jiu-Jítsu, quanto, posteriormente, para o Judô.

Também eu fazia os quimonos da academia. Na época, esses quimonos exclusivos me ajudavam. Eu ensinei uma costureira (...), eu sabia fazer roupa de terno, daí fui ensinar isso aí, porque eu não podia fazer o quimono e ensinar. Em vez de o quimono vir do Rio de Janeiro, eu comecei a fazer aqui.

Para Dornelas, Spinelli e Adams (2014), o sujeito empreendedor é marcado pelas características da inovação e criatividade. Os empreendedores buscam criar oportunidades, buscam iniciar processos e resolver problemas com criatividade. Degen (1989), Bessant e Tidd (2007), Dolabela (2008) reforçam que o empreendedor tem necessidade de criar o novo.

Então, como explica Jud: “O meu caminho no Judô coincide com a história da academia que montei”. O *Sensei* ministrava aulas de Jiu-Jítsu quando conheceu o Judô através de um mestre estrangeiro. No ano de 1966, tornou-se o primeiro professor cearense dessa arte (FELIX, 2010. LEGÍTIMO, 2015). No ano seguinte, montou sua academia e, de lá para cá, tornou-se “um ícone para o Judô cearense e brasileiro”. Como proprietário, disse ter chegado “além do que imaginou”, mas teve de deixar os tatames

do Judô no ano de 2013, três anos após a Confederação Brasileira de Judô (CBJ) o declarar como atleta mais idoso em atividade.

De acordo com o *Shihan*, cuja aparência é saudável e notável por sua idade, a saúde é um dos dois maiores benefícios da prática do Judô; o outro grande benefício é a educação: “O praticante do Judô tem em primeiro lugar o benefício da saúde, primeiro a saúde, né? E o principal, também educação. Educação e saúde”. Esses quesitos que elenca importantes para o praticante, com simplicidade, acredita que contribuem também com a sociedade em si: “O Judô elevou mais o nível de educação de nossos jovens e ajudou a desenvolver a economia do Ceará. Ninguém vê em noticiários, na televisão, judocas brigando ou envolvidos em confusão. Em minha opinião, o jovem que faz isso é porque ainda não entendeu, não estudou”.

Questionado sobre o valor que daria ao Judô, responde:

De 1 a 10, eu daria 11. De 10 a 100 eu daria 99. Segundo eu li, o Judô só não é o melhor esporte porque tem luxação. Segundo o que eu li em uma revista dos professores de Educação Física, e eu entendo certo (...), eles analisaram que o melhor esporte é a natação, quer dizer, o Judô só não é igual porque existe a luxação. Eu tive uma luxação logo no início, quando nós começamos o Judô, eu ainda não sabia cair direito. Agora eu já sei cair, por exemplo, eu caí duas vezes esses dias. Se você cai e defende primeiro a cabeça, tudo bem.

Segundo UNESCO (2013), MINC (2012), Throsby (2001), os artistas empreendedores na economia criativa produzem seus bens e oferecem serviços de maneira criativa, cujo valor tem caráter preponderantemente simbólico, uma vez que é difícil mensurar o valor agregado da arte.

O artista marcial que é empreendedor oferece um serviço com características simbólicas, ligadas a conteúdos espirituais como honra, obediência e respeito, mas também aplicado à vida prática (DRUCKER, 1986, SEVERINO, 1988;). O mestre tem em sua carreira e virtudes um espelho para os aprendizes (HYAMS, 1992), mas o empreendedor resulta em empreendimento (DORNELAS, SPINELLI, ADAMS, 2014). Para que um aprendiz ultrapasse as etapas de sua carreira e se encontre, tanto quanto à arte como quanto ao empreendimento, em posição similar a Mestre Jud, ele explica:

É necessário ter calma, assim, ter um estilo de vida integrada. Perseverança e paciência, porque tem gente que ainda tem uns deslizesinhos (*sic*). Para vencer, tem que ter um jeito de viver. Nesses tempos em que nós estamos vivendo, o sujeito sair da beira é complicado, eu que sou experiente ainda tive alguns arranhões.

Então, o mestre artista marcial não é irrepreensível, mas busca uma vida balanceada, que respeite corpo e espírito. Esse equilíbrio deve estar também nos empreendimentos de sua vida (SEVERINO, 1988). O equilíbrio nos negócios e no corpo bem resulta no espírito, mas as artes marciais também favorecem os negócios (PATER, 1988). Para Jud, seu Judô contribuiu para sua vida financeira e a academia contribuiu para um Judô mais completo. O “Judô é lucrativo”, afirmou Mestre Jud, mesmo se referindo ao bem social, e completou: “Vivi principalmente do Judô, da academia, de eventos, de palestras, de viagens”. Enfim, o Judô deu-lhe condição de vida, e seus filhos, netos e bisnetos parecem lhe conferir seguimento, sendo praticantes da arte marcial.

Conforme explica o *Shihan*, “houve um tempo que a alfaiataria começou a cair, as roupas passaram a ser industrializadas, (...) aí eu tinha um filho que era faixa marrom ainda, daí eu botei a academia e fomos trabalhar de dois. Também trabalhei 26 anos no SESC com Judô”.

O Judô conduziu a amplo reconhecimento social, sendo distinguido ao longo dos anos e recebendo inúmeras comendas e homenagens.

Inicialmente, o honorável teve dificuldades para estabelecer-se nos negócios e cita a burocracia da época, que exigia registro no diário oficial, “a pessoa para registrar no diário oficial era caríssimo, aí meu filho, esse que me acompanhou, conheceu um deputado lá, que mandou para a Câmara dos Deputados, até que foi publicado no diário oficial, para registrar a academia”.

Segundo UNESCO (2013) e Santos e Reis (2014), as atividades artísticas na economia criativa têm potencial para gerar ocupação e renda e podem agregar muitos empregos, embora normalmente estejam ligados aos setores informais. Mestre Jud possui uma ampla rede de alunos, amigos, colaboradores, muitos deles nas camadas sociais mais altas, intelectuais, professores acadêmicos, coligados pelo Judô e pela rede de respeito informal ao seu nome.

9.2

9.2.1 5.2.2 Exploração da carreira

É difícil precisar quando se iniciou a atividade empreendedora de mestre Jud. Seus relatos indicam que, mesmo ao abrir a primeira academia, já se houvera aventurado com uma loja onde comercializava roupas, e mesmo antes, quando ministrava aulas de Jiu-Jítsu ou exercia a atividade de alfaiataria, exercia atividades

negociais. Porém, abriu sua primeira academia em janeiro de 1967, que se mantém até hoje.

Segundo relatou o senhor Jud, ele aproveitou a oportunidade de ser o único graduado como faixa preta na nova arte marcial, em 1967. Iniciou por ministrar aula em uma sala na Rua São Paulo, no Centro da cidade, onde funcionou durante um ano. No ano seguinte, em resposta à procura, mudou-se para a Rua Governador Sampaio, um espaço maior e com melhores condições. Nas palavras do Mestre, uma vontade de fazer bem feito e a alegria dos elogios o inspiraram a crescer: “Minha nova academia era em um local espetacular e isso me envaideceu. Todo mundo elogiava a academia”. Uma das razões mais frequentes que conduzem ao ingresso em uma carreira empreendedora é a necessidade de realizar, de fazer algo próprio, do jeito próprio (HIRSRISH; PETERS, 2004).

Naqueles tempos, resolveu se transferir para uma segunda academia, pois o Centro da cidade “começou a encher de lojas de comércio, daí as pessoas começaram a trazer os filhos para estudar Judô (...) e começavam a esperar, ou a deixar lá, e a encher”. Mudou-se após observar uma crescente demanda por aquela arte que, comparada ao Jiu-Jítsu, segundo rumores da época, “o sujeito não caía nem nada e se lutava de pé”. O artista marcial Jud percebeu as oportunidades e se utilizou destas para desenvolver o empreendimento.

Passados sete anos, em 1975, com crescimento de sua arte, muda novamente: “aí eu imaginei que a minha casa, ali na Aldeota (bairro nobre de Fortaleza), tinha muito terreno, eu disse ‘ah, rapaz!’ Eu fiz um empréstimo e levantei a academia lá”. Porém, outro fato que, segundo o mestre, muito o motivou diz respeito à construção da sede de sua academia: “Eu ajudei. Os alunos todos ajudaram também, o que ajudou menos deu a porta de vidro do banheiro da casa. Pois bem, então, todo mundo ajudando eu tenho saudade, eu tenho muita admiração por tanta coisa boa”. Dessa forma, argumentou que esse espírito de verdadeira família o fez ir em frente. No empreendedorismo de oportunidade, o indivíduo se torna empreendedor, objetivando o negócio. Nesse tipo, o empreendedor é um desbravador que aproveita a vantagem das oportunidades e se faz dono do empreendimento e da carreira (DORNELAS, 2001).

Naqueles anos iniciais, mesmo tendo sido favorecido pelas oportunidades, ocorreram adversidades. O *Shihan* Jud explica alguns problemas de quando implantou a atividade, principalmente com alguns “concorrentes” de outras artes marciais que o

viam como ameaça, pois não havia no Ceará concorrentes no Judô. No entanto, Jud sabia contornar os problemas:

Mas daí eu tirava de letra, quando me criticavam, eu já sabia me sair, saía assim ligeiramente. Diziam que eu estava com algo novo, eu notava assim uma certa inveja, é o que parece. Na verdade, eu estava crescendo e eles estavam era me ajudando. Falavam, por exemplo, como é que você faz para fazer exame de faixas sendo o único faixa preta? Eu dizia, eu sei lá, home (sic), eu joga as faixas para cima assim e os alunos vão pegando (risos), eu joga as faixas para cima e o pessoal tudo vai pegando.

Jud teve também dificuldades com a burocracia. Ele afirma, por exemplo, que na época foi cerceado de denominar a academia com seu nome próprio.

Outro obstáculo que teve de superar foi o financeiro, pois não dispunha de recursos. Para tanto, relatou, foi implantando gradualmente a academia, crescendo das aulas dadas para terceiros até a academia. Iniciou confeccionando quimonos em troca de aulas, depois, conforme afirma, estes se tornaram mais uma renda. Obteve recursos com alunos que o presenteavam com mobiliário e construção, e chegou a recorrer a empréstimo bancário.

Para Hisrich e Peters (2004, p. 78), “praticamente todas as definições recentes de empreendedor mencionam um componente de aceitação de riscos. Assumir riscos – sejam financeiros, sociais ou psicológicos – faz parte do processo empresarial”. Apesar de presente em toda a jornada do empreendedor, nesse momento de descoberta e exploração da carreira e concomitante implantação do negócio, como existem desafios a sobrepujar, é imbuído ao empreendedor assumir riscos e avançar apesar deles (FILION e DOLABELLA, 2000).

Aliás, viver esses riscos financeiros, sociais ou psicológicos expõe com exatidão a ambiguidade que há na pessoa empreendedora, necessidade de erguer o sustento material, em contraponto às necessidades espirituais interiores. Filion e Dolabella (2000, p.20) expõem o conflito gerado por essa necessidade, “para que serve ter sucesso na empresa ou na carreira se a pessoa desperdiça sua vida e não é feliz com o que faz, eles querem o melhor dos dois mundos”.

No que diz respeito à condução da ambiguidade entre atividade de gosto e administrar o empreendimento, Mestre Jud sentenciava:

Gostava mais de ensinar, e isso logo quando eu comecei o Judô, há 50 anos, mesmo no Jiu-Jítsu que comecei e parei. (...) O dono da academia de Jiu-Jítsu viu que eu tinha aptidão para ensinar. Gostava de praticar, mas sempre me identificava com ensinar. Na administração, não tomava conta, sempre tive meu filho me ajudando, e depois de meu filho, o meu neto, que é o Marcelo.

Assim se passou a fase de exploração da carreira de Jud, que nessa fase inicial já havia sucedido à atividade de alfaiate e à de professor no Jiu-Jítsu. Observa-se que Jud trabalhava para outros como professor ou alfaiate e passou a desenvolver o negócio próprio. Isso corrobora com os estudos de Harrington e Hall (2007), no qual a carreira de um empreendedor pode estar baseada em ciclos de aprendizagem, e o término em uma atividade pode ser gatilho para outra diversa. Dessa forma, Jud ingressou em um período de crescimento como empreendedor na economia criativa do Judô.

9.2.2 5.2.3 Crescimento da carreira

Em 1958, Jud era alfaiate e professor de Jiu-Jitsu quando pela primeira vez pôde observar o judô, que era desconhecido dos cearenses naquela época. Inicialmente, aprendeu Judô com um cearense proveniente do Rio de Janeiro que residiu em Fortaleza por dois anos. Através de intercâmbio com turistas e instrutores de passagem pelo estado do Ceará, teve a oportunidade de se tornar o primeiro faixa preta de Judô do Ceará e um dos pioneiros a ensinar essa arte.

Um ano após receber a faixa preta, Jud montou sua academia, em janeiro de 1967, que cresceu rápido e, em nove anos, no terceiro endereço, estabeleceu-se em sede própria.

O crescimento da academia trouxe consigo dificuldade. A quantidade de alunos cresceu exponencialmente, disse Jud, todos queriam aula com aquele professor, o tempo encurtara, era preciso cuidar da academia, praticar também, a ambivalência entre o negócio e os aspectos pessoais da vida se tornou um problema a conviver:

Na academia, meu filho, meus filhos sempre ajudaram, (...) mas senti dificuldades. Os alunos chegavam e diziam: ‘professor, dê mais aula, faça mais turmas de aula, que as turmas tão muito cheias’. Ainda no SESC, eu tentei desenvolver mais aulas, mas não dava mais, eu comecei dando só uma hora de aula, daí, mais uma, mais duas, mais três, o mesmo ocorreu na academia. Teve um determinado momento em que isso prejudicou um pouco a vida pessoal em casa. Eu sempre gostei de ensinar, eu fazendo isso estava bem.

Segundo Dornelas, Spinelli, Adams (2014, p. 383), sobre condições de crescimento rápido é quando empreendedores enfrentam paradoxos e desafios ímpares, “enfrentam enormes pressões e desgastes físico e emocional durante o crescimento rápido de suas empresas. Faz parte da profissão”. Essa condição conflituosa entre a

atividade subjetiva do artista e a necessidade de monetizar a arte estará mais presente até que a visão conciliatória se instale, quando então o negócio e a arte caminham juntos e potencializam os resultados, monetários, realização pessoal e reconhecimento no meio, ou mesmo social (GRENHHAUS, CALLANAN, GOSHALK, 2000; DOLABELA, 2008; GARCIA, 2012).

Sobre o Judô e seus negócios, se um chegou ao ponto de potencializar e ajudar o outro, disse: “O Judô me ajudou a vencer, e eu ainda estou ajudando o Judô”.

Durante o crescimento da carreira de mestre Jud, viu-se, a princípio, o enfrentamento de dificuldades, principalmente para manter ambos em ascensão, mas se pode observar um “*continuum*” crescente, de certa forma explicado por uma troca de favorecimento em que o mestre e sua academia se tornaram famosos, sendo ambos pioneiros no estado do Ceará (DIÁRIO DO NORDESTE 2010, O POVO, 2015).

Passa-se, então, a investigar como seria o final da carreira do mestre, se tenderia à estagnação, declínio, aposentadoria ou se indicaria novos planos.

9.2.3 5.2.4 Estabilização da carreira

Aos 98 anos, *shihan* Jud permanece ativo, mas expõe uma ligeira limitação de locomoção, por causa de problemas circulatórios nas pernas. Jud argumentou que, quando tinha entre 70 e 80 anos, momento em que a maioria dos indivíduos buscam acomodação ou declínio, ele “prosseguia”: “Eu fazia também campeonatos, eu sempre tava(*sic*) no auge, com 70 anos, até com 80 anos eu fazia”.

Questionado se, com idade tão elevada e sem poder lutar no tatame desde 2013, sentia-se à vontade para dar uma pausa na academia e no Judô, sentenciou:

Não, não me sinto não. Inclusive, eu chamei o Marcelo (neto de “Jud”) para a gente fazer um estudo dentro do Judô. Olha, o atleta vai lutar e o que está acontecendo dentro do Judô! Eu tenho esperança de modificar essa maneira de competir! E várias outras coisas! Nós vamos reunir os professores para pesquisar.

Sobre o que motivaria seus planos a esta altura da vida, disse: “Eu sou assim. É, ainda persigo outros objetivos. Eu comecei (esse último projeto) depois que eu li um trabalho, aí o sujeito fica pensando, né (*sic*)?” Disse ainda: “Eu me sinto gratificado, feliz, quando recebo essas homenagens, condecorações. Terça-feira (dia 26/05) vou receber a Medalha do Boticário Ferreira”. Segundo Dornelas, Spinelli, Adams (2014),

Hisrich e Peters (2004), é possível a busca da carreira tardia ou da continuidade da atividade, sem aposentadoria, em detrimento do declínio, da estagnação ou da inatividade laboral.

Apesar de gostar de estar ativo e não se imaginar aposentado, outras tarefas são propícias ao empreendedor, como é o caso de transmitir seu conhecimento artístico, ou preparar a transferência das atividades empresariais.

Conforme relata o *Shihan*, ele nunca diferenciou seus alunos e oferecia conhecimento e transmitia a cada um conforme suas aptidões:

Quando os pais me traziam os alunos, eu ensinava todo mundo igual. Outro dia veio um cidadão do Rio Grande do Sul fazer entrevista aqui comigo, aí perguntou: 'por gentileza, professor, quais os melhores alunos que você já teve?' Eu respondi: 'todos eram bons'. Agora cada qual do seu jeito. Agora a mídia considera melhor o que foi campeão de luta, quem foi campeão disso, daquilo. Para mim não, a luta é outra coisa, a luta não é só competir, não é "X" (sensei2 que acompanhou a entrevista)? Cada um tinha a característica de ser bom em uma coisa, um é bom em luta do chão, outro em técnica de sacrifício, outro vai fazer as séries, então cada qual tem a sua qualidade. Todos são bons, inclusive eu, tem gente diferente, cada qual com sua natureza.

De certa forma, o *Shihan* erigiu uma estrutura descentralizada em que os filhos, netos e muitos alunos possam desenvolver a carreira no Judô e de modo que ainda possam utilizar e se acobertar de seu nome. Disse: “Pensava sempre em formar sucessores, sempre pensava nos meus alunos, eu sempre pensava neles como filhos, como se fosse pai deles e eles como meus filhos. Eu me sinto feliz de ter alunos de herança”.

Próximo a se finalizar a entrevista, o honorável mestre do Judô Jud resume o que desejava falar com a mesma tenacidade com que começou a entrevista e foi ele mesmo que concluiu:

Ainda vai ter mais coisas. Não tem aposentadoria no Judô não. Tem gente que desequilibra mentalmente, mas eu não, meu problema é perna. Outro dia passei em frente ao “Coração de Jesus”, ali que era o colégio Pio XII, aí eu disse assim: “em 1928 eu estudei aqui nesse colégio”. Daí um Senhor me disse assim: “em 1928?” (Risos) “Foi, em 1928 eu estudei aqui”.

Tendo se lembrado de sua infância e de sua trajetória, revisa que priorizava o ensino das crianças, deseja uma maior penetração nas escolas, mas nem tudo hoje está em suas mãos, deseja reunir seus filhos e sucessores para mais esse desejo:

Eu ampliaria o Judô com crianças, porque tem esportes que levam à escola. Eu colocaria todo mundo (crianças) para dentro do Judô. Educar de portas abertas. Depois que eles estivessem no Judô, aí eu ia tentar fazer eles estudarem, fazer eles aprenderem. Porque as crianças não nascem rebeldes,

isso é consequência.

O Mestre Jud vê oportunidades a serem aproveitadas, pensa em instruir seus aprendizes e filhos a trazerem mais crianças ao Judô. Sua mente aguçada pensa em continuidade para filhos, netos, bisnetos e para o Judô, mas pensa no bem social, na educação e saúde, que atribui como maiores legados do Judô.

A arte do Judô se encontra presente na vida e na jornada de *Shihan* Jud. Sua presença como empreendedor na economia criativa sugere resultados profícuos que ajudaram várias gerações de judocas e ajudaram muitas outras pessoas que foram alcançadas por essa cadeia de valor (DIÁRIO DO NORDESTE, 2010, 2015, O POVO, 2015, REVISTA MASTER, 2015). Jud parece que encontrou equilíbrio para o conflito existente entre arte marcial e negócio, conseguindo conciliar as carreiras de mestre, professor e empresário. Isso pode indicar concórdia entre as atividades empreendedoras e das artes que ocupam o sujeito.

9.2.4

9.2.5 5.3 Mestre do Jiu-Jítsu

Mestre Jiu nasceu em 13/03/1964, na cidade de Fortaleza, onde pratica o Jiu-Jítsu desde 1979. É o filho mais velho e sucessor do maior nome do Jiu-Jítsu Cearense (9º Grau Faixa Vermelha - Grande Mestre¹).

Jiu é faixa preta 6º grau, graduado em Educação Física e bacharel em Direito. Jiu teve como mestre o próprio pai, recebeu sua primeira faixa preta com mestre Osvaldo Fadda (9º Grau) e treinou nas escolas de Hélio Gracie, Carlson Gracie, além de ter sido aluno de Rickson Gracie. Jiu foi vencedor pioneiro de Vale-Tudo – com a arte do Jiu-Jítsu em 1988, foi bicampeão Brasileiro faixa preta máster (1997-1998) e campeão Pan-americano faixa preta máster (Hawai – USA , 1998).

O mestre dirige a escola “SAS”, com uma nova sigla, que representa o crescimento da família “Sá”. O “SAS TEAM” tem academias afiliadas no Ceará, Brasil, Estados Unidos e em

¹ Faixa vermelha no Jiu-Jítsu: é a faixa do grande mestre 9º grau, não se pode subir mais que isso, uma vez que o 10º grau, também faixa vermelha, foi um grau reservado aos patriarcas da arte suave, e não se pode obtê-la.

outros países. Mestre Jiu é presidente da Confederação Brasileira de Lutas Profissionais -CBLP (Niterói/RJ) e Presidente da Federação de Jiu-Jítsu e Lutas Profissionais do Ceará (FJJLP-CE).

A entrevista foi realizada em um Café de um *shopping* em Fortaleza, em 12/05/2015.

9.2.6

9.2.7 5.3.1 Caracterização como empreendedor

Mestre Jiu é reconhecido no Brasil e fora dele (DIÁRIO DO NORDESTE, 2013). Ainda criança, antes de aprender a arte marcial com seu pai, que já era um mestre, teve de aprender diversas atividades para gerir os negócios no futuro.

“(…) com dez anos eu era secretário da academia, com doze eu era porteiro dos eventos dele no Paulo Sarasate (Ginásio de Fortaleza), eventos de Vale-tudo que já promovia bastante, com quatorze ou quinze eu já era linha de frente da academia. Sempre chegava (*sic*) desafios. Eu já era linha de frente”.

Hoje, entende a “dureza” de seu pai, graças àquela preparação, preside uma Confederação Brasileira de Lutas, sediada em Niterói-RJ, e preside a Federação Cearense, que carrega o histórico de seu pai:

Nós temos eventos no Brasil todo (...). Nós temos duas estruturas, uma no Nordeste, na sede em Fortaleza, e outra na sede do Rio de Janeiro (...). Nós temos toda a estrutura de 12 áreas de tatame, tanto aqui como lá. Temos os backdrops³, as placas, os computadores, as TVs, todo o equipamento é próprio e é nosso. (...) e a Federação aqui do Ceará, que eu presido também, com cargo acumulativo. Ela tem doze anos e para trás um histórico de família.

Então, Jiu construiu uma estrutura bastante organizada, se comparada às demais artes marciais, ampliou a influência de seu pai e aproveitou a oportunidade que oferece o Jiu-Jítsu. Sobre as academias ligadas à sua equipe, relatou: “(...) em Fortaleza tem mais de cinquenta, e de todos os níveis, pequena, média e grande”. Mas, para contribuir com o desenvolvimento, preferiu exprimir com mais detalhes como constrói financeiramente seus empreendimentos: “(...) a gente tem a mensalidade dos alunos e a venda de uniformes e equipamentos e tem (...) os suplementos. A gente, além das aulas coletivas, a gente também tem aulas individualizadas, personalizadas, (...)particulares, então essa é a fonte de renda de um professor”.

Mas acrescenta que sua fonte de renda vai além:

(...) eu viajo para muitos seminários, como para Europa, Estados Unidos. Eu tenho mais ou menos uns dez estados, que eu tenho a minha equipe que é a “SAS team”, fora a Federação, uma equipe que hoje a gente tem até uma logo, uma marca registrada, temos um estatuto forte, temos regimentos, normas e a receita gera também dos exames de faixa, (...) a cada seis meses tem o Promotion Belt, aí o aluno faz como se fosse um teste. Ele vai apresentar uma prova e é mais uma receita, (...) é uma promoção, é uma

festividade e os atletas pagam as taxas e também vai (sic) adquirir uma faixa nova e provavelmente já adquire um quimono1 novo porque é uma festa nova.

Na promoção dos eventos, houve, por exemplo, um em junho em nível de Brasil. Em 15 de agosto, haverá um mundial profissional de Jiu-Jítsu em Vitória-ES, mas constantemente o Senhor “Jiu” promove os eventos no Ceará, que considera como sua vitrine: “A gente na Federação, a gente gera uma receita devido ao que a gente faz,então, todo o pessoal do trabalho em torno de um evento nosso. Evento estadual a gente gera em torno de ‘X’ reais, com gasto de quarenta ou até sessenta mil reais com o custo do evento”.

Não se pode considerar que mestre Jiu tenha apenas uma empresa, tem empreendimentos, negócios entrelaçados em que uns potencializam os outros, mas todos provenientes do campo das lutas, e principalmente do Jiu-Jítsu. Parece ser um visionário:

(...) já que as autoridades que gerenciavam o esporte não nos ouvia(sic), a gente passou a mostrar o que a gente queria. Eu tava (sic) até brincando com meus amigos do Judô, que hoje eles andam (dizendo): ‘poxa, como é que você consegue fazer isso?’ E eles criticam até o próprio Judô, porque eu dou medalhas que vem de Santa Catarina, que são maiores de dez centímetros de diâmetro. Dou premiação em dinheiro. Aí o que acontece? O cara hoje me vem e diz assim: ‘Poxa, como é que você conseguiu isso?’ Aí eu: - rapaz, eu menino, olhava para os eventos de Judô, achava tudo bonitinho e organizado e tenho vocês como referência (...). Eu sou visual, tem pessoas mais sinestésicas, visuais e auditivas. Eu sou mais visual e por ser do jeito visual eu quero ver a coisa bonita.

Porém, suas palavras remetem à inovação: “(...)depois de fazer um estudo e conhecer a Lei Pelé, vimos que podíamos montar uma entidade pra gerenciar o esporte que a legislação permitia(...)”. Remete também à ampliação do legado de seu pai, à equipe “SAS”, que inicialmente era forte no Brasil e hoje está em outros países: “Nós temos Estados Unidos, Espanha, Alemanha, Itália e Dubai, nos Emirados dos Árabes, e olha a coisa, é porque eu ainda estou precisando fazer esse censo, porque já tem aluno meu indo pra Austrália, já tem outros países, tem o Canadá, mas não está ainda regulamentado (...)”.

Para Mestre Jiu, não há sentido no marasmo, seus negócios necessariamente devem conter o novo, a criatividade: “Nós temos um diferencial em relação ao que já existia. Porque quando eu vim, eu disse: olha, eu não posso vir sendo do mesmo jeito, até porque não teria necessidade de eu vir para repetir a mesma coisa”. Então inovou, criou uma nova entidade no Jiu-Jítsu Brasileiro e, porque não dizer, internacional, com novos regulamentos: “Eu mexi em tudo, por exemplo, nas lutas eu diminuí os tempos,

porque a luta ficava muito enfadonha, (...) criei uma objetividade diferente, uma coisa mais técnica”. Mudou a forma de pontuar os golpes, o desenvolver da luta e das finalizações. A inovação e a criatividade são duas das principais características do empreendedor na economia criativa. Esses aspectos podem propiciar a afirmação do artista na sociedade e também fazer ampliar seus empreendimentos (UNESCO, 2013; GRENNHAUS, CALLANAN, GODSHALK, 2000).

Fora do tatame, para o público, para os indivíduos, mudou o padrão visual, os símbolos, os ritos. Está em busca do novo:

Criei um padrão visual (...). Todo evento ligado a nós tem uma obrigatoriedade de o tatame ser verde e amarelo, nas dimensões x, y, z. O nosso placar, então a gente criou uma identidade visual e isso é que é inovação. Então, você vê um evento de outras entidades em vários estados e um evento nosso, pequeno, médio ou grande, quem chega lá já conhece pela questão visual, isso é um diferencial das entidades. No Jiu-Jítsu a gente também tem um determinado ritual de, por exemplo, aquela questão que é como empresa para se eternizar, e para ela se fixar precisa ter o símbolo, o mestre e o rito. Então, a gente procura trabalhar isso com os regulamentos.

Observa-se a criação de riqueza, de inovações, de propriedade industrial, tudo isso unido a uma realidade simbólica (MINC, 2012; THROSBY, 2001). O empreendedor, na economia criativa, transforma a realidade conferindo-lhe maior valor agregado, o valor econômico é ampliado por características simbólicas (SINGER, AMOROS, MOSKA, 2015; UNESCO, 2013).

Segundo Jiu, muitos são os benefícios da prática do Jiu-Jítsu:

Vamos falar de questões individuais. A questão da saúde física (...), percentual de gordura, (...). Cria uma longevidade. E o aspecto psicológico, a gente tem uma questão reguladora. (...) A questão da resistência aeróbica, anaeróbica, força explosiva, flexibilidade, alongamento. E o aspecto psicológico (...) você recupera a autoestima. Você começa a ter uma autoconfiança, às vezes você não tem nenhum conhecimento, aí você às vezes tem medo de defender aquela ideia, embora seja uma excelente ideia, mas é uma questão psicológica, não é uma questão de conhecimento e às vezes a luta te diz assim, ela te dá uma segurança de que quando você for defender sua ideia, você não tem medo do colateral, porque você adquire um sistema de defesa pessoal (...).

Quanto ao valor monetário, mestre Jiu também relativiza:

O valor econômico, ele está dentro do mercado, ele oscila muito, depende da questão de “bala”(sic), da capacidade. Por exemplo, dentro da minha academia, (...) tem uma turma que tem médico, promotor, advogado, comerciário, bombeiro, vigilante, o ambiente do Jiu-Jítsu é tão democrático, que (...) lá sai todas essas patentes, elas se diluem, por que ali todo mundo se torna aprendiz (...). Eu tenho observado isso, as academias têm os seus valores. Na minha academia, (...) às vezes tenho muitos bolsistas, a pessoa chega humilde, aí eu digo: “poxa, tu não vai(sic) me pagar dessa forma, da

forma econômica, mas quando eu precisar de você pra dar um apoio aqui na academia (...)”. Agora, como negócio, a gente tem que ser rígido, claro, mas sempre acontecem as exceções. Tem atletas competidores que a gente dá uma bolsa, até pra (sic) ajudar aquele atleta carente.

Mas Mestre Jiu atribui algumas características para se obter suas credenciais. Remete, inclusive, ao seu pai e à forma como ele o criou. “Eu acho que na cabeça dele, ele já estava dizendo: ‘eu vou criar ele com obstáculos, aprendendo a superar’, e aí quando a gente vai para um desafio, a gente vai com vontade de superar aquele obstáculo, vai procurando fazer o melhor possível, e até o impossível, pra(sic) sair bem feito”. Então, alguns até perguntam:

Poxa, Jiu, mas tu nunca tá feliz? Aí eu digo: Rapaz, esse é um problema muito antigo, porque como eu tinha uma meta e que eu ainda não consegui atingir sobrando, então eu ficava sentindo que ainda tinha ficado faltando alguma coisa, isso é o defeito do perfeccionismo. A gente sempre quer fazer perfeito, e como não consegue (...).

Em relação à busca do perfeito, à forma como seu mestre pai o criou, sua vida, resultou em um Jiu-Jítsu campeão, em um diferencial competitivo amparado na qualidade:

Se você procurar fazer um esforço, você vai ver, tem esse diferencial a gente não tá (sic) preocupado só com a questão técnica da luta, de ser melhor, até porque a questão de ganhar títulos não nos preocupa, o importante é ser melhor do que a gente mesmo.

Mas a arte marcial em si também lhe devolveu a dedicação. Uma grande contribuição que o *Sensei* explica é a capacidade de aplicar o Jiu-Jítsu na própria vida. Nesse ponto, o Jiu-Jítsu favoreceu a sua vida e a forma como emprega seus recursos acabou desenvolvendo seu Jiu-Jítsu:

Essa via de mão dupla, não é? (...) eu até digo assim: a força que o Jiu-Jítsu faz é a força que se exerce na própria luta. Por mais que eu te fale aqui, na hora que você começar a lutar, você vai ver. O cara te domina porque ele tem domínios mirabolantes, (...), e tem saídas, (...) e abre um espaço, e você escapa. Consegue uma posição confortável e até reverte a luta (...). Espera aí! Se ele tem uma saída, se técnica tem saída pra alguma coisa, porque que isso não pode ser na vida? Tô(sic) cheio de problemas, espera aí, calma, vamos respirar, vamos pensar, e vamos tentar procurar as soluções. (...) Vai aparecer uma possibilidade melhor. Tem que ter calma, o cara tem que ter temperança, temperança quando aparecer um problema.

Segundo Jiu, seu patrimônio material cresceu formando uma ampla rede internacional derivada de sua arte. O valor de suas marcas é reconhecido e suas ideias parecem impulsionar os empreendimentos. Se suas palavras elogiam seu pai, que saiu do “nada”, sugere-se que teve o mérito por ampliar o que estava posto e construir coisas

novas maiores que sua herança. É tido como referência e citado, porém, se perguntado, ratifica: “cada um de nós, da nossa equipe, a gente tem que ser melhor do que nós mesmos a cada dia”. E explica: “estar aberto a um mundo de possibilidades”. Assim, parece que vem desenvolvendo seus empreendimentos.

9.2.8 5.3.2 Exploração da carreira

Jiu explica que a herança de seu pai já o fez nascer na arte marcial, em uma família com vocação empreendedora. Diz sobre si: “Na realidade, eu sou apenas a continuação”. Nesse caso, continuar também pode ser um começo, e o jovem faixa preta argumenta que seguiu os caminhos de seu mestre, iniciou nos negócios e na luta, por imitar, por assemelhar-se às competências da instituição em que viveu (ARTHUR, CLAMAN, DEFILLIPPI, 1995): “Eu vi até uma entrevista minha uma vez, e eu ouvindo assim ‘poxa, eu tava (*sic*) igual ao meu pai, parecia cópia’, porque eu ficava me ouvindo, ouvindo ele, ele que dava as entrevistas, ele que falava, até o jeito da mão ficou parecido”.

A decisão é uma característica essencial à fase de exploração da carreira. Citrin e Smith (2003) atribuem ao indivíduo a primordial responsabilidade por suas carreiras. Mestre Jiu, por sua vontade, também sucedeu seu pai: “E eu, é como se eu tivesse pego aquele bastão do revezamento, eu peguei aquilo (...), mas eu tenho que fazer melhor, não é por que eu seja melhor, porque é uma obrigação eu manter, como ele fazia tudo o melhor possível, eu também tenho que fazer tudo o melhor possível (...)”. O empreendedor é um ser atormentado, tem necessidade de realização, e essa necessidade o movimenta a realização do melhor, da busca da melhoria (FILION, 2000; HISRICH E PETERS, 2004).

Quanto ao risco inerente ao negócio, o senhor Jiu entende como normal, mas enfrenta, supera, como houvera afirmado antes.

O que é que acontece: a maior receita dos nossos campeonatos, e da nossa academia, é o nosso cliente, né (*sic*)? Então, risco tem em qualquer negócio, mas eu procuro juntar o meu pessoal, os meus professores e tudo, todo tempo eu digo: - olha, nós somos servidores dos nossos clientes. Então nós temos que tratar muito bem eles em diversidades de situações.

Alguns bons atletas ficam à disposição dos empreendimentos do mestre para se engajarem na equipe ou como pagamento dos serviços, ou mesmo para dar aula e participar do sistema, mas isso é raro. Entretanto, o mestre exprime como escolhe os

atletas e auxiliares mais próximos: “Essa convivência do esporte é muito próxima, por exemplo, um cara até chegar à faixa preta demora uns 8 anos. (...) então você está muito próximo dele. Já viu ele em competição, já viu ele em situações diversas, já observa”.

Em relação às dificuldades a serem vencidas, relata como sempre pensou em empreender, em crescer, isso despertou forças contrárias na concorrência:

A gente, como tinha o pensamento de avançar e levar o Jiu-Jítsu pra (sic) cima, nosso esporte pra cima, tinha algumas pessoas que (...) não conseguiam acompanhar. E gerava certo ciúme de alguns. (...) A gente sente que tinha aquelas pessoas do ‘não’, que apostava contra, que ficava feliz quando um projeto não dava certo, é impressionante. Está no teu entorno, convivendo contigo, mas quando você começa a crescer, você começa a incomodar. Eu sempre soube me blindar disso aí (...).

Outra dificuldade relatada foi a questão do apoio no esporte: “Aqui, um campeão mundial não recebe nem uma bolsa-atleta. E é um cara que está levando o nome do estado, o nome do Brasil pra fora, e a gente fica triste, porque esses caras são referência (...)”. Conforme UNESCO (2013) e Grennhaus, Callanan e Godshalk (2000), um aspecto comum à atividade empreendedora no meio artístico criativo diz respeito a sua baixa previsibilidade e suporte.

Mestre Jiu parece entender a luta e o negócio como dois aspectos de um mesmo tema, como se incorporasse herança moral que o fez aprender princípios que aplica indistintamente para a luta e para a vida: “Nossos antecessores, eles fizeram isso, eles fizeram as pessoas gostarem, não só pela luta, mas pela atenção, pelo respeito, aí pronto, é mais ou menos por isso. Eu não canso de defender o meu esporte, de vender, de conversar, isso é vinte e quatro horas”. E explica que seu dia é cheio, mas a arte e os negócios fazem parte de seu cotidiano:

Minha rotina, eu acordei às cinco da manhã, e aí fui pro tatame. Dei aula pra polícia, pro grupo antissequestro. Em seguida, fiz ligações, contatos, e aí tive duas reuniões. Fiz alguns pagamentos, almocei rapidamente, saí de casa, tomei um suco, aí meio-dia comi alguma coisa. Passei no banco e fiz uns pagamentos e me encontrei com vocês. Então, o meu dia a dia é mais ou menos isso.

Mas quando está empreendendo no Jiu-Jítsu, relata: “Nos campeonatos, a gente está trabalhando, mas aquilo é tão prazeroso que o trabalho vira diversão, ali a gente tá(sic) tão feliz, o campeonato de Jiu-Jítsu, é um negócio impressionante”.

Jiu parece que herdou do pai a mesma luta, academia, negócios, talvez por isso a exploração de sua carreira empreendedora parece que tem os conflitos placados, relata uma necessidade de realização, mas que seja completando o legado de seu genitor. Diz

aceitar o risco com facilidade, mas isso já vem de sua infância e lhe parece natural. E o conflito entre a atividade de gosto e os negócios parece não existir.

9.2.9 5.3.3 Crescimento da carreira

A academia da família cresceu, os empreendimentos de Jiu despontaram e novos negócios estão surgindo. Na fase de crescimento, o honorável mestre visa à consolidação internacional de sua “casa”, de suas “marcas”: “Naturalmente, vai avançar, porque o tempo muda, a família aumentou, estamos extrafronteiras, tanto no Brasil, nos outros estados, como no mundo, então, eu tô(*sic*) levando, eu tenho um irmão meu que está nos Estados Unidos, que também já está fazendo isso (...)”.

Jiu, envolvido no mundo das artes marciais, queixa-se de cansaço: “Hoje eu vou dar uma folga a mim, porque os meus joelhos estão doendo, mas meu irmão está lá, senão, eu estaria no tatame também (...)”. Mesmo cansado, aponta que seu conflito é em relação às atividades que não envolvem o Jiu-Jítsu e os negócios. Com o crescimento, a ampliação da cadeia, reafirma que retirou o tempo para a vida pessoal, para o convívio familiar, perseguindo aquele comando de melhorar sempre:

Eu estou com uma bebezinha com três dias de nascida, agora, neste momento. Essa parte eu não consegui planejar, mas vamos ver o que é que acontece. Eu estou praticamente com os meus finais de semana todos tomados, com viagens, seminários e campeonatos. E a família, por exemplo, na minha folga, eu gosto muito de assistir a um filme, a mulher gosta de ir para praia, aqui acolá a gente vai pra praia (...).

No espaço destinado a um evento, entre as paredes das academias, nos prédios das associações, Jiu também escolheu atividades a delegar. Avocou a luta, o ensino dos melhores, a administração e delegou as atividades menos prazerosas:

Quando está havendo (*sic*) as lutas, eu tenho um diretor de arbitragem, antigamente não, eu era o diretor de arbitragem, eu era o presidente, eu era o secretário, eu era tudo. Eu era o cara que arrumava o tatame na cabeça, hoje, aí eu dividi, eu criei os departamentos e botei um diretor pra cada um. E de certa forma eu fiquei tipo assim, um gerente mesmo. Lá fora todos os dias, eu faço visitas (...).

Apesar do crescimento, do reconhecimento, ainda é o Jiu que cuida de seu nome. Sua figura é tão ligada à sua casa que tem dificuldades de delegar:

É, só eu. Eu não tenho ninguém gerenciando essa questão do *marketing*, eu não tenho ninguém, não tenho nenhum assessor, nem na imprensa, nem em canto nenhum, eu mesmo vou, eu mesmo ligo, mas isso, vai chegar uma hora que não dá mais (...). Eu acho que eu poderia avançar muito mais. (...). Chega uma hora que o nome é tão grande, já está tão grande nas bocas das pessoas,

que o nome é maior do que você.

Embora se remeta àquela informalidade, própria do empreendedorismo ligado às artes, percebe-se a relação do nome do mestre Jiu com o Jiu-Jítsu e um caminho de formalização e ascensão marcado por sua busca de profissionalismo. A visão conciliatória entre as artes marciais e os negócios sugere estar instalada (DORNELAS, SPINELLI, ADAMS (2014), conforme visto nos relatos anteriores, não se encontra contraposição interior. Antes, o “Mestre” tem demonstrado bastante tenacidade em alcançar os objetivos e força mesmo se alguma adversidade aparece: “Olha, o nosso caminho é este, eu não posso desviar, você que tem que vir comigo, eu te puxei pra vir comigo, mas se você não quer ir, eu não posso te obrigar e eu não saio do meu foco”. Firme no propósito de erguer sua arte, avança nesta fase de crescimento.

9.2.10 5.3.4 Estabilização da carreira

Mestre Jiu busca crescimento e, quando indagado sobre considerar-se realizado, responde:

Rapaz, eu acho que tenho muito que avançar, mas eu te juro aqui, agora, eu vou dizer uma coisa aqui: (...) se Deus quiser me levar agora, agora, aqui, pode levar, vou nem (...), agora essa questão de realizado ou não, eu não sei se isso é ser realizado, se Deus quiser me levar agora, está tudo bem, eu acho que eu deixei já alguma coisa, já irradiou pra alguém.

E começa a explicar:

Eu tenho meus sonhos, (...) montar uma fundação com o nome do meu pai, (...) ela vai irradiar. Eu queria sede em seis bairros de Fortaleza. Sedes grandes com galpão. Não só com o trabalho de lutas, mas com o trabalho de educação religiosa, trabalho de questão dentária, uma fundação que fizesse coleta de benefícios. Como eu estou viajando pra muitos países, eu tô (sic) também enraizando isso. Quem sabe um país daqui, americano, que gosta muito de doar, doar pra essas crianças carentes! Fazer esse *link*, através do esporte do Jiu-Jítsu(...).

Para continuar o desenvolvimento de seus empreendimentos, para estabelecer controle, deseja fazer um mapeamento das academias, dos *teams* que tem concessão de seu nome:

Uma espécie de senso que contenha exatamente os números, para a gente poder repensar o que a gente pode fazer (...). Nos Estados Unidos, eu estive lá e conheci muito bem as entranhas, lá eles têm a cultura do contrato (...). Outra questão é a proteção de seus atletas: a questão de colocar o seguro tanto para os atletas praticantes, como dentro dos eventos.

Mestre Jiu pensa no legado, como família, irmãos, filhos, muitos participam. Acredita que a organização ultrapassou a si mesmo: “Hoje, se eu desaparecer, a equipe,

a federação, a confederação vai (*sic*) andar. Porque eu deixei a marca muito forte, muito sólida, embora a confederação seja a mais jovem, ela já está num disparate absurdo. Então, os princípios, os pilares foram muito bem fincados (...)”.

Como oportunidades para o futuro, Mestre Jiu vê muitas. Já tem um projeto muito próximo de acontecer:

(...) estou até em reunião com a UECE, com o professor Kar, pra gente montar um curso de preparação para os professores de Jiu-Jítsu em todo o Estado do Ceará. Esse curso, a gente vai levar mestres, professores mestres e doutores, de diversas áreas, pra gente qualificar e capacitar mais os nossos professores. Porque só a questão técnica do Jiu-Jítsu é muito pouco(...).

E existem diversas outras criações, como no Ceará, que tem dois circuitos “Classe A” durante o ano, um que percorre as regiões metropolitanas do Estado e outro nos bairros de Fortaleza, com farta premiação “num auditório grande, amplo, eu dou 50 troféus, diploma todo mundo e dou, em premiação, em dinheiro, em torno de uns R\$ 10.000,00 em dinheiro. Para aqueles atletas que se destacaram. Aí eu homenageio o melhor professor, o revelação, e aí vai, (...)”. A jornada do Mestre está se tornando referência: “(...) Outras entidades internacionais, eles ficam preocupados olhando pra mim. Esperando o que é que o cara do Ceará vai fazer. Aí eu fico rindo, mas a gente faz isso com tanta tranquilidade (...)”.

De certa forma, Mestre Jiu permanece inovando em seu produto, aperfeiçoa um produto, inicia outro e assim vai completando fases de sua carreira (HARRINGTON; HALL, 2007). Projetou recentemente um sistema de promoção para manter o atleta consigo: o atleta que obtiver certa quantidade de medalhas de ouro receberá um troféu “*mandala*”, que será um suporte para essas medalhas de ouro. Resultado: prende o atleta na competição em todo o circuito, durante todo o ano.

Mestre Jiu parece um exemplo de empreendedor. “Eu nunca estou quieto, eu sou hiperativo, eu nunca consigo estar parado. Eu estive na Itália, e fiz em 21 dias, eu fiz 14 seminários e dei 40 aulas, ninguém faz isso, nem profissional. Nos Estados Unidos eu dei em 25 dias, 18 seminários e dei umas 60 aulas”.

A fase de exploração indica ter se iniciado mesmo na infância, quando seu pai o treinava, para o esporte e para os negócios. Embora credite grande mérito ao seu pai, outro honorável mestre, Jiu fez ressoar um crescimento próprio a ponto de partir de uma academia e construir uma ampla rede em diversas atividades relacionadas ao Jiu-Jítsu. Quanto à fase de estabilização, palavras como “eu nunca consigo estar parado”, ou “a gente tem que ser melhor do que nós a cada dia”, ou “fazer até o impossível para sair

bem feito”, permitem supor que não ocorrerá por hora, ou talvez uma estabilidade do crescimento na qual manterá em mente algum reinício em mais um produto, serviço ou empreendimento.

9.2.11 5.4 Mestre do Caratê

O senhor Kar nasceu em 1970, na cidade de São Paulo. Iniciou a prática do Caratê em agosto do ano de 1983. É Faixa Preta de Caratê 5º Dan (Grau), Confederação Brasileira de Caratê – CBK (2013), e obteve os seguintes títulos: Bicampeão Brasileiro Masters – Kunitê - CBK (2013), Decacampeão Cearense de Caratê - FCK, Federação Cearense de Caratê – FC (2000), Destaque internacional do ano– FCK (2000), 3º Lugar no Campeonato Sul-americano de Caratê, Confederação Sul-americana de Caratê - CSK, Tricampeão Norte-Nordeste de Caratê - CBK, 1999; Seleção Brasileira de Caratê, – CBK 1997, Campeão Brasileiro de Clubes - Caratê - CBK, 1997.

Atualmente, Kar exerce a atividade de Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará e é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE – PPGE, cursa pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP), é Doutor em Saúde Coletiva, UECE (2005), Mestre em Educação em Saúde, UECE (2003), e graduado em Educação Física, UNIFOR (1991).

Mestre Kar é coautor da obra “Uma História do Caratê no Estado do Ceará: de 1965 a 2012”, de 2013, marco no Caratê Cearense; autor de “Ensino de Lutas na Escola”, 2012 e “Estratégia nos Esportes de Luta”, 2009.

Kar desenvolve os seguintes projetos de pesquisa: “Desenvolvimento Profissional Docente e Inovação Pedagógica: estudo exploratório sobre contribuições do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência)” e “Validação e adaptação de testes físicos para atletas de alta *performance* em Caratê”, além de que coordena o projeto de extensão: Núcleo de Danças e Lutas da UECE – NUDAL.

A entrevista com Mestre “Kar” ocorreu em seu apartamento, em 21/05/2015.

9.2.12

9.2.13 5.4.1 Caracterização como empreendedor

De acordo com Dornelas (2003), quando se fala de empreendedorismo, naturalmente as pessoas ligam o assunto às *startups*, pensam logo na criação de

empresas, que começam pequenas e vão crescendo, tomando forma, até estarem desenvolvidas. O intraempreendedorismo, ou empreendedorismo corporativo, não trata de algo recente, nem de uma versão que precisa ser adequada. Na realidade, é um entendimento do termo empreendedorismo de forma mais abrangente. É o mesmo empreendedorismo, sem perda conceitual, que abrange áreas diversas, como a corporativa. Aliás, o empreendedor desenvolve sua carreira sob o mesmo arcabouço teórico, apenas com foco corporativo ou nas incubadoras (BOM ANGELO, 2003), mesmo assim, a incerteza faz parte do processo. Dornellas, Spinelli e Adams (2014) entendem que esse é um paradoxo do empreendedorismo, o empreendedor empreende, vai em frente, muda, traz o novo, mas não se poderia aquietar.

O Mestre Kar definiu da seguinte forma sua atividade relacionada ao Caratê antes de ingressar na UECE:

Como eu lhe falei, eu passei no concurso da UECE em 2005. Até então a minha formação inicial é em Educação Física, até então eu era professor de Educação Física em várias escolas, e nessas escolas eu ministrava aula de Caratê e dava aula também em várias academias, então era o dia inteiro dando aula de Caratê e Educação Física.

Algum tempo depois, o então *Sensei* foi convidado a contribuir com uma disciplina de lutas em uma universidade: “Eu comecei a ministrar aula no ensino superior, porque no curso de Educação Física tem uma disciplina que é a disciplina de lutas (...) e isso me instigou a fazer o meu mestrado. Então, comecei o meu mestrado em 2003 e terminou (*sic*) em 2005”.

Kar explica que, ao passar no concurso para lecionar na universidade, teve de migrar sua contribuição à arte marcial, permanecendo, porém, na luta, em um novo momento, com dedicação exclusiva à UECE:

Apareceu o concurso para professor da UECE, para a disciplina de lutas no curso de Educação Física, (...) para professor assistente (...). Eu fiz esse concurso, em 2005, passei. A UECE é dedicação exclusiva, eu sou 40 horas e dedicação exclusiva, tive de deixar tudo, então tive que deixar as escolas, as academias tudo que eu ministrava.

Sobre a atual atividade na UECE, Kar explica que continua essencialmente ligada ao Caratê, mas em duas situações distintas.

Um primeiro momento caracterizado como a disciplina de lutas no curso de Educação Física, o professor assim caracteriza:

Tem um momento que é a aula de Caratê dentro da disciplina de lutas do curso de Educação Física. Então, essa disciplina é dividida em 4 blocos, que

são as 4 lutas mais praticadas no Brasil, que são Caratê, Jiu-Jítsu, (...), Judô, (...), e Capoeira. Eu, na disciplina, eu ministro a parte do Caratê, a parte do Jiu-Jítsu, a parte do Judô e quando chega na Capoeira eu sempre convido um ex-aluno lá da UECE para estar comigo lá(...). Nós trabalhamos a importância, a disciplina, a hierarquia, toda a questão conceitual do Caratê, e eles vão para a prática. Eles fazem várias práticas e ao final eles fazem uma espécie de uma (sic) avaliação, tanto da teoria, quanto da prática (...).

Um segundo momento que faz parte de projeto de extensão é caracterizado a seguir:

O outro momento que é o do projeto, aí não, as pessoas vão para o projeto para treinar Caratê, esse projeto é um projeto gratuito, então as pessoas vão para a academia, para o projeto, para praticar Caratê. Eu sou o coordenador do projeto, me responsabilizo por ministrar a parte específica do Caratê, mas nós temos o aluno bolsista, que é faixa preta de Caratê(...). Então, as pessoas vão, se inscrevem no projeto, nós temos 20 vagas, as pessoas participam e treinam normalmente o Caratê, para fazer exame de faixas, para participar de competições etc.

Quando indagado sobre a construção do novo no Caratê, Mestre Kar procurou se remeter ao passado, uma vez que é professor com dedicação exclusiva, entendeu que a pergunta excluiria a atuação na UECE, o que não ocorre necessariamente baseado nos conceitos do intraempreendedorismo. No entanto, sua resposta nos serviu ao propósito, uma vez que sua carreira empreendedora surgiu bem antes de lecionar na universidade. Relatou:

Eu vou falar da minha história, para trás, lá na UECE, como eu te falei num(sic) é, eu tenho, eu sou professor D. E. (Dedicação Exclusiva). Mas antes de eu entrar na UECE, quando eu trabalhava em diversas academias, então eu tinha um grupo muito grande de alunos, de alunos competidores, de alunos que já ministravam aula para mim, que faziam parte do meu grupo. Havia todo um sistema para isso. (...)Nós tivemos algumas inovações aqui, por exemplo, o primeiro treinamento de campo feito aqui em Fortaleza foi feito pelo nosso grupo, num (sic) é, por minha pessoa, foi feito lá no Parque do Cocó. Então nós juntávamos todos os nossos alunos, os meus alunos que já eram professores levavam os alunos deles, e nós fazíamos uma espécie de um grande treino no Parque do Cocó. Hoje em dia isso é muito comum(...), mas naquele tempo isso não tinha, que (sic) nas décadas de 80 e 90, ninguém fazia isso. Então as pessoas paravam para bater foto, (...) nós chamávamos aquilo de 'treinões'(sic), então nós fazíamos 8 a 9 'treinões' anuais, então era o dia todo. Era muito interessante porque as crianças, a gente combinava com os pais, os pais levavam e nós cercávamos uma área e ninguém saía dali. Os professores, fazíamos vários treinos (...) na grama. Tinha também o momento do lanche com piquenique na grama e os pais iam (...).

Para Bessant e Tidd (2007), a inovação e o empreendedorismo não surgem unicamente de uma mente criativa, mas através da criatividade, de conexões que permitem pensar em diversas possibilidades, usando com liberdade diversos pontos de vista e ideias, que resultam em um empreendimento inovador. O empreendedor tem

características de fazer acontecer a inovação com o substrato da criatividade (BARRETO, 2013; LIMA, 2005).

Segundo os relatos do senhor Kar, a disciplina de lutas no curso de Educação Física, que se tornou obrigatória a partir dos anos 2000, manifestava uma tendência muito tecnicista. Se a disciplina de lutas de um curso de Educação Física na faculdade X tinha um professor que era capoeirista, então a disciplina toda ia ser só capoeira, por exemplo. Sua atuação na universidade propôs mudar essa situação. Kar dividiu a disciplina em 3 blocos.

O primeiro trata dos conceitos relacionados ao esporte, à arte marcial e à luta. Trata as diferenças conceituais e filosóficas desses três temas no Ocidente e no Oriente.

(...) a questão da cultura da luta oriental é diferente da cultura da luta ocidental, então a luta oriental é impregnada de religiosidade, de religião, de questões espirituais (...), uma formação mais voltada para o ser. A luta ocidental, não, ela é mais competição mesmo, ela é mais *performance*, esse tipo de coisa. Você tira aí, por exemplo, um boxe e um *Aikido*, são completamente distintos. A luta oriental, ela acaba se incorporando mais sobre essa questão da arte marcial como um todo, né (sic) (...).

Kar explica que o segundo bloco trata da aplicabilidade prática da luta na Educação Física escolar, uma vez que é currículo obrigatório. A aplicação nas escolas é estimulada por meio de jogos e brincadeiras: “(...) não vai trabalhar especificamente o Caratê, o Judô, (...) vai trabalhar por meio de jogos de oposição. Então é puxar, (...) é conquistar o objeto do outro”.

O terceiro bloco, Kar define como um bloco técnico no qual são trabalhados o Caratê, o Judô, o Jiu-Jítsu e a Capoeira, porém, os treinos são mais voltados ao acompanhamento por parte de educadores físicos a atletas e atletas de alta *performance*.

Para a UNESCO (2013) e MINC (2012), os empreendedores na economia criativa são capazes de gerar inovações, criar riqueza, difundir conhecimento com atividades ligadas à arte e à cultura. Entretanto, essa capacidade de sucesso da carreira artística precisa do método para estar além do talento natural, este método multidimensional ordena criatividade, experimentação, sustentabilidade, inovação e interpretação (BARRETO, 2013).

A carreira empreendedora muitas vezes exige a atuação em múltiplos papéis, como mestre, educador, coordenador, porque sua atuação está alicerçada em parâmetros simbólicos, atividades que dão prazer, e organizacionais, atividades que viabilizam o empreendimento (GRENNHAUS; CALLANAN; GODSHALK; 2000, LIMA (2005), FLORIDA (2012).

Kar lembra que onde quer que se pratique o Caratêsão repetidos seus lemas, todos os dias, a cada aula e a prática disso produz uma poderosa enculturação:

Começa com uma simples repetição e você não sabe nem o que está acontecendo ali. Mas, aos poucos, o professor vai falando, vai falando, falando, falando. Você imagina que um aluno para chegar à faixa preta ele demora aí em média 5 anos? Então durante 5 anos ele vai ouvir isso, vai ler sobre isso,(...). O que eu tô (sic) me referindo é isso, porque o lema do Caratê, ele tem pontos muito importantes para o cidadão.

Mestre Kar aponta o entendimento do bem duplo que faz a interiorização desses lemas, bem ao cidadão e à sociedade:

Então, por exemplo, 'respeito acima de tudo'. Aí o professor vai e diz: olha, você tem que respeitar o seu coleguinha, (...) respeitar seu pai, respeitar os mais velhos, e você vai internalizando (...). Vem, 'conter o espírito de agressão'. Não é só agressão física, é agressão verbal. É o modo de você se fechar para uma pessoa ou outra. 'Criar o intuito de esforço', que é importantíssimo você não desistir nunca. (...). Aí, depois, vêm os dois últimos (...), 'esforçar-se para a formação do caráter'(...) e 'esforçar-se para caminhar no verdadeiro caminho da razão'. Não desistir do caminho da razão, e a razão do Caratê é isso, é a não violência, é conter a agressividade, é o respeito, é criar esse intuito de esforço, enfim esses 5 lemas.

E opina que a si próprio o Caratê contribuiu com seus lemas:

Eles são repetidos em todas as aulas de Caratê e você traz isso para a vida. Eu, pessoalmente, a minha vida sem as grandes lições do Caratê, que às vezes acontece comigo(...) respeitar os mais velhos. Respeitar o professor, aquele que lhe ensina, a questão da gratidão. Não desistir, então dificilmente você vai encontrar uma pessoa forjada pela arte marcial que seja aquela que começa uma coisa e desiste. Na luta, você vai aprender a ir para cima, apanha, levanta, cai, levanta e vai até conseguir. E consegue. Esse criar o intuito de esforço está ligado à persistência.

Conforme seguiu o relato em que Kar expõe suas ideias, percebe-se que os lemas do Caratê foram incorporados em sua vida. Esses são valores que contribuem para sua carreira, mas que refletem em suas atividades e nas pessoas com as quais trabalha, refletem, inclusive, na missão de caráter público e social da profissão que enveredou. Florida (2006), em um artigo intitulado "*The flight of the Creative Class*", explica que esse voo da classe criativa deve expandir a economia além da ciência e tecnologia e incluir novas aplicações da criatividade, que as características simbólicas agregam ao valor econômico, e que as faculdades e universidades são os verdadeiros centros microeconômicos para o crescimento regional e que contribuem para a satisfação na vida das pessoas.

Satisfação é citada por Mestre Kar. Ele afirma que tudo na vida, para dar certo e para se ir longe, precisa primeiramente gostar.

Até hoje eu treino. E eu comecei a treinar em 1983 e hoje estamos em 2015 (...). São 32 anos de prática, toda segunda e quarta eu treino. Coloco o quimono, vou lá e treino. Aí tem semana que eu tô meio murchado, (...) mas o Caratê não deixo, nem falto (...). Para chegar a um nível de grau e de prática você tem, então, que primeiro gostar do que você faz, segundo você tem que ter persistência (...). Na luta, quando você deixa de treinar, quando você deixa de fazer aquilo que incorporou na sua vida, parece que está faltando algo, que não está sendo honesto consigo mesmo (...).

O comprometimento com o Caratê parece refletir na instituição que trabalha. “Acontece comigo, às vezes eu tô (*sic*) muito ocupado na universidade, como agora, que eu estou afastado para o pós-doutorado, mas não deixo os programas, os dois programas de pós-graduação”.

Portanto, o empenho na atividade, as inovações nas aulas, nos cursos, nos livros, na produção acadêmica fazem com que Kar reconheça: “Tudo o que eu tenho hoje eu devo ao Caratê. Se eu entrei na Educação Física e depois eu fui fazer mestrado, e doutorado, e se hoje eu tô(*sic*) na universidade, foi por causa do Caratê”. Assim, afirma que muito produziu e que busca retornar ao Caratê as benesses que lhe fez. Citando a área acadêmica, reforça:

A princípio, inicia-se com as orientações na graduação. Até bem pouco tempo atrás você não tinha monografias sobre Caratê, hoje nós já temos muitas aqui em Fortaleza, então esse talvez tenha sido meu primeiro retorno, ou seja, devolução do favor que o Caratê me deu e que eu levei de volta ao Caratê. Depois, as monografias das especializações, os artigos, os resumos em congressos e tal. Mas talvez o aspecto principal talvez tenha sido a criação da especialização *lato sensu*, (...) que é o Curso de especialização em artes marciais, esportes de combate e lutas(...).

O empreendedorismo corporativo não prioriza a criação de emprego, mas está ligado a isso, tanto dentro da instituição como na cadeia de valor que o cerca. Entretanto, está mais relacionado à criação de valor, para clientes e consumidores, à criação de crescimento e à criação de riqueza (DEGEN, 1989; DORNELAS, 2003; BOM ANGELO, 2003).

9.2.14 5.4.2 Exploração da carreira

Mestre Kar relata que desde jovem já gostava de arte marcial: “Antes de treinar Caratê, eu treinava Judô já. Eu sempre gostei de luta, então eu treinei judô dos 6 anos até os 10 anos, mais ou menos. Nos 12, fui para o Caratê e depois, já faixa preta no Caratê, fui para o Jiu-Jítsu”. Mas como iniciou o viés acadêmico? Como se uniram arte marcial e atividade na universidade?

Também o veio letivo surgiu cedo, “Eu lembro que eu, com 14 anos, no meu prédio, eu faixa amarela, eu já queria dar aula no meu prédio, lá embaixo, arrumava tudinho (...), eu tinha 3 ou 4 alunos (...), sem o meu mestre saber, que não podia, era uma espécie de brincadeira e não cobrava nada”. Depois vieram as aulas na academia de Caratê:

Já faixa verde, talvez com 16 anos, o meu mestre me convida para auxiliar ele em algumas aulas. Nesse tempo ele já fazia Educação Física. (...) naquela época eram pouquíssimos os faixas pretas de Caratê, ainda mais os que faziam Educação Física (...), início da década de 80. Mesmo porque naquela época só havia na UNIFOR.

Daí em diante, os eventos foram se sucedendo rumo a um papel que, dentre outros, parece estar relacionado ao “Mestre de Artes Marciais”, o de professor (HYAMS, 1992; RATTI, WESTBROOK, 2006; MUSASHI, 2010). “Eu queria ser professor, eu sempre fui atleta, queria competir e tudo, mas gostava muito de dar aula também, comecei a pegar experiência na academia, depois assumi uma turma de criança (...).”

Contudo, Mestre Kar explica que a escolha de Educação Física lhe abriu as opções de mercado e reforçaria seu Caratê.

Faixa preta e aluno de Educação Física, aí o mercado se abre. E aí eu quis fazer Educação Física porque eu queria dar aula de Caratê, queria ser um professor melhor, ser capacitado, não ser só professor de Caratê, eu queria como na verdade o é, o Professor de Educação Física, não que ele saiba mais Caratê que o professor de Caratê, não dá, obviamente, mas ele tem todo um conhecimento científico (...).

Depois *Sensei*, Kar lecionava em diversos colégios, escolas, academias: “O meu dia era lotado (*sic*), dando aula de Caratê”, e só com a luta e com as aulas o ganho era pouco. Foi quando surgiu a oportunidade de uma especialização em 1989.

Entro para uma especialização, em Psicomotricidade na UECE, e (...) aquilo reacende em mim a chama acadêmica, porque eu já tava (*sic*) parado há 7 anos, só trabalhando, trabalhando, trabalhando, e aí eu sempre gostei muito de estudar. (...) E é onde eu tenho vontade de não parar mais com o viés acadêmico, e quando eu acabo a especialização, eu vou fazer um mestrado na UNIFOR (...). Daí vou entrando na UECE e dentro da UECE, ainda em estágio probatório(...), eu faço seleção para o Doutorado (...). Mas assim, só para registrar, a culpa de tudo foi o Caratê, se não fosse o Caratê, eu não queria ser professor de Educação Física, então uma coisa foi puxando a outra.

Até que se instalasse a situação atual, em que mestre Kar obtém reconhecimento da sociedade, conta que percorreu um longo caminho e encontrou diversos obstáculos a superar. Expõe que houve e há certo preconceito social: “Esse preconceito da sociedade,

tanto pela Educação Física como pela luta (...), você escuta da família, da família da esposa, de alguns colegas, pô (sic), mas você vai ganhar a vida sendo um professorzinho de Caratê, sendo um professor de Educação Física (...). O que para Kar é injustificado, ao contrário, entende que o Caratê foi um grande diferencial seu. “O meu Caratê realmente foi uma mola propulsora para tudo isso que aconteceu”.

Uma barreira a transpor diz respeito ao financiamento, à obtenção de capital. Kar decidiu pelo autofinanciamento. Conta que iniciava a jornada às 6 horas da manhã:

Claro que, no começo, para você ter uma boa remuneração era uma dificuldade enorme, porque você tinha de trabalhar desde 6 horas da manhã. Porque eu dava aula particular de Caratê às 6 horas da manhã, quando alguns pais me contratavam e eu ia dar aula para os filhos deles no salão de festa do prédio. Dali eu já saía e entrava em uma escola e assim por diante, de moto, com quimono. (...). Era academia, creche, aí coloca roupa de professor (...), foram momentos difíceis que você tinha que dar aula 12, 13, 14 horas por dia para poder ganhar algo que pudesse alimentar a família.

Outra dificuldade a superar diz respeito ao baixo nível de estruturação a ser enfrentado na época, o que restringe o mercado. Explica:

Até hoje, Educação Física é uma profissão legalizada, está no CBO (Código Brasileiro de Ocupações) (...), mas infelizmente ela não é legitimada (...). É que você, por exemplo, tem o seu vizinho que emagreceu. Ele está forte, daí você chega para ele e diz assim: (...) rapaz, pode me dizer o que é que você está fazendo que eu vou fazer a mesma coisa. Então, por exemplo, quando você está com dor de estômago, você vai atrás de um médico, na Educação Física ainda não ocorre isso, você não procura um professor de Educação Física para isso.

Diante das dificuldades, enfrentava com criatividade. *Sensei* Kar relata um episódio:

Às vezes, nas creches e escolas, após eu explicar a importância de Educação Física para o desenvolvimento psicomotor e tal, daí a pessoa dizia assim: é, mas mesmo assim eu não tenho dinheiro. Daí eu dizia assim: não, eu vou fazer uma mágica para a senhora, vamos fazer assim, você não vai me pagar nada, você vai assinar minha carteira e não vai me pagar nada. ‘Mas como assim?’ Não, é porque eu dou aula de Caratê também. Então nós vamos fazer assim, nós vamos assinar minha carteira que é “X”, que a senhora teria de me pagar “X” e aí eu vou dar aula de Caratê. (...) Então eu dizia para eles, você vai me pagar 60%, tipo R\$ 60,00 por aluno por mês. Esses R\$ 40,00 que você levaria, você junta e você vai me pagar o meu salário de Professor de Educação física, na verdade eu ganhava os R\$ 100,00 do Caratê. Assim foi, peguei um monte de creches e escolas para dar aula de Caratê.

Para Bom Angelo (2003, p. 54), o empreendedor pode ser um inventor, mas não é isso que o caracteriza. Quem empreende transforma um conceito em vida prática, seja na vida pessoal, nas empresas, no governo, “essa figura indomável, vital em todos os

momentos importantes da história, é movida pela vontade, assume riscos e é capaz de convencer as pessoas dos benefícios de uma boa proposta”.

A carreira de uma pessoa é indivisa com sua vida, mais ou menos como o conjunto da obra (MARTINS 2001). O empreendedor, em uma visão interior à carreira, para progredir, deve conciliar aspectos conflitantes entre as necessidades do dia a dia, processos de organização e administração das atividades e as características essenciais do que tem paixão por fazer (DORNELAS, 2003).

Sobre o contentamento na prática entre as três áreas de atividade em que atua, praticar Caratê, ministrar aulas, atividades administrativas na faculdade e na vida pessoal, “Kar” exprime o que mais lhe é prazeroso:

É difícil responder em relação às duas primeiras, em relação à prática e a dar aula, a parte administrativa eu posso tirar, inclusive afazeres da vida cotidiana (...). Eu me sinto muito bem quando eu boto o meu quimono para treinar. É uma coisa que é inexplicável mesmo, só quem treina, quem já passou por tudo o que eu já passei dentro da minha vida e do Caratê. Você bota aquele quimono, você sua e vê aquela adrenalina, aquele pós-treino, aquele turbilhão, aquela sensação gostosa é inexplicável, mas quando eu estou dando aula, é algo que me satisfaz muito, essas duas para mim são momentos quase que indivisíveis.

Então, surge nas palavras do professor uma nuance própria. Para o Mestre Kar, ensinar e praticar são indivisíveis, como se fosse impossível não fazer as duas ao mesmo tempo, e como se as duas características alcançassem um maior grau quando juntas:

O processo em si da aprendizagem, ele é único. Você aprende quando está ensinando, porque hoje em dia eu só treino com uma equipe de *performance*. Não era como antigamente que eu levava a equipe para um campeonato, e eles têm alunos lá que é campeão mundial, campeão brasileiro, campeão pan-americano. Então quando eu vou treinar lá, eu treino com essa molecada (...). Quando eu vou treinar com eles, o “W” me pergunta pelo respeito que há no Caratê. Se você chegar para treinar e você for uma faixa mais graduada do que eu, eu tenho por obrigação perguntar se você quer ministrar a aula, (...), mas você pode dizer para mim: não, “Kar”, eu não quero dar aula não, eu quero só treinar. Que é o que eu faço com o “W”. Quando eu chego lá, ele me pergunta porque ele é o quarto grau e eu sou quinto (...). Toda vez que vou lá ele me pergunta, e eu digo: não, eu vim aqui só para suar, eu quero brincar com os meninos. Então, naquele momento, ali, você está como aprendiz, mas você ensina, sua postura, como você está, o que você fala, o movimento que você faz, alguém vê e repete. Então, para mim, como eu trabalho com essa área educacional de formação de professores, esses processos de ensino e aprendizagem são momentos que não dá para separar, quando você está treinando, no caso como aprendiz, e quando você está ensinando, no caso como professor. Não existe professor sem aluno e aluno sem professor.

Kar alega que muitos foram os obstáculos a se transpor na fase de exploração da carreira, teve que, por vezes, escolher, e a escolha é uma característica dessa fase da

carreira (HALL, 2002; GRENHAUS, CALLANAN, GODSHALK, 2000). Kar afirma que ainda jovem gostava da prática das artes marciais e moço revelou gosto por dar aulas. O “Honorável Mestre” de uma arte marcial prepara-se nesses dois aspectos, na técnica e na transmissão do conhecimento, o caminho (HYAMS, 1992; RATTI, WESTBROOK, 2006). Portanto, a Educação Física foi a oportunidade para viabilizar uma carreira possível na arte marcial e que mantivesse congruência com a carreira de professor. Essa configuração possibilitou ingressar em uma fase de crescimento na carreira de professor, *sensei* no Oriente, e enveredar pela área acadêmica.

9.2.15 5.4.3 Crescimento da carreira

Na carreira de Kar, houve um momento em que as suas atuações em campeonatos, sua vida como atleta e as aulas que dava em escolas, creches, públicas e privadas se avolumaram e o então “*Sensei*” teve de decidir e mudar. No ano de 2000, com a impossibilidade de conciliar a vida de atleta à de professor, resolve parar de competir e investir na carreira de professor.

Aconteceu em 2000, quando eu completei 30 anos de idade (...), porque recebia bolsa para ser atleta, recebia dinheiro de patrocínio e recebia dinheiro também para ser atleta da Prefeitura de São Caetano do Sul-SP. Eu lutava aqui, Campeonato Cearense, Copa Fortaleza e outras competições, mas, como eu era um atleta de alta *performance* e você acaba se tornando muito visado, a gente tinha de selecionar; então aqui em Fortaleza lutava umas 4 competições e, além dessas, o Norte e Nordeste e o Brasileiro, (...), aí quando você ia para o Campeonato Brasileiro, você tinha de ficar entre os três, porque senão você não ia disputar a seletiva para a Seleção Brasileira(...). Aí tinha os Jogos Regionais, aí tinha os Jogos Abertos, (...) então era assim, em 12 meses a gente tinha 12, 13, 14 competições, porque você tinha de filtrar. (...) Aí vinha a exigência profissional. Eu tinha de me dedicar mais aos meus alunos. Tinha muitas competições que meus alunos iam e eu não podia ir, porque eu tava (sic) viajando, competindo fora e (...)eu perdia aquele aluno. Aí no colégio eu tinha de pagar alguém para me substituir no colégio, (...), aí começa a perder aluno aqui e ali. Aí o colégio diz que não dá mais, porque você está perdendo alunos lá também, então eu programei para parar a competição (...). Então eu vou parar agora e vou me dedicar somente a dar aula. Mas mesmo na época a minha decisão não era parar de treinar, isso eu nunca parei.

Pouco tempo após ter de deixar os tatames de competição e ter decidido focar na carreira de professor, cursou mestrado, concluiu e, através de concurso público, ingressou na UECE. Segundo Kar, desde o momento em que ingressou nos quadros da universidade – faz 10 anos – até os dias atuais, muito cresceu em sua carreira e muito contribuiu para a tríade: Caratê, universidade, sociedade. Na visão de Kar, as artes

marciais vivem uma nova época acadêmica, com o curso de especialização em artes, lutas e esportes de combate.

Suas palavras permitem supor que, no Caratê Cearense, seu nome já se solidificou, que chegou ao reconhecimento público tanto como atleta como quanto “acadêmico”.

Graças a Deus, eu tenho um respeito muito grande na área e eu consigo perceber isso por vários motivos. Primeiro, eu fui um atleta de alta *performance*. Então, o pessoal mais antigo, que me viu competindo até 2000, tem um respeito muito grande por mim. Eles viram o que eu era capaz de fazer. (...) Eu retornei para lutar em 2013 e 2014, quando eu retornei para lutar o ginásio tava (sic) lotado, porque muitos queriam me ver lutando novamente (...). O outro ponto é o que aconteceu depois. Interessante, veio a Educação Física, especialização, mestrado, doutorado, comecei a trabalhar na área acadêmica, livro, então tem uma parte no Caratê que me respeita bastante como professor acadêmico que pesquisa o Caratê, ligado ao Caratê(...).

Quando indagado se houve concórdia entre sua atividade acadêmica e o Caratê, se um reforçou a posição do outro, foi enfático. “O meu Caratê realmente foi uma mola propulsora para tudo isso que aconteceu” e “quero registrar, a culpa de tudo foi do Caratê”. Mas também exprime que o Caratê cresceu muito com sua ajuda e com suas publicações, orientações e aulas. “O próprio livro que, como eu falei, foi um livro inédito, hoje em dia nós temos outros, mas esse foi o primeiro que materializou essa proposta de contar o Caratê na história do Ceará”.

Entende-se que ainda há muito que crescer na carreira do mestre Kar, talvez por sua idade, 45 anos, pela vanguarda de suas ideias e pela representação no meio acadêmico e das artes marciais, mas a união entre sua arte e o negócio que empreende parece significar maturidade na carreira. Pesquisadores como Hall (2002), Grenhaus, Callanan e Godshalk (2000) afirmam que, em seguida ao estágio de crescimento, podem surgir manutenção ou declínio. Enquanto Harrington e Hall (2007) entendem que pode estar sendo preparado um “gatilho” para uma nova carreira. No entanto, Hisrich e Peter (2002) sentenciam que a carreira do empreendedor é de difícil previsão.

9.2.16 5.4.4 Estabilização da carreira

A contribuição à carreira de Mestre Kar continua. Afastado para a realização do pós-doutorado, relata o projeto novo para logo agora no curso pioneiro que idealizou:

Uma terceira turma que vai começar agora em junho. É uma turma muito especial porque nós fizemos um convênio UECE e Confederação Brasileira

de Caratê (CBK). Ela continua com o mesmo título, mas vai vir com uma especificidade. No diploma vai constar isso, “especificidade: Caratê”, então, todas as disciplinas generalistas, por exemplo: Psicologia aplicada às lutas, Preparação física para atletas de modalidade de combate, Didática para o professor de luta em artes marciais, História, *Marketing* e propaganda, enfim, todas as disciplinas elas são generalistas. Só que nessa terceira turma, (...) todas elas vão fazer uma ligação com o Caratê, que é a especificidade desse curso. (...) São 50 participantes só de Caratê(...).

Perguntado se estava realizado com sua contribuição, respondeu:

A gente tem essa premissa de nunca achar que está satisfeito. Eu acho que eu já realizei muito, mas eu ainda pretendo realizar mais. Dentro do Caratê você não chega à perfeição. Então, por exemplo, eu nunca vou parar de fazer os exames de grau, eu tô no quinto (...). Outro ponto é a questão da colaboração, eu ainda tenho muito a contribuir, por exemplo, a partir da vida acadêmica, colaborar com o Caratê. E na vida acadêmica você não para nunca, (...) você está o tempo inteiro se renovando, por exemplo, eu me matriculei em um curso de filosofia prática, porque eu acho importante também. Então, na vida acadêmica, ainda tenho muito pela frente, viagens, ver outras culturas, conviver com outras pessoas, escrever e cada artigo é uma nova história.

À medida que o indivíduo avança na carreira, é natural transmitir a vivência e o conhecimento. Os artistas procuram pupilos, o empresário, sucessor, o professor, alunos que perdurem sua técnica ou que as desenvolva. Há um elo entre o empreendedor, o honorável mestre de artes marciais e a fase de maturidade das carreiras. Procura-se a transmissão do conhecimento. Kar vem preparando sucessores em sua área de atuação.

Meu irmão mais novo. (...) A gente percebe que ele é uma espécie de sucessor neste sentido. Ele, (...) ele seguiu a linha porque ele treinava comigo. Então, tudo o que eu fazia, ele continua fazendo. (...). Na carreira acadêmica você tem aqueles alunos que foram teu bolsista na graduação, bolsista na iniciação, foi monitor em tua disciplina. Na disciplina de luta geralmente o meu bolsista é um faixa preta de Caratê, então eu tenho alunos assim, que seguiram a linha comigo. Fui orientador na graduação, especialização e mestrado, sempre pesquisando o Caratê, (...) daí ele já dá aula, daí você considera uma espécie de sucessão neste sentido.

De acordo com mestre Kar, o Caratê passou por diversos momentos no mercado de Fortaleza.

Nos anos 80, um Caratê mais marginalizado. Nos anos 90, quando se começa a discutir o Fitness, o Caratê, ele adquire um espaço voltado para todas as classes, inclusive as mais nobres, porque nessa década quem passa a ser marginalizado é o Jiu-Jítsu. (...) E o Caratê, aqui em Fortaleza, ele tem um *up*. Passa a ter professores em academias, inclusive para adultos. Só que depois o mercado das academias foi mudando, e quando vem o ano 2000, vem a aeróbica, o mercado começa a se incrementar. De 2010 para cá, vem o treinamento funcional, todo mundo corre, assessoria esportiva. Isso, claro, que tirou as pessoas das modalidades de luta também.

Segundo o Mestre, a realidade hoje é diferente. Se você for a qualquer creche-escola, você vai ter ou Caratê, ou Capoeira em segundo lugar, por efeito da

marginalização existente, ou Judô, em terceiro, porque exige um tatame (investimento para a escola). Entretanto, no mundo adulto, as academias mistas não ensinam e o Caratê ficou restrito aos *dojos*, que são espaços próprios para a prática da arte marcial.

(...) quando você parte para o mundo adulto, (...) as academias de Fortaleza sofreram um baque muito grande. (...) Você vai ver que o público adulto faz ou Jiu-Jítsu ou Muay Thai, que é o que tá(*sic*) na crista da onda agora, ‘porque o Muay Thai queima muita caloria’, e isso foi espalhado, apesar que o Caratê também queima. Principalmente mulheres que estão ali pelo exercício físico, e não por causa da luta (...).

Mas o Mestre identifica uma grande oportunidade surgindo, algo novo que modificará o mercado como todo:

(...) O Caratê não faz parte da final dos jogos olímpicos ainda, mas tudo indica que em 2020 as olimpíadas serão em *Tokyo* e o governo de *Tokyo* está exigindo, porque é um esporte originário do Japão (...). Eu creio que isso, quando se torna esporte olímpico, acarreta mais investimento, os esportes olímpicos recebem muito mais verba que os esportes não olímpicos, ou semiolímpicos (...). Eu vejo, então, uma perspectiva de crescimento muito grande, muito maior do que ele já é.

Com toda essa mudança no campo vislumbrada, mestre Kar tem planos de expansão.

Nós estamos viabilizando colocar dentro da UECE uma formação paralela em Caratê(...). Como seria essa formação paralela? Nós íamos pegar apenas alunos do primeiro semestre, (...) porque o que é que eu digo para os alunos da Educação Física, se ele tiver outra especialidade, ele vai se destacar no mercado. (...) Então, qual seria a ideia, você iria cursar os quatro anos de Educação Física e durante os quatro anos você iria fazer esse projeto aqui, porque quando você recebesse seu diploma de Professor de Educação Física, você recebia o seu diploma de faixa preta de Caratê. A Federação fala de aproximadamente 4 anos, mas se você tiver as aulas que vão ter no projeto que vão ser aulas à distância, (...) cursos nos finais de semanas e aulas práticas e naquela carga horária você transforma e ele poderia atingir a faixa preta em 4 anos.

Acredita-se que o “Mestre do Caratê” ainda esteja longe de uma fase hipotética de saída, pois nem mesmo pensa em estagnação, muito menos declínio. Mas sua ascendência é cíclica, como se abrisse novas pequenas fases, parece que se deve considerar os ciclos sucessivos de Harrington e Hall (2007). Na entrevista, menciona abrir um novo momento, tanto na especialização, já viabilizado com o curso acrescido da especificidade, como com o plano de formação paralela entre Educação Física e Caratê, a ser viabilizado.

A inquietação produtiva e criativa aparenta firmar Mestre Kar em uma carreira verdadeiramente empreendedora. Características como inovação, desbravo, presentes ao

longo de sua jornada, e mais, geração de renda, ampliação da cadeia produtiva remetem ao empreendedorismo, mesmo sob os limites de uma dedicação exclusiva à instituição UECE.

Sugere ser interessante para o Mestre que encontrou uma forma para fazer ver seu ofício, para desenvolver sua arte, para silenciar, ou apaziguar o conflito empreendedor, também para a Universidade que cresce consigo e pode absorver das forças criativas internas. Além de parecer melhor para o “*Karate Do*”, que encontrou um caminho em um mestre novo, que segue a trilha dos antigos, que investe na técnica (*jutsu*) e na orientação (*do*).

9.2.17 5.5 Mestre do *Muay thai*

Mestre Mua nasceu em 05/07/1969, na cidade do Ipu-CE. Começou em 1991 a praticar *Muay thai* e nunca interrompeu a prática por 24 anos, detém o título de mestre e com mais 6 anos poderá juntar-se aos outros 4 Grão-Mestres no Brasil. Esse título é valioso, uma vez que é concedido pelo conselho dos Grão-Mestres da América Latina, com autoridade concedida pela *World Muay thai Federation* - WMF, patrimônio cultural Tailandês, sob ordens do monarca daquele Reino.

Mua é formado em Educação Física na UNIFOR, presidente da Federação Cearense de *Muay thai* – FCMT, entidade representante da Confederação Brasileira de *Muay thai*- CBMT e *World Muay thai Federation* –WMF. O mestre detém aproximadamente 30 equipes de lutadores de competição, uma academia de *Muay thai* e outras lutas, algumas marcas de vestuário e uma construtora.

A entrevista foi realizada na academia de *Muay thai* do mestre “Mua” em 21/05/2015.

9.2.18 5.5.1 Caracterização como empreendedor

Mestre Mua se considera um “andarilho das artes” marciais: veio do judô, praticou boxe, Caratê, Jiu-Jítsu e se fixou no *Muay thai*. Iniciou a prática nessas artes ainda criança, mas ingressou no *Muay thai* há 24 anos, em 1991. Acredita que “tudo na vida se torna *business*” e define o esporte que ajudou a nascer e crescer no Ceará, amparado em conceitos econômicos e espirituais: “Como eles chamam, tudo na vida se torna negócio, só que você tem que fomentar isso, duma forma séria, duma forma

honestas, a gente começa o nosso trabalho a partir dos projetos sociais que a gente mantém”.

Esse esporte tailandês, oriundo de um país pobre, no Estado do Ceará é marcado pelo cunho social, principalmente por ser o estilo de seu maior mestre:

A gente tem hoje, aqui dentro de Fortaleza, aproximadamente 30 equipes. Essas 30 equipes hoje, uma coisa que eu sempre falei pra eles, que eles tinham que fazer esse trabalho ser multiplicado. (...) Eles nunca pararam de treinar, então eu sempre disse pra (sic) eles: vocês vão viver do *Muay thai*, mas lembrem-se que aquilo que a gente recebe de graça a gente tem obrigação de repassar de graça. Então, escolham pelo menos um horário do dia de vocês pra (sic) repassar aquilo que vocês receberam de graça, também de graça. Os outros horários, vocês vão trabalhar como trabalho, vão receber como trabalho, então assim tem sido feito graças a Deus (...).

O depoimento de mestre Mua reflete o que de fato aconteceu. O esporte cresceu ao redor dessas equipes e, na maioria das vezes, acolhendo as camadas mais pobres e lhes conferindo educação, qualidade de vida e emprego. Como que um efeito multiplicador, esse estilo, essa corrente revela uma forma criativa e inovadora, muito embora respeite as origens do esporte. “Essas equipes, todas elas, têm esse trabalho multiplicador e já ganham mais e mais frutos, porque eles (...) estão formando novos instrutores, e esses (...) estão nessa mesma corrente, trabalhando dentro do *Muay thai*, mas sempre com um horário destinado a projeto social”.

Acreditando que o esporte é um veículo de inclusão, “eu sempre tive essa concepção, que o esporte é o melhor laço social que pode existir” e que há uma mão dupla, o esporte resgata o indivíduo e este se torna um esportista:

Não é só a nível ‘ah, vamos tirar das drogas’, (...) a gente trabalhar essa parte familiar, eles vêm aqui, a gente trabalha essa parte da irmandade, o respeito, (...) essa coisa de o esporte agrupar em todas as áreas. Todo mundo tem seu trabalho, trabalha com o *Muay thai*, trabalha, vive, ganha o seu dinheiro, mas também tem o lado social.

Professor Mua expõe que é o mais antigo praticante ininterrupto do *Muay thai* cearense. Nessa arte, ajudou a estabelecer no Nordeste as antigas tradições, como o nome “*Muay thai*” e as vestes coloridas. É que era um esporte desconhecido, aqui se conhecia o *Kickboxing*, depois a sociedade passou a denominar de boxe tailandês, mas só recentemente absorveu o nome verdadeiro do esporte.

Na parte financeira, a Federação que fundou e que preside vive dos exames de graduação e dos eventos que são 4 etapas em um único Campeonato Cearense de *Muay thai*:

Não só a cada ano, mas a cada etapa, ele vem se superando. A gente hoje vai realizar uma etapa agora nos dias 13 e 14 de junho, (...) quando eu comecei a fazer os eventos de *Muay thai* aqui, eu tinha como exemplo o pessoal do Jiu-Jítsu, que fazia evento em 2 dias. (...) Agora mesmo nós vamos realizar um evento em 2 dias. Nesses eventos, aproximadamente 300 atletas do Nordeste competem. É que a Confederação Brasileira delimitou Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Bahia para gerência da Federação Cearense.

O Mestre Mua afirma que todo o lucro da Federação é revertido para o Esporte. Segundo Mua, cerca de 30 equipes ainda são ligadas ao seu nome e à academia, que é unicamente de artes marciais, com predomínio para o *Muay thai*, com aproximadamente 300 praticantes. Esses são seus empreendimentos. Há a produção de material esportivo e promocional que custeia os atletas em competições, afora patrocínios. Mas, segundo o Mestre Mua, sua principal atividade econômica é uma construtora, outro empreendimento de que é proprietário.

Mua avalia que sua atuação fez crescer o esporte no Ceará e no Brasil. Realça que antigamente tudo se concentrava no Sul e Sudeste, e agora já existem muitos campeões brasileiros deste Estado e se orgulha de ter tido um aluno como campeão mundial. No plano dos negócios, foi condecorado por ter realizado a melhor e mais organizada etapa do brasileiro e suas “invenções”, como um cinturão classe “A”, premiações e a união com outras artes marciais começam a ser seguidas pela Confederação Nacional”.

Recentemente, já mestre de *Muay thai*, voltou a treinar Jiu-jítsu, e lá iniciou, como “deveria ser”, com a faixa branca. Essa atitude de humildade e respeito à história de cada um alega ser a principal característica de seu crescimento nos negócios e no *Muay thai*.

(...) Quando eu retornei ao Jiu-Jítsu, que eu fui aluno do Mestre Sá,(...) retornei à minha caminhada do Jiu-Jítsu faixa branca, por que o Jiu-jítsu não tem nada a ver com o *Muay thai*. É outro esporte. (...) Cada esporte tem os seus conceitos, suas regras, suas formas. Então, se eu quero me graduar em determinado esporte, eu tenho que entender dele desde o começo. (...) Pra eu poder chegar num grau preto e poder entender essa caminhada. Aí as pessoas querem simplesmente migrar de um esporte pra outro. (...) Isso foi uma pergunta que me foi feita num campeonato de Jiu-Jítsu, que eu fui competir de faixa branca. O cara olhou pra mim e falou assim: ‘Ô, você não é o Mestre “Mua”? E você vai lutar de branca?’ Aí eu disse: ‘sou eu, aqui é *Muay thai* ou Jiu-Jítsu?’ Eu até brinquei, o ‘Messi’ pode ser tudo no futebol, agora dá umaraquete de tênis pra ele... NÉ? Aí ele olhou assim, realmente, aí ele começou a rir. ‘Pô, professor’ (...)

Para “Mua”, é preciso perseverança e respeito para se evoluir na vida e no *Muay thai*, “pra (*sic*) mim, se chama perseverança, respeito, (...), porque a gente tem que ter

respeito à história da gente. Eu tenho que ter respeito àquele rapaz, àquela menina que chegou aqui e não sabia nada, e que foi evoluindo, evoluindo dia a dia até conquistar a graduação dela hoje”.

Então, acredita ter auxiliado muitos a trabalhar de forma honesta. O *Muay thai* de mestre Mua parece inseparável de seu conteúdo social, criativo, inovador, vai a campo, a quem precisa e “ensina a luta”, “nunca a briga”. Assim, nos termos de Mua, os meninos carentes lutam pela vida e aprendem um ofício e geram uma cadeia de valor, retornando à arte e ao mestre o que lhes foi dado, mas também que obtiveram com esforço.

9.2.19 5.5.2 Exploração da carreira

Motivado inicialmente pelo prazer da prática de qualquer que fosse a arte marcial, Mua se encontrou no boxe tailandês. Por ser um esporte carente, cujo material era trazido de São Paulo, iniciou o trabalho filantrópico em paralelo à prática. Foi buscar a realização financeira empreendendo para si, fora do *Muay thai*, enquanto plasmava o esporte e empreendia em atividades relacionadas ao *Muay thai*, para conferir ao esporte reconhecimento e dignidade. Isso não implica que a luta não o tenha favorecido em seus negócios, ao contrário, é célere em afirmar que isso ocorreu.

Em um passado mais recente, relata o que o motivou a persistir e a constituir uma academia e investimento no esporte, embora não como atividade principal. Acredita que o maior valor que lhe é pago é a gratidão, o reconhecimento dos atletas e também o autorreconhecimento.

Esse reconhecimento que alguns têm, (...) é bom a gente poder olhar e dizer assim: ó, aquele acolá, como tem um atleta aqui que chegou ao UFC e ele era pastorador (guardador) de carro no meio da rua. Uma vez ele me viu na rua, e me viu com a camisa da equipe, (...) e ele disse assim: 'Eu queria fazer esse esporte aí', ele não sabia nem pronunciar o nome. Aí eu disse: 'O que é que você faz na vida?' 'Eu só pastoro carro' (...). 'Você vai treinar de graça, e isso vai lhe transformar num atleta, e isso mais na frente, vai lhe transformar num professor'. E hoje ele é, e foi um atleta, apesar de ter parado novo, hoje ele tem uma academia muito bem estruturada (...). Ele hoje mesmo mora numa casa boa, tem carro bom, tudo isso, graças ao esporte.

Percebe-se que Mua sabe descobrir talentos, mas também sabe aproveitá-los oportunamente. A explicação anterior revela o mesmo teor de outra história, quando conta que seu atleta foi campeão mundial:

Um moleque como o Elinardo Goiabinha, (...) que vivia na rua, que durante a noite, ia pra porta da minha academia assistir ao treino, (...) todo dia ele

vinha, (...) ele encostava a cabeça. A fachada da academia era de vidro, (...) se balançava como se estivesse lutando. Até o dia que eu cheguei pra (*sic*) ele, ele tão empolgado lá com o pessoal treinando, eu saí da academia pela porta, ele não me viu, aí, eu cheguei assim, e bati no ombro dele e disse: 'E aí, tu tem coragem?' Aí ele: 'Toda hora, toda hora, eu gosto, eu gosto de brigar, mesmo!' 'Essa é a diferença, eu estou perguntando se você tem coragem de aprender a lutar!' (...) Esse moleque entrou, estreou com vinte dias de treino, (...), ganhou a luta dele em dezoito segundos, parou com a vida pregressa que ele tinha, (...) de gangue, de furtos (...), e hoje taí, um campeão mundial. Tem família, tem três filhos, vive do *Muay thai*, montou a própria academia dele (...). Ele na Tailândia, eu tava(*sic*) aqui no Brasil, ele foi com o pessoal da Confederação Brasileira, mas ele desceu do ringue, com o cinturão, a primeira coisa que ele fez foi bater uma foto e mandar pra mim pelo Whats App. Eu fui a primeira pessoa no Brasil a saber que ele tinha sido Campeão Mundial, às três horas da manhã.

Mestre “Mua” exprime grande necessidade de realização, é o momento em que é “mais feliz”. Esse sentimento de conduzir sua arte de independência que ensinou aos seus discípulos, de retirar pessoas excluídas das ruas e transformar em campeões “não tem preço”. Isso o motiva a aceitar os riscos e enfrentar as situações.

O projeto social envolve situação de grande risco. Todo sábado conversa claramente com a “molecada”, olha nos olhos, chama os pais e irmãos, quem fizer algo errado está fora. Faz tudo isso sem apoio governamental.

Afirma que dentro da academia e fora, no *Muay thai* e em outros esportes, a concorrência existe: “A própria academia de atividade física, de musculação, é uma concorrente nossa. (...) Nós tiramos, ao longo do tempo, (...) pessoas que a vida toda foram (*sic*) de sala de musculação, e hoje chega (*sic*) aqui e diz: 'Cara, se eu soubesse do *Muay thai* antes, eu já tinha vindo”. Mas mestre “Mua” encara com naturalidade: “Trato da forma mais simples possível. Eu tento mostrar os meus benefícios, tanto nos meus negócios particular (*sic*), como aqui na academia, eu nunca faço a propaganda do meu concorrente, eu faço a propaganda minha”. E completa com profissionalismo, “pra isso (*sic*), eu sou criterioso com os profissionais que trabalham comigo, tanto aqui como na construtora”.

O Senhor “Mua” vem trilhando o caminho do esporte desde o início no Estado. Enfrentou dificuldades, mas as superou. Conta que, no início, o maior obstáculo era o preconceito, mas estabeleceu o nome do *Muay thai*: “O cara chegava lá na academia: 'rapaz, isso aqui é o quê? Mai tar o quê? Mai tar quem?’” Antes ocorrera o preconceito com as vestes:

A gente saía aqui da Dom Luís¹ (...) e pegava na Beira-Mar², então, naquela época, início da década de 90, a Beira-Mar tinha aquele movimento (...), então quando a gente passava, os caras que vendiam caipirinha, tinham aqueles carrinhos, os caras diziam assim: 'olha os palhaços de calção', (...)

então era uma característica do *Muay thai*, os calções coloridos.

¹ Dom Luís: Avenida nobre da cidade de Fortaleza.

² Beira-Mar: Avenida que contorna a orla marítima de Fortaleza.

Quando tem de escolher entre a prática, o ensino e a parte burocrática de comando da Federação e dos negócios, sentencia: “Pra (*sic*) mim, o que tem de melhor é praticar. Depois, (...) né, uma coisa que eu gosto, é ensinar. E, meu amigo, se eu pudesse não fazer, era a parte administrativa. É a coisa que realmente, assim, eu sempre falo, eu sou honesto”. Entretanto, parece que a história do mestre Mua conduz confiança às pessoas e o prende nas necessidades burocráticas, para isso se preparou com cursos e estudos.

9.2.20 5.5.3 Crescimento da carreira

Mua relata que o *Muay thai* tem crescido bastante no Brasil. Essa arte se multiplicou no Ceará e, com a luta, os negócios relacionados a ela. Mua ressalta: “Então, nós temos que tomar conta de filiação, de eventos, de exame de graduação, e como nós aqui no Estado do Ceará temos uma área muito extensa, nós temos do Maranhão à Bahia, todo o Nordeste, pra (*sic*) fiscalizar, administrar, ver, cuidar, dar atenção”.

As necessidades de crescimento da Federação, dos negócios, tudo o que realizou, conflitam o íntimo do mestre. Ao passo em que os valores econômicos e simbólicos se vão agregando, o mestre do *Muay thai* revisa:

A gente fica gratificado, mas, ao mesmo tempo, a gente fica com essa cobrança da gente mesmo. (...) Às vezes peço desculpas às pessoas, que não dou a atenção que merecem, mas é por que o meu trabalho é tão grande e tão extenso. (...) Por exemplo, nós começamos no Piauí em janeiro, e já estive lá duas vezes este ano.

Com o conflito entre a prática do *Muay thai*, o ensino, a descoberta de talentos e ser “cartola da Federação”, Mua decidiu, criou um sistema descentralizado, com diversas equipes e discípulos e delegou: “Mas eu tenho um defeito, eu delego, mas eu vou! Entendeu, eu participo de tudo, infelizmente, por mais que eu delegue poderes a outras pessoas, todo mundo sempre quer se reportar a mim”. É o conflito entre a atividade de gosto e as necessidades do crescimento material.

Há um momento em que esse processo de expansão e delegação está se aquietando, se amoldando:

Eu cheguei no final do ano, e fui e dividi assim a equipe. A equipe tava(*sic*)

muito grande, (...) é como se tudo fosse filho mesmo, e começa a brigar, aquela briga, discussão, não sei o que, rapaz, gente, vamos fazer o seguinte: 'Vai ser todo mundo "Mua" Team, mas cada qual vai ter a sua: JD Team, Brasil Team, Canelas Team, cada um vai fazer o seu, aí pronto, vocês trazem pra mim só o resultado, e fica mais fácil deu (sic) administrar'. Aí o Elinardo foi um que olhou assim, pegou e se levantou, teve um que sentou aqui e se agarrou nas minhas pernas e disse: 'pode me chutar que eu não vou, eu vou morrer "Mua" Team'. O outro sentou do meu lado e disse: 'isso é pra vocês, viu, (foi Campeão Mundial) (...), não quero nem saber, eu comecei com o "Mua" não vou montar minha equipe é nunca, eu vou ser Mua Team.

Então, ainda não decidiu, mas entende que precisa de tempo para realizar tantas atividades diferentes e compreende que sua contribuição ao *Muay thai* beneficiou em muito ao esporte. Em certo momento, um investidor lhe falou: "Tu é (sic) um cara que tem respeito (...). Se tu for (sic) fazer evento, os caras lutam, pra (sic) receber depois do evento (...)". "Eu me esquivei muito tempo (...), só que o esporte foi crescendo de um jeito, e esses caras atingiram um nível muito bom, não tinham mais evento pra lutar". Então mestre Mua se decide: "Sabe de uma coisa, eu vou entrar nesta também, vou tentar, ver o que é que acontece, e graças a Deus tamos (sic) crescendo". Assim, Mua começa a colher alguns frutos como dirigente.

Nos negócios fora do esporte, o Boxe da Tailândia também ajuda, inclusive na construtora de sua propriedade: "Na questão da paciência, da inteligência que você tem que ter para conduzir alguma coisa, determinados negócios (...). Mas também seus negócios pessoais já contribuíram financeiramente com a luta.

O honorável mestre do *Muay thai* provavelmente ainda se encontra nesta fase ascendente da carreira. Sua arte atinge um novo apogeu com dois anos, sendo retratada em uma novela de malhação. Alega que no Ceará as academias disputam seus professores, que sua pessoa é como um nó que agrega diversos cordões da arte de guerra da Tailândia, enquanto a Federação prepara eventos interestaduais. Mua recorda que o Ceará conta com um campeão mundial e vários brasileiros, abrindo espaço para empresariado. A Academia de Mua se mudou para um novo espaço, próximo a Dom Luiz¹, local nobre e próximo de possibilidades sociais. Enfim, é um momento de crescimento da luta pessoal e carreira do "Professor".

9.2.21 5.5.4 Estabilização da carreira

Em momento de crescimento, supõe-se não haver o que falar de parar de praticar ou de vivenciar as atividades do *Muay thai*. Nesse momento, mestre Mua pensa em novos inícios, em multiplicar os adeptos, em crescimento técnico, em elevar os ganhos

com a arte dos “oito membros”. Seus relatos dão conta que planeja crescimento financeiro e espiritual.

Questionado sobre se sentir realizado, afirma:

Ainda não. Eu tenho um sonho (...), assim, o *Muay thai* se divide em dois. É o *Muay thai* de competição, que é esse mais conhecido nosso, e tem o *Muay thai* Boran que é o tradicional deles, (...) é o mais ligado à religião, é o mais ligado à raiz do Muay Thai. O *Muay thai* (...) é o chamado de “A luta de oito armas” e o *Muay thai* Boran, é chamado “A luta de nove”, porque são: dois punhos, dois cotovelos, dois joelhos, dois pés e a cabeça, entendeu? (...) Em nível de Estado do Ceará, eu sou a única pessoa (...) que tem o curso de instrutor de *Muay thai* Boran, entendeu? Foram duas viagens que eu fiz, uma a São Paulo, e outra ao Rio, de onde trouxeram um Grão-Mestre de *Muay thai* Boran. (...) Logicamente, foi restrito só a professores, a mestres, (...) mas, quando eu me cobro que já estou há vinte e quatro anos e quero ir à Tailândia aprender o *Muay thai* Boran (...).

Porém, essa pergunta sobre realização é entendida pelo Sr. Mua com possibilidades parciais de realização e de desejo de crescimento:

O meu sonho, assim, como eu disse: (...) eu tenho vários, mas um já foi realizado, ver um atleta meu ser Campeão Mundial. Meu próximo sonho é ter um atleta nosso lutando nesse evento chamado “K-1”, que é o maior evento de *Muay thai* do mundo. (...) Enquanto o UFC, a nível financeiro, só esses atletas top ganham dinheiro, (...) hoje um atleta que está começando no “K-1”, ele estreia ganhando US\$ 100,000.00 lá na Europa. (...) A gente trouxe(...) “Andre Mannart”, que foi campeão do “K-1”, hoje é dono da maior academia de *Muay thai* (...) da Europa (...), de lá tem saído os últimos campeões do K-1, (...) para ele dar um seminário, (...) seus alunos vão lá participar, e os caras olham pra você e falam assim: 'Mestre, tudo que ele passou aí, o senhor passa pra gente, ó, faz é tempo'. Aí que eu digo assim: 'É gratificante pra (sic) mim, entendeu que nós estamos aqui no Ceará, no Brasil, assim batalhando (...).

Pensando em todas as vertentes que atuam no *Muay thai* como uma grande família, Mua vai contando os sucessores, como fala “pessoas que vão junto”, pessoas para delegar e ajudar: “A gente tem o João (João de Deus), aí eu tenho um sobrinho que já treina também, há quinze anos que tá(*sic*) na estrada”. E ressalta um sucessor novo: “E assim, no final do ano passado, Deus me deu um herdeiro. Eu tenho uma menina que treina, ela tem quatorze anos, e agora, somente agora que ela se interessou, (...) e nasceu o meu filho, agora tenho duas meninas e ele”.

Mua tem muito a fazer quando se fala em oportunidades para o futuro do seu *Muay thai* e da carreira empreendedora na arte. Como verdadeiro “Mestre”, planeja em alguns anos ser grão-mestre:

Aqui mesmo, dos antigos, o único cara ininterruptamente dedicado ao esporte fui eu. Eu estou com vinte e quatro anos, estou mestre, com mais seis, eu fico grão-mestre. (...) Por que tudo é um conselho, vai avaliando tudo, sua conduta, seu desempenho, o que é que você faz pelo esporte, o que é que

ocorre, você continua trabalhando em prol do esporte. Tudo vem da Tailândia, mas o que é que acontece, na América Latina, tem um Conselho que fica aqui no Brasil.

Mua inicia dois projetos inovadores em sua academia, como que impulsionando um novo ciclo. Neles, é o próprio mestre que faz o papel de professor. No primeiro, trata-se de um auxílio contra o *bullying* escolar. Mestre Mua conta que um rapaz começou a treinar porque era perseguido na escola, então a mãe do garoto o procurou:

Eu queria que o meu filho treinasse, porque ele só quer *video game*(...) e ele é muito tímido e talvez aqui na academia ele consiga desasnar. Então, ele começou a treinar, treinar, treinar, começou a se dedicar, no começo ele vinha, eu até brincava com ele: 'Ei, cara, tu tá (sic) com uma coragem, hein? (...) aí ele começou a se interessar, começou a gostar, e como a própria mãe dele disse: 'A pedir pra vir treinar'. (...) Acabou o “bullying” da (sic) escola, pelo simples fato de ele começar a se impor, no sentido de que ele não precisou dar um soco em ninguém (...), nada, simplesmente ele começou a saber que ele era tão capaz quanto todo mundo. Ele começou a ver que ele não era inferior a ninguém, que o principal problema do “bullying” é a própria pessoa.

O outro projeto se trata de aluno especial. O começo foi com uma criança de 12 anos, bastante “ansiosa, arredia, agressiva”, que comia muito e já pesava 120kg, cujo pai havia treinado com Mua um tempo atrás. A família tinha tentado “de tudo”, inclusive “natação”, mas o menino parecia não se interessar por nada, foi quando o pai se lembrou do velho amigo do *Muay thai*:

Traga ele pra mim, vamos marcar um horário específico pra ele, fazer um “personal” com ele. “Tu acha (sic) que resolve? Tu vai(sic) ensinar ele a lutar, cara (sic), vai ser pior pra ele”. 'Não, exatamente. Vocês têm (sic) que tirar esse conceito de a luta ser briga. Luta é luta, briga é briga'. Esse moleque tá (sic) comigo, tem três meses, ele hoje já está com 93kg, outra pessoa, totalmente diferente. Como eu digo pra (sic) ele: “X”, quando a gente passar pra (sic) cima do tatame, o tio é seu mestre, você tem que ter respeito. (...) Quando ele começou, ele não conseguia correr, nem dar pequenos trotes, hoje ele já corre comigo, (...) dá pequenos pulos de corda já (...) dá uma volta na corda, mas já é um progresso. (...) Então, a mãe dele disse que ele acorda todo dia perguntando: 'Hoje eu tenho tio? Hoje eu tenho tio?' Que é pra vim (sic) treinar. Ela disse: “Mua”, final de semana é um terror. Porque é o dia todo: Mãe, eu posso ir para o tio hoje.

De acordo com mestre Mua, para um prazo mais longo, pretende ser empresário de atletas: “Eu acredito que daqui a algum tempo eu vá ter que me dedicar à parte de dirigente muito mais do que à parte profissional de dar aula, disso e daquilo outro, (...) hoje a gente já tá(sic) indo para um Campeonato Brasileiro com treze, dezesseis, dezoito atletas”. E pretende também, após uma temporada mais longa com os monges tailandeses, repassar o valioso *Muay thai Boran*: “Eu tenho pretensão de trazer o *Muay thai Boran*. Eu acho que aqui, assim, nós temos material humano muito bom, muito

bom, a gente tem hoje, em nível nacional, internacional”. Então, mestre Mua tem planos grandiosos, mas sua realidade atual ultrapassou em muito seus antigos sonhos.

O Honorável Mestre Mua é de fato reconhecido como mestre pela *WorldMuay thaiFederation* (WMF), uma entidade do patrimônio cultural do povo tailandês, sob a união delegada do monarca daquela nação. Parece que Mua transformou o *Muay thai* cearense em um destaque para o Brasil. Iniciou sua carreira correndo no calçadão com um punhado de outros, que não continuaram na arte, cujos calções esvoaçantes eram motivo de riso.

A seriedade de Mua, os 24 anos ininterruptos podem suscitar outro riso, sua carreira, seus negócios, as atividades sociais, seus atletas se amparam na felicidade de ter um Mestre do *Muay thai*. Parece que o empreendedorismo alavancou sua carreira e a de muitos discípulos, como os campeões brasileiros ou o mundial, ou os que simplesmente ganharam um meio digno de vida, ou replicam as características técnicas e espirituais transmitidas por Mua.

Supõe-se uma grata surpresa encontrar um mestre consagrado iniciando vários novos ciclos, como novas carreiras amparadas no *Muay thai*, repetindo e aprendendo “lutar é diferente de brigar” e, segundo disse, sua “história renasce” como nasceu seu filho em 2014.

9.2.22 5.6 Mestre do Kung Fu

Mestre Kun nasceu em Quixeramobim-CE, em 04/10/1969. Iniciou a prática da arte em 1980 e é professor desde 1990. Kun é formado em Educação Física, faixa preta em *Kung Fu* estilo “*Shaolin* do Norte” e “Sanda”. Kun teve a honra de ser Vice-campeão Mundial de *Kung Fu Kuoshu*65Kg sendo discípulo de Mestre Nereu Graballos (*Hall off fame Kung Fu Wushu*).

Senhor Kun é árbitro nível A (2012) CBKW (Confederação Brasileira de *Kung Fu Wushu–Sanda / International Wushu Federation/ COB – Comitê Olímpico Brasileiro*). Como mestre, teve um de seus discípulos Campeão Mundial.

Kun é proprietário de academia especializada em *Kung Fu* e ginástica, *personal trainer*, palestrante, presidente da Federação Cearense de *Kung Fu Wushu – FCKW* e tem sua marca em vestuário e artefatos relacionados ao *Kung Fu*.

A entrevista foi realizada no Centro de Treinamento Oriental (CTO), academia de artes marciais de mestre Kun, em 12/05/2015.

9.2.23 5.6.1 Caracterização do honorável mestre de *Kung Fu* como empreendedor

De acordo com mestre Kun, é difícil se viver da arte marcial. “Você tem de ter um (*sic*) conhecimento, você tem de trabalhar direito, você tem de ser verdadeiro (...), eu tô(*sic*) com 34 anos que faço *Kung Fu*, tô (*sic*) com 24 que ensino, venho batalhando muito tempo, fui atleta muitos anos (...), então não é fácil”.

Apesar das dificuldades, o jovem Kun conseguiu erigir sua academia, que conta com aproximadamente 400 clientes, entre praticantes de *Kung Fu*, *Sanda* (modalidade de *Kung Fu* conhecida como o Boxe Chinês), pessoas que exercitam a musculação e praticantes de outras artes marciais.

Hoje em dia eu aqui tenho Judô, eu tenho Jiu-Jítsu, eu tenho o Sanda, que é uma modalidade dentro do *Kung Fu*, e agreguei junto com musculação. (...) Todo mundo quer malhar e isso é importante também, fazer uma musculação, (...) nós vamos perdendo massa magra, então a gente tem que repor, e através da musculação vai funcionar mais rápido.

Nas artes marciais, o ganho não se resume à atividade de instrutor, outras atividades e comércio são agregadas e já há algum tempo o mestre explora essa cadeia:

Nós vendemos uniformes que, no caso do *Kung Fu*, é uma calça preta e uma camisa branca, que o valor não é tão caro, (...), o Sanda, que é o boxe chinês, que é uma modalidade dentro do *Kung Fu*, também é um calção e uma camiseta (...). Aí você ganha um pouco mais nos exames de graduações, quando o aluno vai se graduar, nós temos às vezes 20 a 30 alunos se graduando (...).

Baseado nos ensinamentos de seu saudoso mestre, procurou trazer uma visão de realidade para o *Kung Fu*, antes muito baseada em fantasias:

A arte marcial, já dizia Bruce Lee, 'todo chute é um chute, todo soco é um soco, chute quando tiver de chutar e soque quando tiver de socar'. Tem gente que diz: 'ah, eu criei o soco do dragão, o chute do leão', não existe isso aí, sabe. Eu viajei para a China três vezes e conheci, vi a realidade, o meu mestre que faleceu vai fazer dois anos, foi uma pessoa que instruiu a gente muito em mostrar a realidade, o que era verdadeiro e o que num (*sic*) era(...).

Amparado na busca dos limites da arte do *Kung Fu*, acredita que a criação do novo nessas artes ocorre a partir de uma nova imersão nas fontes culturais originárias.

Ano passado fui para a China, passei 45 dias longe da família, (...) eu fui para buscar mais conhecimento para mim pessoalmente e para meus atletas, meus alunos, e foi muito gratificante(...). Eu pretendo este ano ir passar (...) mais 10 ou 15 dias, você tem que ir (...) porque quando você viaja para lá, que é o berço do *Kung Fu*, você volta com a cabeça aberta, porque a coisa vai mudando. Porque hoje, se a queda é assim, amanhã já tem uma defesa, uma

tirada, é demais.

Cita textualmente que procura ensinar aos seus alunos civilidade. “Eu aprendi uma coisa pela minha experiência que não é ser só um bom atleta, você tem que ser gente lá fora, tem que ser cidadão, isso é mais importante”. Mesmo transmitindo valores espirituais, simbólicos, admite que no plano da realidade tenha crescido como proprietário:

A minha vida só tem melhorado como proprietário da academia. É muito trabalho, não é fácil, me acordo 4h30 da manhã e vou dormir 11h da noite. Eu e minha mulher, a gente trabalha muito, mas eu nunca tive tanto aluno como eu vim ter depois que eu abri a minha própria academia. (...) a gente tá sentindo a mudança.

Segundo o Sr. Kun, que não se considera um mestre *shin* (consagrado), as questões espirituais guardam as principais características para se evoluir a mestre:

Não existe exame para mestre, existe para professor (...). O mestre em chinês seria *shin*, *sifu* é professor. O *shin*, ele é considerado com o tempo de trabalho dentro da arte marcial que ele faz, com o comportamento, de ser exemplo. (...) É uma pessoa compreensiva, que ajuda as pessoas, que tenta dar um conselho. A minha maior gratificação (sic) é quando um pai de aluno chega para mim e pede para eu conversar com ele, então isso aí é só a experiência, é só o tempo que vai dando isso aí para você.

Embora Kun não se classifique como “*shin*”, pode-se entender que busca um caminho de espiritualidade condigna. Como é um expoente dessa arte (CBKW, 2015), explica os benefícios e o valor do *Kung Fu*.

Um dos benefícios mais importantes desta arte, para uma criança principalmente, é a parte de coordenação motora. Aí vem a parte de disciplina, num (sic) é, são coisas que você leva para o resto da vida, que vai servir no futuro, quando você vai fazer um concurso, quando você for fazer um treinamento (...), porque, além de estudar, tem que fazer uma atividade física.(...) Os valores são muitos, um dos valores é a parte da disciplina e respeito, esse é um valor que ninguém tira.

Entretanto, mestre Kun fala do valor material, cobra pelas aulas na academia, cobra por aulas particulares e por *personal trainer*. “Hoje eu dou aula de *personal*, como *personal* minha aula é R\$ 50,00 a h/a. Ocorre também de fechar pacote, dois dias na semana em um mês R\$ 500,00, e outros pacotes. Na academia, a nossa mensalidade custa R\$ 80,00 por mês, isso nós temos na sala de aula de 40 alunos a 50 alunos que compensa”.

Mas além do valor monetário, exige das crianças o estudo:

Hoje em dia eu cobro muito estudar. Se você não estudar, se você não estiver atrás de estudar, você não cresce em nada. (...) Então o aluno fala: 'ah!

Professor, eu não vim porque eu tive uma prova'. Eu falo: 'ótimo, não veio treinar para estudar, isso é o mais importante'. Eu sempre falo: 'cara, se vocês estudarem, vocês têm tudo dos pais de vocês'.

Mas para atingir certa independência financeira, para sair de uma vida modesta e chegar a ter um patrimônio capaz de sustento, para você crescer financeiramente com a arte marcial é preciso gostar, querer aquilo, e depois perseverar. Mestre Kun avalia:

Eu tive muita dificuldade, devido a uma família pobre, eu vim embora do interior de Madalena, em 1979, para Fortaleza (...). Assisti àqueles filmes antigos, o “Faixa Preta” (Horário de noite na Globo), foi o que me levou a treinar o *Kung Fu*, e eu realmente fiquei empolgado e tive foco, eu realmente queria aquilo ali. Então, é uma coisa que você tem que realmente querer aquilo ali. Eu tive objetivo. “Quem começou na minha época só tem eu praticando (...). Eu ia para São Paulo competir, levava marmita, passava 3 dias dentro de um ônibus. Era uma dificuldade, o pessoal dizia que eu era doido, que aquilo dali era loucura, e eu encontrei uma pessoa que me deu muita força, que foi a minha mulher (...). Hoje em dia as pessoas têm um objetivo, mas não traça (sic) ele, porque o caminho reto é o mais difícil. Fazer isso aqui, curvo é fácil, mas você ir direto é difícil, mas chega lá.

Ao falar de manter o empreendimento, ressalta:

Para manter a academia, uma das coisas que eu acho importante dentro da arte marcial é você ter humildade, é tratar todo mundo igual. Porque se não tiver isso aí, as pessoas vão embora (...). Igual todo dia ter a mesma cara, todo dia conversar com todo mundo, você não passar os seus problemas para eles, você ser sempre aquela mesma pessoa e não mudar.

O Sr. Kun admite que a prática do *Kung Fu* realmente lhe favorece. Por ser uma modalidade que exige longos anos de aprimoramento, o *Kung Fu* resultou no que construiu: “É uma modalidade que não é todo mundo que sabe, não é todo local que tem professor de *Kung Fu*”. O empreendimento ajudou no crescimento dos negócios também: “(...) e para mim, a academia ajuda na modalidade em si, tem gente que começa a praticar e acha difíceis as formas, os movimentos, mas a academia me fez poder dividir a parte do Sanda (boxe chinês), com a parte dos *katis* (formas tradicional”.

Depois de mais de 30 anos no *Kung Fu*, formou-se uma rede de relacionamentos que favorece ao *Kung Fu*, aos negócios e ao “*sifu*”:

Hoje eu tenho enes (sic) alunos meus que são doutores, policiais federais, advogados que têm enes (sic) funções. Que são bem-sucedidos lá fora, que não treinam mais comigo, mas que vêm muitas vezes para conversar. Às vezes não foram grandes atletas de competição, mas foram alunos meus muitos anos, alguns os filhos já treinam comigo, então isso é gratificante. Porque eu sempre ensinei que você não é só precisar lutar, e isso é que é mais importante na vida e eu ajudei com isso. Porque títulos passam, mas você ser direito, isso não vai passar nunca, é pro(sic) resto da vida. (...) E tem o reconhecimento sim, inclusive quando tem palestras, alguma feira de esportes da Secretaria de Esportes do Governo do Estado, eles convidam a Federação.

Hoje eu sou presidente da Federação, (...) então nós somos chamados para fazer alguns eventos fora e isso aí é muito importante.

Os muitos estilos de *Kung Fu* e a quantidade de praticantes crescem amparados na cultura chinesa. A luta baseia-se em elementos como o equilíbrio, a beleza dos golpes, a respiração e o preparo físico, e fizeram despontar vários projetos governamentais, entre eles um projeto da Federação em parceria com a Prefeitura de Fortaleza que ensina gratuitamente o *Tai Chi Chuan* nas praças. Para se ter ideia, são 17 núcleos na cidade com instrutores duas a três vezes por semana. Além disso, existe a movimentação cultural e a venda de produtos relacionados. Próximo a uma praça e independente do público dela, o Sr. Kun, em seu Centro de Treinamento Oriental – CTO, dispõe para a venda de alguns subprodutos derivados da cultura chinesa como os chás verdes, branco e imperial, os produtos para massagem e as vestimentas das artes marciais.

Mestre Kun incorporou características do *Kung Fu*, como a paciência e a construção conjunta de seu conceito de mestre, de sua vida e do empreendimento. Teve grande evolução patrimonial pautado na constância. No Ceará e no Brasil, é um dos únicos representantes renomados do *Kung Fu* não descendente de orientais, essa característica ajuda na inovação, pois empresta maior abertura ao Ocidente e maiores possibilidades de criatividade.

9.2.24 5.6.2 Exploração da carreira

Iniciou o empreendimento aproveitando os acontecimentos que surgiram, ou seja, encontrou uma possibilidade de melhoria de vida, de se tornar empresário, de ganhar mais dinheiro e subsistir, e a perseguiu. “Então, a minha academia e as outras atividades me deram mais possibilidades de ganhar dinheiro, de treinar, porque a gente fica mais estabilizado, a gente tem mais cantos para treinar”.

Mestre Kun admite que foi motivado pela dificuldade financeira, mas seu tipo de empreendedorismo se distancia de ter sido por necessidade, uma vez que foi planejado, foi perseguido e montado como solução pensada, abstraída a inconsequência própria do empreendedorismo por necessidade (GEM, 2014, DORNELAS, 2007). Havia premente sentimento de independência, e de necessidade de realização de ter seu negócio próprio (HIRSRICH; PETERS, 2004).

Foi a dificuldade financeira. Eu dava aula em algumas academias e eu tinha só um horário 'x' nelas, a minha aula era das 7 às 8 e eu ficava só uma hora porque depois tinha de ter outras modalidades e eu tinha que me conformar com aquilo ali. Então, ou eu dava aula ali ou não dava aula porque não tinha muitas opções. O aluno também só podia treinar em determinados horários, porque senão eram outras modalidades. E eu fui vendo que para crescer e ter bons atletas eu teria de ter o meu próprio negócio.

O mestre mesmo atribui necessidade e oportunidade, entretanto, quando o que relata é transportado aos conceitos teóricos, encaixa-se no empreendedorismo por oportunidade. Indagado se estabeleceu o negócio por oportunidade ou necessidade, responde: “acho que os dois, eu pensava muito em ter minha própria academia, e depois, com o tempo, a necessidade veio junto, porque se realmente eu quisesse ganhar dinheiro, com o *Kung Fu*, eu tinha de ter a minha academia própria”.

A academia e os negócios do *sifu* Kun não ocorreram da noite para o dia, antes foi um processo longo e difícil de aceitação do risco:

Passei dificuldades para montar esta estrutura que tenho hoje, não foi fácil, eu chegava para a mulher e ela falava assim: 'ah, vamos montar uma academia?' Eu dizia: 'rapaz, é muita grana, mas nós vamos montar'. Arranjei dinheiro emprestado com amigos (...), eu tinha um pouquinho também. E fui deixando de sair final de semana, dizia vamos ficar em casa, não vamos sair (...).

Quando avaliava a concorrência e a resistência que poderia ser imposta, afastava a preocupação pensando em qualidade e um bom trabalho: “Eu acredito que a concorrência é do resultado do trabalho. Se você tiver um trabalho bom, você não se preocupa com a concorrência. Se você tiver coragem para trabalhar e for bom, se você fizer um trabalho sólido, direito, os concorrentes é que vão se preocupar com você”.

Em relação ao conflito entre a atividade de gosto e os aspectos empresariais, relata que resolveu de forma simples, sua esposa cuida mais do que se refere aos processos, à burocracia, à administração, enquanto o mestre se dedica mais à arte marcial e à musculação: “Eu mesmo com a parte braçal, com a parte da academia, o físico, a parte logística. E ela na parte burocrática e a gente tá (sic) caminhando”. Mas há um bom relacionamento e as tarefas acabam sendo executadas em concórdia:

Bom, o pessoal que vem trabalhar comigo aqui, eu boto para minha mulher entrevistar, conversar. Só que ela, antes de bater o martelo, ela conversa comigo. E eu que, no caso do pessoal de artes marciais eu conheço melhor do que ela, eu digo vamos aceitar, vamos fazer o teste. É uma coisa que a gente vem fazendo isso aí junto.

Como a esposa de Kun cuida da administração, “a minha esposa que é meu braço direito, ela cuida da parte financeira da academia, da parte burocrática, que isso é importantíssimo dentro de uma academia”, sobra-lhe tempo para as atividades nas artes marciais que considera muito prazerosas:

Eu botei luva e lutei com os alunos todos, (...), então eu vi os comentários e aquilo ali para mim foi um orgasmo. Sabe uma coisa muito gostosa, prazerosa, sabe, quando eu boto uma luva, quando eu bato, quando eu faço luta com meus alunos, eu fico todo quebrado no outro dia, porque não é mais a mesma coisa, a idade é outra (...), mas para mim o prazer é quando eu estou praticando. Também quando eu estou dando aula, que é 1 hora e meia de aula, se eu puder ficar até 2 horas, 3 horas, eu fico, (...) quando fazemos o que gostamos as horas passam rápido.

Mestre Kun iniciou a atividade empreendedora na academia com o desejo de ter seu empreendimento, de dar aulas quando quisesse, de fazer o que quisesse em um lugar que ele manda. Para isso enfrentou riscos e os tem superado, precisou pedir dinheiro emprestado, limitar sua vida social, mas não se deteve e fez acontecer. Encontrou nessa fase de exploração, mesmo antes de empresário, quando era somente atleta, uma parceira que o auxilia e ajuda na condução da parte empresarial. Aliando os conceitos de sua arte e as obrigações materiais rumou à fase de crescimento da carreira empreendedora.

9.2.25 5.6.3 Fase de crescimento da carreira de “Kun”

O *sifu* Kun comemora, “aqui eu tenho a minha academia”. Desde que começou a praticar *Kung Fu* até recentemente, foi somando atividades, era atleta, professor, *personal trainer*, mas sofria porque estava condicionado aos horários das academias, às limitações de empregado. Passados os tempos que ministrava aula nas academias de terceiros, vive um período que o Centro de Treinamento Oriental (CTO) acabou por facilitar-lhe a vida:

Eu posso abrir a academia, sábado, domingo à tarde, enfim à hora que eu quiser. Então eu abro a academia e marco um treino com meus (...) atletas e a gente treina. É diferente de antigamente, que (...) dependia dos outros. A academia tinha que fechar, você tinha um horário só, depois tinha outra modalidade e eu tinha de sair. E aqui não, eu tenho a minha academia. Eu fico e saio na hora que quero. As outras modalidades estão para dar apoio (...).

Mesmo assim, com o crescimento, o mestre do *Kung Fu* cearense teve de escolher e priorizou a academia, pois entende que é um negócio que pode dar sustento aos outros:

Hoje eu tô (sic) dando prioridade mais à minha academia, entre as viagens, a Federação, senti necessidade aqui. Eu nunca faltei um Brasileiro, como tinha falado antes, ano passado deixei de ir por causa da academia, não foi nenhum atleta meu. “Porque se o Senhor não vai, eu também não vou”. As viagens (...) eu só faço final de semana, porque não dou conta de tudo.

Mas encontrou uma maneira criativa para não parar o que mais gosta de fazer:

Também sinto falta de treinar, mas hoje tô (sic) com uma equipe do Grupo Edson Queiroz, chama “SPP”, uma equipe de segurança. E eu treino esse pessoal há 7 anos, e eles correm, nadam comigo, fazem musculação e condicionamento físico. E eu faço junto com eles, (...) eu corro junto com eles, a gente corre 12km, 3 dias da semana a gente vai para o mar nadar, então esse pessoal aí veio muito me ajudar, porque aí eu treino junto com eles e eu sou exemplo para eles.

O jovem *sifu* se tornou conhecido no Brasil. Reforça que nunca tinha deixado de levar seus pupilos a um Campeonato Brasileiro; em 2014, ressalta que não pôde ir porque estava montando a academia e mandou um representante, que lhe falou: “Cara, mas todo mundo, o Brasil todo esperando pelo senhor, porque o senhor não veio, porque ninguém acredita. Quer dizer então que eu faço falta!” Mas lembra que estão acontecendo outras coisas, que sua academia também se tem beneficiado de seu nome no *Kung Fu*. “As pessoas (...) só falam a academia do Kun, então (...) associam mais à parte de luta”.

Mestre “Kun” reconhece que beneficiou o “*Kung Fu*” com sua academia e seus negócios e que a arte marcial o tem beneficiado nos negócios: “Hoje eu tenho a minha marca que chama Kun *Fight Team*, quem já tá há muito tempo, no mercado da arte marcial quando vê a logo (sic) já associa ao Kun. Eu vim criar a logo (sic) tem uns 10 anos, era para ter antes, mas eu fui atleta (...) e primeiro eu queria competir”. Também é bastante conhecido por causa das competições, palestras e demonstrações, principalmente no Nordeste: “Existem também várias competições, campeonatos mundiais, pan-americanos, brasileiros e cearenses. Eu viajo aqui no Nordeste dando seminários de cursos de lutas, (...) de luta, voltada para competição”.

O senhor Kun montou sua academia há apenas dois anos, um negócio promissor, no térreo musculação, estacionamento para 20 automóveis, no 1º andar o *dojo*, com vários tatames integrados, e equipamentos para o “*Sanda*” (Boxe Chinês). A academia já é um resultado de bastante trabalho e de pequenos outros empreendimentos, como sua

marca, os vestuários do *Kung Fu*, os cursos e as faixas. Teve de deixar de viajar, diminuir os seminários, e até o treino diuturno ficou um pouco prejudicado. Preferiu investir seu tempo no negócio, porque entende que o *Kung Fu* colherá mais no futuro. A criatividade e o apoio da esposa estão fazendo que avance enquanto empreendedor, sem relevar a técnica e o conhecimento que adquiriu e que o eleva a um patamar de reconhecimento, sabe que sua arte é o diferencial competitivo, tanto que sua academia é voltada às artes orientais, é um centro de treinamento oriental.

9.2.26 5.6.4 Fase de estabilização da carreira de “Kun”

Para que chegue a ser “*shin*”, literalmente “O Grande Mestre”, Kun aparenta empreender sua jornada, lembra do único *shin* que conheceu: “O meu mestre (falecido) (...), que eu sinto muita falta. (...). Ele veio de São Paulo para cá cuidar de uma equipe, e eu era um dos mais novos na época. Ele falava para todos eles, eu nunca mais esqueci: 'esse cara vai crescer muito no *Kung Fu*, vocês vão saber quem é o Kun”.

Encarnando aquelas palavras de *Shin* Nereu, Kun resume:

Tem muita coisa para frente, tem muita coisa porque sou como um grão ainda. A gente tem sonhos maiores, eu e minha esposa. Nós vamos ampliar nossa academia, eu quero ter um tatame só de artes marciais, dividido da musculação. Eu quero fazer como na China, quero trazer atletas e equipamentos de lá, montar, sabe. Quero abrir uma loja só com produtos de artes marciais, que aqui não tem, essa é a grande dificuldade.

No entanto, o Sifu (professor) sente falta de um discípulo. “Sinto falta de (...) um aluno para ficar no meu lugar quando eu viajar, para dar aula, às vezes eu posso ficar doente, nós somos seres humanos, de repente eu fico meio ruim, precisando de alguém para me ajudar. Porque eles trabalham, têm suas vidas, então fica meio difícil”. O *Kung Fu* é uma arte de bela plástica, de muito equilíbrio e coordenação, por isso leva muito tempo para aperfeiçoar o artista. “Nesse tempo todo eu só formei um aluno. Por quê? Porque não adianta você ter um filho e você se dedicar para criar ele e ele fala assim: 'Ah! Quando eu ficar de maior, eu vou embora de casa (...)”, e ainda tem a parte espiritual, o caminho que deve ser ensinado pelo mestre. “Eu tenho dificuldade nisso aí. Eu tenho alguns alunos novos, mas essa juventude de hoje em dia, está muito difícil a cabeça deles. Formar a verdade das coisas, o que é importante acreditar”.

Para o futuro, Kun tem muitos planos, pensa em crescer e sonha com oportunidades maiores para o *Kung fu* e para o Sanda:

São muitos os sonhos que eu tenho e eu tenho muita coisa para realizar ainda. O meu grande sonho é tornar o *Kung Fu* que é o Wushu, que é o Sanda, o boxe chinês, uma modalidade conhecida como MMA. Eu falo que eu vou ser o ‘Danna White’ dentro do Brasil, dentro do Sanda, do boxe chinês. Porque eu tenho pensamentos grandes, de fazer um negócio, um negócio diferenciado, de trazer atletas de fora, de trazer um ringue oficial da China, e nós estamos trabalhando para isso, fazer ele realmente crescer.

O honorável mestre do *Kung Fu* também não pensa em uma hipótese de saída, tem muito o que realizar, em seus empreendimentos, na arte marcial. Acredita que da luta “nunca vai se aposentar e quando o corpo estiver mais debilitado, “já velhinho” vai ter uma “turma especial, de amigos e ex-alunos”. Antes disso, afirma que cumprirá a promessa feita a mestre Nereu Graballos e realizará seus sonhos.

O *Kung Fu* não é um único estilo, mestre Kun afirma que são mais de 300 estilos, isso pode explicar o grau de dificuldade da arte. A carreira de Kun sugere história de superação e de empreendimento. Ao longo dos últimos 34 anos, indica ter solidificado a técnica e o estilo com o objetivo de elevar o reconhecimento do *Kung fu* pela sociedade. Recentemente, erigiu uma academia, que deseja tornar um ponto de convergência para o treinamento em diversas artes orientais. Construiu-o sobre piso, isolou a preparação dos atletas de Sanda e pretende emprestar ao *Kung fu* suas características ocidentais, como uma academia de ginástica, e a preparação para o “MMA”. Conforme expõe, “ainda sou um grão, mas há muito mais”.

Do *Kung Fu* praticado na China saíram as demais artes marciais orientais. Por muito tempo, essa luta conservou mais os aspectos artísticos e, com o tempo moderno, esteve distante da luta. Kun planeja reanimá-la, com o uso do *Sanda*, ajudar ao Ocidente compreender o aspecto marcial do *Kung Fu*. Na China, existem torneios de luta que movimentam cidades, Kun acredita que no Brasil seus empreendimentos podem “crescer em conjunto” com a arte.

9.3

9.3.1 5.7 Mestre do Aikido

Aik pratica *Aikido* há mais de 23 anos, hoje é graduado no 5º Dan e tem como mestre Makoto Nishida, 7º Dan, representante oficial da Fundação Aikikai do Japão (entidade máxima do *Aikido* no mundo) e representante do Brasil na Federação Internacional de *Aikido*. No Japão, Sensei Aik treinou com os seguintes mestres: Moriteru Ueshiba (autoridade máxima do *Aikido*), Hiroshi Tada - 9º Dan, Hiroshi

Isoyama - 8º Dan, Yasuo Kobayashi - 8º Dan. Todos alunos diretos do fundador do *Aikido*. Treinou, ainda, com o mestre Steven Seagal - 7º Dan.

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pós-graduado em Educação, exerceu a função de professor universitário de 2000 a 2006 na Universidade de Fortaleza – UNIFOR, concomitantemente à prática e ao ensino da arte do *Aikido*.

Proprietário de *dojo*, criou e ministra um programa de desenvolvimento de lideranças - *Shugyo (Método de treinamento)*.

A entrevista com Aik sensei foi em 20 de maio de 2015, no “Linsei *Dojo*”.

9.3.2 5.7.1 Caracterização como empreendedor

Ao chegar no *dojo* de Aik (academia de artes marciais) se vê um local diferente dos demais, um tatame bastante limpo, climatizado e rodeado de jardins. *Sensei* Aik recebe visitantes com o *dogi*, traje típico de treino, apresenta as dependências, fala baixo e explica por diversas vezes durante a entrevista que os valores cobrados não são elevados, embora estejam precificados por quatro vezes os das demais artes marciais. "O que se ensina aqui tem grande valor", ressalta.

Aik explica que o *dojo* Linsei tem “aproximadamente 50 alunos” e é preciso um trabalho personalizado, porque envolve alguns riscos e técnicas que podem machucar:

Nós temos um cuidado muito grande, eu não coloco mais do que 16 pessoas num único horário, não é interessante pra mim ter muito aluno, e não poder acompanhá-los e não poder dar qualidade de treino, então a quantidade e a qualidade precisam ser equacionados, e isso é uma questão básica. O *Aikido* não foi feito para ser uma arte marcial em que você treina, durante um único horário, 100 pessoas, não dá, realmente não dá (...).

Segundo Aik, o *Aikido*, pelo seu refino, permitiu outras possibilidades para o jovem mestre empreender. Certo dia, uma demonstração em São Paulo resultou em treinamento a uma equipe de segurança de alto nível: “Um consultor de segurança, ele estava presente e assistiu a esse treino e achou muito interessante (...)”. Tempos depois, como resultado daquelas demonstrações, explica Aik, “eu recebi a visita desse consultor de segurança e nós tivemos aqui um grupo de aproximadamente 25 homens que faziam a segurança de uma família aqui em Fortaleza. Esse pessoal ficou aqui por volta de dois anos e meio treinando”. Esse serviço não envolvia somente o treino de *Aikido*, mas uma equipe multidisciplinar, que avaliava percepção, controle, estresse e a evolução do

grupo, quando utilizadas as técnicas da arte marcial adaptadas. “Nos primeiros seis meses, a grande mudança foi percebida por eles, (...) eles são colocados em situação de estresse e eles têm que fazer tudo isso: atirar, direção defensiva, e a curva, eles têm uma curva lá que são medidas junto com psicólogos (...)”.

Outro caminho de exploração de atividade proveniente da filosofia, e que conta com o apoio de técnicas de *Aikido*, foi um treinamento desenvolvido por Aik, numa parceria entre o seu *dojo* e uma empresa de consultoria, que objetiva o treinamento para lideranças corporativas, denomina-se *Shugyô*.

O projeto do “Sensei” era profissionalizar-se no *Aikido*, viver somente da arte marcial, e nesse quesito relatou que é pioneiro. Em contato com *Shihan* Hatayama, dono de uma rede de academias profissionais do Japão, esse mestre expressou que, “eu era o 1º profissional de *Aikido* no Brasil, que ele conhecia. Até então, todo mundo tinha um outro emprego”, ao que Aik completa “não é má ideia, (...), porque é difícil, se você quer juntar muito dinheiro, ou quer ganhar muito dinheiro com *Aikido* (...)”.

Quando começou a ensinar e foi se desenvolvendo como *sensei* (instrutor), seu *Aikido* trouxe aspectos diferenciados, explicou: “Como a questão da intuição e da criatividade dentro do treino” e o aspecto “do aprendizado colaborativo”, pois aprendeu a “conduzir o aluno” na descoberta de seu caminho.

Aik lembra que, pensando em inovar e incrementar a arte marcial do *Aikido* em Fortaleza, foi treinar com Steven Seagal (ator de *Hollywood*), propagador dessa arte na mídia mundial, e trouxe um de seus representantes: “trouxe (...) para fazer um seminário aqui em Fortaleza, (...) e a gente fez um seminário grande. Teve gente de tudo quanto era arte marcial participando, e quem foi para lá que não treinava *Aikido*, foi pra lá, pra ver se o *Aikido* funcionava”. De lá para cá vem fazendo outros eventos com grandes mestres.

Com o projeto de viver do *Aikido*, *sensei* Aik sabe que precisa inovar e reforça: “Tanto a formação desse pessoal da segurança, como essa questão da formação de líderes, isso foi uma forma de explorar, explorar no bom sentido, mas explorar o potencial que o *Aikido* tem em outros campos de trabalho”.

Sobre os benefícios desses “caminhos da vida” em si mesmo, mestre Aik explica:

Eu tinha esta visão que pode se dizer que seria talvez uma utopia, mas de expandir através da prática do *Aikido* algumas capacidades humanas. Humanas no sentido do amor, do cuidado, da generosidade, do bem-estar do outro. Então, essa questão da generosidade, ele falava muito que o *Aikido* é a

prática dos espíritos gentis. E nós observamos uma mudança também em alguns mestres. Eu mesmo mudei muito.

Quando fala dos benefícios sociais, destaca a grande presença de crianças em seus treinos. Na transformação em diversos aspectos que ocorrem no espírito juvenil, inclusive relata o emprego do *Aikido* para atividades terapêuticas: "Algumas crianças vêm treinar aqui porque têm o *Aikido* inclusive como uma atividade paraterapêutica, que faz terapia com uma psicóloga infantil, a psicóloga indica pra (*sic*) pessoa vir treinar aqui, e às vezes eu nem conheço a psicóloga (...)"

De acordo com mestre Aik, o retorno da "arte gentil" vai além do financeiro:

Porque o retorno que eu tenho ultrapassa essa questão financeira. Às vezes, quando eu dou aula para crianças, (...) e ao longo destes anos todos dando aula, não só pais de crianças, mas também, às vezes, alguns alunos sentam aqui nesta cadeira e começam a agradecer a possibilidade de estar treinando aqui (...), mas eu sempre fico muito contente quando eu sei que algo muito positivo está acontecendo e de uma forma indireta ou direta o *Aikido* está fazendo parte disso.

Por observar tantas crianças e aprendizes, o jovem *sensei* expõe o que lhe fez chegar onde chegou, no *Aikido* e nos empreendimentos: "A mente de principiante, que é a mente que eu busco ter também". Argumenta que nas artes marciais não há caminho que não perpassa a relação entre alguém que ensine e seja ensinado. Nessa jornada, mestre, discípulo e academia crescem:

É uma relação respeitosa de mão dupla, eu compreendo cada vez mais que eu preciso respeitar, pra ser respeitado, eu preciso ser ético, dar exemplo, pra que os alunos se comportem corretamente (...). Hoje, mais do que todo esse período que eu venho treinando, eu percebo que a humildade é uma característica fundamental, porque é ela que mantém essa mente que eu falei, mente de aprendiz, mente de principiante, a mente aberta a novas experiências, dentro e fora do tatame.

Mas também o *sensei* é aluno e, em um passado não tão distante, para ser aceito por seu último mestre, ficou um ano em São Paulo, como um aluno qualquer, até ser aceito como discípulo. Argumenta que é preciso "vontade, força de espírito presentes a todo momento", e assim define: "Se precisa manter um estado de presença por inteiro".

Para que essa presença constante e por completa exista, divide as atividades administrativas com um grupo de discípulos, administradores, advogados, que o auxiliam, que ajudam, como se o *sensei* fosse despretenhoso sobre esse fato: "Eu não me vejo como empresário em uma academia". Mas, como se cuidando do desenvolvimento espiritual seu e dos alunos, seus empreendimentos acontecessem:

No meu caso, eu nunca fui atrás disso, sabe, as coisas vieram sempre

chegando. A minha esposa brinca muito com isso, porque ela dá consultoria para empresas, ela faz planos gerenciais estratégicos para empresas muito grandes, mas ela reclama que eu fico quieto e o trabalho vem atrás. Ela disse que nunca viu isso acontecer em canto nenhum, mas realmente isso tem acontecido.

Mestre Aik aparenta seguir as características bastantes severas do *Aikido*, a disciplina e a tradição estão presentes, e muito embora seja essa arte a mais recente das estudadas, talvez seja a que mais guarda aspectos conservadores. Mesmo assim, Aik estabeleceu em Fortaleza um *Dojo* e segundo relata vive como profissional, promoveu eventos e abriu caminhos inusitados para a “arte gentil”, aspectos somente possíveis graças à inovação e à criatividade.

9.3.3 5.7.2 Exploração da carreira

Conforme explica Aik, os investimentos na arte marcial se iniciaram já há bastante tempo, “iniciou como prática de autodefesa”, à medida que foi evoluindo, quis conhecer o *Aikido* objetivo de Steven Seagal:

(...) tive a oportunidade de treinar com uma pessoa que na época era relativamente famoso e tinha uma forma diferente de praticar *Aikido* (...). Era o Steven Seagal, eu quis conhecer e investi muito dinheiro nisso. Acabei, depois de muito tempo, conhecendo o meu mestre atual lá em São Paulo, levei muito tempo para ser aceito como discípulo dele. Isso foi uma característica que, na realidade, me fez valorizar mais ainda o fato de estar lá com ele, eu tive que ir treinar em São Paulo. Cada vez que eu ia treinar, ele me lembrava: “Você não é meu aluno ainda, você só está frequentando o meu espaço”. Ele não me corrigia, passou um ano, e eu tinha que aprender olhando, porque ele não vinha me corrigir. Depois de um ano, ele chegou e falou: “Olha, sua técnica já começou a ficar parecida com a técnica que eu proponho”.

Incentivado pelo que aprendia com o novo mestre, idealizou montar um *dojo* profissional e viver da arte marcial: “Do ponto de vista financeiro, uma vez que o *dojo*, ele (..) foi até hoje feito de forma a pagar os gastos mensais, os custos para a construção desses espaços, até hoje, foram muito altos, foi um dinheiro investido, (...) mas a minha ideia sempre foi tentar profissionalizar o espaço (...)”. Esse pensamento manifesta um projeto com maior proximidade ao empreendedorismo por oportunidade, ao passo que Aik demonstra necessidade de realização de algo novo, separar o *dojo* profissional de sua vida pessoal: “Deixar o espaço de forma separada do meu ambiente, tanto é que eu moro num apartamento”.

No que concerne à aceitação do risco, o *sensei* exprime que investiu consideravelmente tanto na perseguição de aprendizagem da técnica em viagens a São

Paulo, Estados Unidos, Europa e Japão como no investimento substancial para a construção do *dojo*.

Após a instalação do novo espaço, houve um período em que supostos concorrentes, possivelmente pessoas que se sentiam ameaçadas, apareceram: “Todo dia tinha gente que vinha visitar o *dojo*, e eles não vinham pra assistir ao treino, eles vinham pra testar. Eles ficavam na piscina, esperando até o final do treino, (...) mas começou a ficar chato depois de um determinado tempo, porque atrapalhava”. Assim Aik superou as adversidades do período.

Hoje já não identifica concorrentes, entende que tem um público muito específico, atuando em uma faixa diferenciada do mercado: “Até hoje eu não identifico concorrente pra (*sic*) mim, o meu público, ele é muito específico. (...) acho que pelo fato, a minha mensalidade é mais cara que a de todo mundo”.

No entendimento do Sr. Aik, “é impossível dar aula de *Aikido* (...) o que acontece é conduzir” o que está ocorrendo no tatame. Nesse entendimento, o treino pessoal e a condução de aula resultam em uma mesma figura. Nesse pensamento, Aik sentencia: “O meu foco sempre foi na preocupação no aprendizado do aluno. Por essência, eu sou um praticante, que estou há mais tempo no caminho e tento facilitar o caminho desse pessoal que tá(*sic*) com vontade de aprender”. Porém, releva a parte administrativa do *dojo* a um assistente e a um grupo de alunos que o “ajudam”, “na parte administrativa do *dojo* eu quase não me meto”.

Aik afirma que foram investidos valores financeiros e emocionais nessa fase de aprendizagem, em uma arte marcial que, para muitos, é considerada elitista (BULL, 1990). Isso pode indicar que em alguns aspectos Aik se encontra na fase de exploração, pode-se supor causado por característica interna dessa arte marcial que tem aspectos de exploração e percepção. Talvez porque no *Aikido* não há oponente e o praticante deve vencer a si mesmo a cada dia, ou talvez por ser mais recente no Ceará e realmente mais cara.

9.3.4 5.7.3 Crescimento da carreira

No Ceará, pode-se afirmar que o *dojo* pertencente ao *sensei* Aik é reconhecido pela excelência e indicado pelos artistas marciais. Entretanto, aparenta que o próprio *Aikido* ainda não alcançou a maturação necessária neste Estado, daí ser possível inferir que Aik, embora reconhecido pelos praticantes e empreendedor na economia criativa,

ainda se encontra no princípio do crescimento, estando mais à frente como artista marcial.

Portanto, talvez o momento conflituoso em que as atividades administrativas e as artísticas incorrem em choque pelo volume e despontar das atividades e do reconhecimento ainda não aconteceu de pleno. No entanto, existem indícios de que já começam os conflitos, pois relata que não pode ministrar as aulas em todos os horários e as atividades oriundas do *Aikido* já começam a comprometer as atividades puramente ligadas ao ensino e à prática da arte.

O curso normal do crescimento aponta favorecer o surgimento de novas atividades, entretanto, devido ser recente a história do mestre e do *Aikido*, algumas atividades ainda podem emergir da mesma fonte. De fato, percebe-se que valores econômicos e simbólicos estão sendo agregados, ao passo que parecem em favorecimento mútuo, o *Aikido* no Estado, as atividades de mestre Aik e sua carreira.

9.3.5

9.3.6 5.7.4 Estabilização da carreira

Se a carreira de mestre Aik ainda não ultrapassou a fase de crescimento e ainda não atingiu a maturidade, entretanto, foi indagado ao *sensei* a respeito de sua opinião sobre possibilidades, ou de como estão dispostas suas intenções. De certa forma, considerando a forma de carreira proposta por Harrington e Hall (2007), alguns pequenos ciclos podem ter acontecido, enquanto outros sucedem aos seus inícios.

Aik não se considera realizado, se a palavra for empregada com a conotação de finalizado, aliás, para Aik, essa palavra no sentido de satisfeito, completo, não é aplicável em sua arte. “Eu não estou pronto! De maneira nenhuma, (...) eu estou preparado, me preparei pra (*sic*) hoje (...). Mas o meu processo de construção, ele não termina nunca, o aperfeiçoamento, ele é constante, isso faz parte do *Aikido*”. Porém, se o sentido for feliz, assume: “realizado como *sensei*? Enquanto eu tiver aluno, isso aí é uma coisa que sempre vai me deixar realizado em algum ponto, é uma paixão que eu tenho”.

Quanto à formação de sucessores, afirma que sua missão é facilitar com que a arte e a pessoa possam se desenvolver juntos. Admite que há um sentido de “família” entre todos os que treinam em seu *dojo* e alega que esse é um dos ideais da “arte gentil”: “Não que eles não estejam aptos tecnicamente, mas acho que seria necessário pensar em uma maneira de não se perder o elã, ou não se perder o vínculo entre todos os

praticantes, (...) por que o *dojo*, ele congrega hoje as pessoas que estão treinando comigo”. Então, prepara sim sucessores, mas se diz com grande responsabilidade sobre seu nome e sobre os que conduzirão o seu nome.

Acerca dos planos para o futuro, o *Aikido* tem suas particularidades, portanto, Aik relata: “Eu não vejo o *Aikido* como uma arte marcial que vai ser replicada ao longo dos anos de forma anacrônica. Ela realmente vai precisar, em um outro momento, sofrer algumas intervenções, talvez, mas o básico, a essência, inclusive técnica, ela precisa se manter”.

Entretanto, mestre Aik tem planos para o futuro. Para o espaço do *dojo*, pretende a utilização em diversas modalidades artísticas e filosóficas relacionadas ao Oriente e à gentileza dessa arte:

A minha intenção é fazer com que o *dojo* possa ter o *Aikido* como atividade principal, e (...) nós vamos preencher com uma ou outra atividade, talvez (...) pilates, yoga, (...), sempre pensando nessa questão do bem-estar e da saúde, mas tendo como foco atividades que possam agregar essa ideia do campo. Workshop de ikebana¹, workshop de bonsai², workshop de arte-terapia para o pessoal da terceira idade, que é um pessoal muito bacana de se trabalhar, é gente que tem muita coisa pra ensinar (...).

Aik ressalta que a implantação de um projeto relacionado ao uso do espaço e dos horários não preenchidos, a seu modo de ver, tem a limitação de uma exigência pessoal em relação à qualidade: “É uma característica minha, eu não consigo colocar qualquer pessoa aqui, eu tenho que confiar e, além de confiar, eu tenho que confiar na habilidade técnica também dessa pessoa”. Porém, a intenção é possibilitar alternativas de empreendedorismo que sejam concordantes com o *Aikido*: “É assim que eu pretendo fazer com que esse *Dojo* comece a se expandir. Você perguntou com relação à expansão, eu acho que a coisa começa aqui”. Então os planos para o futuro estão relacionados à continuidade, à abertura de novas frentes na atividade empreendedora, a oferecer novos produtos e serviços unidos ao *Aikido*.

Mestre Aik possivelmente se encontra em um momento de desenvolvimento do crescimento empresarial, talvez acompanhando um pouco atrás o crescimento dessa arte em Fortaleza. Um olhar atento observa que, distinguindo-se das demais artes marciais deste estudo, o *Aikido* ainda se encontra na primeira geração, conferindo aos mais graduados muito tempo e espaço pela frente.

Portanto, resta o entendimento de que Aik *sensei* atua como empreendedor na economia criativa cearense, tanto como proprietário do “Linsei” *Dojo*, como em relação às demais atividades empreendedoras, em um momento de início de expansão, podendo

vir a ser a referência para praticantes de artes marciais que queiram usar da arte como meio empresarial.

9.3.7 5.8 Análise geral dos casos

De acordo com o primeiro objetivo específico, o Quadro 4 caracteriza o honorável mestre de artes marciais como empreendedor no campo da economia criativa cearense.

CARACTERIZAÇÃO COMO EMPREENDEDOR	
Mestre Jud	Foi proprietário de alfaiataria, loja de roupas, confecção de quimonos. No judô, foi o primeiro faixa preta do Ceará, fundou a Federação Cearense de Judô, montou a academia “Sol Nascente”, com sede e mais 17 núcleos. Detém o título de <i>Shihan</i> (mestre dos mestres), é reconhecido no judô brasileiro. Fundou a Federação Cearense de Judô (FECJU) e a “Academia Sol Nascente”. É um dos idealizadores e implantadores do sistema em que se luta por categorias segmentadas pelo peso dos atletas que é replicado nos combates de todas as artes marciais no mundo. Para o mestre, o esporte é considerado dos mais completos, perdendo para a natação por causa da existência de maior impacto e possível contusão.
Mestre Jiu	Ainda criança foi preparado por seu pai para o Jiu-Jítsu e para os negócios. Presidente e fundador da Federação de Jiu-Jítsu e Lutas profissionais do Ceará e da Confederação Brasileira de Lutas Profissionais. Detentor de diversas marcas, times, empresas, promotoras e academias, sediadas no Brasil e fora dele. Seus negócios são reconhecidos no Brasil e no mundo. Fundador da Confederação Brasileira de Lutas Profissionais (CBLP) e da Federação de Jiu-Jítsu e Lutas Profissionais do Ceará (FJJLP-CE), através dessas, reconfigurou o Jiu-Jítsu, tanto no padrão visual como nas normas de combate. Fundador do “SAS” Team, inventor do “ <i>Promotion Belt</i> ”. Configurou um sistema próprio de Jiu-Jítsu.
Mestre Kar	Pioneiro na literatura do Caratê no Ceará, professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará. Como intraempreendedor, idealizou uma especialização em artes marciais, é coordenador do curso de Educação Física e professor na disciplina de lutas e referência acadêmica com publicações, projetos e extensão dedicadas à arte marcial, principalmente no campo da Educação Física. Precursor dos treinos de campo no Ceará. Ajudou a disseminar o Caratê nas creches e escolas, é coautor do primeiro livro que conta “Uma História do Caratê no Estado do Ceará”. Implantou dois projetos de extensão que reforçam a posição das artes marciais na sociedade.
Mestre Mua	Implantou o <i>Muay thai</i> no Estado do Ceará. É o único Mestre Cearense e um dos poucos brasileiros. Preside a Federação Cearense com confluência do Norte e Nordeste do Brasil, é proprietário de academia, coordena 30 times de lutas, assessora atletas de alta <i>performance</i> que descobriu e é proprietário de construtora. Promove eventos da arte marcial com presença de Grãos mestres e expoentes mundiais. Teve discípulo campeão mundial na Tailândia e vários campeões brasileiros. Idealizou projetos sociais inovadores, dentre eles, com meninos de rua, transformando-os em cidadãos e lutadores. Montou um sistema descentralizado de equipes de <i>Muay thai</i> .
Mestre Kun	Foi vice-campeão mundial de <i>Kung Fu</i> . É árbitro nível A da Confederação Brasileira de <i>Kung Fu Wushu/ International Wuchu Federation/ Comitê Olímpico Brasileiro</i> . Preside a Federação Cearense de <i>Kung Fu</i> por 12 anos, proprietário do Centro de Treinamento Oriental (CTO) e da “ <i>MM Fight Team</i> ”. Palestrante e conferencista. Os negócios no <i>Kung Fu</i> são referência no Nordeste do Brasil. Introduziu o Sanda para o mercado de espetáculos e lutas. Estabeleceu parceria com entes públicos, oferecendo <i>Tai Shi Shuan</i> (Modalidade do <i>Kung Fu</i>) nas praças e nas praias. Teve um discípulo Campeão Mundial de <i>Kung Fu</i> na China. Atua na educação de crianças e em projetos sociais de bem-estar.

Mestre Aik	Proprietário do Linsei <i>dojo</i> , criador do sistema de treinamento para lideranças Shungyô. É representante oficial no Ceará do oficial da Fundação Aikikai (Entidade Máxima). Promotor de Eventos com expoentes internacionais. Palestrante e Conferencista sobre proteção e segurança. Idealizador de treinamento de equipes de segurança de alto nível, familiar e antissequestro. Promotor do uso como auxílio terapêutico do <i>Aikido</i> , em parceria com psicólogos.
------------	---

QUADRO 4 -Caracterização como empreendedor.

Fonte: elaborado pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

A análise demonstrou que os honoráveis mestres se caracterizam como empreendedores na economia criativa cearense. Embora suas jornadas de vida sejam diferentes, acabam por serem empreendedores, seus negócios e suas vidas sugerem o caminho da criatividade e da construção do novo. Segundo Filion e Dolabela (2000, p. 45), criatividade, em sua forma mais simples, seria a capacidade de fazer algo novo, inovar, porém o empreendedor não precisa criar do zero, “um empreendedor pode descobrir uma nova utilização para um produto criado por outra pessoa, encontrar um mercado ainda inexplorado, para um serviço, desenvolver um modo mais rentável de produzir a mesma coisa”.

Os negócios constituídos foram diversos, congregando times e marcas sob as influências de seus nomes e do que construíram. Uma constatação relevante passa pelo fato de os sujeitos, excluindo mestre Kar, rumarem por ter academia própria. E mesmo mestre Kar, em uma visão mais ampla, também trilhou pelo caminho da academia, de ensinar, mas através do intraempreendedorismo. Essa constatação corrobora com UNESCO (2013), Dolabela (2008), Ratti e Westbook (2006), DCMS (2001), Greenhaus, Callanan e Godshalk (2000), e Chanlat (1995). Segundo Hisrich e Peters (2004, p.29), quando se define empreendedorismo, há um consenso de que se fala de um comportamento que seguramente “inclui: (1) tomar iniciativa, (2) organizar e reorganizar mecanismos sociais e econômicos a fim de transformar recursos e situações para proveito prático, (3) aceitar o risco ou o fracasso”.

Os resultados condensados confirmam que a inovação e a criatividade estiveram presentes nos honoráveis mestres de artes marciais no Ceará pesquisados. De tal forma que seus novos conceitos modificaram profundamente essas artes e criaram estruturas que muitas vezes nem existiam. Conforme Dornelas, Spinelli e Adams (2014, p.1), “no coração do processo empreendedor existe o fundador: o buscador de oportunidades, o criador e iniciador, o líder, resolvidor (*sic*) de problemas e motivador; o estrategista e guardião da missão, do valor e da cultura da empresa”.

Importa observar que a inovação se entranha com a vida social, em alguns dos casos citados acima, as carreiras desses mestres como agentes de mudança extrapolaram

a Cidade, o Estado e o País. Isso reflete o que esperam as autoridades que conduzem à economia criativa e à inovação (UNESCO, 2013; GEM, 2014).

Ainda, como aspectos elementares da carreira empreendedora, quando imersa no campo cultural da economia criativa, tem-se a presença do viés econômico e do simbólico. A análise das entrevistas dos mestres sugere que as artes marciais tratam da melhoria do indivíduo como um todo, corpo e mente, e o valor percebido tanto mais se elevará, quanto mais o mestre tiver a capacidade de transpor seus limites e ensinar seus alunos a saúde corporal e mental. Nisso, segundo os sujeitos da pesquisa, diverge um pouco de atividades puramente físicas porque tratam também do conteúdo filosófico. Essa característica conduz à atividade empreendedora no campo da economia cultural, na qual os conteúdos simbólicos elevam o valor percebido e real da arte (UNESCO, 2013; MINC, 2011, CAVES 2000).

Porém, os resultados apontam que os pesquisados tiveram a necessidade de sucesso simbólico e material, sugerindo uma coesão difícil entre dois temas que caminharam juntos. Essa concórdia advinda de um conflito permeou as jornadas dos mestres que precisou de harmonia para o crescimento conjunto. Ou seja, os mestres alcançaram acordo entre as necessidades espirituais de crescimento dos conceitos e valores de suas artes e as necessidades de crescimento no plano material econômico dos empreendimentos (DORNELAS, SPINELLI, ADAMS, 2014). Essa colaboração pareceu resultar no crescimento de suas carreiras. (HARRINGTON; HALL, 2007; GREENHOUSE; CALLANAN; GODSHALK, 2000).

Observa-se de forma geral na jornada dos mestres elevado compromisso e dedicação às artes e aos negócios, ao passo que suas atuações geraram emprego e renda. De acordo com Miguez (2007), Lima (2005), Grennhaus, Callanan e Goldshalk (2000), o empreendedor se caracteriza por um elevado grau de compromisso e esforço, investindo suas forças, seu conteúdo emocional e financeiro, até que se realize o seu ideal.

As informações coletadas sugerem o potencial desses serviços. Mestres Jud, Jiu, Kar e Mua relatam a presença direta e maciça desse setor em academias de ginástica. Jud, Jiu, Kar, Mua, Kun citam o setor de esportes. Mestre Kar relata a força dessas artes no meio acadêmico, agregando valor, muito mais que empregos (DORNELAS, 2003; BOM ANGELO, 2003). Kar, Jud, Jiu, Kun e Aik relatam a aplicação em academias especializadas em cada arte. Há ainda a força das artes marciais, segundo Kar e Jud, nas escolas e creches, enquanto Mua e Kun reforçam o trabalho com os setores social e de

governo. Existem ainda outras possibilidades, assim exprimem Jiu, Kun e Aik, como na preparação física e espiritual de equipes e nas empresas de segurança, eventos de combates e diversão, dentre outros. O resultado corrobora com UNESCO (2013), MINC (2012) Hisrich e Peters (2004), pois o setor é profícuo na movimentação da nova economia, com ampla capacidade de gerar emprego e renda por agregar valor.

O segundo objetivo propõe analisar os fatores pertinentes à fase de exploração na carreira dos sujeitos da pesquisa. Presumiu-se que nesta fase ocorrem sentimentos de independência, de enfrentamento do risco e de realização. O Quadro 5 expõe as características dessa fase de exploração das carreiras dos honoráveis mestres.

FASE DE EXPLORAÇÃO DAS CARREIRAS DOS HONORÁVEIS MESTRES	
Mestre Jud	Jud tinha sido instrutor de Jiu-Jítsu e depois de Judô. Aproveitou o fato de ser o único faixa preta do Ceará em judô e montou sua academia, inicialmente em uma salinha. Esta etapa caracterizou-se pelo avanço, apesar das muitas dificuldades, como o fato de o Judô ser uma arte desconhecida ou as necessidades financeiras que foram enfrentadas com ajuda dos alunos e empréstimos. Almejava e orgulhava-se de seu negócio, ao passo que desbravava.
Mestre Jiu	Nasceu em um ambiente de negócios ligados à arte marcial e foi duramente preparado pelo pai para a sucessão na busca do melhor, do perfeito. Pode-se observar a necessidade de realização e sentimentos de independência, a ponto de pretender melhoria a cada dia, de crescer, de acumular. Foi preparado desde criança a mais que aceitar, querer desafios para superá-los. Sobre a liderança do pai, viveu a exploração atenuada e dispersa ao longo dos anos, pois o pai chefiava os negócios.
Mestre Kar	Desde jovem gostava de artes marciais e queria ser professor. Escolheu cursar Educação Física porque viu a oportunidade de materializar o sonho de ensinar Caratê. Teve de transpor muitos obstáculos até ingressar na UECE como intraempreendedor. Nos anos de exploração na “academia”, lutou pela mudança do modelo da disciplina de lutas do curso de Educação Física. Seguiu e formatou a especialização pioneira de “Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas”.
Mestre Mua	Iniciou no <i>Muay thai</i> em uma época de preconceito por isso a passagem a empreendedor teve longa duração. Teve como meta levar o esporte à mesma dignidade do Jiu-Jítsu. Havia um sentimento interno de desbravar, de conduzir o esporte à sua maneira, para isso enfrentou as adversidades de tornar grande o esporte. Nesse sentimento, fundou a Federação, montou a academia, os times e os projetos sociais. Por ser um esporte “marginalizado”, enfrentou, falta de apoio, de patrocínio e de atletas, mas viu nos projetos sociais um meio de encontrar aprendizes, ao tempo que os confere uma vida melhor e enobrece o esporte.
Mestre Kun	Oriundo do interior do Estado, sua jornada foi de bastante perseverança e superação. Houve longa maturação até o negócio próprio almejado. Planejou e montou a academia para ser um lugar onde pudesse realizar de seu jeito, dar aula na hora que quisesse e “ganhar dinheiro”. Aproveitou a lacuna de mercado que o <i>Kung Fu</i> oferece (são raras as academias bem estruturadas), agregou o <i>Sanda</i> , o Judô, o Jiu-Jítsu e a musculação. Enfrentou riscos, utilizou de empréstimos, economizou com as despesas e suplantou as dificuldades.
Mestre Aik	Iniciou a prática do <i>Aikido</i> visando à autodefesa. Percorreu muitos países para se graduar na arte marcial com mestres renomados. Era professor universitário quando decidiu por montar seu primeiro <i>dojo</i> . Deixou a Universidade para ser um profissional de <i>Aikido</i> . Teve de enfrentar diversos obstáculos para montar a academia, como os financeiros e a concorrência de outras artes. Por ser uma arte marcial com fama de elitista, o estudo e a montagem da atual academia foram caros.

QUADRO 5 -Fase de exploração das carreiras dos honoráveis mestres.

Fonte: elaborado pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

O Quadro 5 resume que na exploração os mestres têm o sentimento de independência, de fazer da forma que se quer, de empreender, fundar. Mestre Kar, por

ter escolhido um formato diferente de empreendedorismo, vai realizar esse sentimento criando o novo na circunscrição da instituição (STADLER; ARANTES; HALICKI, 2011).

Também a necessidade de realização se faz presente nos relatos. Jud realizou pelo simples fato de ter iniciado em uma arte nova e desconhecida e ainda montou uma academia em tempo que eram raras. Jiu sente essa necessidade como uma obrigação, como se determinado a realizar melhor que seu Pai. Kar encontrou um meio de ultrapassar os contornos da sala de aula, inovando, inclusive, nos projetos de extensão. Mua agregou realização social como exigência pessoal, ao tempo que desenvolvia o empreendimento. Kun vem realizando desde jovem, dia após dia, até que tivesse condição de erigir a academia. Aik, como é próprio do *Aikido*, tem sentimento de realização marcado pela qualidade, realização ordenada. Isso corrobora com o que afirmou Hisrich e Peters (2004) e Degen (1989), o empreendedor tem necessidade de realização. Esses autores relacionam essa necessidade com a de ser reconhecido, de estabelecer metas e cumpri-las com o esforço próprio.

Observou-se que os sujeitos aceitam o risco inerente a ser proprietário de um empreendimento, quase como uma extensão do que aprenderam na arte marcial, que pressupõe superação. De acordo com Hisrich e Peters (2004), os empreendedores assumem todos os tipos de riscos para realizar, sejam financeiros, sociais sejam psicológicos. Para Degen (1989, p. 11), “o empreendedor, por definição, tem de assumir riscos, e o seu sucesso está na capacidade de conviver com eles e sobreviver a eles”.

O terceiro objetivo específico procurou analisar a fase de crescimento das carreiras dos sujeitos da pesquisa. Esse objetivo parte do pressuposto de que nessa fase se agregam valores econômicos e simbólicos favorecidos por cessar o conflito e iniciar o acordo entre atividade de gosto e atividades relacionadas ao empreendimento. O Quadro 6 trata da fase de crescimento da carreira do honorável mestre de artes marciais.

FASE DE CRESCIMENTO DAS CARREIRAS DOS HONORÁVEIS MESTRES	
Mestre Jud	A Academia “Sol Nascente” cresceu rapidamente. O negócio tornou-se valioso, assim como seu proprietário destacou-se no meio especializado. Conservou a prática e o ensino do Judô, pois eram as atividades que mais gostava e delegou as tarefas administrativas à família. Enfrentou conflito com a delegação das atividades administrativas, teve de vencer o apego, mas o modelo escolhido deu certo e acabou por favorecer o crescimento de seu nome, da academia e da família.
Mestre Jiu	Como herdou academia renomada, ressalta que a dificuldade enfrentada foi intensificar a expansão. Foi preparado para exercer atividades de mestre marcial e de empreendedor havendo concórdia das atividades. Sobrecarrega a vida pessoal, familiar, que deixa em segundo plano. Teve de concentrar atuação nos negócios e eventos maiores e na negociação. Para isso, criou departamentos e diretores, mas mantém as decisões em suas mãos, ou da família.

Mestre Kar	Antes de entrar por concurso na universidade, houve um momento de grande conflito, quando era atleta de alta <i>performance</i> e já reconhecido no Caratê. Ressalta, houvera decidido parar de competir, nunca de treinar. Na carreira acadêmica, encontrou meio de permanecer mestre de Caratê e contribuir como empreendedor corporativo, agregou valor com publicações, desenvolvimento de cursos, programas, parcerias universitárias e orientações.
Mestre Mua	O <i>Muay thai</i> está em crescimento, assim como a carreira de mestre Mua. O conflito entre as tarefas da prática, do ensino, da descoberta de talentos e da cartolagem da federação fizeram com que inovasse e formasse um sistema descentralizado, com cerca de 30 equipes, cada uma tendo um de seus discípulos à frente. Mas o mestre sofre porque, mesmo delegando funções, não consegue deixar tudo nas mãos dos aprendizes, e todos querem tê-lo como mestre e chefe.
Mestre Kun	Com o crescimento e a academia, multiplicaram-se os alunos, os seminários, os trabalhos, mas obteve ganhos como não gastar tempo de deslocamento para dar aulas. O quesito administrativo passou à esposa e centrou-se nas aulas, treinos e escolhas relativas à arte marcial. Racionalizou viagens, presença na Federação, atividades sociais e competições que são planejadas. Seu próprio treinamento ocorre quando treina os alunos ou equipes de segurança que instrui. Porém, acredita que está acertando tudo para realizar o sonho de mestre com negócio próprio.
Mestre Aik	A carreira empreendedora do mestre encontra-se em início de crescimento. Muito devotado à perfeição técnica, acredita que sua arte não pode ser aplicada em larga escala, mas o crescimento já o impede de ministrar todas as aulas no <i>dojo</i> e acompanhar todos os alunos. Para ganhar tempo, divide a administração com um grupo de alunos. Também atua no curso de lideranças e no treinamento de equipes de segurança familiar. Pretende agregar Yoga, massagens orientais, atividades para a terceira idade, enfim, utilizar o espaço com atividades correlatas ao <i>Aikido</i> .

QUADRO 6 -Fase de crescimento das carreiras dos honoráveis mestres.

Fonte: elaborado pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

O Quadro 6 demonstra que nessa fase ocorre crescimento do empreendimento e da atividade empreendedora, resultando inicialmente em um conflito de escolha entre dedicar-se mais à atividade de gosto ou aos negócios que se ampliam (YÚDICE, 2004; DORNELAS; SPINELLI; ADAMS, 2014). Apenas mestre Aik, que parece estar na fase inicial do crescimento, não enfrentou a ambiguidade entre a atividade marcial e os quesitos operacionais e administrativos do empreendimento que surgem.

Ao menos três dos mestres, Jud, Kun e Aik, nas escolhas de prioridades, colocaram em segundo plano parte dos processos e a administração do empreendimento que delegaram a terceiros. No entanto, centraram-se na prática da arte marcial e no ensino técnico e simbólico. Em meio à etapa de crescimento, Mua pensou nessa delegação, mas não conseguiu efetivá-la. Mestre Kar teve um reinício de carreira e possivelmente enfrentará esse período com as características do empreendedorismo corporativo.

Um crescimento possivelmente mais acentuado ocorreu com a atividade de mestre Jiu, que herdou o negócio de seu pai, mas o multiplicou. Seu relato atribui peso para essa expansão à preparação desde a infância para sobrepujar quaisquer obstáculos nos dois campos que herdaria, a arte marcial e os negócios do clã. O relato nos questiona, entre outros elementos, a necessidade na carreira empreendedora da união entre os aspectos da atividade de gosto, com as aptidões administrativas, que poderiam ter capacidade de alavancar mais rápido um negócio. Garcia (2012) corrobora esse

entendimento, para ele, um empreendimento crescerá à medida que a atividade associada à paixão aliar-se aos aspectos do trabalho árduo. Mestre Mua, cujo crescimento, nos aspectos empresariais, mais se assemelha a Jiu, também relata essa característica no amigo Jiu e afirma nele se espelhar.

Entretanto, se a observação for voltada à atividade de mestre em artes marciais, elementos colhidos sugerem crescimento dos negócios embora em velocidades diferentes. Os seis entrevistados relatam sucesso e reconhecimento dentro de suas artes. Depois de certo tempo na fase com a presença de conflito, pode-se observar que encontraram um meio em que a atividade de gosto não se contrapôs ao negócio, mas um teve o efeito de potencializar o outro. Arte marcial e empreendimentos puderam crescer de forma que viabilizaram desenvolvimento conjunto, coexistência criativa na economia.

O quarto objetivo específico visa analisar a fase de estabilização dos sujeitos. Na carreira empreendedora, acredita-se que ocorram variações na última fase em relação a um padrão não empreendedor. Pressupõe-se que o honorável mestre e empreendedor não saia nem se aposente da carreira, mas use dessa fase como estabilização para ciclos em novos empreendimentos.

O Quadro 7 demonstra a percepção dos entrevistados quanto à fase de estabilização de suas carreiras.

FASE DE ESTABILIZAÇÃO DA CARREIRA DOS HONORÁVEIS MESTRES	
Mestre “Jud”	Aos 98 anos, permanece ativo. Até os 95 era o atleta mais idoso em luta. Resoluto, afirma que com o Judô e com as atividades a ele relacionadas não vai parar nunca. Explica que ainda fará muito mais, que não há aposentadoria no Judô, devido às limitações da idade contribuirá com sua mente e seus ensinamentos. O <i>Shihan</i> tem planos para o futuro, deseja concluir um estudo que mudará a forma de competir, fortalecer o ingresso de crianças na arte e melhorar a qualificação dos seus alunos, dentre outros planos.
Mestre “Jiu”	O pensamento de parar empreendimentos e Jiu-Jítsu não existe. Há inquietação em realizar, em fazer melhor. Planeja uma fundação com o nome do pai, serão grandes sedes com galpão, trabalhará com as lutas, com educação religiosa, com a questão dentária, dentre outras. Essa se viabilizará por doações nacionais e internacionais com que já estabeleceu os contatos. Pretende fazer mapeamento das academias e times, fortificar a cultura do contrato mundo afora, implantar o seguro para os atletas. Acordou com Kar um curso de especialização destinado ao Jiu-Jítsu. O mestre não fala em sair de algum negócio, só de iniciar outros que se vão agregando à sua rede e ao seu patrimônio.
Mestre “Kar”	Há a premissa de nunca estar satisfeito, entende que muito realizou, porém muito ainda tem para realizar. Para sua arte marcial, nunca se atinge a perfeição e disse ter muito a contribuir com o Caratê. Também na vida acadêmica não se para nunca, sempre se busca e se produz conhecimento. Seu empreendedorismo exige constante nova produção, até pela condição do conhecimento científico, que se cresce agregando camadas. Deseja ir além, busca a implantação de novos projetos que abrirão novas vertentes.

Mestre "Mua"	Tem pensamento voltado para o crescimento, para avançar na contribuição ao <i>Muay thai</i> . O <i>Muay thai</i> exclui a interrupção, não se sai nem se para. Uma realização parcial o mestre afirma ter alcançado que foi ter seu aluno Campeão Mundial, mas se diz longe de estar realizado. Pretende agregar para seus times, o <i>Muay thai Boran</i> , trazendo-o principalmente ao Nordeste. Iniciou o projeto contra o "bullying" escolar com o ensino da arte marcial, além do terapêutico com pessoas especiais. Pretende alavancar o desenvolvimento e empresariado de atletas, com a caça de talentos.
Mestre "Kun"	Sente-se como um grão com muita coisa pela frente. Diz ter sonhos muito maiores nos empreendimentos e na arte marcial. Mesmo com idade avançada, entende que da luta "nunca vai se aposentar". Quando idoso, pretende ter uma turma para "brincar e reencontrar velhos amigos". Ressoa a promessa que fez a seu mestre "Nereu Graballos", fazer o <i>Kung Fu</i> saber quem é Kun. Projeta a ampliação da academia, deseja caçar e ser empresário de talentos. Supõe tornar o <i>Kung Fu Sanda</i> uma modalidade conhecida de "MMA", entre outros projetos.
Mestre "Aik"	Aik se acredita em crescimento com caminho longo a trilhar. Disse que estar realizado, no sentido de coisa acabada, nunca estará, porque nunca se está pronto, mas se entende preparado para as situações. Porém, acredita-se realizado no sentido de feliz, pois estará feliz enquanto aluno tiver e enquanto puder praticar a paixão pelo <i>Aikido</i> . Deixar o <i>Aikido</i> e os empreendimentos relativos a ele seria não estar preparado nem feliz. Embora não veja o emprego anacrônico do <i>Aikido</i> , deseja ampliar o uso do <i>dojo</i> ofertando modalidades artísticas e filosóficas correlatas ao <i>Aikido</i> , como <i>yoga</i> , <i>pilates</i> , <i>ikebana</i> , <i>bonsai</i> e arte terapia. Deseja focar e desenvolver atividades para o público de terceira idade. De tudo exige profissionais e ensino de qualidade

QUADRO 7 -Fase de estabilização da carreira dos honoráveis mestres.

Fonte: elaborado pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

O Quadro 7 resume a posição dos honoráveis mestres de artes marciais no Ceará a respeito de se sentirem realizados e se pensavam em aposentadoria da arte ou dos negócios quando o tempo chegasse. Os resultados convergem no argumento de que não há aposentadoria nem saída nessas carreiras

A carreira de *Shihan* (mestre dos mestres) Jud, observada sob o aspecto da idade pessoal, pode-se dizer que extrapolou a idade de buscar uma aposentadoria, ou de ocorrer declínio ou estagnação (HALL, 2002; GRENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2000). O que parece ocorrer é uma substituição da atividade mais aproximada aos conceitos físicos da arte, como a luta e as aulas físicas, por atividades de conteúdos mentais e espirituais da carreira de um mestre. O mesmo reflete nos empreendimentos, onde passa a atuar como uma espécie de embaixador de honra, ou seja, de honorável mestre. Isso se justifica pelo natural declínio físico, mas permanece a ascendência de experiências de vida e do respeito por parte dos discípulos.

Jiu, Kar, Mua, Kun e Aik, se analisados por uma das abordagens que leva em conta a faixa etária típica, os "Estágios de desenvolvimento da carreira" de Grenhaus, Callanan e Goshalk (2000), estariam classificados na carreira intermediária, cuja principal propriedade seria um período de manutenção e estabilidade, esforçar-se para permanecer ativo, estacionar, isso não foi demonstrado por nenhum dos entrevistados, que permanecem em crescimento.

Em outra abordagem relacionada à idade dos entrevistados, o “Modelo integrado de vida e estágios de carreira” de Hall (2002), nessa idade o ponto comum seria a manutenção, mas os indivíduos poderiam iniciar o declínio, ou continuar o crescimento até os 65 anos de idade, quando haveria declínio. Essa teoria contradiz o desejo dos mestres, pois pretendem se manter em crescimento e não haver possibilidade de declínio da atividade em qualquer época. Responderam que buscarão novas formas de contribuição dentro da atividade, mesmo com o avanço da idade e das restrições físicas. Isso pode ser explicado por terem entendido que a saúde e a qualidade de vida estão entre as maiores contribuições do campo.

Porque acreditam na contribuição de suas artes, embora não pensem em parar, e sabem das limitações de todo ser humano, quando indagados sobre as transmissões dos legados, as sucessões, afirmaram serem importantes e estão se preparando para isso. Esse ângulo de transmissão do conhecimento, do ensino, é muito forte nas características dos entrevistados. Os honoráveis mestres se reportam nessa hora ao conceito de família, de uma grande família, como um clã. Sentem-se agregando valores pessoais e em suas artes à família, mas dizem deixar riquezas não só para a família de sangue. Essa ideia corrobora com o conceito de legado nas artes marciais cujos discípulos são como filhos (RATTI; WESTBOOK, 2006; HTAMS, 1992), com a premissa de geração de valor na economia cultural (UNESCO, 2013; MINC, 2012), e com os elementos de referência familiar e desenvolvimento de empreendedorismo em ambientes familiares (HISRICH; PETERS, 2004; ENZIO, 2003). Mestre “Kar”, por estar na universidade, em um ambiente intraempreendedor, tem alunos, bolsistas e orientandos que já seguem sua linha, mas observa que nas artes marciais o seu sucessor seria seu irmão, que seguiu seu caminho, pois “Kar” não pôde mais lecionar em academias.

A carreira de “Kar” *sensei* observou um gatilho para um novo início. Ele agora faz parte da academia-universidade, o modelo que pode explicar esse acontecimento se refere à “Carreira baseada em ciclos de aprendizagem”, de Harrington e Hall (2007). Nesse modelo, a contagem cronológica das carreiras não está vinculada ao indivíduo, mas ao tempo da carreira em si.

Os resultados parecem demonstrar a existência de um gatilho que produz o novo, que faz nascer um novo empreendimento, produto ou serviço, na vida dos mestres. Isso ocorre mesmo os honoráveis estando em fases diversas de suas carreiras e em idades diferentes. O resultado corrobora com GEM (2014), esse relatório confirma que a

tentativa de novos negócios, a criação de novos produtos e empresas, o estabelecimento de um novo desenho empresarial, ou a expansão de uma empresa existente, por um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, é a essência do empreendedorismo. Nesse entendimento, aparenta que as carreiras dos honoráveis mestres de artes marciais, no que diz respeito aos empreendimentos, estão mais relacionadas ao modelo de Harrington e Hall (2007), no qual não há uma saída necessária, mas podem existir diversos inícios baseados em se cumprirem tempos de aprendizagens.

A capacidade de se manter em movimento de inovação, de mudança, de transmissão cultural, aliada a conteúdos simbólicos de vitória, desafio, paciência, pode ter motivado o crescimento contínuo e o sucesso desses profissionais, observando, obviamente, o que representa crescimento e sucesso para cada um dos mestres.

Uma observação importante que derivou da pesquisa é que todos os mestres reportaram responsabilidade social e se dedicaram à construção de um mundo melhor, possivelmente pela rigidez ética presente no conteúdo de professor, *sensei*, *sifu*, e mais ainda na de um honorável mestre (ENZIO, 2003; RATTI; WESTBROOK, 2006). Esse aspecto é confirmado por Dornelas, Spinelli e Adams (2014, p. 16), que confirmam: “inovação + empreendedorismo = prosperidade e filantropia”.

O campo das artes marciais tem como pilares conceitos como perseverança, busca pela perfeição, confiança nos instintos, superação de si mesmo e de dificuldades, semelhantes aos pilares conceituais encontrados no empreendedorismo, como vontade de criar, inovar, necessidade de realização e independência, de enfrentamento do risco, enfim, conteúdos similares com palavras diferentes (SEVERINO, 1988; DEGEN, 1989; HYAMS, 1992; BOM ANGELO, 2003; HIRSRICH; PETERS, 2004). Dessa forma, talvez se explique o fato de que os honoráveis mestres deste estudo, que por definição alcançaram destaque nas artes marciais, também obtiveram sucesso nos negócios.

Considerando que a carreira empreendedora dos honoráveis mestres de artes marciais na economia criativa cearense deve ser analisada sob os aspectos do contexto da arte marcial e sobre os gerenciais do negócio, constatou-se que a atividade de mestre possibilitou maior acerto e desenvolvimento dos negócios, e que ocorre aquela inquietação constante em realizar em ambos os planos. Schein (1993; 1996) ressalta que existe esse desassossego quando o indivíduo possui uma inclinação profissional à “criatividade empreendedora”.

Também se observou que o crescimento do empreendimento foi mais acelerado e conferiu maior valor econômico aos negócios cujos mestres tinham maior afinidade

com os aspectos gerenciais, e buscavam eles mesmos, como cabeças e polos atrativos do negócios formação e qualificação gerencial. Bessant e Tidd (2007) confirmam esse pensamento quando explanam que é preciso criar condições para a inovação eficiente e mesmo organizar a inovação e o empreendedorismo para maior possibilidade de sucesso.

Os honoráveis mestres de artes marciais do Ceará desenvolveram suas carreiras na concepção empreendedora, e os resultados indicaram a natural inserção dessas carreiras no ciclo produtivo da economia criativa.

10 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar o desenvolvimento da carreira dos honoráveis mestres das artes marciais orientais no Estado do Ceará na concepção empreendedora. A pesquisa partiu do pressuposto geral de que o desenvolvimento profissional desses honoráveis mestres se realiza em uma concepção empreendedora no campo da economia criativa. A partir dos resultados encontrados na pesquisa, foi possível formar algumas considerações sobre os objetivos propostos, a questão orientadora e o prosseguimento da pesquisa.

10.1.1 6.1 Quanto aos objetivos e suposições propostos

No primeiro objetivo específico, foi proposto caracterizar o honorável mestre de artes marciais. Para tanto, a suposição era de que os sujeitos optaram pela via empreendedora desde o início nas artes marciais sem outras mediações profissionais. Sabe-se que, como empreendedores, deveriam possuir elevado grau de compromisso pessoal com o negócio, utilizando-se de talentos e habilidades propícias para desenvolverem negócios e carreiras no campo da economia criativa. Que essas carreiras se pautaram por valores econômicos, como o potencial para gerar renda e emprego, e também valores simbólicos em um ambiente multicultural. Entretanto, a carreira empreendedora para honoráveis mestres é antecipada pelo desenvolvimento na arte marcial.

Os resultados obtidos rejeitaram essa suposição, pois se verificou que os honoráveis mestres de artes marciais entrevistados, mesmo de origens, idades e trajetória de vidas diferentes, precisaram viabilizar financeiramente essa carreira com a formação artística. Em suma, os mestres primeiramente desenvolveram a atividade de instrutor enquanto cresciam suas habilidades técnicas e materializavam o sonho do empreendimento próprio. Observou-se que em intenção desejavam desde o início serem empreendedores, mas tiveram de cumprir uma etapa preliminar de preparação.

Após o ingresso na carreira empreendedora, durante os diversos ciclos, demonstraram a presença de inovação e criatividade. A intercessão manifestada pela condução dos empreendimentos, aspectos processuais e gerenciais dos negócios, e condução das atividades de gosto, que são os aspectos técnicos e os espirituais das artes

marciais, resultaram na construção de uma carreira empreendedora na economia criativa.

Viu-se que os negócios foram variados, obtidos pela confluência das pessoas e discípulos em torno dos nomes, histórias e vidas dos mestres. Isso pode ter contribuído com o fato de terem como um de seus empreendimentos uma academia devotada ao menos à arte que professam. A prosperidade dessas academias de artes marciais pareceu retratar a concórdia, depois de certo tempo, entre os aspectos relacionados à atividade de gosto, que são a prática e o ensino da arte marcial, e a vivência processual e negocial para se ter um empreendimento.

A inovação nas jornadas desses mestres conduziu a uma particularidade: suas carreiras e vidas extrapolaram um impacto pessoal e passaram a construir realizações no ambiente social, tornando-os agentes de mudança além-fronteiras de seus negócios.

Os valores das carreiras nas artes marciais se caracterizaram por conceitos simbólicos que agregaram valores aos monetários. Desses conceitos, a pesquisa pôde constatar a busca da melhoria do ser em seu quesito físico e espiritual, como a saúde física e mental. O valor percebido da atividade do mestre relacionou-se à sua capacidade de transpor seus limites e ensinar seus alunos a saúde corporal e mental, o que diferenciou a carreira na arte marcial das carreiras em outras atividades físicas.

Os resultados confirmaram a carreira empreendedora também porque demonstraram na jornada dos entrevistados uma necessidade de sucesso, tanto no viés filosófico quanto no material. A jornada do mestre precisou do talento para encontrar harmonia e equilíbrio entre essas realidades complementares e conflituosas.

O estudo apontou elevado grau de compromisso e esforço dos honoráveis mestres de artes marciais como empreendedores com o que fazem, com suas artes e com seus empreendimentos. Conclui-se que investem seus conteúdos físicos, emocionais e financeiros na busca da realização da carreira empreendedora.

As carreiras empreendedoras dos honoráveis mestres de artes marciais demonstraram elevado potencial para gerar renda e emprego, tanto de forma direta como indireta, em suas cadeias produtivas.

Em relação ao segundo objetivo específico, buscou-se analisar os fatores pertinentes à fase de exploração na carreira dos sujeitos da pesquisa a partir da suposição de que sentimentos de independência, de enfrentamento de risco e orgulho de realização ocorrem reforçando a escolha de criar negócio próprio, e não se subordinar a outros indivíduos menos qualificados.

Os resultados obtidos validaram essa suposição, pois os honoráveis mestres manifestaram o sentimento de independência próprio do empreendedor, com desejo de fundar, de ter algo próprio, sem ter de se submeter a terceiros menos qualificados na arte. Mestre Kar continuou a realizar este sentimento como intraempreendedor, criando o novo no interior de uma organização pública. Em conjunto com o sentimento de independência, confirmou-se a necessidade de realização. Os sujeitos eram impelidos ao movimento de realizar, de criar, de modificar, de atuar em múltiplos ambientes e negócios. Para isso, investiram suas forças, tempo e recursos emocionais e econômicos.

Também resultou validada a suposição de que os honoráveis mestres de artes marciais aceitariam o risco. Os resultados obtidos fizeram crer que essa aceitação do risco foi além do suposto, pareceu fazer parte da atividade de gosto ir em frente e vencer obstáculos. Isso pode indicar que a superação dos riscos faz parte do empreendedor na arte marcial.

O terceiro objetivo específico procurou analisar a fase de crescimento das carreiras dos sujeitos da pesquisa, supondo que seria nessa fase que se agregariam os valores econômicos e simbólicos favorecidos por cessar o conflito do empreendedor e iniciar o acordo entre atividade de gosto e atividades relacionadas ao empreendimento.

Os resultados obtidos validaram essa suposição, mas foram encontrados aspectos excedentes aos que se esperava encontrar, no que diz respeito à velocidade de crescimento dos empreendimentos. Observou-se que nessa fase ocorreu amplo crescimento dos empreendimentos e também das atividades relacionadas a ele, como as funções de gestão e os processos. Viu-se também a elevação na quantidade de alunos, de eventos como seminários, palestras e *workshops*, de viagens, de oportunidades de novos negócios e de deveres sociais com o crescimento da cadeia de valor.

A pesquisa demonstrou que os sujeitos encontraram uma forma de superar o conflito entre as necessidades de dedicação aos aspectos técnicos e filosóficos da arte marcial, cujo ensino é um deles, e as necessidades de dedicação ao negócio. Esse fenômeno relacionou-se com o crescimento das carreiras empreendedoras e do empreendimento.

Entretanto, se os resultados demonstraram crescimento, a velocidade desse crescimento foi um aspecto excedente ao suposto. Essa velocidade de progressão pareceu resultar de uma dedicação igualitária à arte e aos negócios, e de preparação para os aspectos negociais além da preparação para a arte.

Observou-se adicionalmente que, diante da necessidade de escolha de quais atividades delegar, os mestres delegaram as atividades processuais em primeira opção. Em seguida, mestres Jud, Kun e Aik delegaram também as atividades de gestão das academias e dos negócios, avocando os aspectos técnicos e filosóficos da atividade de mestre para si.

O quarto objetivo específico propôs analisar a fase de estabilização dos sujeitos da pesquisa. Esse objetivo pressupõe que o honorável mestre e empreendedor não sai nem se aposenta da carreira, mas usa dessa fase como estabilização para ciclos em novos empreendimentos.

Os resultados guardaram alinhamento à suposição proposta. Os honoráveis mestres de artes marciais não se aposentaram ou largaram a carreira empreendedora nas artes marciais, e os que não tinham idade para aposentadoria alegaram que não haveria saída dessa carreira. Entretanto, tomada a fase de saída semelhante ao construto da “Carreira baseada em ciclos de aprendizagem”, de Harrington e Hall (2007), os mestres utilizam dessa última fase da carreira empreendedora como um gatilho que dispara o início em outro empreendimento, fazendo dessa etapa um período estabilização nesse reinício contínuo.

Esse gatilho refletiu que o comportamento dos honoráveis mestres artistas marciais foi aproveitar a maturidade em um empreendimento para iniciar a construção de outro, sem, contudo, deixar o primeiro. Esse comportamento existente nas carreiras de “Jud”, “Jiu”, “Mua”, “Kun” e “Aik” resultou inovador, pois se desconhece estudo com conclusões semelhantes. Os sujeitos utilizaram da carreira de mestres nas artes marciais como fio condutor de seus negócios empreendedores. Enquanto empreendedores, observaram ciclos de aprendizagens reduzidos, entretanto, um empreendimento, ao suceder o outro, acumula-se ao inicial, tornando maior a cadeia criativa. Não abandonaram nem saíram dos empreendimentos que amalharam, ou seja, não encerraram o ciclo anterior. Desse resultado retirou-se “Kar”, que, por força da dedicação exclusiva exigida, teve de encerrar sua carreira de artista marcial fora da universidade.

Essa forma de ação dos sujeitos também pode estar relacionada ao comportamento sempre crescente nas carreiras de mestres das artes marciais, pois os resultados não demonstraram estagnação nem declínio, buscando sempre o novo e o crescimento, como que para superar outro desafio rumo à perfeição inalcançável.

Os resultados apontaram, ainda, para um aspecto característico das carreiras dos sujeitos. Essas pareceram ter essencial relacionamento com a transmissão de conhecimento, de legado. Segundo as respostas, os sujeitos, embora não intentassem abandonar a carreira de mestres artistas marciais, prepararam discípulos e sucessores, porque sabem que envelhecem. Nesse entendimento, formaram um grupo com características familiares ou mesmo como um clã, em que os caminhos de vida e carreira encontrados foram repassados como um legado.

10.1.2 6.2 Quanto à questão orientadora

A pergunta da pesquisa indagou: como se desenvolve a carreira dos honoráveis mestres das artes marciais orientais no Estado do Ceará? Essa indagação esteve baseada no pressuposto geral de que o desenvolvimento profissional desses honoráveis mestres se realiza em uma concepção empreendedora no campo da economia criativa.

Para o alinhamento da análise dos resultados, entendeu-se que para que as carreiras dos honoráveis mestres de artes marciais fossem tidas como empreendedoras, os sujeitos necessariamente precisariam congregar em si duas identidades: a de honorável mestre de artes marciais e a de empreendedores. Uma identidade é proveniente de características como a guarda e a honra de conteúdos espirituais e técnicos ligados a essas artes, mas também a inovação e criatividade aplicadas às técnicas (jutsu) e aos caminhos de vida (do) que os mestres devem abrir ou modificar, guardando a originalidade de seus conteúdos. A outra identidade diz respeito aos aspectos negociais da atividade como a capacidade de erigir, de crescer e expandir empreendimentos, de formular a cadeia de valor através do desbravo e da inovação, iniciando ou modificando negócios e processos.

Os resultados apontam para uma formulação de carreira na qual há coexistência entre a arte marcial e empreendedorismo, dessa forma, miscigena dois construtos.

O primeiro, mais relacionado à arte marcial em si, é o “Modelo integrado de vida e estágios de carreira” de Hall (2002), em que a carreira se configura baseada nas decisões e escolhas ao longo da vida de um indivíduo e que possibilita manter o ciclo de crescimento, caso assim deseje a pessoa. Foi isso que aconteceu com os casos

estudados, tanto a intenção dos que ainda não atingiram a idade para aposentadoria como os que atingiram manifestaram a decisão a favor do crescimento sem ocorrer saída, aposentadoria ou mudança de carreira.

O segundo construto, relacionado à concepção empreendedora, é o “Modelo de carreira baseado em ciclos de aprendizagem”. Nesse construto, os ciclos não se baseiam na idade dos sujeitos, mas no tempo de aprendizagem das carreiras que são mais curtos. Nesse modelo, um ciclo serve de gatilho para outro ciclo que lhe sucede. Então, foi dessa maneira que ocorreu a carreira dos sujeitos enquanto empreendedores, que normalmente iniciaram em um empreendimento, aprenderam e cresceram com ele. Depois esse empreendimento já serviu de gatilho para outro e assim sucessivamente. A peculiaridade encontrada na carreira dos honoráveis mestres de artes marciais no Ceará foi que esses ciclos sucessivos se foram somando em empreendimentos, sem a necessidade de os abandonar, o que lhes fez acumular conhecimento e riqueza.

A união dos dois construtos nas carreiras de cada sujeito sugeriu que este estudo trata de uma carreira simultânea, multicíclica e multicanal, com características que podem oferecer suporte e solução para alguns problemas encontrados nas modernas instituições, como a permanência no emprego, a busca de significado e identificação com o trabalho e a criação de riqueza com uma atividade de gosto.

No que diz respeito à carreira empreendedora, verificou-se que os mestres apresentaram suas características. Os principais elementos condutores do empreendedorismo, que são a inovação e a criatividade, estiveram presentes entre os mestres, coexistindo com as artes que professam. Dentre os aspectos comportamentais, os honoráveis mestres apresentaram as seguintes características: elevado grau de compromisso pessoal com o negócio, uso de suas potencialidades como talentos e habilidades para a condução da arte marcial e dos negócios, agregação de valores simbólicos e monetários ao transitarem em um ambiente multicultural.

Outras características empreendedoras que foram encontradas nos sujeitos são: sentimentos de independência, de desbravo, de iniciarem negócios, de orgulho pelos feitos.

Quanto às características de necessidade de realização e aceitação do risco, essas pareceram ter sido incorporadas nos sujeitos pela colaboração entre o empreendedorismo e a arte marcial. Alguns conceitos das artes marciais, como busca da perfeição, perseverança, superação dos limites e dos adversários, apresentaram-se correlatas às características empreendedoras, como necessidade de realização, inovação,

independência e aceitação do risco. Esses elementos das artes marciais reforçaram a missão do empreendedor. O mesmo ocorreu com as características do empreendedor que atuaram potencializando a carreira de mestres em artes marciais. Esse aspecto abordado indicou ser um benefício da coexistência entre as carreiras.

Um elemento importante que se revelou no estudo diz respeito ao cunho da responsabilidade social. De uma forma geral, os sujeitos se dedicaram à filantropia, reportaram projetos sociais, alunos que estudavam gratuitamente, projetos para auxílio de minorias. Os mestres consideraram um projeto social como extensão das atividades.

Observou-se a presença de elementos da inclinação profissional criatividade empreendedora, principalmente na criação do novo, que se mostrou tanto na atividade de artista marcial quanto nos negócios que foram montados. É relevante que essa criatividade empreendedora foi acontecendo fase a fase, embora a carreira de mestre e de empreendedor tivessem fases amparadas em construtos diferentes, ela se mostrou indivisível e a presença da criatividade e da inovação foi constante. Estabelecer um elemento cultural próprio do Oriente e sustentá-lo no Ocidente, considerando a época, já foi em si mudança. Outro elemento observado nessas âncoras de carreira foi a necessidade de desafio, o desafio talvez fosse um dos elementos centrais do artista marcial, ou seja, esse artista procura vencer a si, aos outros e aos obstáculos. Ocorreu uma necessidade premente de sucesso tanto nos conceitos espirituais, quanto nos materiais, entendeu-se que um mestre não seria mestre sem sucesso, ser referência seria uma propriedade do mestre.

Apenas Jiu teve um pai já mestre ou artista marcial, mas cinco dos sujeitos iniciaram a arte marcial na infância e citaram motivos diversos para o ingresso, mas afirmaram que, para viver da arte marcial, além de gostar do que se faz, é preciso perseverança. No empreendedorismo, o relato comum das dificuldades enfrentadas, da carência monetária, da falta de apoio governamental, do preconceito, encontrou amparo em igual força de vontade e superação.

Uma observação interessante foi a escolaridade que se pôde dizer ser elevada. Kar é doutor, Jud, Jiu, Mua, Kun e Aik têm ao menos uma graduação e mais uma pós-graduação *lato sensu*, cinco formados em Educação Física, um também em Direito e um em Arquitetura.

Enfrentaram um meio, a princípio, bastante desorganizado e informal. Porém, é relevante notar que utilizaram dessa desorganização para configurar a ordem. Jud, Jiu, Mua e Kun foram fundadores e presidentes das Federações ou Confederações das artes

marciais que representam. A carreira aproveitou o impulso da representatividade que os sujeitos tinham em seu meio. Isso fez com que conseguissem explorar com facilidade boa parte da cadeia produtiva que agregou valor. Os sujeitos montaram uma academia, exploraram a marca de seus nomes, formaram times e equipes de luta entre os discípulos, obtiveram renda com treinamento na área de segurança estatal ou privada, comercializaram vestuário com suas marcas e, de forma particular, puderam aproveitar outras oportunidades e ramos que se agregaram ao patrimônio cultural e material que representam. Kar foi a exceção, mas reproduziu o mesmo que os demais, entretanto, dentro das limitações impostas pelo empreendedorismo corporativo e pela dedicação exclusiva, e os benefícios que surgiram foram revertidos para sua atuação na universidade.

10.2

10.2.1 6.3 Quanto ao Prosseguimento da Pesquisa

É preciso entender que os resultados obtidos neste estudo não se esgotam. Considerando a escassez de estudos sobre a carreira empreendedora na produção científica brasileira e a riqueza do campo das artes marciais na economia criativa, muitos estudos ainda podem ser realizados deste manancial. Estudos relacionados ao setor ou aos agentes envolvidos.

O aprofundamento desse campo de pesquisa e de sua interdisciplinaridade se apresenta relevante, devendo-se considerar a ascendência dessas atividades em Fortaleza, no Ceará, no Brasil e em diversos países, e seu potencial para o desenvolvimento social e econômico.

Sugere-se como agenda de pesquisa estudos aprofundados sobre os sujeitos em suas demais características, em processos individuais como valores, atitudes, percepção, motivação; em processos grupais, tais como liderança, tomada de decisão e poder; e em processos organizacionais, tais como mudança, estrutura, comunicação e cultura, enfim, em um amplo campo, uma vez que são raros estudos sobre esses sujeitos na ciência administrativa. Os sujeitos podem ser estudados isoladamente, ao passo que já constituiria riqueza do fenômeno cultural.

Para estudos futuros, como prosseguimento da pesquisa, outras regiões brasileiras poderiam ser estudadas, utilizando como sujeitos mestres de artes marciais. Esses estudos poderiam estabelecer análises e comparações, observando-se o que se mantém dos resultados e o que se altera. Se os modelos de carreira permaneceriam

semelhantes ou se os desenvolvimentos das carreiras, em outras regiões, resultariam diferentes.

Há ainda a possibilidade de emprego de pesquisa similar, alterando o campo cultural e os sujeitos. Poder-se-ia replicá-la na Capoeira e em sua raiz cultural brasileira, no Boxe, no *Krav maga*, na luta greco-romana, dentre outras.

Por fim, considera-se que o resultado obtido pelo presente estudo representou um passo à frente na contribuição e conhecimento sobre o fenômeno, que é o desenvolvimento da carreira empreendedora dos honoráveis mestres de artes marciais no Ceará. Espera-se que esse passo se some ao bojo das pesquisas e desperte a oportunidade em um novo filão por parte de instituições, pesquisadores e entes públicos, para as possibilidades que esse ramo cultural pode oferecer, tanto nos aspectos filosóficos como nos aspectos econômicos. Espera-se que esse avanço possa iniciar benefícios na cadeia produtiva, em termos simbólicos e monetários, incluindo-se um grande número de indivíduos que a pesquisa atinge, elucidando a carreira de seus ícones.

11 REFERÊNCIAS

12

ABRIESP. Associação Brasileira de Indústria do Esporte. In: Consumidor moderno no varejo. Edição Especial. São Paulo: **Padrão Editorial**, 2011.

ACEVEDO, W.; CHEUNG, M. Analisis de las publicaciones periódicas marciales chinas editadas durante el período republicano. **Revista de Artes Marciais asiáticas**. V.6 N.1, 2011.

ALVES, L; MARIANO, A. **Muay thai, boxe tailandês**: história, filosofia, fundamentos, técnicas de competição. São Paulo: Online, 2011.

AMERICAN, for the Arts. **Creatives Industries Organization Types**, 2013. Disponível em: <http://www.americansforthearts.org/by-program/reports-and-data/research-studies-publications/creative-industries/faq#t961n27775>. Acessado em 22/08/2015.

AMORIM, M. S. C.; FREDERICO, R. Criatividade, Inovação e Controle nas Organizações. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v.42, n° 1 e 2, p.75 - 89, abr e out 2008

ANDRAUS, M. B. M.; SANTOS, I. F.; MENDONÇA, S. Gongfu/wushu in western cinema reflections on the relations between drama and martial arts. **MORINGA-Artes do Espetáculo**, v. 2, n. 2, 2011.

ARTHUR, M. B.; CLAMAN, P.H.; DE FILLIPI, R. Intelligent Enterprise, Intelligent Careers. **Academy of Management Executive**, v. 9, n. 4, 7-39, 1995.

_____; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. **Handbook of career theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____; ROUSSEAU, D. M. **The boundaryless career: a new employment principle for a new organizational era**. New York: Oxford University Press, 2001. Cap 1, p. 3-20.

ASSIS, D. Os benefícios da meditação: melhora na qualidade de vida, no controle do stress e no alcance de metas. **Interespe. Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação**, v. 1, n. 3, p. 73-83, 2013.

BALASSIANO, M.; COSTA, I. S. A da. **Gestão de carreiras: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006 (1977).

BARRETO, Alexandre. Elementos para se pensar uma carreira profissional artística e criativa. **Revista Cadernos do CEON**, v. 26, n. 39, p. 119-132, 2013.

BATISTA, P. C. S.; OLIVEIRA, L. G. L.; ANDRADE, R. J. C. A propriedade intelectual na indústria de quadrinhos do Ceará. **Revista Base (Administração e Contabilidade)** da UNISINOS, 2010, 7.1: 14-24.

BERNARDES, T. R. N. **Planejamento e desenvolvimento de carreira: um estudo da relação UNIMINAS e seus discentes**. Dissertação de Mestrado em Administração. Universidade Federal de Uberlândia. 2006.

BENDASSOLLI, P. F.; WOOD J., T.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 10-18, jan./mar., 2009.

BESSANT, J.; TIDD, J. **Inovação e empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2007.

BORGES, J. D. Competitividade criativa. **GV Executivo**, v. 4, n. 3, p. 86-90, ago./out., 2005.

BRIDGES, W. **Mudanças nas relações de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.

BRITISH COUNCIL. **Mapping the creative industries: the UK context**. London, oct. 2005. 15p.

BULGACOV, Y. L. M.; CAMARGO, D.; CUNHA, S. K. A psicologia de McClelland

- e a economia de Schumpeter no campo do empreendedorismo. **Revista do Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano X, n. 17, p. 111-120, jan. 2008.
- BULL, W. J. Aikido: o caminho da sabedoria. **Dobun, história e cultura**, v. 10, 1990.
- CASTELLS, M.; AOYAMA, Y. "Paths Towards the Informational Society: Employment Structure in G-7 Countries, 1920-90". **International Labor Review**, 133 (1), 1994, pp. 5-33.
- CASTRO PINTO, D. C.; DE CARVALHO, R. A.; BARBOSA, S. S. R.; ALVES, M. V. P. **Judô: caminho suave ou caminho da vitória? Arte marcial que se esportivizou ou esporte que se tornou arte marcial?** Anais: XII Simpósio internacional processo civilizador. Recife. Novembro de 2009.
- CAVES, R. **Creative industries: contracts between arts and commerce**. New York: Harvard University Press, 2000.
- CHANLAT, J. F. Quais Carreiras e para Qual Sociedade? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75, nov./dez. 1995.
- CITRIN, James M.; SMITH, Richard. **The 5 patterns of extraordinary careers: The guide for achieving success and satisfaction**. Random House LLC, 2003.
- CLOSS, L. Q. **Transformações contemporâneas e suas implicações nos processos de aprendizagem dos gestores**. Tese de Doutorado em Administração. Programa de Pós-Graduação em administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009. 257 p.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- CORAZZA, R. I. Criatividade, inovação e economia da cultura: abordagens multidisciplinares e ferramentas analíticas. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 12, n. 1 jan/jun, p. 207-231, 2013.
- COSTA, M. O. Ethos, símbolos e imaginário religioso de um grupo de praticantes de Jeet Kune Do. **Primeiros Estudos-Revista de Graduação em Ciências Sociais**, n. 2, p. 36-58, 2012.
- COSTA, P.; MAGALHÃES, M.; VASCONCELOS, B.; SUGAHARA, G. On 'creative cities' governance models: a comparative approach. **The Service Industries Journal**, v. 28, n. 3, p. 393-413, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DALLA COSTA, A.; SOUZA-SANTOS, E. R. Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. **Revista Economia & Tecnologia**, v. 7, n. 2, 2012.
- DCMS. **Creative industries Mapping document**, HMSO, London, 2001. Disponível

em: <https://www.gov.uk/government/publications/creative-industries-mapping-documents-2001> Acessado em: 04/07/2014

DE MARCHI, L. Construindo um conceito neodesenvolvimentista de economia criativa no Brasil: Política cultural na era do novo MinC. **Novos Olhares: Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**, v. 2, n. 2, p. 37-48, 2014.

DEGEN, Ronald Jean. Empreendedorismo: Uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. **Ciências da Administração**, v. 10, n. 21, p. 11-30, 2008.

DELLOITTE T. T. **Pesquisa muito além do futebol**: estudo sobre esportes no Brasil, 2011.

DELP, C. **Muay Thai Básico**: técnicas introdutórias de Boxe Tailandês ilustrado. Ed. Masdras, 2012.

DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. Newbury Park: Sage, 1989.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante. 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 3ed. 2001.

_____. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____; SPINELLI, S.; ADAMS Jr, R. J. **Criação de novos negócios**: empreendedorismo para o século 21. Tradução: Claudia Mello. 2 ed. São Paulo: Elsevier, 2014.

DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito empreendedor**. 2ed., São Paulo: Pioneira, 1986.

DUARTE, M. F. FERRAZ, S.F.S. MASCENA, R.O. Desenvolvimento de carreira na indústria criativa cearense: histórias de vida de mestres da cultura do artesanato. In: ENANPAD, XXXIV, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

ESPORTE.ESP.BR. **Os 10 esportes mais praticados do Brasil**. Disponível em: <http://esporte.esp.br/os-10-esportes-mais-praticados-no-brasil/> Acessado em: 27/05/2014.

FELIX, Moacir. **Começaria tudo de novo**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 13 fevereiro 2010.
Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/jogada/comecaria-tudo-de-novo-1.739328>. Acessado em 10/08/2015.

FERREIRA, F. D. C. **A inserção do kung fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-

graduação em Educação Física, 2013. 183p.

FERREIRA, H. S.; CARDOSO, L. C.; CARDOSO, W. C. **Uma história do Caratê no Estado do Ceará**: de 1965 a 2012. Fortaleza: EdUECE, 2013.

FIGUEIREDO, A. **A Formação de Treinadores - Uma Proposta Actual (Caratê)**, in: 3º Congresso Nacional de Educação Física 1994: A Educação Física e o Desporto como Factores de Desenvolvimento, Ofir, Ed: CNAPEF, 1998, pp. 284-306.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p05-28, Abril/Jun, 1999.

_____; DOLABELA, F. **Boa Ideia! E Agora?** São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

FLEW, T. Beyond ad hocery: **Defining Creative Industries**. Creative Industries faculty Queensland University of Technology. The second International Conference on Cultural Policy Research. New Zealand, January, 2002.

FLORIDA, R. L. More Losers than winners in America's new economic geography. **The Atlantic Cities**, 2013. Disponível em: <http://www.theatlanticcities.com/jobs-and-economy/2013/01/more-losers-winnersamericas-new-economic-geography/4465/>. Acesso em: 29/06/2014.

_____. **The Flight of the Creative Class: The New Global Competition for Talent**. Liberal Education, v. 92, n. 3, p. 22-29, 2006.

_____. **The Rise of the Creative Class: Revisited**. Basic books, 2012.

FROSI, Tiago Oviedo. **Uma história do karate-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva**. 2012. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2012. 224 p.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate Do Nyumon: The Master Introductory Text**. Kodansha International, 1994.

GARCIA, F. C. Persistência, aprendizado contínuo; paixão, trabalho: um pouco mais sobre empreendedorismo. **Revista CONTEÚDO**, v. 3, n. 1, 2012.

GASPAR, M. A.; DONAIRE, D.; SILVA, M. C. M.; MAIA, C. D. F. M.; BOAS, E. P. V.; & DOS SANTOS, S. A. Gestão da criação de conhecimento na indústria criativa de software. **Revista de Negócios**, ed. 14, p. 28-42. 2010.

GASPAROTTO, S. G.; SANTOS, S. L. C. Produção científica nacional sobre ensino de lutas no ambiente escolar: estado da arte. **CONEXÕES: UNICAMP**, v. 11, n. 4, p. 112-124, 2013.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor 2014. SINGER, S.; AMOROS, E.; MOSKA, D. **Global Report**. 2015.

_____. **Relatório Global de Empreendedorismo no Brasil**. Paraná: IBQP/Sebrae, 2008, 158 p.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAY, David E. **Pesquisa no Mundo Real**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GUEDES, S. A. **A carreira do Empreendedor**. Dissertação (Mestrado). Programa da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Administração, 2009. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-18122009-101254/publico/dissert_Simone.pdf .Acessado em: 24/05/2014.

GREENHAUS, J. H.; CALLANAN, G. A.; GODSHALK, V. M. **Career management**. Mason: Thomson South Western, 2000.

GREINER, C. Butô na América Latina: uma reflexão crítica. **Fundação Japão em São Paulo**, Agosto 2013.

HALL, D. T. **Careers in and out of organizations**. London: Sage Publications Series, 2002.

_____. *Protean careers of the 21st century*. **Academy of Management Executive**, v.10, n. 4, p. 8-16, nov. 1996.

_____; MIRVIS P.H. The New Career Contract: Developing the Whole Person at Midlife and Beyond. In: **Journal of Vocational Behavior**. 47, p. 269-289. 1995.

HENDERSON, R.; ROBERTSON, M. Who wants to be an entrepreneur? Young adult attitudes to entrepreneurship as a career. **Career Development International**, v. 5, n. 6, p. 279-287, 2000.

HARRINGTON, B.; HALL, D. T. **Career Management & Work-life integration**. London: Sage Publications, 2007.

HARTLEY, J. Creative industries. In: HARTLEY, John. **Creative industries**. London: Blackwell, 2005. Cap. 1, p. 1-40.

HASHIMOTO, M. **Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. Tradução de Lene Belon Ribeiro. 5 ed. São Paulo: Bookman. 2004.

HYAMS, J. **O zen nas artes marciais**. São Paulo: Pensamento, 1992 .

HORKEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos**

filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

HOWKINS, J. **The creative economy**. Penguin: London, 2001.

KANAANE, Roberto; ORTIGOSO, Sandra Aparecida Formigari. **Manual de treinamento e desenvolvimento do potencial humano**. São Paulo: Atlas, 2001.

KEANE, M. Brave new world: Understanding China's creative vision. **International Journal of Cultural Policy**, v. 10, n. 3, p. 265-279, 2004.

KILIMNIK, Z. M.; CASTILHO, I. V.; SANT'ANNA, A. S. **Carreiras em transformação**: um estudo de trajetórias, âncoras e metáforas de carreira em associação a representações de competências profissionais. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, XXVIII, 2004, Curitiba. Anais ... Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

KIM, Y. J. ; SILVA, E. **Tae Kwon Do**. Arte Marcial Coreana. São Paulo: Roadie Crew, 2000.

KOLB, D. A. **Experiential learning**. Englewood Cliffs, New Jersey.: Prentice Hall, 1984.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LANDRY, C. **The creative city**: a toolkit for urban innovators. New York: Routledge, 2008 (2000).

LARANGEIRA, S. M. G. Reestruturação produtiva nos anos 90: aspectos do contexto internacional no setor de serviços. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 3, p. 35-47, 1997.

LAUTERT, R. W.; FONTANELLA, E. A.; TURELLI, F. C.; CARDOSO, C. L.; ASSUNTO, I. O. **As artes marciais no caminho do guerreiro**: novas possibilidades para o karatê-do. *Práticas Corporais*, 135. 2005.

LEGÍTIMO **mestre**. O Povo, Fortaleza, 17 janeiro 2015.

Disponível em: http://www.opovo.com.br/app/opovo/esportes/2015/01/17/noticiaesportes_jornal,3378382/legitimo-mestre.shtml. Acessado em 30/08/2015.

LEITÃO, C. S.; GUILHERME, L. L.; OLIVEIRA, L. A. G.; GONDIM, R. V. "Nordeste Criativo" e desenvolvimento regional: esboço de uma metodologia para o fomento da economia criativa no nordeste brasileiro. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 3, p. 170-182, 2010.

LIMA, B. C. C.; CABRAL, A. C. A.; PESSOA, M. N.M.; SANTOS, S. M. Economia Criativa: Um estudo da institucionalização do campo do humor. In. **Anais**. ANPAD. Rio de Janeiro. XXXVI Encontro da Anpad. 22 de setembro de 2012.

LIMA, C. L. C. Debate sobre indústrias criativas: uma primeira aproximação para o Estado da Bahia. **Revista Desenhahia**, Salvador, v.2, n.3, p. 103-130, set.-mar. 2005.

_____. **Políticas culturais para o desenvolvimento**: o debate sobre as indústrias culturais e criativas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, III, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2007.

LIMEIRA, T. M. V. Empreendedor cultural: perfil e formação profissional. **Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura**, IV, 2008.

LONDON, M.; STUMPF, S. **Managing careers**. Massachussets: Addison Wesley, 1982.

MACHADO, R. M. Da indústria cultural à economia criativa. **Revista ALCEU**, v. 9, n. 18, p. 83-95, 2009.

MAIA JUNIOR, H. **Se cuida, futebol**. Revista Época Negócios. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT292754-16642,00.html>. Acessado em 21/04/2014.

MAINIERO, L; SULLIVAN, S. E. **The opt-out revolt**: why people are leaving companies to create kaleidoscope careers. Mountain View: Davies-Black, 2006.

MAIS ESPORTES. **Dono do UFC "tira onda" e diz que evento vale muito mais do que o Manchester United**. Disponível em: <http://esportes.r7.com/mais-esportes/noticias/dono-do-ufc-tira-onda-e-diz-que-evento-vale-muito-mais-do-manchester-united-20111111.html> . Acesso em: 24/02/2014.

MALVEZZI, S. Empregabilidade e carreira. **Cadernos de Psicologia social do trabalho**, v. 2, p. 64-68, 1999.

MARCUS, C. **Future of Creative Industries**: Implications for Research Policy. European Commission. Belgium: European Communities, 2005.

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica; 2009.

MARKUSEN, A.; WASSALL, G. H.; DENATALE, D.; COHEN, R. *Defining the creative economy: Industry and occupational approaches*. **Economic Development Quarterly**, v. 22, n. 1, p. 24-45, 2008.

MARTINS, H. T. **Gestão de Carreiras na Era do Conhecimento**: abordagem conceitual e resultados de pesquisa. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MENDONÇA, S.; ANTUNES, M. M. Ethos and wude as foundation of the marcial ethics: education of oneself. **Revista Educação**, 36, v. 6, p. 35, 2012.

MELLO, S. C. B.; LEÃO, A. L. M. S.; PAIVA JUNIOR, F. G. de. Competências

- empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de médio e grande porte que atuam em serviços da nova economia. **Revista Administração Contemporânea** [online]. 2006, vol.10, n.4, pp. 47-69. ISSN 1982-7849.
- MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. **Teorias & políticas da cultura**, p. 95, 2007.
- MILANEZ, V. F., DANTAS, J. L., CHRISTOFARO, D. G. D.; FERNANDES, R. A. Resposta da frequência cardíaca durante sessão de treinamento de karatê. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, 42-45. 2012.
- MILKOVICH, G. T.; BOUDREAU, J. W. **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Atlas, 2000.
- MINARELLI, J. **Empregabilidade**: o caminho das pedras. São Paulo: Gente, 1995.
- MINC – Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações 2011 – 2014 . Brasília, Ministério da Cultura, 2012. 2 ed. 156 p.
- MUSASHI, M. **O livro dos cinco anéis**: o verdadeiro sentido da estratégia. São Paulo: Clio Editora, 2010.
- NISHIDA, M. **Aikido**: a arte marcial do 3º milênio. São Paulo: Ed. Online, 2011.
- NUNES, A. V. **A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do Judô brasileiro**: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em jogos olímpicos e campeonatos mundiais. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte da USP, 2011.
- O'CONNOR, Justin. The definition of the “cultural industries”. **The European Journal of Arts Education**, v. 2, n. 3, p. 15-27, 2000.
- OLIVEIRA, A. L.; GOMES, F. R. F.; SUZUKI, F. S. Conceito dos tipos de lutas a partir de uma visão de cultura corporal. **Academus Revista Eletrônica**. 2008.
- OLIVEIRA, L. B. Carreiras “Exóticas”: o que Administradores Podem Aprender com as Vivências de Artistas, Atletas e Outros Profissionais. **Revista de Carreiras e Pessoas**, 2011.
- OLIVEIRA, E. C. **Análise comparativa entre indicadores de desempenho e a variação R577X do gene da Alfa Actinina-3 em lutadores de artes marciais mistas**. 2013. Dissertação de Mestrado em Educação Física e Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. 2013.
- PATER, R. **As artes marciais e a arte da gerência**: estratégias para criatividade, poder e controle. Tradução de Ruy Jungmann. Editora Record: Rio de Janeiro, 1988.
- PETERS, M. A.; ARAYA, D. **Introduction-The creative economy**: origins, categories, and concepts. Education in the Creative Economy, 2010.

POTTS, J.; CUNNINGHAM, S.; HARTLEY, J.; ORMEROD, P. Social network markets: a new definition of the creative industries **Journal of Cultural Economics**. V. 32, N. 3. September, 2008, 167-185

PROCOPIUCK, M.; FREDER, S. m. Economia criativa: modelo federal brasileiro e importância das discussões frente a referenciais internacionais. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 27, n. 40, p. 227-251, 2014.

RAMSEY, D. **Líder Empreendedor**: Tudo o que você sempre quis saber sobre como estruturar e desenvolver empresas. Editora Novo Conceito, 2014.

RATTI, O.; WESTBROOK, A. **Segredos dos samurais**: as artes marciais do Japão Feudal. Tradução: Cristina Mendes Rodríguez. São Paulo: Madras, 2006.

RATZENBOCK, V.; DEMEL, K.; HARAUER, R.; LANDSTEINER, G.; FALK, R.; LEO, H.; SCHWARZ, G. **An analysis of the economic potential of the creative industries in Vienna**. Vienna: KULTURDOKUMENTATION / MEDIACULT / WIFO, 2004.

RAZZOLINI FILHO, E. **Empreendedorismo**: dicas e planos de negócios para o século XXI. Curitiba: Ibpex, 2010.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

REIS, A. C. F. Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento. Uma visão dos países em desenvolvimento. **São Paulo: Itáu Cultural**, 2008.

_____. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável**: o caleidoscópio da cultura. Editora Manole Ltda., 2009.

ROBBE, M. **Brazilian Jiu-jitsu a arte suave**. São Paulo: Editora On-line. 2011.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração** – guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSS, A. **Nice Work If You Can Get It: Life and Labor in Precarious Times**. New York: New York University, 2009.

ROSSINI, C. **Ação vitoriosa: a transformação da UFC**. Portal Negócios da Comunicação, jornalismo. Disponível em: <http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/57/artigo266004-1.asp>. Acessado em 24/05/2014.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SANCHES, F. L. F. Z.; MUSSELLI, L. C.. Avaliação do perfil antropométrico e do consumo alimentar de praticantes de kung fu de uma academia de Valinhos–SP. **RBNE-Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 7, n. 38, 2013.

SANTOS, M. S. T.; REIS, M. Políticas de cultura, redes sociais e mobilização comunitária nas culturas populares. **Revista C&S: São Bernardo do Campo**, v. 35, n. 2, p. 137-158, jan/jun. 2014.

SANTOS-DUISENBERG, E. A economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável? In: REIS, Ana Carla Fonseca (Org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Cap. 2, p. 50-73.

SCHEIN, E. H. *Careers anchors revised: implications for career development in the 21st century*. The Academy of Management Executive, v. 10, n. 4, 1996.

_____. *Career Anchors*. San Diego: Pfeiffer & Company, 1993.

_____. **Identidade profissional: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho**. São Paulo: Nobel, 1996.

SCHREINER, L. C. **Análise da cadeia de valor do polo de joias do Pará**. Dissertação de Mestrado em Administração da Universidade de São Paulo, 2014. 183 p.

SCHUMPETER, J. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SEGERS K.; HUIJGH, E. *Clarifying the complexity and ambivalence of the cultural industries*. Gent (Belgica): Steunpunt Re-Creatief Vlaanderen. **Working paper**; n. 2, 2006. 17p.

SEVERINO, R. H. **O espírito das artes marciais**. São Paulo: Ícone, 1988.

SHAPERO, A. Entrepreneurship and economic development. Wisconsin: Project ISED, LTD. **The Center for Venture Management**. 1975. P.187.

SILVA, E. P.; QUINTAIROS, P.O. C. R.; ARAÚJO, E. A. S. Educação e desenvolvimento. **Latin American Journal of Business Management**, v. 4, n. 2, 2014.

SILVA NETO, A. M.; TIBEAU, C. C. P. M.; ROSE JUNIOR, D.; MANOEL, E. J.; ARMBRUST, I.; MARQUES, J. A. A.; FUJITA, M. Guia didático: artes marciais e esportes de combate (versão preliminar). São Paulo: **SEME/UNESCO**, 2013.

SOARES, J. L. J. **Economia criativa como estratégia de convivência com o semiárido cearense: o caso do artesanato renda de bilro**. Dissertação de Mestrado em Economia. Universidade Federal do Ceará, 2013. 93p.

SOUZA JUNIOR, O. M. **Estratégias de enfrentamento utilizadas por praticantes de artes marciais**. Dissertação de Mestrado – Universidade Metodista de São Paulo, 2007, 80p.

STADLER, A.; ARANTES, E. C.; HALICKI, Z. **Empreendedorismo e responsabilidade social**. Volume 4.1ª Edição. Curitiba: Xibpex, 2011.

SULLIVAN, S. E. *The changing nature of careers: a review and research agenda*. **Journal of Management**, v. 25, n. 3, p. 457-484, 1999.

_____; BARUCH, Y. Advances in career theory and research: a critical review and agenda for future exploration. **Journal of Management**, v. 35, p. 1542-1571, 2009.

TAMBORINDEGUY, A. C., TIRLONI, A. S., REIS, D. C., ROCHA FREITAS, C., MORO, A. R. P., SANTOS, S. G. Incidência de lesões e desvios posturais em atletas de taekwondo. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, 33(4), 975-990. 2011.

THE ECONOMIST. **Free exchange**: boundary problems. 2013. Disponível em: <http://www.economist.com/news/finance-and-economics/21582498-america-has-changed-way-it-measures-gdp-boundary-problems> . Acessado em: 30/06/2014.

TORRES, J. A. M. **Kung Fu**: a milenar arte marcial chinesa: águia, bêbado, louva-a-deus, tai chi chuan, tigre, wing chu. São Paulo: On line, 2011.

TOWSE, R. **A handbook of cultural economics**. Edward Elgar Publishing, 2011.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

THROSBY, D. Economics and Culture. **Cambridge University Press**. 2001.

_____. Modelling the cultural industries. **International journal of cultural policy**, v. 14, n. 3, p. 217-232, 2008.

UNCTAD. **Creative Economy Report 2010**. Creative Economy: a feasible development option. ONU. Disponível em: http://unctad.org/es/Docs/ditctab20103_en.pdf . Acessado em: 20/09/2014.

UNESCO. **Creative Economy Report 2013 Special Edition**. Disponível no sítio da United Nation Conference on Trade and Development. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/pdf/creative-economy-report-2013.pdf> . Acesso em 05/07/2014.

VARGAS, E. R.; BOHRER, C. T.; FERREIRA, L. B.; MOREIRA, M. F. A Pesquisa sobre inovação em serviços no Brasil: estágio atual, desafios e perspectivas. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**.2(1). 2013.

VELTE, H. **Dicionário ilustrado de budô**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1981.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

WINCK, J. B. A promessa do audiovisual interativo. **TransInformação**, v. 19, n. 3, 2012.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2004

_____. **Economia da Cultura no marco da proteção e promoção da diversidade cultura**. Ministério da Cultura do Brasil/ University of Miami, Miami: Selected Works, 2007.

